TRATADO DE ASTROCARACTEROLOGIA

Parte IV
Aulas 41-47

OLAVO DE CARVALHO

Aulas de fevereiro de 1991.

AULA 41

P: Alguém pode recordar o que vimos sobre Weber, na última rodada de aula?

A: O cerne da questão é a metodologia. Antes, buscava-se caracterizar ciência humana e ciência exata. Weber procurou mostrar o engano que havia em se enfocar determinado ramo do saber, um como exato e outro como humano, dado que isso levava a uma aberração, fazendo crer que havia mais conhecimento científico do lado das ciências exatas e menos do lado das ciências humanas. A metodologia tinha que formulada. A idéia principal era mostrar que, não importando o assunto da ciência, era preciso adaptar a metodologia ao conteúdo dessa ciência, e que isso implicava numa especificação da metodologia científica; era preciso abandonar a preocupação em generalizar a metodologia, e se adaptar à especificidade de cada ramo do saber.

P: Essa é a colocação geral do problema. O que Weber entende por ação social?

A: É uma ação segundo fins, e portanto pode ser compreendida e também explicada. É uma ação que tem uma intenção. A ação social é aquela na qual a previsão de intenções alheias é um dos componentes. Por exemplo, tomar banho é uma ação social? Pode ser, pode não ser. Se estou tomando banho para que não sintam o fedor, é uma ação social. Mas, se estou tomando banho sem nenhuma intenção de sair, e sabendo que eu vou ficar em casa sozinho, o resto do dia, não se trata de ação de ação social, pois a intenção alheia, o julgamento alheio não foi um dos componentes da ação.

P: O que é para Weber Sociologia?

Na ação social, o que se visa por um lado é a compreensão das intenções do agente e, por outro, a explicação das causas da ação. As causas, por sua vez, podem ser sociais ou extra-sociais. No exemplo citado, do banho, o sujeito tomou banho porque suou. O suor em si não faz ninguém tomar banho, mas é um dos elementos que é levado em conta na intenção. É um fato natural, que entra como uma das causas. Neste fato simples - tomar banho -, há um grupo de causas presentes. O estar suado é elemento de causa, mas não causa total. Se somarmos todas as causas que podem interferir neste fato, ainda assim elas não chegam a esgotar o fato, pois sempre vai precisar entrar, como uma das causas, a intenção do sujeito.

A intenção, na medida em que prevê um fim e ordens os meios (atos) necessários à consecução deste fim, ela mesma se torna uma causa. O fim, a finalidade, é uma causa, o que não acontece no mundo da natureza, a não ser que suponhamos uma causa transcendente, uma intenção de Deus, o que não é objeto d pesquisa científica. É um mistério e, como mistério, fica fora da investigação científica. As ciências naturais não investigam os fins da atividade natural, enquanto na ação humana os fins são sempre uma das causas. Entram, pois a consideração dos fins, dos valores que determinam esses fins, das circunstâncias que são avaliadas pelo sujeito da ação, dos motivos íntimos do sujeito, etc. Isto, para Weber, é a Sociologia.

Diferenças entre Sociologia e História

O objeto material de uma e de outra ciência é o mesmo: a ação social. O procedimento também é mais ou menos o mesmo: por um lado, interpretação dos motivos, por outro, explicação das causas. O objeto formal motivo é o mesmo, mas o objeto formal terminativo é diferente. A história visa a reconstituir os acontecimentos na sua seqüência mais ou menos irrepetível, ao passo que a Sociologia essencialmente a encontrar as regularidades, as leis explicativas constantes.

No que difere - esse é o ponto que nos interessa - a Sociologia da Psicologia?

Tanto a Sociologia pode estudar ações individuais quanto a Psicologia pode estudar coletividade, de forma que a diferença entre uma e outra ciência não é questão de individual ou coletivo. A diferença é quanto ao motivo. Há motivos de ações humanas que interessam à Psicologia e não interessam à Sociologia.

Uma ação que se esgote na esfera do próprio indivíduo interessa à Psicologia e não à Sociologia, onde as

ações humanas são sociais, levam em conta outros seres humanos. Por outro lado, as ações que são sociais também interessam à Psicologia.

A ação é ou não é social, não conforme o número de pessoas que participam dela (porque a ação individual também pode ser social). Tudo aquilo que o indivíduo faz por motivos que dizem respeito exclusivamente a ele mesmo é ação social, mas sim ação humana.

Vê-se então que a Psicologia se interessa pela totalidade das ações humanas, e a Sociologia só por uma parte delas. E o essa parte que interessa à Sociologia também faz parte da Psicologia. O que significa que, para Weber, praticamente (embora ele não o diga teoricamente), a Psicologia e a Sociologia estão colocadas como se fossem Gênero e espécie. Por isso mesmo, muitas vezes sua sociologia é chamada Sociologia Psicológica embora ele negasse isso. Para ele, não interessavam os motivos psicológicos.

A diferença entre motivos psicológicos e outros motivos pode ser assim compreendida: o sujeito tem uma fobia e age em função dessa fobia é evidentemente uma interpretação falsa do real. Essa interpretação falsa tem efeitos reais, tanto que o sujeito realmente age em função dela. Uma idéia maluca pode ser ter como efeito um procedimento real. Isso interessa primordialmente à Psicologia, e só interessa à Sociologia secundariamente. As causas não-racionais são enfocadas de maneira diferente em Psicologia e em Sociologia.

O procedimento da Sociologia, seu método fundamental, criado por Weber, é o método do tipo ideal da ação humana.

O tipo ideal se faz delineando à sua consecução.

Se quisermos saber o que é o capitalismo, podemos proceder assim: o objetivo do capitalismo é o lucro. Como o capitalista procede par obter lucro? Idealmente, ele procede de tal jeito. O capitalista pode, porém, ficar louco, brigar com a mulher e isto fará com que, acidentalmente, ele deixe de proceder de uma maneira racional, com vistas a fins definidos. Essa intervenção do não-racional é vista sempre como acidental, em Sociologia, mas em Psicologia não. Se construir o tipo ideal do complexo de Édipo, o procedimento não será o mesmo do sociólogo, ou seja, o de compor o tipo ideal como tendo um objetivo e um conjunto de meios racionais para atingi-lo. Certamente não é assim. A construção do tipo ideal do capitalismo seria diferente da construção do tipo ideal do Complexo de Édipo.

A ação social só pode ser descrita tomando como base o modelo que Weber chama de "ação racional segundo fins". Isso não quer dizer que ação social seja sempre racional. O que acontece é que a sociedade, por sua própria natureza, é uma organização segundo fins. Isto, porém, não vale em Psicologia, pois os meios que usa não são os mesmos; ela não pode tomar como princípio ou método a ação racional segundo fins. Porém as ações que são racionais segundo fins também podem ser explicadas psicologicamente.

Tudo isso é para explicar que a Sociologia acaba sendo uma espécie do gênero Psicologia - embora não da Psicologia tal como praticada no tempo de Weber. Por outro lado, também é óbvio que, como as ações sociais também fazem parte do terreno da Psicologia, nada impede que uma boa parte das ações humanas possa ser estudada psicologicamente como ações racionais segundo fins. Nada impede que esses tipos ideais feitos por Weber, tal como Weber os explica, sejam usados em Psicologia e é exatamente o que faremos. Observem que, até hoje, o terreno da Psicologia não conseguiu se delimitar tão claramente e de maneira tão simples quanto Weber delimita a Sociologia, porque tudo que o homem faça, pense, aja, deseje, sonhe, tudo isso parte da Psicologia.

Não podemos dizer que psicológico é somente o que é não-racional, pois também faz parte da Psicologia. Qualquer ação humana sempre é psicológica, e algumas vezes é sociológica. Sendo assim, teremos que tomar um pouco a parte pelo todo, quer dizer, ao usar o método de Weber nós já sabemos que vai chegar um momento em que ele vai se tornar insuficientemente para nós, quando os motivos racionais começarem a ser insuficientes. Ou seja, sempre vai existir um terreno para além do qual os motivos racionais já não podem explicar o comportamento, de maneira alguma. Pior ainda, eles não são sequer levados em consideração.

Quando nós investigamos o sonho, é evidente que ele deve e de fato possui uma estrutura racional, pois ele é um fenômeno natural e tem causas e essas causas devem ser encadeadas de uma maneira racional. Hoje

em dia, a tendência dominante no estudo dos sonhos é entendê-los como mecanismo de reequilibração do organismo. Freud já os via como expressão de desejos reprimidos, e hoje em dia se entende que a expressão de desejos reprimidos é só uma parte mais ou menos insignificante da utilidade dos sonhos. Porém, uma coisa é dizer que o sonho, enquanto fenômeno natural, tem uma estrutura racional ou compreensível racionalmente, e outra coisa é dizer que o sujeito sonha por motivos racionais. Evidentemente, ninguém sonha por motivos racionais; ninguém decide sonhar porque, consideradas as coisas racionalmente, será útil sonhar, para tal ou qual fim. Em princípio, todas as causas são racionalizáveis, todas as causas de tudo o que acontece. Porque a ciência não é outra coisa senão isto: o estudo racional das causas. Porém, os motivos racionais têm pouquíssima importância. Nem mesmo esses fenômenos admitiriam ser estudados sob este aspecto. Vai chegar o momento onde este método vai nos revelar sua insuficiência. Nesse momento, veremos que causas que transcedem infinitamente a consciência do indivíduo determinam o surgimento de motivos que nada têm a ver com as causas, e de fato nada têm a ver com a ação real.

Todo comportamento inconsciente certamente tem causas, só que essas causas não coincidem, em nenhum momento, com os motivos alegados. Quer dizer que a ordem da elaboração dos motivos nada tem a ver com a ordem real das causas, ao passo que, numa ação racional, a própria finalidade é uma das causas. Quando o sujeito toma banho, por exemplo, o desejo de ficar limpo, que é fim visado pela ação, é uma das causas que estão presentes desde o início. Porém, quando há uma ação que dizemos que é movida por causas inconscientes, ou não existe nenhuma alegação de motivos, como no caso do sonho - pois ninguém tem motivos para sonhar -, ou então os motivos apresentados à consciência pouco ou nada têm a ver com as causas, e não agem como causas.

Isto é uma conquista psicológica de primeira grandeza: nós podemos dizer que uma determinada ação foi inconsciente quando, radicalmente, os motivos alegados não agem como causas. Se um motivo qualquer de determinada ação, ainda que misturado a uma infinidade de outras causas, agir efetivamente como causa, então, pelo menos em parte, essa ação é consciente, voluntária. O que é uma ação voluntária? É a ação na qual um fim conscientemente desejado age como causa. Se eu suponho estar agindo por determinado motivo, e na realidade o que está me fazendo agir é uma coisa completamente diferente, então o motivo alegado não tem força causante.

O tremo "racionalização", usado em Psicanálise, é quando um falso motivo é apresentado de maneira lógica. Mas, evidentemente, a racionalização é uma espécie do fenômeno no qual os motivos alegados não tem força causante. De qualquer modo, só podemos dizer que houve uma ação inconsciente quando radicalmente o motivo alegado é alheio a essa causa. O caso clássico é o sujeito sob hipnose e induzido, após o despertar do sono hipnótico, a fazer isto o aquilo. Ele, ao acordar, sente um impulso incoercível de fazer isso ou aquilo e, se perguntarem por que ele fez o que fez, imediatamente produzirá toda uma constatação de motivos que, no entanto, não estavam presentes no desencadear da causa, mas foram inventados posteriormente. Mas ele acredita nesses motivos. O motivo atua apenas como justificação a posterioridade de uma ação causada por uma coisa completamente diferente. Neste sentido, verão que o número de ações inconscientes é demasiado pequeno, porque na maior parte das nossas ações, ainda que o mecanismo causal permaneça inconsciente, ele não contradiz os motivos alegados conscientemente.

Se eu fico com fome e vou comer: não participei conscientemente do desencadear da fome, ela se fez por si mesma; o organismo, agindo à minha revelia, sofreu tais ou quais transformações internas que resultaram numa sensação de fome. Estou alheio a isto. Quando ou almoçar, pode ser exemplo, porque apareceu uma pessoa no meu escritório em cuja companhia desejo almoçar. Este seria o motivo, embora concorra muito levemente para o desencadear da ação, embora ele venha mais ou menos a posteriori, ele não contradiz o processo causal real, ele simplesmente lhe é alheio. E, de fato, na maior parte das ações humanas, não é necessário haver um motivo consciente. Todas as nossas ações automáticas - respirar, andar, etc - não precisam de motivo consciente para atuarem. Basta que esse imenso conjunto de ações automatizadas inconscientes concorram em última análise para algum motivo consciente.

Por exemplo, se desejo sair daqui para ir ao cinema, só quero ver o filme, não preciso coordenar conscientemente a totalidade das ações que vou empreender para este fim. O corpo agirá por si mesmo na maior parte do tempo, eu não estarei consciente de todos os mecanismos causais desencadeados, e o que importa é que esses mecanismos inconscientes concorram para uma finalidade consciente. Ações deste

tipo podem ser ditas inconscientes, porque neste caso as causas inconscientes estão subordinadas a uma intenção consciente; embora continuem inconscientes, elas agem com vistas a um fim consciente.

Isto quer dizer que todos os mecanismos reflexos, condicionados e incondicionados, não podem ser ditos causas inconscientes propriamente ditas operem inconscientemente. Porque não são eles de fato a causa da ação, eles são processos causais parciais que vão concorrer para uma ação total, determinada por motivo consciente. Isto quer dizer que as ações que são realmente inconscientes no homem, o são em número insignificante.

A tendência hoje é dizer exatamente o contrário, que o homem é inconsciente a maior parte do tempo, porque não exerce consciente sobre a maior parte de seus atos. Alguns partem até para a negação de que exista a consciência.

Muitas ações só são bem executadas quando se deixa o inconsciente funcionar direito, pois se você começar a interferir conscientemente, você não consegue mais. Se eu aqui, ao dar esta aula, começar, na mesma hora em que estou falando, a me interrogar sobre quais são os mecanismos que, no meu cérebro, produzem a recordação das palavras aprendidas da língua portuguesa, evidentemente que não conseguirei mais falar.

A quase totalidade das nossas ações se pratica através de processos causais inconscientes, porém visa a um objetivo consciente, está subordinada a ele e não requer um controle consciente. As ações que não requerem controle consciente não podem ser ditas ações inconscientes, porque o processo inconsciente está subordinado a uma finalidade consciente. Só podemos dizer que existe uma ação inconsciente quando existe uma contradição. A idéia de que, como a consciência não interfere na maior parte das nossas ações, então o inconsciente é que predomina, é como você dizer o seguinte: como o governo de uma nação raramente interfere na vida dos cidadãos (só interferem na cobrança de impostos) e como na maior parte do tempo os cidadãos fazem que lhes dá na cabeça, sem a interferência da autoridade, então a autoridade não existe, o Estado não existe. Ora, se o Estado interfere pouco, é porque a maior parte das ações dos indivíduos humanos concorrem harmônica e automaticamente para as finalidades do Estado, e ele não precisa interferir diretamente.

Quando é baixada uma lei ou mesmo um código penal, a fiscalização que o Estado exerce sobre o indivíduo é muito tênue. De todas as ações que o indivíduo pratica, raramente o Estado está presente para fiscalizar se ele (o indivíduo) está transgredindo a lei ou não. Isso não quer dizer que o Estado não exista, quer dizer apenas que essa presença não é necessária, esse controle direto não é necessário, porque os indivíduos estão habituados a cumprir a lei. A presença tênue do Estado é mais que suficiente para manter a ordem.

Do mesmo modo, no plano das nossas ações, a interferência da nossa consciência é geralmente muito tênue, porque não é preciso que ela interfira mais. A parte inconsciente, sem ser submetida a qualquer fiscalização da consciência, executará ordenadamente as ações necessárias à consecução dos fins conscientes. Aliás, se a consciência tivesse de estar presente na regulação dos mais mínimos atos automáticos, então a consciência se despersaria. Se você vai ler um livro, você não pode estar consciente da sua respiração, da sua postura, da temperatura do ambiente, etc. Você tem que se desligar de tudo isso, e deixar que o corpo se regule, e a consciência se fixe somente na atividade central.

Isso quer dizer que a noção de consciência está essencialmente ligada a uma hierarquia de fins. Uma das atribuições da consciência, é justamente fixar esta hierarquia, e conceber mais atenção a algumas coisas e menos atenção a outras coisas. Esta seleção dos fins, longe de mostrar que a consciência tem uma atuação restrita, longe de restringir a atuação da consciência, ao contrário, é um dos processos essenciais da consciência.

É justamente por isso que lhes disse que podemos usar o método de Weber em Psicologia. O ponto chave é primeiro compreender. Compreendemos um tipo de ação, na medida em que captamos os seus fins, e o encadeamento dos meios necessários a este fim. Se depois chegamos à conclusão de que esses meios, que racionalmente seriam os mais adequados do fim, foram efetivamente empregados, então que dizer que essa foi uma ação adequada aos seus fins. E se foi uma ação adequada aos seus fins, quer dizer que todos os motivos alegados se tornaram causas. Neste caso, a compreensão coincidirá com a explicação, embora essa

plena coincidência raramente aconteça. Em Psicologia, a ação plenamente consciência é aquela cujos motivos subjetivos alegados são efetivamente a causa dominante. É o ato livre, ato que nenhuma causa obriga a cometer. E no ato idealmente livre, no ato livre puro, não há nenhuma causa além dos motivos. O indivíduo se propõe uma meta, age utilizando-se dos meios necessários para atingir esse objetivo e o atinge - seu desejo foi a única causa dos acontecimentos.

Na Psicologia, teríamos uma escala, que leva desde o ato livre puro até o ato totalmente condicionado, que é o ato onde o motivo subjetivamente alegado seria totalmente impotente para desencadear qualquer das ações, onde é necessário recorrer a outras causas que são independentes dos motivos.

Os atos reflexos, por exemplo, considerados em si mesmo e não parte de um processo maior ilustram este último caso. Se perguntamos: por que você respira? E você responder "porque quero continuar vivo", digo que a resposta é falsa, porque mesmo o sujeito que quer morrer continua respirando. A respiração respira por si mesma, independentemente dos motivos. Nenhum motivo humano alegado é suficiente para explicar a respiração. É necessária a interferência de diversas causas alheias à vontade para que continuemos respirando. Mesmo assim, o controle que posso obter não chega a ponto de detê-la voluntariamente. Nunca se viu caso de um sujeito que suicidasse detendo a respiração. Ninguém possui domínio sobre isso. A menos que fizesse por meios indiretos no coração, e impedimento, por falta de instrumentos, que a respiração prossiga. Mas diretamente não é possível deter a respiração.

O ato da respiração é um protótipo da ação inconsciente, dado que nenhum motivo consciente a explica. Porém, essa ação inconsciente pode ser inserida junto com outras ações, para a consecução de um propósito consciente. Se desejo correr daqui até a esquina, sei que vou ter que respirar mais, que minha respiração vai acelerar, para poder oxigenar todos os músculos que preciso para correr. Na hora em que pensei em correr, não pensei em nada disso, pensei apenas em correr e todos os mecanismos inconscientes automáticos concorrem uniforme e ordenadamente para aquela finalidade. Se não concorrem, então digo que estou doente. Se dou dois ou três passos e me sinto cansado, se não consigo respirar o quanto é necessário para correr, digo que estou doente.

A doença é a recusa de os mecanismos inconscientes concorrem para um fim consciente. Entendemos que se, de um lado, o ato livre puro é aquele no qual o motivo domina e tem força causal, por assim dizer, abrange, do outro lado o ato inconsciente é aquele no qual o motivo não influi nem contribui à sua consecução, importando causas totalmente alheias aos motivos alegados. De forma que, por tais esclarecimentos, é possível entender que rarissimamente os motivos inconscientes são causas soberanas das nossas ações. E é o que justifica o uso em Psicologia do método de Weber, método do tipo ideal da conduta racional. Porque, mesmo presentes causas inconscientes, o dominante é o motivo consciente.

Pode-se dizer que o indivíduo tem um motivo consciente e age segundo este motivo, porém baseado numa interpretação errônea dos fatos: tenho que entregar um documento e me disseram que o guichê estaria aberto das 15:00 às 21:00h, quando o horário verdadeiro era das 9:00 às 15:00. Fui lá, praticando uma ação racional mas, baseado na informação errada, "dei com a cara na porta". Qual foi a causa disso? A causa em mim? É causa inconsciente ou consciente? Nem uma coisa nem outra - foi uma causa alheia a mim. O que quer dizer que as ações baseadas em interpretações errôneas, também nelas os motivos conscientes predominam. Mesmo quando o indivíduo é levado a obter resultados indesejáveis, por força de circunstâncias ou informações errôneas. Num sentido ele está, por assim dizer, cego, está agindo às tontas, o que não quer dizer que esteja agindo inconscientemente.

É necessário que se divida este conceito de inconsciente em dois: inconsciente de si e inconsciente das condições externas. São coisas muitas vezes confundidas. Há o caso de o sujeito agir inconscientemente, pensando estar agindo por um motivo quando na verdade está agindo por outro - como quando está hipnotizado; há também o caso de o indivíduo chegar a resultados indesejados, mesmo estando perfeitamente consciente de si e dominando perfeitamente todas as etapas da sua ação - ele não domina as ações alheias. Isto quer dizer que os procedimentos ditados por falsa interpretação das condições externas, das ações alheias, não são conscientes.

Mais tarde teremos que examinar com cuidado em que situações uma causa inconsciente se torna dominante. Desde já nós podemos dizer que, por um lado, os motivos conscientes predominam e, em outros casos, os motivos inconscientes não interessam, e são alheios àquela ação mas não contraditórios

com ela. Como no caso das ações de um bebê de colo: ele pouco propósito consciente tem, mas ele não tem nenhum propósito consciente que seja adverso às causas que o fazem agir desta ou daquela maneira. Não podemos dizer que as ações de um bebê de colo sejam inconscientes - não são nem conscientes - não são nem conscientes nem inconscientes. São ações reflexas que, não necessitando do concurso de um motivo consciente, por isso mesmo não podem ser ditas inconscientes, pois inconscientes é o que se opõe ao consciente. Não havendo esta oposição, escapamos portanto de tal categoria.

Consciente e inconsciente são conceitos opostos. Se não houver oposição, então as ações, como a de um bebê, só poderão ser ditas inconscientes de um modo puramente metafórico. É por isso mesmo que a extensão indevida do conceito de inconsciente está nos deixando loucos. Tratam como sendo inconscientes ações não-conscientes ou a- conscientes.

Este modelo - tipo ideal da ação humana - pode ser usado para explicar quase a totalidade dos nossos procedimentos. Mas vai chegar o momento em que esbarraremos em causas inconscientes absolutamente irredutíveis a qualquer motivo conscientes.

...

Vamos entrar no texto de Mário Ferreira dos Santos; a rigor, este texto deveria ser muito, porque este livro Filosofia e História da Cultura tem mais de cem páginas que são só de tipologia e caracterologia, onde o objetivo fundamental é de fazer mais ou menos o que nós fizemos aqui, no início, com a idéia das camadas da personalidade, que não é nada mais que uma tipologia das tipologias, ou seja, uma caracterologia das caracterologias. Cada uma das várias caracterologias ou tipologias distingue os indivíduos segundo um critério, segundo uma razão diferente, delimitando planos que não se confundem absolutamente e que não se determinam um ao outro, mas que são completamente independentes e que apenas se somam e se concretizam no indivíduo. Por exemplo, a topologia racial é por sua vez, uma tipologia anatômica, existe ainda as biotipologias como as de Kretschmer e Sheldon; uma se refere às proporções do corpo medidas de fora, a outra se refere ao tipo de tecido predominante. Dividem-se o indivíduo em três tipos fundamentais:

atlético

magro

gordo

Como formas possíveis de corpos e Kretschmer associa a esses tipos certas tendências emotivas e comportamentais gerais. Sheldon os classificou pela predominância de tecidos: adiposo, muscular ou nervoso.

Ao encararmos os indivíduos sob esta tipologia, aquela outra tipologia e assim por diante, chegará o momento em que começaremos a nos repetir, onde entraremos em diferentes, e quando chegarmos a este ponto, podemos dizer que, na prática, atingiremos uma caracterologia geral.

As caracterologias estudadas aqui serviram apenas de ilustração, nem de longe elas pretendem esgotar uma caracterologia geral. Porém, a teoria das camadas da personalidade é esta caracterologia geral, proposta teoricamente e não executada, não efetivamente construída ainda. Nós vimos também que dentro de cada camada existem duas outras caracterologias diferentes que enfatizam aspectos diversos dentro de uma camada existem duas outras caracterologias diferentes que enfatizam aspectos diversos dentro de uma mesma camada. Seria preciso examinar cada uma dessas caracterologias dentro de cada camada a ver quantas delas são necessárias e quantas estão já entrando na repetição. Por exemplo, a distinção de Krecschmer, vários outros estudiosos fizeram-na. Ao considerar tudo que falou Sheldon e tudo que falou Krecschmer, percebemos que estão falando mais ou menos a mesma coisa. Um procede por meditações e, outro, simplesmente, pelo predomínio de determinado tipo de tecido, mas o tipo que eles irão descrever, no fim, são esses três, o que se poderá resumir, dizendo que há um tipo magrinho, um tipo gordinho e um tipo musculoso. Com maior ou menor variação vão chegar sempre no mesmo ponto. Podemos dizer que esta classificação pode ser esgotada, ou seja, que a partir de certo momento não é necessário prosseguir nesta linha, porque já chegamos a uma descrição suficiente e que a partir vamos começar a nos repetir. Evidentemente, essa tipologia pertence à camada dois. Se passássemos para a camada três, quatro e assim

por diante, o trabalho vai se complicando.

Neste trabalho que veremos, Mário Ferreira dos Santos faz, à sua maneira, mais ou menos isso. Pegando três classificações diferentes (com um outro nome mas que é a mesma que nós já estudamos aqui como psicologia das castas) distingue o tipo teocrático, o tipo aristocrático, o tipo econômico e o tipo servidor, o que não é nada mais do que as quatro castas.) distingue o tipo teocrático, o tipo aristocrático, o tipo econômico e o tipo servidor, o que não é nada mais do que as quatro castas. Em seguida, dará descrições diferentes dos indivíduos destas quatro castas, conforme por exemplo a antiga tipologia de Hipócrates, dos quatro temperamentos: bilioso, sangüíneo, melancólico e fleumático. Compreende-se, então, que o indivíduo da casta sacerdotal, por exemplo, pode pertencer a qualquer dos quatro tipos de Hipócrates, só que com resultados diferentes do indivíduo de uma outra casta que pertença ao mesmo tipo hipocrático. Quer dizer que um fleumático sacerdotal não é a mesma coisa que um fleumático aristocrático. Em seguida, ele cruza com a tipologia astrológica, descrevendo os sete tipos planetários segundo uma vasta tradição. O melancólico, etc., porém, dentro disto, ainda poderá pertencer a um dos sete tipos planetários: ele poderá ser um saturnino, um jupiteriano, etc. A combinatória vai aumentando, se complexificando, de maneira que uma descrição exaustiva de todos os tipos combinados se torna na prática inexequível (o que não vale para a teoria). Inexequível e não necessária, porque tendo um conceito básico, você fará a combinatória no momento em que for necessário, assim como para aprende aritmética não se aprende todas as contas possíveis e imagináveis, entre todos os números concebíveis. Isto é perfeitamente desnecessário. Aprendemos os princípios para variar as operações e fim. Na tipologia deve-se conhecer apenas os princípios das várias caracterologias e suas combinações. Um desses princípios é exatamente o que Mário Ferreira coloca como princípio de emergência e o de permanência.

Dito isto vamos ler o texto e comentá-lo:

"Ora, como se demonstrou de modo apodítico (irrefutável) na Filosofia Concreta, não podemos considerar concretamente um ser, enquanto não consideramos a sua emergência e a sua predisponência. É uma maneira abstratista e supinamente falsa querer explicar a atuação de um ser apenas em função dos fatores predisponentes contemporâneos, esquecendo-se que um ser atua proporcionalmente à sua natureza e que a atuação extrínseca sobre ele é ainda proporcionada à natureza do primeiro."

Isto quer dizer o seguinte: todo ser é alguma coisa, porém, daquilo que ele é, de tudo o que é realmente, existem alguns aspectos ou alguns traços, sem os quais ele não seria o que é, e outros que poderiam ser trocados sem que ele no entanto deixasse de ser o que é. Por exemplo, se pegamos um homem e cortamos as suas unhas. Geralmente fazemos isso e nada acontece; porém, se cortamos a sua cabeça, obviamente não será a mesma coisa. Se cortarmos um pé, ou uma perna inteira, que é bem maior do que a cabeça, isto o altera mas não a ponto de suprimi-lo da existência. Mas, se cortarmos a sua cabeça, o indivíduo passa a ser inexistente. Por esses exemplos, que são eloqüentes na medida em que são grosseiros entendemos que as partes e os aspectos de ser tem uma hierarquia; nem todos os aspectos têm a mesma importância para que o ser seja o que é. Tudo aquilo que um ser é absolutamente essencial para ele ser o que é, é o que Mário Ferreira denomina emergente - emergente é o que vem à existência juntamente com o ser, porque se não viesse com a existência juntamente com o ser, simplesmente não viria. Porém, existem outros aspectos nele que não fazem parte dele, que não precisam estar nele, porém sem os quais aqueles outros aspetos emergentes também o estudo do ser nestes dois aspectos, 1o) aspectos do ser que têm de estar nele para ele ser o que é; 2o) aspectos que sem estar no ser são uma condição para que o ser exista. Daí a palavra - predisponência. Predispor quer dizer aquilo que está de antemão arranjado, dispostos ou ordenado para que algo seja possível.

Podemos entender que muitas predisponências diferentes podem predispor a mesma emergência, ou seja, existem muitas maneiras de fazer a mesma coisa. Vamos pegar, por exemplo, um objeto de fabricação humana: um cigarro. Se o cigarro não tivesse papel nem fumo, não seria cigarro absolutamente e, portanto, não podemos conceber um cigarro que não tenha fumo, nem papel. Podemos suprimir o papel? Sim, pois é possível enrolá-lo na própria folha do fumo. Porém que seria o cigarro sem fumo? Não seria cigarro. Basta o fumo. Um toco de fumo não é um cigarro e não pode ser fumado - o cigarro precisa da permeabilidade. Fumo picado é a condição sine qua non, mas fumo picado não é apenas uma condição para que exista o cigarro, ao contrário, é o próprio cigarro. Porém, o fumo se pica a si mesmo? Nasce pronto em árvores? Não. Ele vem em folhas, essas folhas não nascem em qualquer lugar, como por exemplo, no Polo Norte,

mas, embora não possa nascer no Polo Norte, há uma infinidade de lugares podem nascer: nasce na Bahia, em Cuba, na Flórida, todos esses lugares têm fumo, embora as condições geográficas sejam um pouco diferentes. Isto quer dizer que o fumio picado é uma condição emergente do cigarro e o lugar onde pode nascer o fumo é a condição predisponente. A condição predisponente pode variar, mas a emergente não. Porque a condição emergente é a própria coisa, o único problema prático que se coloca é que às vezes fica difícil saber onde termina a emergência e onde começa a predisponência. Por exemplo, no estudo da formação da personalidade humana, todos nós perguntamos o que é externo e o que é interno. Ou seja, o que o indivíduo trouxe consigo ao nascer e o que lhe foi imposto pelo meio. Nós podemos dizer seguinte: a comida que ele come é predisponente, porque não está nele. Com isso nós queremos dizer que o sujeito pode existir sem comer, ou que ele pode comer qualquer coisa, como parafuso, rosca, lasca de pedra. Sua alimentação pode variar, sim, mas até certo ponto. Pode variar bastante, mas não ilimitadamente. Isto significa que a aptidão para digerir certo tipo de comida não é predisponente e sim emergente. E, por exemplo, se o indivíduo comesse parafuso? Nós não temos aptidão para digerir parafuso e isto faz parte de nós mesmos. Podemos conceber um ser humano que nascesse com essa aptidão? Não. Então isto significa que a forma emergente tem algo a ver a ver com a predisponência. Nós estamos aptos a sofrer certas predisponências e outras não.

A relação do emergente e do predisponente é muito mais íntima do que parece, e é isto que coloca Mário Ferreira quando diz que a atuação de um ser um função dos fatores predisponentes atua proporcionadamente à sua natureza. Quer dizer que a "influência externa" que um ser pode sofrer é proporcional a sua interna. Porque certas influências externas acabarão por suprimi-lo da existência, por exemplo, dar uma martelada na cabeça de um bebê faz parte do que nós chamamos influência do meio na educação, na formação da personalidade? É evidente que não, pois a martelada suprimiria o bebê. O que suprime o indivíduo certamente não contribui para a sua formação. A inaptidão para receber marteladas na cabeça faz parte da emergência e isto quer dizer que marteladas na cabeça não fazem parte da predisponência. A emergência limita a predisponência.

Esta relação do que é intenso com o que é externo é um fio de navalha, e se vamos fazer um estudo de caracterologia, dizendo que o caráter do indivíduo é o que está nele e não o que possa vir do meio, então estamos com um gravíssimo problema porque nós nunca conseguimos apontar um único traço do indivíduo, uma única qualidade dele que, de certo modo, não dependa de algo externo. Como nós poderíamos dizer que faz parte do caráter do indivíduo, daquilo que está nele, da sua emergência, uma qualidade como a capacidade de liderança? Porque liderar alguém. Alguém pode liderar no vazio? A presença deste caráter já liga desde o início o indivíduo ao seu meio. E a liderança nada mais é que uma relação que se estabelece entre o indivíduo e seu meio. Neste sentido nós não podemos dizer que ela é emergente, que ela é um traço de caráter. Porque ela estará, em parte, ao próprio caráter do meio.

Idealmente o nosso conceito de caráter deveria poder isolar o indivíduo somente na sua emergência, isto quer dizer que o caráter seria aquilo que o indivíduo é independente do meio, considerado inclusive em qualquer meio possível e imaginável, qualquer meio possível e imaginável, quaisquer que fossem as condições

A página no 26, no original está em branco

Mas vou lhes dar um exemplo: se nós dizemos que o indivíduo tem maior sensibilidade para os estímulos provenientes do seu corpo, maior acuidade dos sentidos internos ou, ao contrário, maior acuidade dos sentidos externos, isto é um traço que independe dele nascer em qualquer outro lugar, independe dele ser esquimó, um alemão, um pigmeu ou qualquer outra coisa, isto é o que podemos entender como predisponência vazia. Ou seja, estamos pressupondo como única predisponência a existência de um meio físico terrestre. Contando que ele nasça na Terra - não interessando onde nasceu, em que sociedade, etc, ou seja, sua predisponência não é histórica nem social. Isto seria o que poderíamos chamar de Caracterologia Pura. Porém este exemplo está ligado à realidade física, vamos fazer uma outra pergunta: poderíamos conceber traços psicológicos (puramente psicológicos, não físicos) que fossem puros neste sentido? Ou seja, absolutamente independentes da predisponência? É mais difícil, porém não é impossível. Praticamente sim, mas teoricamente não. Por exemplo: a aptidão lingüística depende de qual língua o sujeito fale? Não! O sujeito que tem mais aptidão lingüística, a teria independentemente de nascer num meio onde se fale especificamente o português, o alemão, o malaio ou o francês. A aptidão lingüística se

revelaria no uso de sua língua em particular.

Basta isso para provar que é possível assinalar determinados traços puramente emergentes. E é precisamente com estes traços que a astrocaracterologia lida. Porque astrocaracterologicamente o indivíduo é suposto independentemente do meio social, histórico-humano sendo colocado unicamente em face do meio terrestre de um lado e do meio celeste por outro. É preciso que nasça na Terra senão não tem astrocaracterologia. O meio para ele, ou seja, a predisponência, qual é? Não é histórica, não é social, não é psicológica: a presdisponência é astral e, portanto, terrestre também. Basta que indivíduo nasça sob determinado céu, sob determinada figura astral, independentemente do meio social para que ele tenha tais e quais traços independentemente da influência que este meio possa exercer sobre ele. Se não fosse possível a emergência pura e o conhecimento da emergência pura, seria o fim da astrologia.

A emergência pura da individualidade humana é identificada com a predisponência astral. Se o indivíduo nasceu sob determinado céu ele tem determinados traços, independentemente do meio humano restante. A única predisponência com a qual o seu ser emergente tem diálogo é o céu astral, é a figura astral. Estamos supondo o indivíduo que nascesse numa espécie de não meio social, de não meio histórico, cujo único meio fosse o universo físico a sua volta - o indivíduo considerado como cidadão do universo físico apenas - deste indivíduo é que a astrologia fala. Isto quer dizer que o mesmo indivíduo poderia ser um tipo mais ou menos adaptado ao seu meio social sem que isto mudasse o seu caráter de base, seu horóscopo continuaria o mesmo. Isto, evidentemente, significa que não podemos, por exemplo, dizer, a partir do horóscopo, se o indivíduo é louco ou não. Porque a demência, onde ela vai aparecer? Justamente na evolução de sua personalidade, quando demonstrar uma inadequação profunda com a realidade tal como é vista pelo meio, tanto que, às vezes, um indivíduo que é demente num determinado meio, transposto para um outro se cura, isto é muito comum, aliás isto é um dos tópicos fundamentais da terapia do Szondi. Isto quer dizer que "diagnóstico de demência" já está fora das possibilidades da astrologia. Basta este tópico para perceber que isto seria impossível, quer dizer que a definição da loucura, da doença mental, depende muito do meio social, não é possível dizer se o sujeito está louco ou não se ele estiver sozinho, é necessário em certo padrão de conduta, para que se possa definir. Por exemplo, Robson Crusué era louco? Não nos parece, porque embora ele aja isoladamente em sua ilha, usa os meios técnicos necessários para sua subsistência como um homem acidental normal portanto, ele está isolado?

É evidente que não, ele naufragou aos 40 anos de idade, levando para esta ilha todo o conhecimento legado pela sua cultura, só está sozinho fisicamente.

O homem puro que se reflete no horóscopo, o Homo Astrologicus, é um homem que não tem meio social e nem meio histórico e que deveria poder ser concebido independentemente de qualquer meio. Isto para nós indica que o estudo astrológico é um enfoque limite, ou seja, levando ao máximo isolamento um indivíduo, o que nós encontraremos é o seu perfil astrológico e daí não dá para ir mais adiante, a não ser que possamos supor que este indivíduo existe independentemente da Etra ou de um lugar no espaço, mas aí seria puro espírito, não é? Quer dizer que um passo antes do puro espírito está o homo astrologicus, um homem abstrato, que não existe realmente, mas todo homem que exista é também o homo astrologicus, porque alguma configuração astrológica havia quando ele nasceu.

Isto tudo é para que entendamos que o homo astrologicus é uma camada do ser humano e não um ser humano. Esta camada tem uma outra característica, como ela é a menos determinada de todas, como elas está ligada apenas a tempo e espaço e a mais nenhuma condição efetiva do meio em torno, isto significa que ela não é afetada de modo algum pelo meio e que, inversamente, se ela é o que há de mais próximo da emergência pura, ela também não pode ser alterada em hipóteses alguma pelo que venha a acontecer. Quer dizer que uma mesma emergência, um mesmo caráter astrológico, deve ser compatível com a multidão de predisponência diferentes e, portanto, com uma multidão de resultados diferentes. O indivíduo com determinado horóscopo deve poder ter várias personalidades diferentes, conforme as predisponências onde seja inserido. Ou seja, um mesmo caráter astrológico deve ser compatível com uma multidão de personalidades diferentes. Porém se invertermos isto podemos entender que cada uma destas personalidades têm que ser compatível, por sua vez, com aquele horóscopo. Foi mais ou menos isto que René Guédon quis dizer ao falar que de todas as condições a que o homem está submetido quando nasce, o horóscopo expressa as mais gerais. Ora, as mais gerais são também as sutis, as mais difíceis de se enxergar, porém ao mesmo tempo, são as mais rígidas e imutáveis. Por exemplo, uma influência adquirida

do meio é possível mudar, talvez até a hereditariedade seja possível mudar. Talvez seja possível você "puxar" por esta ou aquela tendência hereditária mexendo no ADN do sujeito a posteriori, porém, o caráter astrológico não é possível de mudança pois o indivíduo só pode nascer uma única vez, e nascerá num determinado momento e lugar. Então, em princípio, todos os traços que compõe a personalidade do indivíduo, são mais ou menos mutáveis mas, tem que ter algum que, se mudar, muda o próprio indivíduo. E qual é este traço? É precisamente este aqui: você nasceu neste momento e neste lugar.

Momento e lugar de nascimento são coextensivos à emergência, ao ser do sujeito. Nenhum outro traço é coextensivo, todos podem ser teoricamente mudados. Podemos conceber que o indivíduo mude a sua educação, a sua língua, mude de família, mude até sua estrutura hereditária, porém não podemos conceber que ele nasça em outro lugar e outro momento senão aqueles em que nasceu. Nascimento só há um; os outros são metafóricos, alegóricos, simbólicos ou são, ainda, de direito, ou celestes, mas, a sua existência terrestre, que é a que se tem realmente, esta é coextensiva ao memento e lugar de nascimento. Estou querendo dizer que horóscopo e emergência são a mesma coisa, e que o horóscopo é a única coisa emergente que há no indivíduo. Se temos que raciocinar em termos de emergência pura não encontraremos outra coisa a não ser este momento e lugar, o resto - se formos passar daí - deverá ser abordado como uma espécie de essência. Algo quase inapreensível, a diferença última, inefável, que é puramente individual, a emergência pura, esta é incognoscível racionalmente mas, a um passo antes deste inefável há uma coisa que é apreensível, que é, justamente, o seu horóscopo. Embora possa haver, às vezes, um impedimento prático para diferenciar o horóscopo de dois indivíduos, nada impediria, teoricamente, que uma técnica mais apurada conseguisse captar diferenças entre indivíduos que nascessem com 1 (um) minuto de diferença e, aproximativamente, no mesmo lugar. Nada impede que a astrologia desenvolva isto amanhã ou depois.

Por um lado existe a essência individual, que só pode ser apreendida intuitivamente e sobre a qual não existe teoria. Quando nós começamos a teorizar sobre as diferenças do indivíduo, cada uma dessas diferenças aparece por causa de sua correlação com algo do meio. Por exemplo, não podemos considerar a hereditariedade do sujeito independentemente do pai e da mãe, quer dizer que a hereditariedade não está nele, está no ponto de cruzamento entre ele e a família. Os seus hábitos lingüísticos estão no ponto de articulação entre ele e o seu meio social. Cada um dos outros traços que nós vemos no caráter do indivíduo são traços onde existe um elemento de reciprocidade entre o indivíduo e o meio e, tudo aquilo que é puramente individual nos escapa, a não ser que se suponha um meio "vazio", um meio não-humano, não-histórico, não social, ou seja, a não ser que se considere, precisamente, a Terra e o céu, apenas. Um meio mais vago que este nós não podemos conceber, a não ser que você diga Deus: o sujeito nasceu dentro do Ser. Esta diferença individual do ENTE dentro do Ser é precisamente a essência dele, e esta essência é o que é inapreensível racionalmente, só sendo apreensível como um dado intuitivo. Não pode haver uma tipologia desta essência. Mas a um passo antes dela, se nós formos descascando, tirando tudo aquilo que é determinado parcialmente pelo meio, e que vem à existência, e que aparece dentro de nós por causa dessa função reagente, por assim dizer, do meio, como uma reação química (quando você coloca uma substância numa outra e essa outra reage desta ou daquela maneira). Se tivermos todos os traços que, são traços reativos neste sentido, que pertencem meio ao indivíduo e meio ao ambiente. Se nós vamos descascando, descascando, vai chegar uma hora em que nós chegaremos à essência individual pura, ao inefável, que é um quid, um não sei do quê, que é aquele indivíduo.

Nós podemos supor que exista isso, e eu realmente acredito que exista. As individualidades existem efetivamente, tanto que eu as percebo por intuição. No entanto, eu não posso fazer uma caracterologia disso, não existe meio de descrever o indivíduo, a não ser por alegorias, por símbolos. É o indizível, mas um passo antes desse indizível, tem o quê? Tem o seu horóscopo. Entenderam o que é a camada um da personalidade?

O inefável mesmo, essa essência individual seria o ente diante, ou dentro, do Ser universal, ou seja, a relação dele não com o meio histórico, social, físico, mas com o meio global, total, o meio dos meios, isto é o Ser. Mas isto só é conhecível por intuição direta: não é definível, nem é expressável; porém tem algo que é quase isto, que é o indivíduo dentro do meio cósmico. Neste caso ele também será definido não em si mesmo mas em face de um meio, porém um meio muito mais geral, no qual todos os homens estão contidos, e não somente estes ou aqueles, ou seja, o meio cósmico, o sistema solar. Isto é apenas físico,

não tem nada de transcendental; apenas estamos vendo o indivíduo numa escala muito mais geral, e é precisamente isto que se chama caráter na astrocaracterologia. Nós compreendemos que o caráter considerado nesta escala tão geral, é difícil de captar, porque um mesmo caráter pode ter uma multidão de manifestações diferentes, conforme as outras determinações históricas, sociais, hereditárias, nas quais ele vai se misturando. Porém também entendemos que todas essas misturas deixam aquele caráter absolutamente inalterado. Então, por um lado ele é a determinação mais firme que existe, por outro lado é a mais tênue. Vamos fazer uma comparação: a forma do que nós chamamos de triângulo não determina o material ou o modo de aparecimento deste triângulo: pode ser um triângulo desenhado, impresso ou pensado; pode ser um triângulo de madeira, de papelão, etc; isto quer dizer que esta forma do triângulo não determina a materialidade do triângulo. Por outro lado estas determinações materiais também não determinam a forma do triângulo, apenas se somam a ela. Só que triângulo é uma espécie, não um ser. Mas se supusermos essa forma pura para a individualidade, é isso que estamos chamando caráter na astrocaracterologia.

"É um barbarismo filosófico julgar que um ser é totalmente produto da ação dos fatores extrínsecos a ele. Se realmente, antes de um ente ser, exige ele causas predisponentes que o realizem, pois um ser, que começa a ser, implica necessariamente antecedentes dos quais pende naturalmente. Se a predisponência é ontologicamente antecedente a um ser, este, depois que começa a ser, e começa a ser nesse precípuo momento, sua natureza (a emergência) já determina o seu modo de atuar e de sofrer."

Então o que ele é, ele começa a ser na hora que aparece, quaisquer que tenham sido as causas que o antecederam. Por exemplo, qualquer palavra que o homem diga, tem os seus antecedentes, ou seja, as causas que puxaram para a existência; porém, uma vez dita esta palavra, ela é o que é, independentemente dessas causas. Do mesmo modo, antes do indivíduo que vem ao mundo existir, existem várias causas em operação e essas causas vão todas convergir para o momento onde ele aparece. E no momento que ele aparece, ele é o que é, independentemente dessas causas, tanto que se elas cessarem a sua ação ele continua. As causas do prosseguimento de uma existência, ano são as causas da sua emergência.

A astrologia começa quando o sujeito percebeu isto: que esta figura do mapa é como se fosse uma forma pura daquela individualidade. E que ela não tem nada a ver com traços de personalidade, com tendências, com tudo o que só pode resultar de um concurso de causas que são extra-planetárias, extra-astrológicas. Mas se, como diz Mário Ferreira, os fatores predisponentes atuam proporcionalmente à natureza do indivíduo, do ser, isto quer dizer que a personalidade total resultará em parte da emergência e em parte da predisponência. Porém esta predisponência não é alheia a esta emergência, o que se entende quando dizemos, por ex., que um gato não pode aprender a falar russo: este tipo de influência não atinge o gato porque é incompatível com a sua forma, e assim, certamente, esta influência não somará aos caracteres adquiridos pelo gato no curso de sua existência. Do mesmo modo os caracteres que o indivíduo vai adquirindo no curso de sua existência não podem revogar a forma daquilo que ele já é. Mas por outro lado, isto que ele já é nunca vai aparecer de maneira pura, mas somente através desses outros elementos predisponentes que vão aos poucos se somando. Esta distinção (predisponência/emergência) é algo que nós fazemos mentalmente porque concretamente, realmente nunca acontece. Tanto que quando nós chegamos que nós chamamos de emergência pura da individualidade humana, ela se identifica com a predisponência astral. Isto significa que jamais a emergência e predisponência vão estar separados. Isto quer dizer que a emergência é emergência em face à predisponência e vice-versa; é como frente e verso; sabemos que é frente e verso, mas não há frente e verso!

...

O verdadeiro intuito da astrologia, ao longo dos tempos, foi o de captar esta forma pura da individualidade, empreendimento extremamente difícil e na maioria dos casos, empreendimento fracassado.

Como contornar tais fracassos? Enquanto a mente humana não dispuser dos conceitos racionais necessários para empreender tal descrição, ela apelará para as descrições simbólicas, afetivas, artísticas. Isto quer dizer que, a rigor, só tivemos até hoje uma arte astrológica, que, não conseguindo captar propriamente esta diferença individual, ou seja, não conseguindo descrever o indivíduo puro em face do meio cósmico, sempre o entremescla com elementos tirados do meio histórico, social, etc, e o faz de

maneira confusa, sem saber o que está misturando, atribuindo à individualidade pura traços que não lhe pertencem.

Também acontece de misturar elementos puramente predisponentes à emergência quando atribui, por ex., ao caráter astrológico, traços que pertencem à personalidade feita, personagem concreta, historicamente realizada ou, ainda, acontece o oposto que é atribuir ao caráter astrológico a qualidade de forma pura da essência, como se fosse o arquétipo do indivíduo. A essência não é isso e o caráter astrológico não é algo transcendente, é uma coisa física, determinando de maneira muito geral e podemos entendê-lo como sendo a primeira determinação que o indivíduo sofre, de certo modo, é anterior até mesmo à hereditariedade. Porque se existe a hereditariedade astral, como Gauquelin pretende ter demonstrado, a conformação hereditária do indivíduo tem uma relação com o momento onde ele nasce e, portanto, o momento de sua geração também. O momento da geração e o momento do nascimento já estão, de certo modo, marcados de antemão dentro deste imenso relógio cósmico. Isso quer dizer que um homem e uma mulher só podem gerar um filho num determinado momento, não adianta forçar. É claro que é preciso algo mais para que se nasça; este algo mais são as potências hereditárias daqueles dois indivíduos encontrando-se num certo momento cosmicamente adequado - esta é uma certa teoria: existe uma relação entre o caráter astral do indivíduo e os momentos de geração e de nascimento. Esta cadeia causal é evidentemente rompida no caso da cesariana - onde o indivíduo nasce num momento que não se parece com o "dele". Mas, idealmente, vamos raciocinar em torno do tipo puro, tal qual o indivíduo, filho de fulana e de ciclano, tendo sido gerado em tal momento, só poderá nascer em tal outro seguindo um processo natural. Porém, a intervenção artificial quebra esta cadeia causal. A não ser que partamos para o absurdo, dizendo que todos os atos humanos são presididos pelos astros e que, portanto, o momento onde fizeram a cesariana também estava determinado astralmente, coisa em que eu não acredito e até acho um exagero. O perfil astral se apaga, se borra no caso do nascimento por parto cesária. A verificação de Gauquelin é de que os mapas dos filhos têm uma correspondência com o dos pais, excluindo-se os casos de cesariana e, mesmo assim, nem sempre se verifica tal correlação. É estatístico, apenas não se verificam em todos os casos, apenas há uma predominância.

Esta é a pista para estudar astrologia: não se pode partir do erro concretista, ou erro materialista, que é de atribuir ao caráter astrológico traços que podem surgir depois, por influência do meio, da educação, etc, etc. E nem atribuir ao caráter astrológico uma qualidade transcendente e prévia do próprio ser, como faz, por exemplo, a astrologia hindu. Estas duas coisas são erradas, astrologia não é nem uma coisa nem outra, ela é somente aquele momento e é naquele momento que o indivíduo passa realmente a ser, quer dizer que a vida biológica individual começa no momento da primeira respirada.

A astrologia hindu, na medida onde procura ver pelo mapa a existência de vidas anteriores, as quais podem ser encaradas como existências terrestres ou como existência em planos pré-terrestres, está atribuindo ao horóscopo um caráter transcendental, um caráter puramente arquétipo, está identificando este mapa com a essência pura da individualidade. Isto é um erro grave mas a astrologia hoje é composta desses erros, pois o objetivo próprio da astrologia é muito difícil de pegar. Esses dois aspectos só têm valor alegórico; quando pegamos um mapa e dizemos: este é o futuro presidente da república, este é um modo alegórico de expressão, pois trata-se de traço difícil de expressar na linguagem astrológica pura. Agora, se pegamos este mesmo mapa e dizemos: este indivíduo é um eleito dos deuses, nós não o estamos retratando por um traço socialmente admitido, mas por algo que seria prévio a sua própria existência uma sentença de Deus decretada desde que o mundo é mundo; "ele é um predestinado", o que também é alegórico. Estamos querendo dizer que existe no horóscopo dele alguma coisa de muito especial e que não conseguimos expressar de maneira alguma, então recorremos a este expediente mas, tudo isso é linguagem alegórica, literária, não científica. A possibilidade de uma linguagem científica para definir isto seria uma linguagem tipológica das personalidades puras, o que não é a mesma coisa que essência individual. Nós desconhecemos a essência, mas ainda podemos dizer que a mesma personalidade astrológica pode ser compatível com várias essências diferentes, ou seja, vários indivíduos diferentes poderiam ter nascido naquele momento, mas o fato é que nasceu um só.

Vocês já viram uma ampulheta: se pegarmos todas as causas prévias ao nascimento do indivíduo como sendo a parte de cima da ampulheta e tudo e tudo o que aconteceu depois como sendo a parte de baixo da ampulheta, podemos perguntar onde está o caráter astrocaracterológico. Está na passagem, onde passa um

grãozinho de cada vez. O astrocaráter não se identifica nem com o antes nem com o depois, mas com o único momento onde aquele indivíduo é exclusivamente ele mesmo. Esta é a maneira mais próxima de falarmos de uma essência. Assim, acabo de lhes explicar a primeira das Camadas da Personalidade. Para tanto precisávamos dos conceitos de emergência e de predisponência que ainda não havíamos estudado e vemos que, quando Mário Ferreira explica isto, não por coincidência, mas levado por uma necessidade intrínseca do próprio argumento, usa a palavra momento.

A descrição do horóscopo é a maneira mais próxima de dizermos qual é sua natureza. Porém é, ainda apenas próxima, porque a natureza mesma é independente de momento quando diz que este nascimento é um dos nascimentos. Quer neste ou naquele momento, mas de fato nasceu neste. Dessa maneira, esta forma alegórica de expressão já indica que o horóscopo não é a natureza, mas é compatível com a natureza; se não conhecermos por ele a natureza do indivíduo, conhecemos algo desta natureza e é isto que a astrologia sempre quis dizer quando diz que o ser tem as caraterísticas do momento em que nasce.

O horóscopo é a natureza do indivíduo, senão esta natureza seria coextensiva a este momento e seria limitada por ele. Nós podemos dizer que a manifestação desta natureza é limitada por aquele momento, quer dizer, aquele é o momento certo para ela aparecer, mas não quer dizer que seja o único.

Pergunta: É o caso do parto cesáreo?

Sim, no caso ele nasceu naquele momento, mas ele pode nascer duas semanas antes, duas semanas depois, não é impossível, apenas no parto cesáreo os índices astrológicos já não são tão claros. Na verdade, os índices são os mesmos, porém, você vai usar mais ou menos o mesmo lugar com algumas diferenças. Então, o indivíduo nascerá num momento aproximativamente igual. E pode ser o caso em que sujeito morre no parto cesáreo, morreu ele, morreu a mãe, quer dizer aquele momento não servia. É por isso que a astrologia tem uma raiz metafísica por um lado e tem um desenvolvimento científico, pseudo-científico por outro, mas na verdade ela mesma está colocada numa linha de demarcação entre o que é metafísico e que é ciência empírica, daí resulta a sua dificuldade. Por isto que esta é uma ciência, por um lado tão nobre e, por outro, uma palhaçada, uma demência. Ela é as duas coisas: uma grande ciência e uma palhaçada ao mesmo tempo. É uma grande ciência pelo seu objeto, mas uma palhaçada pelo seu desenvolvimento concreto. São Tomás de Aquino diz o seguinte: "é melhor você conhecer um pouquinho das coisas mais importantes do que conhecer muito das coisas menos importantes." Esta frase não é universalmente válida, por quê? Porque se o que você conhece sobre as coisas mais importantes é falso, então qualquer conhecimento verdadeiro sobre as coisas menos importantes valerá mais do que aquele. Essa hierarquia pode ser vista de duas maneiras: o assunto astrológico é uma coisa muito importante, portanto vale mais conhecer algo dele do que de tudo o mais; porém, o que conhecemos de verdadeiro é pouco ou quase nada, então qualquer ciência vale mais do que ele. Por isso que a astrologia tem essa mistura, e é vista ora como rainha, ora como prostituta.

AULA 42

P: A semelhança de caracteres astrais entre pais e filhos se deveria a uma espécie de "programa Cósmico", no sentido que um certo horóscopo só poderia ser produzido por pais com determinados horóscopos?

R: Isto é uma conjectura. A "hereditariedade astral" foi constatada ao nível dos fatos, estatisticamente. Esta estatística nada nos diz a respeito do porquê da conexão. O que ela sugere é que alguma conexão deve existir. Na aula passada, vimos que, segundo Max Weber, a veracidade nas ciências humanas é probalística. Passados setenta anos, isto pode ser dito de todas as ciências. As ciências naturais já não têm nenhuma preocupação explicativa e se detêm aonde começam as ciências humanas. Para chegarmos a uma ciência explicativa talvez seja necessário refazer todo o universo científico presente. No momento, o avanço das observações é tão grande no sentido quantitativo, tantas relações foram observadas, que não há possibilidade explicativa de imediato.

Sabemos que existe esta repetição astrológica. Um número significativo de crianças nasce com posições astrais similares às dos pais. É um fato, não há o que negar. Por detrás disto supomos a existência de uma relação, mas sabe que relação é esta; porém basta dizer que ela existe para concluirmos que deve existir

uma correspondência estrutural qualquer entre caracteres hereditários e caracteres astrológicos, não no sentido explicativo - de que uns determinam outros - mas no sentido de que um fato, uma relação mais profunda ocorreria de maneira estatisticamente significativa, porque o fenômeno mais superficial que o expressa foi verificado.

Se esta prudência fosse introduzida no campo da astrologia, ela passaria a ser tratada como ciência. Como todos os fatos do cosmos estão correlacionados de alguma maneira, você consegue delinear um padrão destas relações. Se você pode fazer uma correlação entre personalidade e os astros, também pode fazer uma correlação entre os horários de partida dos aviões e a incidência de divórcios. Não é possível que você encontre uma correlação, ainda que longínqua. Uma relação absolutamente aleatória não existe, pois se há uma ausência de relação muito pronunciada, ela já estabelece, por si, uma regularidade, sendo portanto uma lei. Se uma coisa não tem uma relação alguma com outra, é uma regularidade no sentido negativo. Deste modo a ciência que estudaria o horário das partidas dos aviões, a "aerometria matrimonial", acabaria por estabelecer uma leu, mesmo que se limitasse à exclusão de uma relação. Nenhum estudo, mesmo que chegue a um resultado meramente exclusivo, pode ser descartado. A possibilidade de criação de abelhas na estrela Vega, por exemplo, se estudássemos isto e verificássemos que ela é incompatível com o clima da estrela, seria um resultado científico. A "apicultura celeste" seria uma ciência que demonstraria sua própria inviabilidade. No que consistiria a sua teoria? Na negação sistemática de sua viabilidade prática. Isto não é uma ciência?

Noventa e nove por cento dos resultados científicos são deste tipo. Qualquer relação pode ser maior ou menor, e nenhuma ciência tem compromisso de comprovar que a relação que ela averigua existe, isto é, ela pode comprovar ou não sua existência. Se a ciência tivesse compromisso seria como dizer que um juiz tem que condenar todos os réus. Tomando esta preocupação, verificamos que o fenômeno astrológico é muito menos aleatório do que seria de se esperar. A mentalidade atual está acostumada apenas a verificar outras relações que não as astrais, as quais não deveriam existir absolutamente, ou seja, a astrologia teria um função de mera excludência, demonstrando que não existe uma relação. Se Michael chegasse à conclusão de que não existe nenhuma relação, a pesquisa deixaria de ser científica, o assunto deixaria de ser astrológico? Não. Ele demonstrou que esta correlação existe, e se existe na superfície, é viável a hipótese de que esta coincidência estatística reflita uma relação mais profunda, a ser averiguada.

"Ora, como se demonstrou de modo apodítico na Filosofia Concreta, não podemos considerar concretamente um ser, enquanto não consideramos a sua emergência e a sua predisponência. É uma maneira abstrativa e supinamente falsa querer explicar a atuação de um ser apenas em função dos fatores predisponentes contemporâneos, à sua natureza e que a atuação extrínseca sobre ele é ainda proporcionada à natureza do primeiro."

A ação e a paixão estão condenadas à substância. A ação e paixão de um ser dependem do que ele é. Não apenas suas ações estão limitadas pelo que você é como também a sua possibilidade de sofrer ações. A prova é, por exemplo, que não se pode queimar o "teorema de Pitágoras"; você pode demonstrá-lo ou refutá-lo, mas não quebrá-lo ou queimá-lo.

"É um barbarismo filosófico julgar que um ser é totalmente produto da ação dos fatores extrínsecos a ele. Se realmente, antes de um ente ser, exige ele causas predisponentes que realizem, pois um ser, que começa a ser, implica necessariamente antecedentes dos quais pende realmente. Se a predisponencia é ontologicamente antecedente a um ser, este, depois que começa a ser e começa a ser nesse recípuo momento, sua natureza (a emergência) já determina o seu modo de atuar e de sofrer. Desde esse instante, esse ser atuará ou sofrerá proporcionalmente à sua natureza, ao que compõe formal e materialmente a sua constituição."

Quando se fala em natureza às vezes está se referindo à pura essência, à pura forma. O indivíduo concreto não é pura forma, mas a espécie é pura forma. O gato é gato, independentemente de existir ou não. Um gato em particular não pode ser compreendido como pura forma, pois ela é igual à de qualquer outro gato. A diferença entre este gato e qualquer outro gato não é propriamente formal, mas formal e material.

Um indivíduo é diferente de outro, em primeiro lugar, porque não ocupa o mesmo lugar. Dois indivíduos diferentes não têm igualdade numérica, mas têm igualdade específica. Igualdade específica é quando um indivíduo é igual a outro, e igualdade numérica é quando ele é igual a ele mesmo. Pelo lado da espécie a

forma é a mesma para ambos, porém materialmente eles são distintos. Quando falamos na natureza do ser individual não estamos nos referindo à essência no sentido de forma. Assim, a aparente contradição desta frase se resolve: o ser atuará proporcionadamente à sua natureza, ou seja, ao que compões formal e materialmente a sua constituição. Neste sentido, a matéria faz parte d natureza do ser.

P: A pura forma é o conceito?

R: É um conceito, não o conceito. O conceito nós o inventamos, mas a forma não. O conceito é apenas a descrição das condições mínimas que este ser necessita para ser ele mesmo. O conceito não esgota a essência. A atividade conceitual chega ao ponto de distinguir uma essência de todas as outras: neste sentido, a essência de um ser seria a diferença entre ele e os outros seres; o conceito não interessa por aquilo que tem de intrínseco. O conceito delimita o ser de maneira que possamos diferenciá-lo dos demais seres. Assim, o conceito não é a mesma coisa que forma. A forma não é meramente negativa, não somente a diferença de ser dos demais, mas é o que faz com que ele seja o que realmente é. O conceito - que é a tradução mental da forma - se limita, por uma questão prática, a assinalar a diferença entre ele e os outros. Esta distinção é suficiente para que saibamos do que se trata - e esta diferença não basta constituir positivamente um ser. Para que um ser seja, não basta que ele seja diferente dos demais. Esta diferença entre conceito e forma.

P: O que quer dizer formal e material?

R: O que ele * diz é que o ser real age proporcionalmente à sua forma por um lado e, por outro, à sua matéria. Neste sentido, a matéria faz parte da constituição do indivíduo, embora não faça parte da espécie. A hereditariedade faz parte da matéria, pois o indivíduo recebe um aporte do pai e da mãe. Por exemplo, ele recebe o sangue da mãe, e se este estiver doente, o indivíduo terá uma série de limitações que não provêm do seu caráter - da sua forma - mas da sua matéria. Assim, com esta mesa podemos fazer tudo o que fazemos com uma mesa, porém a matéria da qual ela é feita tem tais ou quais características, que limitarão o uso que se faça dela. Se a madeira estiver cheia de cupim você não pode colocar um peso, senão ela vem abaixo. Isto não é pelo fato de que ela seja mesa por causa de sua forma, mas por causa de sua matéria. O ser individual age proporcionalmente à sua forma e matéria, que o autor está chamando de natureza do ser individual.

"Desse modo, como se demonstrou apoditicamente, um ser vem ao mundo já constituído de sua emergência. Se é um produto de fatores extrínsecos predisponentes, que de certo modo, pelo menos alguns, nele perduraram sendo, constituindo o que é (sua emergência), ele prossegue cercado de fatores predisponentes, que o acompanham e atuam sobre ele proporcionadamente ao poder que têm e à natureza daquele."

Ou seja, os fatores predisponentes que desencadeiam surgimento do ser continuam existindo e operando nele. Cada ser tem em si, conversa em sua constituição, no seu modo de ser, uma série de coisas que não são ele, mas que continuam atuando sobre ele. Por exemplo, as características herdadas do pai e da mãe continuam atuando em você enquanto você vive. As causas que trazem um ser à existência não cessam no instante quando ele nasce. Algumas podem cessar e outras não.

Quando você coloca um disco na vitrola, o som toca por uma série de ranhuras, e uma agulha sensível a estas ranhuras transmite o estímulo elétrico para um amplificador e este a um alto-falante, e daí sai o som. O processo interno é o mesmo, independentemente do disco que você toque. Fazendo uma analogia, este processo seria o lado psicológico. A diferença que existe entre dois discos diferentes, não é uma coisa que diga respeito à vitrola, mas é uma diferença que diz respeito a outra coisa, embora o som só apareça através da vitrola. Então, quando passamos da operação subjetiva para a referência a uma verdade, a uma qualidade que é extrínseca ao indivíduo, transcendendo-o, então saímos do campo psicológico e entramos no campo noológico ou do espírito - o que não quer dizer que a atividade espiritual seja independente da psíquica. Para tocar uma música, por exemplo, você precisa de instrumentos, e a música não chegaria ao nosso conhecimento sem este meio. Mas os instrumentos são os mesmos, independente do quê você toque. O que você toca não faz parte do funcionamento interno do instrumentos, mas o transcede.

P: É um salto?

R: É um salto. Tudo o que pensamos é sempre psíquico, mas às vezes é espiritual também.

Quando se pensa na música, pensa-se com a própria cabeça. Ao fazer isso, você está usando a sua intuição, memória, etc. Isto é a atividade da sua mente, como se fosse a vitrola ou o instrumento. Qualquer atividade psíquica pode ser olhada pelo lado noológico ou pelo lado psíquico, embora noologicamente muitas atividades não tenham importância, por causa de um excesso de informações sobre o objeto. Por exemplo, o que um sujeito diz de outra pessoa está bêbado pouco revela a respeito desta. Mas revela muito sobre ele mesmo. O valor noológico pode ser pequeno, mas o psicológico muito grande. Quando um sujeito bebe, diz--se que ele fala muitas verdades, mas são verdades não no sentido objetivo, mas subjetivo. A psicologia se interessa por aquilo que ele verdadeiramente pensa, o que não quer dizer que o que ele pensa seja verdadeiro, e a abordagem noológica se interessa somente por aquilo que é realmente verdadeiro no que ele pensa. É como de disséssemos o seu verdadeiro pensamento e o seu pensamento verdadeiro: a sua verdadeira opinião é a de que dois mais dois é igual a cinco, porém a verdade é que dois mais dois é igual a quatro.

"Assim, o ser humano é emergentemente sua matéria (corpo bio-fisiológico), é formalmente predisponentemente, o fator ecológico, o ambiente circunstancial geográfico em que vive, e o histórico-social (a sociedade, o grupo, a família) em que se desenvolve."

Suponhamos que pudéssemos explicar toda a organização psicológica do indivíduo pela influência do meio social. Não existiria nada na organização psicológica do indivíduo que não tenha sido causado pelo meio. Esta explicação reduziu uma coisa a outra. O que interessa é o seguinte: esta coisa que foi reduzida a outra é distinta desta. Reduzir uma coisa a uma causa não é dissolver a coisa na causa. Se dou uma martelada na cabeça de alguém e ela morre, então digo que podemos reduzir a morte dela a um efeito de uma causa desencadeada por mim, porém ainda assim a causa e o efeito continuam distintos, ou seja, a sua morte não é a mesma coisa que a martelada. Mesmo que uma coisa possa ser totalmente reduzida às suas causas, ela continua tendo uma existência independentemente da causa, isto é, ela continua sendo alguma coisa.

Uma coisa é a abordagem descritiva, que diz o que é um certo fenômeno, certa relação, etc; e outra é sua explicação que vai tentar reduzi-lo às suas causas. Não existe uma redução total à causa, porque a causa é a causa, o efeito é o efeito; são coisas distintas. Na verdade nunca chegamos, em hipóteses alguma, à explicação de uma causa totalmente necessária e suficiente de algo; isto nunca existiu, nunca se conseguiu. Quando dizemos que uma coisa é causa suficiente de algo, não quer dizer que ela seja a única causa possível. A mesma coisa pode ser produzida por outra causa: por exemplo, se dou uma martelada na cabeça de alguém, isto é causa suficiente do seu falecimento; mas não é necessária, porque ela poderia morrer por uma infinidade de outras causas. Se tentamos reunir a totalidade das causas, sempre sobrarão outras. Sendo as causas possíveis múltiplas, e o fenômeno um só - por exemplo, o falecimento de um cidadão - conclui-se que ele é distinto de suas causas. O fato é o mesmo e as causas podem ser muitas.

P: Por isto é que, no máximo, Weber considera a existência de causa adequada?

R: Sim. Só que nesse tempo, a modéstia dele se aplicava apenas às ciências humanas, mas hoje a modéstia tem de se aplicar a todas as ciências. Nunca temos a causa necessária, final ou terminal. Existe apenas a causa adequada. Ela pode ser suficiente dentro de um certo grupo, mas ela nunca esgota, porque sempre existe a possibilidade de que uma outra causa desencadeie o mesmo efeito. Se ao invés de uma martelada eu desse tacada com taco de beisebol, teria o mesmo efeito. O fenômeno é sempre alguma coisa considerada em si mesma, e por isto ele nunca pode ser reduzido totalmente a uma causa. O que fosse somente efeito e que nada fosse em si mesmo, não seria fato ou fenômeno, mas um epifenômeno, um efeito marginal, lateral.

Epifenômeno: imagine que estou muito preocupado com o trabalho que estou fazendo e não consigo pensar em outra coisa. Você me faz uma pergunta e eu olho para você e parece que olhei feio - não é que olhei feio, mas é que eu estava concentrado. Isto criou um efeito, uma reação desagradável em você, mas não aconteceu nada, então trata- se de um epifenômeno. Esta aparência passageira foi um epifenômeno de um processo causal completamente diferente. Epi quer dizer o que está em torno, como se fosse uma casca. Fenômeno é algo que aparece, uma, uma casca. O epifenômeno é a casca. Se é um fenômeno, é algo: um fato, um ser, uma relação, etc. Neste caso a redução causal nunca é completa, e quando a redução

dissolve o fenômeno, então não se tratava de fenômeno, mas de um epifenômeno, ou seja, era nada. Era apenas um jogo de aparências que simulavam um acontecimento.

O raciocínio redutivista é geralmente errado, porque para o redutivismo tudo é epifenômeno. Como a crença de que o comportamento de alguém é apenas resultante de trauma de infância. Mas como pode ser isso, se isso se diz de alguém que já está com quarenta anos? Talvez o trauma de infância tenha contribuído para que houvesse tal comportamento, mas ele não se reduz ao trauma, isto é, o efeito não se reduz à causa, mas é algo por si mesmo. Tanto que pode haver outras causas contribuindo para o mesmo efeito. Mesmo que fizéssemos uma lista de todas as causas, ainda assim sobraria um fenômeno distinto, e se não sobrasse, seria um epifenômeno, só teria parecido que aconteceu algo. É uma tendência muito arraigada hoje se exceder, ao procurar as causas e demonstrar que a coisa não existe por si. No raciocínio moral é muito comum: quando se explica pejorativamente as ações de um outro. Por exemplo, Saddam Hussein diz que Bush é um inimigo de Deus; e você diz que Saddam Hussein está apenas jogando areia nos olhos das pessoas. Não podemos saber se realmente Bush é inimigo de Deus. O fato é que Hussein pensa isto - e o que pode ser conveniente para os seus propósitos talvez seja também o que ele pensa sinceramente. Se explicamos a atitude de um sujeito pejorativamente, estamos negando que a intenção declarada dele exista, dizendo que só existe a intenção oculta. A intenção declarada existe, mesmo se for mentirosa, errônea. Hitler mandou matar todos os judeus só porque queria o dinheiro deles, e não porque achasse que os judeus fossem uma raça prejudicial? Havia as duas coisas: por um lado, convinha muito ao governo alemão se apossar dos bens dos judeus e, por outro, ele realmente achava e declarava que os judeus tinham tais e tais características nocivas. Existe uma intenção declarada e existe uma intenção oculta, e, no caso, as duas foram harmônicas. Se não existisse nenhuma intenção declarada, seria um ato invisível. Então deve existir uma intenção declarada e, mesmo que ela seja baseada numa inverdade, é a intenção que o sujeito realmente tem.

"Considerar a atuação do ecólogo e do historico-social como definitivo no modo de ser do homem foi o vício de todo ecologismo e de todo historicismo. O primeiro quis reduzir todo atuar do homem e ele mesmo às influências climatéricas, ao geográfico, ao regional. Os gregos seriam um produto do céu e das condições climáticas da Hélade; os árabes apenas um resultado do deserto, e os esquimós um conseqüência das regiões árticas."

A religião islâmica foi chamada de espiritualidade do deserto, porque a concepção islâmica de Deus é abstrata, diferente da do cristianismo, onde Deus é uma Pessoa, aliás três Pessoas. Alguns dizem que é uma concepção abstratista, a dos árabes, por eles morarem no deserto e como o deserto não tem nada, então a imaginação não imagina nada. Onde a Igreja tem o altar, na mesquita tem um espaço vazio na parede. Por quê? Porque Deus não se pode representar. Alguns explicam isto pela teoria do deserto: se o sujeito morasse na Amazônia, ele conceberia Deus de outro modo - o que pode ser verdade, mas é por isto que ele concebeu Deus assim? Isto não explica, embora possa contribuir de alguma maneira,

A página 50, no original está em branco

vacas. Todas explicação deve reconstituir minuciosamente o que aconteceu, porque com um vago esquema de possibilidades você faz apenas raciocínios possíveis. Por que a pecuária se desenvolveu em tal região? Pela conjetura nós dizemos que é porque havia boas pastagens, mas pensando um pouco mais, isto não é uma explicação causal suficiente: porque vaca não nasce como grama, e existem pastagens porque nasce grama. Quem foi que colocou a vaca lá? Uma coisa é se o rebanho foi lá sozinho, e outra é se alguém decidiu levá-lo para lá. Esta seria a efetiva explicação. Porque há pecuária lá? Porque as vacas gostavam da grama ou porque fulano as levou à força pá lá'?

"Ninguém pode negar a influência que exerceu o sol do norte sobre os povos germânicos, nem o clima tropical sobre os homens meridionais. Os estudos sobre a influência ecológica na técnica, nos costumes, nas atividades econômicas, na história de um povo, são impressionantes. Que tais influências são reais, não resta dúvida. Mas que só elas explicam o homem e a história, é um abstratismo imperdoável.

Os historicistas afirmam que o homem é um produto do meio social, dos seus antepassados e destes herda determinadas condições, que atuam como causas, como raça, a moral, a educação que lhe é ministrada, as estruturas sociais, os estamentos, estados, classes, etc., que determinam seu modo de ser e o seu

desenvolvimento histórico."

Quer dizer que tudo isto age, mas age sobre algo. Se o indivíduo fosse nada, como é que o meio poderia agir sobre ele? Nada age sobre nada: é necessário que o ser que sofre a ação seja algo, independente desta. Como disse Aristóteles., a categoria da substância precede a da ação e a da paixão.

"O ser humano atua aí influído, determinado por seu ciclo cultural, apoiando e estatuto social em que vive ou contra ele atuando, tentando rompê-lo. É em suma um produto da própria História. Assim César é um produto da história romana, uma conseqüência inevitável dos acontecimentos históricos, como foi Platão, Aristóteles e Alexandre na História grega. O homem apenas vive o desenvolvimento histórico de seu povo e tanto é assim que os turcos na Grécia, não foram capazes de criar uma cultura como a grega, nem capazes de levá-la avante, o que comprova que os turcos são o que os turcos são, como os gregos eram o que os grego eram, e não se explica a sua história apenas pelas condições ecológicas, como querem os ecologistas, nem pela raça helênica, como querem os racistas, nem pela estrutura social, como querem os historicistas. Ora, há sem dúvida também suficiente positividade na maneira de conceber dos historicistas, porque há realmente influências de raças, das estruturas dos ciclos culturais dos estamentos, dos estados e classes, da própria História do povo, da presença real do passado, atuando sobre o presente, para nos explicar o porquê de certas atitudes e o desenvolvimento de um povo. O historicismo é precedente em suas afirmativas, mas apenas no conteúdo delas, pois quando afirma que apenas o histórico social nos pode explicar a História e o homem, e que este nada mais é que um produto dos fatores histórico-sociais, erra por abstratismo.

Como vemos, as doutrinas que defendem a influência da predisponência na explicação do homem têm positividade em suas afirmativas, mas falham pelo que as domina, pecam por deficiência concreta."

Mário Ferreira dos Santos usa a palavra concreto no sentido de crescer com (do latim cum crescior) quer dizer, as várias causas, os vários fatores, vão não apenas se somando, mas e incentivando uns aos outros. Vão interatuando juntos e crescendo. A abordagem concreta é aquela que vê este processo de desenrolar das várias causas atuando concomitantemente, simultaneamente ou sucessivamente; a abordagem abstrata é a que separa uma delas para observá-las isoladamente, o que é lícito porque cada uma destas causas é algo distinto, e portanto pode ser estudada separadamente. Porém, estudar separadamente é uma coisa, e dizer que as causas atuam separadamente é outra, embora o resultado seja sempre o mesmo. Por exemplo, se vou jogar bilhar e dou uma tacada na bola, uma coisa é o movimento que imprimo no taco, e outra é o peso da bola; porém não é a força da tacada que produz o peso da bola. O peso da bola é produzido pelo material de que ela se compõe e pelo seu tamanho, e a força da tacada é dada pela pressão que exerço com o braço. São com o braço. São causas que vêm de direções diferentes, porém o resultado é o mesmo.

Assim, podemos considerar as causa abstratamente, - separando-as, vendo cada uma em si mesma - ou concretamente, ou seja, que resultado deram quando se somaram. Do mesmo modo, a teoria das camadas da personalidade, não faz outra coisa se não isto, ou seja, catalogar os vários aspectos que a personalidade vai apresentando ao longo da sua existência - como quem avança e ocupa um novo terreno, o qual é completamente distinto do anterior, porém, uma vez somado, ele passa a fazer parte do mesmo patrimônio. Assim como os bens que um sujeito vai comprando: o fato de ele ter comprado uma casa na R. Vicente Prado, não o obriga a comprar outra na R. Treze de Maio; mas se ele compra uma aqui e outra lá, o tal dos impostos prediais é maior. Vêm juntos, e quem paga sou eu mesmo. Então, estas causas que vêm de lados separados, a partir de um certo ponto se juntam inexplicavelmente. Por exemplo, um indivíduo com uma certa hereditariedade: ele pode sofrer esta ou aquela influência causal do meio, digamos da educação: ele pode ser educado nesta ou naquela escola, nesta ou naquela classe social. A partir de um certo momento estas influências que vieram de lugares distintos se casam, e não se separam mais. Cada um de vocês tem uma hereditariedade e tem uma condição econômica, que pode não ter a ver com esta hereditariedade. Porém, na vida real, estas duas coisas estão juntas na sua atuação, mas podem ser estudadas separadamente. Elas incidem sobre um mesmo sujeito que é você.

O que Ferreira chama de abstração é um raciocínio que não junta, separa uma causa de outra e dá relevo grande a uma delas. A maneira de dar este relevo é dupla: é relevo quantitativo ou qualitativo.

...

O exagero qualitativo - que é o pior - é quando se reduz o fato àquela determinada causa.

Num famoso estudo feito pelo fundador da Sociologia - Émile Durkeimer - ele viu que acontecia mais suicídios em regiões onde a sociedade era menos coesa. Nas sociedades onde a há mais interatuação dos indivíduos, há menos suicídios. Nas sociedades menos coesas, o indivíduo fica mais solto, estabelece menos laços de solidariedade, de cooperação com o meio social. No entanto, é evidente que não basta haver laços de solidariedade para o indivíduo suicidar. Se fosse assim, após uma tentativa fracassada de suicídio, se você perguntasse ao suicida por que ele fez o que fez, ele não iria dizer que tentou o suicídio porque a sociedade onde vive há poucos laços de solidariedade. Provavelmente diria que tentou o suicídio porque sua mulher o largou, ou porque tinha dívidas que não podia pagar, porque a vida não faz sentido, etc. Todos esses motivos são subjetivos, e o determinante do ato é motivo subjetivo, não a causa social, pois a mesma causa social está presente em todas as pessoas que não suicidam. Todas vivem num meio carente de solidariedade; no entanto, apenas um ou outro suicida.

O exagero quantitativo seria a sobreposição da causa social às outras causas operantes no caso (a motivos subjetivos). Seria o mesmo que dizer que o sujeito suicidou porque havia falta de solidariedade no meio onde vivia.

Outra coisa é dizer que o suicídio se reduz a um problema de falta de coesão social, como se tratasse de um epifenômeno, uma manifestação exterior de alguma causa profunda. Trata-se também de abstratismo considerar as coisas dessa forma.

Do outro lado existe o holismo, que faz o contrário, mistura tudo. O holismo, querendo ser concreto, acaba misturando as coisas. É como fazer um bolo: usamos farinha, leite e ovos e mistura tudo. O holismo, querendo ser concreto, acaba misturando as coisas. É como fazer um bolo: usamos farinha, leite e ovos e misturamos todos esses ingredientes. O holista acha que farinha é ovo, que leite é farinha. Neste caso, para quê farinha, leite e ovos? É só misturar farinha com farinha. Seu raciocínio é mais ou menos deste tipo. Ele quer juntar, não quer o abstratismo. Aliás, ele condena a ciência oficial porque é abstratista, analítica.

P: O concreto não existe sem o abstratismo?

R: Neste caso, o que se vai concrecionar? Querer ver as coisas no todo é ter um todo sem partes. Porém o todo que não é composto de partes é nada.

P: Não existe uma tentativa de querer considerar que um ponto de vista não invalida um outro, não exclui o outro? Todos os pontos de vista seriam considerados excludentes?

R: O holismo consiste precisamente em querer englobar todos os pontos de vista, num pastiche, sem distingui-los sem hierarquizá-los. No fim, equaliza todas as causas, pegam uma idéia num todo indistinto. As causas, porém, sempre atuam de uma maneira hierárquica e essa hierarquia varia para cada caso. Por exemplo, o que leva os indivíduos a suicidarem? Num caso particular, concreto, a hierarquia das causas é esta, aquela outra. Houve um motivo subjetivo, um julgamento de valor, etc. A mesma dívida - o sujeito deve 10 trilhões de cruzeiros - pode gerar resultados diferentes em dois sujeito: um, não pagar e não quer viver como devedor e por isso suicida; um outro, mesmo que se importe com a dívida, não suicida. No primeiro caso, teria de haver pelo menos mais um motivo. Dizemos então que sofria de depressão, além do que em seu meio social não havia fortes laços de solidariedade. Vamos somando todas essas causas, dispondo-as cuidadosamente numa hierarquia para ver quais as que foram as mais determinantes quais as mais próximas, quais as mais remotas. E isto não tem regra porque é um problema histórico e história é contar as coisas como efetivamente se passaram; não é julgar por uma regra dada de antemão.

Para cada caso vamos ter uma descrição da hierarquia das causas que efetivamente atuaram. Depois de fazer isso em milhares de casos, estatisticamente, diz-se em geral tais ou quais causas estão mais presentes.

O estudo de Durkhein não exclui as outras causas, fator. Sabemos que é um fator estatisticamente se comprova que existem mais casos de suicídios numa sociedade frouxa do que numa coesa. Durkhein notou que existia mais casos de suicídios entre os protestantes que entre os católicos - os protestantes têm mil igrejas e os católicos uma só. Notou também que ocorria mais suicídio entre trabalhadores autônomos que entre empregados - o trabalhador autônomo atua mais separado do que o empregado. Assim ele foi somando vários fatores, sempre relativos à maior ou menos coesão da sociedade. Como isso delineou a

importância de fator, sem excluir os outros - nada falou sobre os outros fatores. Se averiguasse mais um pouco, veria que há mais suicídios entre os devedores do que entre os credores. Porém, isso não fazia parte de seu estudo.

Se você fosse estudar a partir de Szondi, veria que existem mais suicídios entre maníacos-depressivos e histéricos do que entre epilépticos - o epiléptico ou tem um ataque ou mata outra pessoa. Este fator - hereditariedade - e outros, são abstraídos do estudo de Durkheim.

O resultado que Durkheim achou foi muito significativo e ele poderia ser tentado a reduzir o fato a esta causa, concluir que o suicida é apenas um epifenômeno; poderia ser tentado a um redutivismo.

O holista faria ao contrário: ele diria que "suicídio é um todo complexo, um organismo vivente; não pode ser reduzido a suas causas, porque ele é sempre um todo". E sendo ele um todo, deve-se procurar então todas as causas. Vai dizer que "ninguém nunca suicida por uma única causa". Mas é claro que pode acontecer suicídio por uma única causa e na ausência de todas as outras. Se essa causa for extremamente grave, por que não poderia levar o indivíduo ao suicídio? Além do que, existe o problema das normas sociais, das normas morais e de direito sobre o suicídio. Para o Patrício romano, o grande proprietário romano, o suicídio era uma obrigação no caso de falência. O sujeito, quando perdia os seus bens, estava moralmente obrigado a suicidar. No caso romano bastava apenas esta causa - em ausência de todas as outras: o sujeito não era maníaco-depressivo, a mulher não se separou dele, a sociedade é coesa, organizada, etc. Uma única causa produzia o suicídio.

P: Tem de haver pelo menos um fator interno e um eterno? Uma causa externa e uma interna?

R: Não, porque a causa externa pode se sobrepor à interna e esta passa a ser parte daquela. Por exemplo, se dou uma martelada na sua cabeça. Perguntamos: 'por que a Maria Cláudia morreu?" Surgem duas respostas: 1) morreu porque o Olavo deu-lhe uma martelada na cabeça; 2) morreu de hemorragia cerebral. A causa interna (hemorragia) foi desencadeada pela externa (martelada) - a martelada causou a hemorragia cerebral, a qual causou a morte. Neste caso, a causa interna é apenas uma etapa de um processo causal externo.

Do mesmo modo, a uma causa psicológica podem-se juntar fatores externos. O sujeito tem uma profunda depressão, faz as contas e até que não deve tanto dinheiro, mas à luz da sua depressão, a dívida lhe parece descomunal e suicida. Não foi a dívida a causa do suicídio; a dívida foi apenas uma etapa, um elo na cadeia causal que proveio fundamentalmente da depressão em que estava. Há casos onde se pode atribuir unilateralmente o suicídio a uma única causa, quando esta é suficiente para englobar todas as demais. As causa sempre estão relacionadas umas com as outras; porque se não estiverem, não atuam sobre o mesmo objeto.

P: Está sempre presente uma causa psicológica?

R: Não. No exemplo romano, um homem são, equilibrado, sem nenhuma tendência depressiva, sem nenhuma tendência suicida, perde os bens e a moral determina que ele se suicide e ele o faz. O samurai quando cai em desgraça também se mata. São todas causa sociológicas, nenhuma psicológica. É uma ação racional a fins. Qual é o fim pelo qual o nobre romano ou o samurai suicidam? É visando ao reestabelecimento do equilíbrio social que ele mesmo rompeu.

Nem sempre a causa está no sujeito, como no caso dos Kamikazes. Ele entra como elo dentro de uma cadeia de agressão a um terceiro. O seu intuito não é suicidar - mesmo quando joga seu avião contra o navio, por exemplo. É o mesmo caso do mártir que, sabendo que vai ser queimado, (o que aconteceu muitas vezes), interrompe a execução, o rito, e pula dentro do fogo, com o intuito de acabar logo com a coisa - além de matarem ainda querem me fazer de palhaço? Usa a morte para desmoralizar o carrasco - não é suicídio. E aí não está presente nenhuma causa psicológica. O sujeito, sob tortura, também pode agir do mesmo jeito: faz as contas e conclui que, deixando-se matar aos poucos, acabará confessando a seus algozes o que não deve confessar. Faz uso estão da capsula de cianureto que tem entre os dentes, ou ofende o torturador para que este perca a medida e o mate. O espião faz isto; isto faz parte da sua profissão - é uma ação racional segundo fins.

Tudo isso é para esclarecer que o estudo das causas requer muita finura para que se saiba reconstituir a

ordem do real e o sistema de relações verdadeiras que existia entre real e o sistema de relações verdadeiras que existia entre as causas, o que pode ser diferente em cada caso.

Um fenômeno pode ter uma multidão de causas conco-

Está faltando a página 59, no texto original.

Causas, cada caso é um caso.

Ciência é isto, é descrever as coisas como elas realmente são. Depois de descrever vários casos particulares, descrevê-los como realmente são, faz-se uma estatística para ver se existe uma recorrência. Mesmo esta recorrência não permitirá, ainda assim, reduzir tudo a uma causa única, a uma causa predominante.

O holismo é uma reação psicologicamente explicável contra o reducionismo (que consiste em reduzir um fato, um ente, uma existência a uma ou a algumas de suas causas, tomadas separadamente - como as considerações do tipo: "a cultura não passa de uma estrutura da realidade econômica"; ou, "o comportamento do indivíduo não passa de expressão de um trauma de infância")

P: De onde surgiu o holismo?

R: O holismo foi inventado por um filósofo que foi presidente a África do Sul, Jan Smuts. Ninguém sabe mais quem é ele, mas o que inventou pegou. Ele não cometia essas confusões que se vêm hoje. Sua idéia era pouco inspirada em Bergson: encarava os fenômenos sempre como totalidades orgânicas viventes, nunca como processos separados, mecanicistas. O que daí derivou chegou ao exagero, onde até agregados meramente causais, meramente acidentais de causa passaram a ser vistas como totalidade orgânicas.

O holismo anula a categoria da acidentalidade. O holismo, no fundo, é uma teoria metafísica da predestinação, o que significa dizer que tudo o que lhe acontece está predeterminado na sua essência. De fato, tudo que lhe acontece tem que ser harmônico, senão poderia acontecer. Mas não é determinado por ela. Assim, o gato não pode aprender alemão, porque isto não é harmônico, não é concorde com a sua estrutura. Mas não é a estrutura do gato que proíbe as pessoas ensinar-lhe alemão. Ao contrário, você pode tentar, pois o gato não o impede. Ele, o gato, é quem está impedido de aprender. Do mesmo modo, a influências externas que causam doenças têm que ser compatíveis com o doente em algum ponto. Mas certamente se o indivíduo nasceu sem braço, nunca terá micose na unha. Mas não é a mão de ninguém que causa a micose. O sujeito tem que ter mão e essa mão tem que ser exposta a uma influência que a atinja de algum modo. De onde vem esse fator ativo. É endógeno ou exógeno? Se se apagar esta distinção, torna-se tudo endógeno, acaba-se caindo no erro de condenar as vítimas de assassinato por terem ficado na frente das balas.

De onde vêm todas bobagens? Da necessidade que os indivíduos sentem de uma explicação universal. Não querendo uma explicação puramente religiosa, que se declare como tal, inventam uma pseudo-religião, uma pseudo-ciência.

Fenômenos como o holismo e assemelhados são idéias que apelam aos sentimentos das pessoas e que parecem atender a uma reivindicação profunda de uma insatisfação com a sociedade industrial. Não têm validade intrínseca, não têm valor nenhum. Como as pessoas que são contra a sociedade organizada, mecanicista e racional, que pregam a vida dos instintos. Eric Weil diz que as pessoas que pregam essas idéias, felizmente, limitam o cumprimento dessas normas a elas mesmas. Querem viver a vida dos instintos, mas pressupõe que os outros continuarão a viver a vida da sociedade racional e não voltarão seus instintos contra eles. Se sou um homem espontânea, faço o que quero e prego que a sociedade racional é um absurdo, ela desumaniza o ser humano, dou graças a Deus por todos os demais continuarem mecanicamente obedecendo às leis e por isso não me batem. Tudo isso é uma falsificação de postura existencial. Kant dizia que uma ação é justa quando ela reflete uma norma universal, quando determinada maneira de agir pode ser tida como normativa - quando qualquer outra pessoa, colocada na mesma situação, estará moralmente obrigada a agir daquela maneira. Qualquer postura moral que não obedeça a esta condição é sempre fala. Se prego a vida dos instintos, isto é normativo? Posso querer viver a vida dos instintos, mas não quero que os outros extravazem os seus instintos agressivos obre mim. Sendo o contrário do critério de Kant, isto mesmo revela a falsidade da proposta. Basta colocar as coisas nos

seguintes termos: é possível todos obedecerem a tal norma? Caso todos a obedeçam, o que aconteceria?

Uma moral que pregasse a abolição de todos os horários poderia ser universalizada? Ou ela pode, por sua própria natureza, apensa ser cumprida por alguns? Se só por alguns, evidentemente, não pode ser universalizada, carecendo de qualquer valor. Trata-se de norma não normativa, de uma norma que já se oferece como exceção, e não como norma. O mesmo se dá a defesa do assassinato como coisa louvável. E se alguém agisse em conformidade com esta teria antes que eu a divulgasse? A teoria não chegaria sequer a ser conhecida. A prática da teoria desmente o seu conteúdo. O mesmo quanto ao aborto: se a mãe de quem o defendesse cresse nele, seu defensor não existiria - o que não quer dizer que ele tenha que ser condenado. Apenas não pode ser defendido. No máximo, pode ser tolerado. O mesmo se aplicando à homossexualidade: se a mãe dos que defendem tal tese acreditasse piamente em tal tese, a tese não teria defensor.

Outra crença muito em voga é a de que os extraterrestres são um outro tipo de seres, têm uma inteligência sobre-humana. Porém, um ser que tem corpo, ocupa - lugar no espaço -, raciocina e fala, o que é? Não é homem? Por mais esquisito que seja, é homem. Sobre-humano seria se fosse puro espírito. Caso atenda aos dois requisitos - é animal, ser vivo, raciocina, fala - é um animal racional, o que é justamente a definição do que chamamos gente. Extraterrestres, se existirem e forem inteligentes, são gente.

Há quem acredite que os extraterrestres vieram aqui para nos salvar. Digo que é o contrário. Se vieram aqui é porque tiveram algum problema lá de onde vieram. Todas as grandes navegações sempre foram causadas por problemas internos. Nenhum português saiu de Portugal dizendo: "Vamos à África e Brasil para resolver o problema deles". Pelo contrário, é mais razoável que tenham dito: "Estamos devendo dinheiro. Vamos lá matar alguns africanos, tomar o que têm e pagar nossas dívidas." Os extraterrestres, se vieram aqui, o farão por motivos similares. Estando bem no seu lugar de origem, de lá não saem.

AULA 43

Aquele que não consegue organizar a parte elementar física de sua vida, nunca vai entender algo. Com isso, não queremos afirmar a necessidade de cultuar-se a organização.

No Brasil, por um lado, é o caos; por outro, é um formalismo burocrático infernal, o pior do mundo. Essas duas coisas são loucas. É o único país do mundo onde a seqüência dos estudos - primário, ginásio... - não é feita para facilitar a vida do indivíduo, mas como obrigação, de forma que nunca se pode saltar séries. Se um garoto, aos 8 anos de idade, já sabe toda a matemática do segundo ciclo, mesmo assim ele é obrigado a fazer o primeiro ciclo, porque teme-se que, não sendo assim, as coisas virem bagunça. Isto é formalismo, culto da organização por si mesma. Outro exemplo de absurdidade é o regimento interno da câmara dos deputados, que regula o comportamento dos mesmo nas sessões: é um livro de 203 páginas. Até o tal regimento se decorado, passou-se a metade do mandato. E este é justamente o outro lado do brasileiro: o medo de falhar no aspecto burocrático, pelo qual tem respeito e medo terríveis. Sempre existe alguém que representa o fiscal, o "superego" que cobra dos outros horário, selo, estampilhas, requerimentos, etc., tudo isso convivendo com o caos. Toda mecânica de organização fica dissociada de seus fins. Neste caso, não é organização, é caos também, que não serve para coisa alguma. E os exemplos poderiam se multiplicar: toda constituição do mundo é um corpo de princípios mais ou menos vagos, de forma a ser possível sua adaptação às circunstâncias concretas. A lei brasileira regula os mais mínimos atos da vida do cidadão, tornando-se algo impossível de ser obedecido. Havia, também, regulando a vida dos cidadãos , 100 mil decretos. Criou-se uma comissão para diminuir tal número, para simplificar as coisas. Duas semanas depois esta mesma comissão já havia baixado 27 decretos!

Tudo isso se reflete na vida de cada um dos cidadãos. Segundo o INPS, 10% da população é de doentes mentais diagnosticados, sem contar os bêbados, drogados, incapazes, pessoas totalmente incapazes e que tem de ser carregadas pelos outros. Se cada brasileiro limitasse o seu dever ao sustento de mulher e filhos, creio que alguns milhões morreriam de fome, porque cada brasileiro carrega dois, três, ou quatro incapazes, que são jogados de mão em mão e ninguém se responsabiliza por eles. Isso é um peso formidável. Como é que um país, que é pobre e precisa de muito trabalho para progredir, pode ao mesmo tempo ser um hospital, uma entidade assistencial deste tamanho? Há países, é verdade, onde as coisas

estão um pouco piores. A Bolívia, por exemplo, onde cada cidadão é drogado - às oito horas da manhã, pelo menos um cigarro de maconha o guarda ou quem se encontre na rua, já fumou. Trata-se, porém, de um país pequeno, ao contrário do Brasil, país de dimensões continentais e por isso mesmo palco de tragédia maior. Se tantos, no Brasil, estão fora do processo econômico, por que, passadas duas ou três gerações, não morreram todos, o que seria o normal? Não morreram porque têm, da parte da população que trabalha, o sustento. O brasileiro é geralmente responsável por mais pessoas do que um europeu, um americano. O cidadão pouco ganha e ainda tem que carregar quatro ou cinco incapazes nas costas. E esta realidade - levando em conta apenas este último esclarecimento - mostra que a vida é quase impossível, onde tudo se torna enormemente complicado e difícil.

Para evoluir intelectualmente, é preciso sair um pouco deste meio, para o que não adianta falar mal do Brasil, o que, por sua vez, faz parte do caráter do brasileiro. É uma prática que não torna nem menos brasileiro nem mais civilizado seu praticante. Tornar-se civilizado ocorre na hora em que você começa a entender a coisa de um outro jeito e a agir de uma outra maneira, quando você está se desaculturando, sendo desta cultura e incorporando outros elementos. É claro que você não fará isso sem o apoio de uma formação intelectual muito forte. Se você não tem elementos para pensar com a própria cabeça, você vai seguir o meio e isso é uma grande tragédia.

Texto: CONSCIÊNCIA E INCONSCIÊNCIA (*)

OS ASPECTOS GERAIS DA VIDA MENTAL

Capítulo 1:

Consciência e inconsciência

1. A consciência como força de coesão

"A consciência é uma atividade. Ali onde aparece a consciência, ela surge da bruma do automatismo ou do adormecimento, sempre com esta virtude de eficiência."

A consciência não é uma estado - ela é uma atividade, atividade esta que é suspensa em certos momentos. Sendo uma atividade, implica evidentemente um certo elemento voluntário e implica numa transformação: ela age sobre um dado, faz alguma coisa com esse dado. Se estou falando agora, há o aluno que está prestando atenção (está consciente) e um outro que não está prestando atenção. A diferença não é simplesmente de estado, no sentido de que um está de uma maneira e outro de outra maneira - um está fazendo algo e o outro não está fazendo algo. Só de pensar nesta pista, vemos como pode ser complexa, problemática, a noção de consciente e de inconsciente.

Se a consciência é uma atividade, então automaticamente a suspensão desta atividade seria a inconsciência. Se existisse algum estado em que o ser humano pudesse ser essencialmente conduzido pelo inconsciente, teríamos o caso de uma atividade que seria presidida pela inatividade.

Consciência e inconsciência são designadas na língua portuguesa (e em outras línguas ocidentais) por substantivos. Dizemos: a consciência, a inconsciência, o consciente, o inconsciente. Daí se tem a impressão de que são coisas. Porém não são coisas: um é uma atividade e o outro é a suspensão desta atividade (e mesmo que possa ser um outro tipo de atividade, será sempre uma atividade menor, uma atividade secundária) como a ação e o repouso. Enquanto o sujeito está andando, agindo, carregando peso, está em atividade; quando ele pára, entra em estado de repouso, sua atividade não cessou por completo, porém diminuiu, dispersou. Ao dormir, as funções operam descoordenadamente, cada uma fazendo o que quer. Como no exército, na "ordem unida": todos os soldados fazem a mesma coisa em direção a um mesmo fim. Quando termina e, autorizados, debandam, não morrem, não param de agir. Apenas cada soldado irá para o lado que lhe apetece. O conjunto que constituíram não produz mais nenhum efeito enquanto conjunto. O conjunto não age, apenas suas partes agem. Do mesmo modo, esta é a diferença entre o consciente e inconsciente: os vários órgãos, as várias funções continuam agindo, porém de maneira dispersa, separada; o conjunto não age mais.

"Recolhe um ser disperso: faz com que atue no presente com toda a sua experiência, em vista de um porvir que se estende na proporção da profundidade do olhar que é capaz de lançar sobre seu passado. A consciência é, sobretudo, uma memória preparada para tarefas do porvir."

A consciência é uma espécie de ponto de intersecção entre o passado que já está dado de alguma maneira, e que é conservado na memória, e um futuro que em parte depende das suas ações. Podemos dizer que o indivíduo estará tanto mais consciente quanto mais retém desse passado sendo capaz de compará-lo num instante com o futuro que ele deseja; estará tanto mais consciente quanto mais dados do passado ele é capaz de utilizar em vista do que ele deseja no futuro. Onde existir uma separação, um corte, de maneira que o estado presente é vivido sem qualquer referência ao passado e sem qualquer referência ao futuro, estamos em plena inconsciência. Para o indivíduo consciente, existe uma conexão entre passado e o futuro, uma coordenação entre o passado dado e o futuro desejado, ao passo que quando há a inconsciência, essa coordenação cessa e os momentos são vividos de maneira atomística, separada uns dos outros; cada momento passa a ser vivido em si mesmo independentemente de suas conexões. O sujeito que está inconsciente ou louco não deixa de perceber o que se passa. Ele está recebendo os dados, está de certo modo consciente, está ligado no dado de alguma maneira, apenas não os coordena com o passado em vista de um futuro. Do mesmo modo que se pode estar inconsciente sem estar louco - passamos grande parte do tempo inconscientes.

A: No teste de Le Senne, havia perguntas a respeito de como a pessoa vê o tempo. Numa delas, pergunta-se se a pessoa via o tempo como uma coisa contínua ou como momentos estanques. Tem relação com isso que você fala?

Não, porque a maneira de coordenação nem sempre é temporal e histórica. Isso não quer dizer que o indivíduo, para estar consciente, precise se lembrar do passado na ordem cronológica, i.e., viver o tempo como sucessão. Ele pode vivê-lo de maneira mais abstrata, hierarquizando todos os dados, como se fossem um quadro espacial que ele utiliza para as suas decisões do presente. O que Le Senne mostra é uma "visão" sucessiva do tempo, uma visão musical do tempo ou uma visão arquitetônica, estrutural. As duas são formas de consciência.

"A consciência é, sobretudo, uma memória preparada para tarefas do porvir. Isto é que é ser consciente. É estar na tarefa presente, com toda a alma."

"Com toda a alma"... esta frase é perigosa porque o sujeito estar na tarefa com a alma não implica em que esteja totalmente absorvido por ela. Dá-se exatamente o contrário: o sujeito a absorve completamente. Se o indivíduo está tão absorto por uma situação presente que ele não lembra de mais nada, não projeta mais nada, então está inconsciente. É como se ele tivesse sido absorvido por aquele momento. Mas ao que Pradines está se referindo é o contrário: você está presente e toda a sua lama está presente. Esta alma, este aporte subjetivo, sempre transcende o momento. Nunca o momento é tão rico que absorva você inteiro. Sempre existe uma retenção do passado e uma projeção ao futuro, o que transcede o momento. Se acontecer o contrário, sumir o passado, sumir o futuro, o momento é, por assim dizer, mais rico do que eu, então não estou consciente.

A: É a paixão isto?

Não, não é. O estado de paixão provoca isto. Mas não é a mesma coisa, porque pode ser um simples entorpecimento.

"Pelo contrário, ser inconsciente é esquecer, é esquecer uma parte de si, naquilo que se faz, que se diz, que se medita ou se projeta. Esquecer é chegar a ser incapaz de relacionar a atividade presente com a consideração dos efeitos que inevitavelmente deve produzir."

Você tem que coordenar as suas ações com vistas a um fim. Por exemplo, "a que horas tenho de chegar na casa do Olavo?" Você já sabe todos os antecedentes e todos os conseqüentes das suas ações. Por que não os levar em conta? Discutiram aqui, hoje, a questão do horário de início das aulas: todos sabem que se chegar atrasado, perde-se uma parte da aula, acaba-se então fazendo perguntas que fazem recuar o assunto, etc. Se já sabem tudo isso, por que isso não é levado em conta? Por que tais dados não pesam na hora da decisão? Porque é como se o indivíduo não soubesse: ele está descoordenado, porque as ações presentes não levam em conta os dados que já possui. É um estado de semi-inconsciência.

A consciência é uma memória preparada para as tarefas futuras, não é só a memória; é quando os dados que se possuem convergem para o ato presente, de maneira que esses dados sejam levados em conta. Se não são levados em conta, o ato é inconsciente, você os sabe mas age como se não os soubesse; no

momento certo, eles não ocorrem. O indivíduo muda isso quando preta mais atenção no assunto e passa a enxergá- lo como é de fato.

A: O aluno pode pesar os prós e contras chegar no horário e decidir chegar atrasado assim mesmo ...

Pode ser, mas acho que este não é o caso em geral. Acho que impera uma confusão, mas é uma decisão plenamente consciente que aceite todas as conseqüências. Não há aqui ninguém que pretenda anarquizar conscientemente o curso, só se for um sabotador. Já houve isto, alguém queria atrapalhar-se e me mandava um aluno perfeitamente esquizofrênico. Durante dez aulas não era possível ensinar nada, até que eu mandasse embora. Acho que este não é o nosso caso presente, ninguém está pretendendo anarquizar. Mas se não está pretendendo anarquizar e está anarquizando, é porque não está agindo d acordo com o seu propósito declarado. Está portanto descoordenado.

Todas as ações humanas são idealmente racionais. Sempre que você age, em qualquer situação, você visa a um fim de maneira racional para a consecução desse fim. Isto idealmente é assim. Se agíssemos sempre assim, conseguiríamos tudo o que desejamos, dentro dos limites, é claro, da situação objetiva externa. Pelo menos nós não atrapalharíamos a consecução de nossos objetivos. Todos sabemos que se eu desejo um efeito, tenho que produzir as causas convenientes. Até uma criança o sabe: ela sabe que a causa do doce que come é a ação do pai. Ela sabe que tem que desencadear essa ação, e o faz pedindo doce ao pai. Caso o pai não dê, ela tenta influênciá-lo de alguma maneira: ela chora. E isso nada mais é que uma ação racional segundo fins. Ela está usando exatamente o instrumento de que dispõe com vistas ao fim desejado. E se não pedisse? Ao invés de dizer o que quer, sentasse num canto e não dissesse nada; não seria possível advinhar ser bala ou doce o que ela quer. A criança que age assim, dizemos, está neurótica, pois não faz o que quer. Ela age de acordo com fins, porém de maneira contraditória.

Quando definimos o homem como animal racional, isto é para ser levado em toda linha. O homem é, ou pelo menos tem de ser, racional em absolutamente tudo o que deseja, porque senão ele não vai conseguir nada, a não ser que seja favorecido pela sorte, o que, como é sabido, geralmente não acontece. Já pensou se cada ato seu você o praticar de maneira não racional - sem desencadear as causas convenientes - esperando que a sorte ou o acaso consintam em convergir para a finalidade desejada? Se você agisse assim em metade dos seus objetivos, você já estaria perdido. Quase tudo que conseguimos é porque agimos de maneira racional. Claro que às vezes, mesmo agindo de maneira racional, ainda assim conseguimos ser bem sucedidos devido a impedimentos externos. Porém, ninguém confia na sorte a ponto de dispensar o uso da razão, aqui entendida apenas como encadeamento dos meios aos fins. Esse é o mínimo de razão que o homem tem de ter e que todo homem possui. Quando falta isso, o comportamento do sujeito fica tão anormal e tão ineficiente que chama a atenção.

Imaginemos um indivíduo que tem de chegar ao trabalho às oito horas. Isto o obrigaria a acordar pelo menos às sete horas; na pior das hipóteses, às sete e meia. Se ele sabe isso porém jamais arruma um despertador, jamais pede que alguém o chame e fica esperando que algo miraculosamente o acorde no horário. É uma situação extrema: quando o sujeito age assim ou está demente ou está nas portas da demência. Portanto, a razão está presente em tudo o que fazemos porque ela é o encadeamento dos meios com os fins. Ela pode falhar quando você desconhece os fatos: você faz uma montagem racional dos meios para conseguir os fins porém você se baseia numa informação errada. Mas isso é corrigível, obtendo-se as informações necessárias.

O normal é que o indivíduo puxe, em socorro de sua decisão, todos os dados necessários. Se vendo copos e você diz que quer comprar copos de minha firma, tenho de ter informações a seu respeito para saber se você costuma pagar seus credores, se tenho copos em estoque ou se tenho que mandar fazê-los. A decisão requer todas as informações. E se eu agisse assim: o sujeito diz que quer comprar copos e eu lhe dou, de imediato, o contrato para assinar, sem saber se tenho copo, sem saber se ele é digno de confiança? Quem age assim, afunda.

Toda ação humana é sempre racional dentro dos limites do conhecimento que o indivíduo tem dentro de uma dada situação. Sendo uma ação racional, ela tem que se apoiar em informações porque a razão não funciona sem matéria prima. O que falta não é a razão; o que falta às vezes é a consciência. Porque racional todo mundo é, querendo ou não. Porque é um animal racional e não pode virar outra coisa. Sempre o indivíduo vai agir racionalmente, a não ser que esteja muito doente. Nem sempre estará

consciente, nem sempre puxará da memória todos os dados necessários para a decisão a ser tomada no presente. Se falta isso, faltou consciência, não faltou razão. Neste caso, puxa-se só uma parte dos dados e estes o indivíduo processa racionalmente, porém vai se dar mal, porque faltou um monte de informações que no entanto possuía. Seria o caso de aquele sujeito querer comprar copo, sendo ele representante de uma firma que já comprou de mim inúmeras vezes e nunca pagou. Esta informação está nos meus arquivos e não fui olhar. Esta é uma "ação" inconsciente, embora não seja irracional: agi segundo fins - eu queria vender copos e ganhar dinheiro.

Independentemente de seu esforço de estar consciente, é claro que você pode esquecer alguns dados. Porém, sempre existe um número de dados que a gente percebe como indispensáveis para uma determinada decisão. Se nem estes dados o sujeito puxou da memória, então está inconsciente. Se o indivíduo sabe que, chegando sempre atrasado, vai anarquizar o curso e isso ele não quer, porque gosta do curso e quer que tudo chegue a bom termo e sistematicamente se esquece de levar em conta este dado e continua chegando atrasado, só podemos explicar isso por uma inconsciência.

Qualquer ato humano é sempre julgado com relação a seus fins e a seus fins declarados. É o método de Weber: o que o sujeito queria, qual era a finalidade declarada? Em vista da finalidade, avaliamos a adequação dos meios que o sujeito colocou em ação. Se vemos que esses meios são totalmente inadequados, dizemos que o sujeito está inconsciente.

O que preside a seleção dos dados da memória são os fins. Normalmente, puxamos mais informações do que o necessário. Puxamos um monte de informações e desprezamos uma parte. Mas e se o sujeito puxa menos informação? É porque ele está num estado de relaxamento: não alcançou o estado de tensão necessário para exigir da memória tudo que precisava. Todo processo de escolha, de decisão, implica uma certa fase caótica onde se vêem varias possibilidades juntas. Nesta fase de puxar os dados, é aí que o sujeito falha: não puxa os dados suficientes. É a inconsciência. Como no caso de sargento chamar os soldados para a ordem unida e eles não o obedecerem, não ocorrer à ordem. A vontade convoca as informações. Se a convocação em demasiado frouxa há desobediência a ela. Pradines diz: a consciência é um esforço de coesão, ela convoca um monte de informações, um monte de forças psíquicas com vistas à consecução de um único fim. Se a convocação for eficiente, forte, convincente, então tudo que está na memória, até esquecido, converge para aquele fim; se a convocação for frouxa, não vem. Essa frouxidão, esse laceamento da vontade é precisamente a inconsciência.

A: Qual a relação entre consciência e razão?

É precisamente aí que quero chegar. Quero mostrar para vocês que o conceito de consciência não tem nada a ver com o horóscopo e não pode ter. A consciência é a coesão de todas as funções, visando a um fim. E é você mesmo quem escolhe os fins. A intuição não tem nada a ver com isso, embora só exista intuição consciente. Mas a intuição é intuição de uma coisa só. Na verdade, a consciência entra numa espécie de ponto intermediário entre a razão e intuição. Somente na consciência é que se coerem os dados da intuição e os dados da razão.

Intuição você tem o tempo todo, querendo ou não; a razão também funciona o tempo todo, até quando você está dormindo. Mas é possível intuir uma coisa e raciocinar outra. Isso acontece com extrema freqüência: os raciocínios do sujeito pouco ou nada têm a ver com fatos que ele está observando. Isso aí é uma inconsciência, uma descoordenação de razão e intuição. Mas não só a razão e intuição podem ser descoordenadas, mas também as outras faculdades. A ação humana é essencialmente (idealmente) racional. Assim como dizemos que a vaca dá leite, ela idealmente dá leite, i.e., ela deve dar leite. Não queremos dizer que ela sempre dê leite - ela pode ficar doente. O homem também: ele é idealmente racional - ele deve ser racional, ele tem de ser racional senão está perdido. Não quer dizer que o seja sempre, que suas ações sejam sempre racionais. O homem é racional. A razão também não funciona sozinha: ela precisa dos dados da intuição conservados na memória. Não adianta nada a razão ir para um lado e a memória para o outro. Isso é exatamente o que se chama estado de inconsciência. Se o sargento - a vontade - convoca e todos os soldados - os dados - atendem à convocação, tem-se a ordem unida - estado de consciência. Mas o sargento pode ficar gritando e nada acontecer, ele pode ficar falando sozinho.

Quando o indivíduo não age logicamente de acordo com seus fins declarados, é porque estás havendo uma

divisão dentro dele. A vontade convoca, a memória não obedece, a ação não se desencadeia.

A: Prosseguindo na metáfora, não se necessitaria de uma sanção qualquer, à maneira de como é feito no exército?

Não, porque a sanção por si mesma não desencadeia efeito. A sanção é uma coisa que vem de fora. O castigo supões no indivíduo a capacidade de aprendizado: na verdade, supõe um desejo de ser corrigido. O sujeito que entra no exército quer se tornar um soldado, quer estar à altura das suas funções. Mas e se ele não quiser? No caso do serviço militar obrigatório, em geral o sujeito não quer. Em geral, está lá contra a vontade. Seria necessário, neste caso, um castigo atrás do outro e mesmo assim não iria funcionar: não se conseguirá criar um soldado assim. Tanto que, em toda a história militar do mundo, os soldados que estão prestando serviço militar, que são recrutas, são as tropas mais desprezíveis, que só são usadas em último caso, quando já morreram todos os soldados profissionais. Vimos caso assim na guerra das Malvinas: os ingleses mandaram dois mil soldados profissionais contra quarenta mil recrutas argentinos. Um soldado profissional vale não por quarenta, mas por cem recrutas. O recruta está lá contra a vontade, não quer morrer, a única coisa que quer é voltar para casa e não considera que matar o próximo seja o seu ofício. Não encara isso como uma coisa normal.

Qualquer coisa que o indivíduo faça, seja ou não profissão, se o indivíduo não quer aquilo se torna coisa repugnante. É como o sujeito, contra a vontade, tornar-se médico legista.

É necessário ao sujeito coerir a sua situação presente em face de todos os antecedentes e objetivos futuros. O recruta que é jogado no meio de uma guerra não vê nem passado nem futuro. Ele chega a saber sequer como o país chegou a estar: julga tudo uma arbitrariedade, que tudo se trata de decisões de pessoas ruins, etc. Ou seja, explica infantilmente a realidade.

O exercício de qualquer função social pressupõe que o indivíduo esteja consciente das causas e implicações do que está fazendo. Onde há muitas pessoas que estão colocadas nas funções em que estão como diletantes, que aí estão sem saber como (estão evidentemente dormindo, não sabem o que estão fazendo), é difícil ou mesmo impossível a adequação de meios a fins.

Quando fiz depoimentos em inquéritos, percebi que o escrivão em geral não sabe escrever. Sua função é tomar ditado de pessoas, reduzir a expressão oral à escrita: é um técnico no uso da língua. Porém, passa anos nesta função e não conhece a língua, não consegue entender o que as pessoas falam e o que ele escreveu pouco ou nada tem a ver com a declaração efetivamente feito e continua, impávido colosso, escrevendo bobagens. Explica-se este fenômeno como sendo um fenômeno de inconsciência. Ele não sabe o que está fazendo ali, assim como não entende as conseqüências do que escreveu. Vamos supor que chega uma pessoa de pouca cultura para fazer um depoimento. Ela fala umas coisas de maneira embrulhada; o escrivão embrulha mais ainda e escreve o contrário do que ele falou. Ele lê o que foi escrito, não entende e assim embaixo: algo gravíssimo, criminoso, pois é obrigar a pessoa a sofrer judicialmente as conseqüências do que não falou. Só que ele também, o escrivão, não sabe disso; não houve de parte alguma. Houve inconsciência. Dos mais de vinte escrivães que conheci, todos eram assim. E não cabe a alegação de que o escrivão ganha pouco: poderia ganhar nada, sem estar desobrigado de saber o que está fazendo.

Quando se chega a uma situação em que este tipo de procedimento é quase uma norma geral na sociedade, tem-se um estado de caos.

Mais tarde entendi que a psicologia dos juizes é assim: o juiz nunca tem preconceito a favor de uma parte ou de outra parte; ele tem preconceito a favor de si mesmo. A favor de si, o melhor é tomar uma decisão que seja a menos comprometedora, ou seja, a decisão que ele não precise justificar. Então, em qualquer processo, o lado mais fácil ganha, porque o juiz sabe que tem na mão uma massa de imbecilidades escritas por um escrivão que não prestou atenção, de outra parte um advogado que também não entendeu o processo e ele tem que tomar uma decisão certa com base em toda essa confusão. O que você faria se estivesse no lugar do juiz? Sairia pela tangente, por certo. Esta é a norma. E também o critério de funcionamento de tudo no Brasil.

Leibniz dizia que existe uma harmonia pré-estabelecida. Façam as pessoas o que fizerem, no fim vai dar

tudo certo porque existe a ordem cósmica. O Brasil se mantém de pé devido à ordem cósmica.

Numa situação destas - como no Brasil - os indivíduos têm pouca autonomia, eles não podem agir, porque toda ação social se baseia numa previsão das ações e intenções alheias. Para que haja uma ordem social, é preciso prever o que os outros farão em tal ou qual situação. Numa situação onde não se pode prever, não é possível agir, ou mesmo planejar uma ação, pois a todo momento o sujeito tem de estar apostando contra o acaso: há tanto domínio aí quanto jogar na loteria esportiva.

Num processo, você fala ou apresenta a sua petição supondo que ela será compreendida de tal maneira pelo promotor, pelo juiz, etc. Ao falar, a transcrição é diferente: o promotor entende outra coisa, o juiz uma outra e no fim sentenciará sobre algo que não é o que foi dito no início. Que domínio é possível ter da situação? Nenhum. Você não pode agir, propriamente dito. Daí vem uma sensação de impotência que é terrível e todo brasileiro a tem, todo brasileiro julga que tudo é impossível. Por isso mesmo, até quando o sujeito tem uma chance, quando a sociedade lhe oferece meios de ação, ele não acredita, não tenta. Por isso mesmo a vida brasileira é muito mais prática do que ela poderia ser na teoria. A sociedade oferece muito mais meios e oportunidades do que as pessoas conhecem. Mas nem tentam isso porque têm a sensação de dificuldade, impossibilidade. Ao entrar num tribunal, tem-se uma impressão kafkiana de que se entrou num caos e o caos é ingovernável; assim, é melhor nada tentar. O brasileiro se sente mais impotente do que ele realmente é. O que pesa é a limitação psicológica: se você tem uma possibilidade objetiva mas não sabe ou admite que tem, então não vai tentar.

As possibilidades para os estudos, em qualquer lugar do mundo são fantásticas. Hoje em dia você tem acesso a qualquer informação. No entanto, se você sugere a alguém pesquisar algo, surge a sensação de impotência, como se a pessoa fosse o próprio Jeca Tatu: o homem impotente, que se sente incapaz de fazer qualquer coisa. Como ele tem a sensação de impotência e a imaginação é movida pelo desejo, o desejo, em face da sensação de impotência - que é uma forma de medo - desvitaliza-se e a imaginação não anda. O sujeito não se lembra de procurar as coisas nos lugares mais óbvios. E isto é algo que acontece na cabeça de cada um, aqui no Brasil. Se esse limite não for superado, vencido, não se irá prá frente. Daí que a possibilidade de um grupo agir de maneira perfeitamente coordenada, consciente, voluntária, com vistas a um fim, geralmente não é levando em conta no Brasil, pois as pessoas não acreditam nisto.

A: Torqueville falava do hábito, prática da democracia, da racionalidade subjacente...

Numa democracia, um número maio de pessoas participa das decisões coletivas. Portanto, quando a decisão coletiva dá errado, o indivíduo sabe que ele colaborou. Se você, porém, nunca é consultado a respeito de nada, as forças que movem o destino social pairam muito acima de você, são até invisíveis, você não é responsável por nada, evidentemente e você se sentirá impotente. Recomendo a este respeito O Cangaceiro, de José Lins do Rego, seu melhor livro. O livro mostra a vida de pessoas simples, humildes, do nordeste do fim do século passado. Mostra como a vida dessas pessoas é decidida por forças históricas que desconhecem completamente. Por exemplo, um coronel briga com outro lá na capital, coronel nunca visto por nenhuma daquelas pessoas. De repente, o colono não pode mais morar onde está morando, sua vida é invadida, virada de cabeça prá baixo, todos os seus planos foram para o brejo e ele não sabe por quê. Quanto mais estratificada é a sociedade, quanto mais existe uma separação entre o centro de poder e a vida cotidiana dos indivíduos, mais às cegas se vive. Não adianta tomar qualquer decisão, pois você está vindo pelo caminho e de repente atravessa uma boiada e passa por cima de você; você anda mais um pouco e surge uma tempestade... você então não faz mais planos. Você vive só o momento presente - fica inconsciente.

Em países que são democráticos, que têm uma ordem jurídica, constitucional, as pessoas são muito mais conscientes, muito mais atentas, pois suas ações levam em conta um panorama muito maior de informações. Se você já está acostumado a viver no meio do caos, seria como, estando num barco, no mar, as estrelas mudassem a toda hora de lugar, impedindo-o de orientar-se convenientemente. Você desconhece as correntes oceânicas e as estrelas ficam pulando. Como você vai traçar a rota do barco? Impossível fazê-lo.

...

A possibilidade de êxito numa ação intencional voltada a um fim é quase nula. Isto se aplica

inclusive às pessoas poderosas. O poderoso aqui também não consegue coordenar a sociedade. Por ex., em Israel, eles fizeram um plano para acabar com a inflação (a inflação era de 400 % ao ano). Baixaram para 8% em um ano e ficou nos 8% ao ano, não 8% ao mês nem 8% ao dia. E aqui, no Brasil, há quantos anos estão querendo combatê-la? E se compararmos os dois governos, vemos que o governo brasileiro tem mais poder sobre os indivíduos do que o governo de Israel. Aqui o governo invade a sua casa, etc, ninguém o segura. Apesar dele ter mais poder, mais força física do que o governo israelense, ele tem menos poder efetivo e não consegue governar a sociedade. O cidadão tem uma sensação de impotência, de ser esmagado por forças superiores e as forças superiores têm a impressão de ingovernabilidade. Por ex., para você domar um cavalo, não é prevendo o comportamento dele? Você sabe que se esporar o cavalo, ele corre; se você bater nele, ele fica com medo; se você oferecer um torrão de açúcar cada vez que ele fizer algo errado, ele vai tender, por ter uma racionalidade instintiva, a se comportar desta ou daquela maneira. Mas, e se o cavalo não se comportasse assim? Você dá o açúcar, ele fica revoltado; pune-o e ele pede mais. Só que no dia seguinte ele mudou de idéia: agora quer o açúcar. Você consegue domar o cavalo? Não. Tudo que a gente vai fazer, qualquer ação humana é baseada na previsão das conseqüências. Põe-se um tijolo em cima do outro porque se acredita que quando o cimento secar ele vai funcionar como uma cola. E se você coloca uma tijolo sobre outro e no dia seguinte todos derreteram? E se o cimento, ao invés de colar os tijolos, os repele? É a loucura. E a sua esfera de consciência vai se retraindo cada vez mais até você ficar como um bebê que só vivência o momento presente. Não tem passado e muito menos planeja o futuro.

Este é o panorama, é a base em cima da qual vivemos. A esfera de ações que nós podemos empreender racionalmente com vistas a fins é, num país como o Brasil, muito pequena. A não ser que você seja um gênio! Porque abarcar todo um caos e conseguir ordená-lo mentalmente, sem se apoiar numa racionalidade social já presente, é muito difícil. Mas é precisamente disto que se trata. Se a pessoa quer evoluir intelectualmente no Brasil, ela não vai poder partir desta base, pois a base racional que a sociedade oferece é muito fraca. Então ela tem que fazer todo o serviço.

"A consciência de um estado é uma só e mesma coisa que sua união com outros estados..."

Isto é fundamental. Se eu estou consciente do estado que estou vivenciando no momento é porque, junto com este estado que vivencio no presente, me lembro de outros estados já vividos e os comparo. Quando um estado psíquico é isolado de um outro estado ele pode ser dito inconsciente.

"... e esta união não é mais que uma organização de forças, isto é, de meios com vistas a uma intenção. Numa palavra, a consciência é uma coordenação e a inconsciência uma incoordenação, ambas dinâmicas."

Quando estávamos estudando Weber, vimos que a ciência social pega as ações humanas a partir do momento onde elas têm fins declarados e procuram ser racionais. Ou seja, a Sociologia, neste sentido, só se interessa pelas ações que já têm aquele mínimo indispensável de coordenação. Todo o processo interior que vai produzir essa coordenação e possibilitar a ação social, tudo isso não diz respeito à Sociologia. Diz respeito à Psicologia. As ciências sociais abarcam as ações humanas a partir do momento onde elas têm, pelo menos, o intuito de serem racionais, mesmo que não o consigam; a partir do momento onde a coordenação de meios aos fins alcançou um certo patamar mínimo compartilhado por todos os membros daquela coletividade. Não

A página 83, no original, está em branco.

Dispersar. Não se conhece a própria vida como uma unidade mas apenas como uma sucessão de episódios desconectados que são como se tivessem acontecido a pessoas diferentes. Esta incoesão do eu e portanto esta falta de senso da própria biografia, é algo que podemos tomar como norma geral do meio onde vivemos. As pessoas não são capazes de contar a sua própria vida. Contar significa avaliar, porque você julga os episódios de sua vida em função de valores e finalidades mais ou menos permanentes. É o único meio de saber se houve sucesso ou fracasso. E isso é algo que em geral o brasileiro não sabe. Por não se lembrar mais do que ele queria. Às vezes, as mudanças são tantas que o sujeito ia para uma direção e, no fim, foi para outra. E vivência as duas de uma maneira indiferente; a sua vida é mudada várias vezes e ele não se apercebe disso. Isto é um estado de alienação, um gravíssimo estado de inconsciência.

Nesta situação, os atos serão totalmente loucos, totalmente conforme o momento, sem visar a um fim

qualquer. Tal incoordenação, pode-se vê-la tanto num indivíduo quanto em certas situações históricas. Quando um país desaba, ou quando uma instituição desaba, é justamente o neste momento quando suas ações começam a visar apenas ao equilíbrio momentâneo da situação, perdendo-se de vista os planejamentos a longo prazo. Acaba-se sendo levado pelas circunstâncias para lá e para cá. A continuidade do objetivo no tempo é que traz o poder. Se há um corte, e outro, e outro, o indivíduo - tratando-se de indivíduo - vê-se reduzido à impotência. Não sabe para onde está indo nem por quem ou pelo que está sendo levado. Se por outro lado, o objetivo, o valor permanece, então os acontecimentos são julgados em função dele. Aí é possível aquilatar o êxito ou derrota: se tenho um determinado objetivo, em função do que decido minhas ações, o êxito (ou fracasso) se definirá de maneira clara. Se não sei exatamente onde quero chegar, como vou saber se cada episódio me favorece ou não? Caso não saiba isto, começo a decidir apenas a uma acomodação momentânea às situações. Isso significa que quem conduz a orquestra não sou eu. (A respeito do assunto, há um livro, A Marcha da Insensatez, de Bárbara Tuchman, onde se considera que em certos momentos da história, os homens

poderosos começam a decidir contra os seus interesses e afundam quase que voluntariamente. Observa como os papas da Renascença praticamente provocaram a Reforma Protestante, por não terem nenhuma política a longo prazo. Tinham só um esforço de se acomodar à situação momentânea. Do mesmo modo, faz a mesma observação quando estuda a guerra do Vietnã: os americanos se envolveram nesta guerra como uma forma de acomodação a uma situação momentânea, sem terem em vista os objetivos do país a longo prazo). No plano da história, da sociedade, como na vida dos indivíduos, o problema é o mesmo. Onde existe coesão, existe a continuidade das ações com vistas a um fim e portanto existe uma vitória ou uma derrota determinadas. Onde não há objetivos, a própria noção de vitória ou de derrota é borrada.

Um exemplo e que falamos, exemplo atual, é o de Saddam Hussein. Se perguntarmos o que ele quer, ouviremos como resposta "a unidade do mundo árabe". Porém, se ele quer a unidade do mundo árabe, não deveria declarar, de cara, guerra a um país árabe. Se se diz: "ele está querendo destruir Israel," perguntamos por que ele invadiu o Kuwait? Após o que, entrou em guerra com a Arábia Saudita e jogou bombas em Israel. Jogou bombas em Israel na esperança de que acontecesse alguma mágica. E o único resultado possível, de ações tão desordenadas, é a desgraça. Do mesmo modo que a inconsciência do indivíduo o desgraça, a inconsciência social desses países árabes os está desgraçando. No caso se corrigiram a partir do erro cometido, da guerra do Vietnã. Estando são, há um mecanismo interno de correção que avisa. Estando inconsciente, o avião não é percebido; há protesto e não se repara neste protesto. Há a diferença. No indivíduo dá-se assim, como também no caso de países. - "Não se poderia considerar as ações de S. Hussein como uma tentativa de acabar com o imperialismo inhanque?"

Se se quer acabar com o imperialismo, não se começa por fortalecê-lo. Com suas ações, Saddam Hussein transformou os Estados Unidos em líder da maior aliança militar da história humana. Deu aos EUA uma autoridade moral formidável. Transformou George Bush, que era uma nulidade, num grande líder mundial. Israel ficou com um incrível prestígio mundial por não ter reagido à bombas. Mudou muito da imagem do judeu: de diabo a santo, quando o sujeito está exatamente o contrário do que desejava então é porque não houve uma coordenação dos meios aos fins. Ao contrário, houve o raciocínio mágico. Com inimigos deste tipo, ninguém precisa de amigos. George Bush de repente aparece como um novo Júlio César! Quando o sujeito está agindo certo até os inimigos colaboram, mesmo que sem querer, evidentemente. Parece que a providência divina dispõe tudo para que dê certo. Saddam Hussein poderia ter levado em conta um Hadith que diz: "Confie em Deus e amarre a pata do camelo." A corda que se usa para amarrar a pata do camelo é como se fosse um (8). O nome desta corda é 'agl e 'agl em árabe quer dizer razão. A mesma palavra que se designa a corda com que se amarra a pata do camelo é a mesma que ser usa para dizer razão. O hadith tem então um sentido mais profundo. Quer dizer: confie em Deus e use a razão. Se você usa a razão, então Deus vai ajudá-lo; se nem você se ajudar, o que Deus tem a ver com isso? Se o indivíduo usa a razão até o limite onde ele pode, muito provavelmente mais dia, menos dia, as coisas começam a concorrer em favor de seus objetivos. E isto se aplica à ação individual. Se for ação social, não adianta um usar a razão.

Vamos supor que Saddam Hussein fosse um camarada racional, lógico em tudo. Não adiantaria nada, porque necessita que a sociedade a que pertence agisse racionalmente e a sociedade iraquiana é um caos, assim como o Brasil. Os iraquianos não recebem informação correta do que se passa. A televisão é do governo, a imprensa é do governo, então não podem tomar decisão, qualquer coisa é informada

exaustivamente, a população fica sabendo de tudo. Tudo quanto é censura é burlada. O assunto é discutido, realizam-se assembléias o dia inteiro. Em cada assembléia de igreja protestante discute-se o tempo todo se é para fazer greve ou não, se Bush está certo ou errado, e se faz ou não guerra, etc. Forma-se um consenso geral pela discussão. É difícil um país assim errar. Ele vai agir de acordo com o seu interesse nacional e vai agir de uma maneira lógica. Mesmo assim pode errar como errou no Vietnã. Mas por que errou? Informações foram sonegadas, de forma que não puderam tomar a decisão certa. Além do que coincidiu com uma época que tinham problemas internos graves. Era época do que se retratava no filme "Mississipi em Chamas". Havia uma guerra interna nos Estados Unidos, por assim dizer. Se há um problema interno, no plano externo o indivíduo faz burrada. Assim como no caso dos países.

- "No caso do Vietnã, os Estados Unidos não pretendem evitar a expansão comunista?"

É Eles estavam raciocinando em termos ainda da 2a Guerra Mundial.

Há três maneiras de expansão do comunismo: pelas revoluções internas, pela ocupação militar ou pela revolução cultural. A primeira é a tese lenista. A segunda é a tese estalinista - não esperamos haver revolução, vamos lá e colocamos os pés em cima do que queremos. A terceira tese é a de Gramsci, que é a tese vitoriosa no mundo inteiro. Qualquer país comunista está pouco interessado em revolução armada ou em ocupação militar. E os americanos não perceberam isso, então ficaram fazendo no Vietnã o que deveriam ter feito na Alemanha. Na Alemanha havia o general Patton, que recebeu ordem de avançar até ponto "x" porque os russos vinham vindo de outra direção. "Nós ocupamos metade e os russos ocupam a outra metade do território", pensou. Porém, tendo ocupado uma metade, pensou: por que vou para por aqui? Já que vim até aqui, ocupo também o pedaço russo e tudo fica para nós e não os russos." O pessoal liberal americano caiu de pau nele e ele foi parado a contra gosto. Daí os russos foram lá e tomaram tudo e criou-se a "guerra fria."

Na 2a Guerra o problema era este e Patton e Churchill resolveram tomar tudo antes que os russos entrassem. Levantaram todos a questão da democracia, da igualdade dos acordos internacionais e acreditaram nesse pacifismo idiota e se ferraram. Com 20 anos de atraso se arrependeram de terem afrouxado na Alemanha e resolveram endurecer no Vietnã. Só que o problema nesta ocasião já era outro. Quando se faz uma burrada, tem-se que reconhecer que ela é irremediável: já perdi e vamos ver se na próxima não erro. Não adianta tentar, numa outra situação, fazer o que deveria ter sido feito na primeira. Este foi o problema do Vietnã: houve uma intervenção militar perfeitamente indevida, descabida, sem sentido e baseada numa avaliação 20 anos de atrasada. Quem estava certo era o Kissinger, o maior gênio da política, porque ele sabia como tudo seria e inventou um jeito de demonstrar o comunismo por dentro. Tudo o que hoje acontece é política do Kissinger. Bush virou seu herdeiro. Tudo o que Kissinger fez, agora vem em benefício de Bush, que aparece como líder mundial. Essas coisas a gente vê na sociedade e no indivíduo. Nós também tomamos decisões erradas, porque agimos errado num certo momento e acreditamos que a situação vai se repetir e a situação não se repete. Não existe fórmula certa. Tendo agido errado, não basta seguir a fórmula da próxima vez para que tudo de certo. Não é assim. A nova situação vai ser uma nova situação e você vai ter um outro ato de consciência, justamente o que não se quis ter naquela primeira vez.

O ato de consciência consiste em você "puxar" todas as informações e avaliar racionalmente, doa a quem doer; não confiar na coisa mágica, num ato mágico.

No fim da 2a Guerra os americanos se enganaram com relação aos russos porque eles estavam imbuídos do espírito de unidade mundial, como se após a derrota da Alemanha, todos se tornar bons. Até o Stalin ficaria bom, pensavam. Isso é raciocínio mágico. Ninguém se transforma. A natureza humana é a mesma. Uma atmosfera sentimental diferente pode lhe induzir a crer que tudo mudou. É no caso da mulher que apanha do marido todo dia e acredita que um dia ele vai chegar em casa bonzinho. Mas ele não vai mudar, ele é assim mesmo. A não ser que ela mude - é só aprender Karatê. Só temos uma alternativa: reconhecer o fato e agir racionalmente. Esta é a única esperança humana. E se alguém perguntar: e Deus? Deus só entra em cena depois que se fizer isso. Antes não. Se você está agindo irracionalmente, contra os seus interesses, não adianta rezar. Gudjieff dizia: "maior parte das orações consiste em pedir que Deus faça 2 + 2 dar 5." Deus, mais racional que nós, não vai fazer isso. Na medida em que você age racionalmente com vistas aos fins, pode até ser que Deus simpatize com suas causas, porém não antes disso. Ele não dará novamente o

que já deu - Ele já deu a razão. É só o que temos. A razão não funciona sem a consciência. Pode-se até fazer um computador, que é racional. Mas não é consciente e não pode, por si mesmo, tomar uma decisão qualquer e chamar os dados necessários. Ele só lida com os dados que já tem. E esta é precisamente a diferença entre nós e os computadores. Somos racionais e conscientes e ele não. A consciência é uma compressão, portanto, às vezes é um estado extremamente incômodo, assim como o esforço muscular: o que é fazer ginástica? Não é produzir um estado de compressão? Depois o músculo fica ansiando por um relaxamento para que cada vez, continuando a ginástica, você se torne capaz de uma compressão cada vez maior. Com a inteligência é a mesma coisa. Você se acostuma a estar consciente. É um exercício extremamente doloroso no começo.

Devemos ser ativamente racionais, porque a razão deixada no piloto automático é como o computador, cujo pensamento, automático, não dói, não visa a fins e não solicita informações necessárias. Uma das vantagens do estudo do horóscopo - e essa é decisiva - é que a imensidão dos dados e das funções que temos que coerir, que temos de "puxar" para fundamentar a consciência, no horóscopo já aparece mais ou menos catalogado segundo as funções e isso facilita barbaramente as coisas.

A tipologia astrológica que classifica essas funções, não sei de onde saiu, mas acerta em cheio. Na medida onde se cataloga o conjunto das representações, segundo essas funções, sempre dá mais ou menos para a cada momento saber diagnosticar se o que se opõe à coesão do conjunto é esta ou aquela função: se é o sentimento, a imaginação, a razão, etc, é por isso mesmo sempre dá para que a função em questão seja corrigida. Mas isso pressupõe que o sujeito queira fazê-lo e aí entramos num problema que é extra-astrológico, que é um problema cultural: o meio não está acostumado a isto. O meio não está acostumado a confiar nas possibilidades da ação humana. O meio é depressivo e desesperançoso; é um meio invadido por uma sensação de impotência e acostumado a buscar a sua felicidade não na realização de objetivos, mas no mero descanso ou diversão - a felicidade do impotente. Busca-se apenas alívios momentâneos o que, pior, pode ter conseqüências mais que danosas, na medida em que se transforma num hábito. Esta impotência, que gera hábitos de esquecer - o que leva alguns a beberem de forma que, em primeiro lugar, esqueçam suas preocupações; depois, continuam bebendo para a esquecerem que são bêbados - mais adiante, começar, num extremo de perversão cultural, a ser valorizada, a ser tida como uma valor. É quando a nossa confusão, a nossa anarquia começa a ser valorizada como uma traço da nossa cultura, traço esse que, sem dúvida, favorece a muitas outras culturas. Num país assim, qualquer estrangeiro que chega põe as patas em cima e manda. Quando o mal, o erro, começa a ser valorizado como se fosse o bem, saímos da neurose e entramos na psicose. A impotência do sujeito, no começo,, pode ser vencida; depois, reconhece-se que ela não pode ser vencida e finalmente passa-se a achar que ela é boa, que ela é a vontade de Deus. Vivemos num meio assim. Inclusive essa luta impotente contra a inflação que se prolonga por quase três décadas. Não se escuta falar de outra coisa. Nunca houve isso na história do mundo, uma inflação que se prolongasse por tanto tempo, contra a vontade expressa de todos. A vontade nacional quer maciçamente acabar com a inflação. Acontece que ela não consegue coerir os seus atos prá isto. Isso é a impotência, o fracasso, e este é o meio onde estamos e no entanto temos objetivos culturais que são bem mais ambiciosos do que o da totalidade da nação. A nossa situação não é nada fácil porque nós teremos que alcançar um nível de organização interna, pessoal, que se sobreponha à anarquia do ambiente, sem entrar em choque com ele, porque a anarquia pode voltar-se contra nós mesmos. Sobretudo se vê que estamos conseguindo aquilo que ninguém consegue - surge o ódio e a necessidade de se ser meio secreto.

As idéias de tipo irracionalistas, que pregam o fracasso total da inteligência humana, o predomínio total do inconsciente, que o homem é levado por forças cegas, tais doutrinas pegam muito em sociedades onde a situação é como a nossa. Quando a sociedade está afundando, tais doutrinas pegam, como uma espécie de legitimação da derrota. No Brasil, há uma crença generalizada em todas essas coisas. Por exemplo, achar que a medicina oficial é um fracasso, que ela não cura nada e temos que recorrer à medicina mágica, esotérica... isto serve para brasileiro, que já está destinado a morrer, mesmo. Porque se o europeu ou o americano ficam doentes, optam pela medicina científica, mais desenvolvida, a mais racional, a que tenha mais domínio da situação, ele paga por esta medicina. Como não podemos pagar, vamos ao pai-de-santo e proclamamos que isto é realidade superior. Se isto aí funcionasse a nossa vida seria bem diferente; se isto fosse realmente superior, teria então mais poder. O que é superior tem mais poder do que o que é inferior. Se na Europa e Estados Unidos essas correntes de idéias não têm força, aqui elas dominam, são quase a doutrina oficial. Aqui há encontro de bruxaria na USP, coisa inimaginável de alguém da universidade John

Hopkins conceber. Nos Estados Unidos, a homeopatia é crime até hoje, não porque não funcione, mas porque ela ainda não deu provas de que funcione suficientemente, ou seja, é considerada um assunto a ser estudado, não uma prática médica a ser aceita sem discussão. Lá erro médico dá cadeia e aqui não.

Todas estas coisas mostram flagrantemente que poder e razão são a mesma coisa. Sempre se vê que o dominante é racional e o dominado, irracional. É sempre assim. Podemos nos tornar dominantes na medida em que nos tornemos racionais. Da mesma maneira como ocorre com os hemisférios cerebrais - o dominante é racional e o dominado, irracional. Para fazer com que o outro hemisfério se torne dominante, é só passar as funcionais racionais para ele e as irracionais para o outro hemisfério - simplesmente há uma troca de lado. Porque dominante e racional é a mesma coisa.

Do mesmo modo, referimo-nos à luz e às trevas: a luz é uma presença, a treva é uma ausência, como Yang e Yin. Como diz o William Kawasaki, que conheceu um sujeito cujo mestre de Tai-chi dizia que "esta história de Yin-Yang só ele entendia e a explicou com uma frase: 'só existe o Yang, o Yin não existe'. "O William passou 20 anos meditando sobre esta frase. Eu digo que isto é óbvio: só o ser é, o não-ser não é. Uma buraco não é uma coisa, é a ausência de uma coisa. Caso não saiba distinguir presença e ausência, caso ache que ausência é uma coisa, então sua ausência preencherá uma lacuna. Quando se vê toda a camada letrada de um país invadida por essas idéias, entendemos porque estamos saindo da História. Aí entendemos porque Saddam Hussein é mais importante do que nós. Será que é isto que cada um de vocês quer para o seu país? Caso seja, então é só continuar indo no pai-de-santo, na macumba, no tarô, etc. A Rússia, logo antes da Revolução, estava nesta situação: só tinha tarólogo, ocultista... a Alemanha, antes do nazismo, a mesma coisa. É isto que estamos procurando e quem procura acha. Se não podemos mudar o curso das coisas no plano social, nacional, tenho a impressão que podemos mudar o da nossa vida, se não podemos mudar o da nossa vida, externa, podemos mudar a interna. Não há que se ter medo de qualquer dessas coisas - magia, ocultismo, bruxaria - é necessário compreender de que tudo isso se trata, para ver se você mesmo não está dominado por tais coisas. Este é o direito que o homem tem: o de conhecer tudo. Temos que optar: optando pelo caos, a conseqüência é a impotência, a ingovernabilidade dos próprios atos. Caso se queira isso, digo que "é fácil descer aos infernos". O difícil depois é sair de lá. As portas do fracasso estão sempre abertas para todos.

- Você colocou que o momento astrológico, o momento e o lugar definiram um tipo de ser e que isto era um esquema abstrato e este era o ponto central da própria astrologia e se o astrólogo não levasse isso em conta, não adiantaria mitologias, etc...

Eu comparei a uma ampulheta. Numa ampulheta passa um grãozinho de cada vez, de forma que o ponto decisivo da ampulheta é aquela passagem, entre o que está antes, ou melhor, entre o que ainda não é aquele ser e aquilo que já não é mais ele. Na descrição do horóscopo, às vezes é muito difícil falar desse ponto, dessa passagem. Então recorremos a metáforas e símbolos que refere o indivíduo ou aos antecedentes ou aos conseqüentes e com isso se perde de vista o que é propriamente astrológico. O que propus é a formulação da idéia da astrologia pura, quer dizer, o que é estudado pela astrologia e só por ela. Vamos ter de distinguir a Astrologia da Psicologia, da Mitologia, etc, e ficar com certo núcleo que é pequeno, mas que é definido. Esse foi o raciocínio que começamos a fazer nas primeiras aulas. Se a Astrologia estuda a correlação das figuras celestes com os eventos terrestres, então, de cara, entendemos que isto é uma comparação, não uma coisa. Entendemos também que o padrão de uma comparação, em parte tem de ser formulado mentalmente antes de ser procurado na realidade. Por exemplo, prá medir uma coisa, você tem que ter uma régua, um padrão e esse padrão é inventado antes de você medir as coisas. E o falta fazer na astrologia e, na hora em que isto for feito, estar-se-á delimitando esse aspecto puramente astrológico do ser humano e esse aspecto é o que eu chamo de camada um.

- Os conceitos de emergência e predisponência podem elucidar a causalidade astral?

A Astrocaracterologia é indiferente a se os astros causam ou não causam. Isto é um problema de Astrologia Pura. Antes de você saber as causas de uma coisa, você tem de saber o que é a coisa. Temos que partir primeiro de uma descrição da relação, até que se possa fazer um catálogo: quando acontece tal coisa no céu, acontece tal coisa aqui. Depois de feita essa descrição mais ou menos extensamente, dá para investigar as causas, o que por enquanto é impensável.

Podemos dizer, recorrendo à figura da ampulheta, que o horóscopo é a boca de funil. O horóscopo é um

esquema daquela individualidade que é possível naquele momento e naquele lugar. Não se identifica com a essência do indivíduo porque nada impediria que essa mesma essência se manifestasse num outro lugar, contanto que as condições fossem análogas. Talvez fosse interessante ler um texto que foi usado num outro curso, há muito tempo, e que falava sobre o método reflexivo em Spinoza. Diz o seguinte: "Segundo Spinoza, aquilo que faz com que uma coisa exista num determinado momento e num lugar determinado e com ela dure somente por certo tempo não é a natureza desta coisa, mas o número infinito das circunstâncias que a acompanham." Segundo Spinoza, o que traz um ente à existência não é a sua emergência, é a sua predisponência. Um ovo é o que é. Mas por que a galinha botou um ovo determinada hora? Não é porque é um ovo, mas porque ela estava bem alimentada, porque acenderam a luz, etc. Em outros termos, da definição ou essência de um ser não se pode concluir que ela existirá num certo momento ou que ele cessará de existir num outro momento. Os eventos que convocam um ser à existência ou que o expulsam da existência não entram na sua definição. São extrínsecos em relação a ele. Dependem do conjunto de todas as outras coisas, do estado do universo inteiro em cada momento. O momento em que um ser aparece na existência e o tempo em que ele passa nela não fazem parte da idéia verdadeira desse ser.

Embora tudo isso seja manifestante certo, não se deve concluir que o conhecimento das condições que cercam a entrada de um ser na existência nada se possa deduzir quanto à natureza ou essência desse ser. Se essas condições externas são de fato extrínsecas à natureza do ser, em compensação este poderia entrar na existência se as condições predisponentes lhes fossem hostis e impeditivas. Entre a essência de um ser e o momento da entrada dele na existência não existe uma ligação intrínseca, mas existe uma ligação de exigibilidade mútua. Do fato de um ovo ser um ovo eu não posso concluir que vai ser botado numa certa hora. Mas posso concluir que, se eu matar a galinha antes dela botar um ovo, ele não nasce. Porque não faz parte da essência de um ovo ele se botar a si mesmo. Entre a essência e as condições que permitem a sua existência existe uma ligação de harmonia e de exigibilidade. Portanto, conhecendo as condições - isto é o ponto central - conhecendo todas as condições externas que cercam a entrada de um ser na existência, algo posso saber da sua essência. Pelo menos um algo negativo, um algo que limite as essências possíveis. E este é o princípio da Astrologia. A astrologia, se é que ela existe, se é que ela funciona, diz o seguinte: neste momento aqui e neste lugar, com essa configuração planetária, os seres que podem vir à existência têm de ser deste e daquele tipo e não daquele outro tipo, embora não se possa delimitar precisamente, definir aquela essência em particular. Ou seja, não sabemos qual é essência, mas sabemos quais são as essências compatíveis com aquelas condições. Daí que as condições predisponentes, sendo externas à essência, devam, no entanto, ser harmônicas com ela, devam ser propícias, concordes. Ora, nem todo quadro de condições predisponentes é harmônico com todas e quaisquer essências, mas somente com algumas, por numerosas que sejam. Isto quer dizer que o estudo desse quadro, se nada releva quanto a uma essência em particular, que por via dele entra na existência, revela, no entanto, muita coisa sobre quais os grupos de essências que têm a possibilidade de fazê-lo. O estudo das condições predisponentes terá no mínimo a utilidade de limitar o campo às essências, cuja eclosão seja realmente possível num dado instante. Dentro essas condições, será sempre possível distinguir de possibilidades e de probabilidade. O horóscopo funciona como essa boca de funil, por onde só podem passar certos tipos humanos, mas não determina que tipos são estes. Isto já indica claramente que o caráter, tal como aparece no horóscopo, não pode ser a personalidade inteira. O horóscopo não limita a ponto de definir quem pode nascer, mas excluir um monte de fulanos. Limita o campo. Podemos comparar a um jogo de xadrez: a cada momento no jogo de xadrez existe um certo grupo de jogadas possíveis para cada um dos dois jogadores. Esse grupo de jogadas possíveis pode ser bem grande, mas é limitado. Por outro lado, nenhuma situação de jogo impõe uma jogada. Sempre você tem pelo menos duas jogadas possíveis. O que interessa portanto não é deduzir do horóscopo a personalidade, como fazem os astrólogos, porque isto é impossível. Isto é tentar deduzir a essência a partir das condições d existência. O que interessa é limitar as personalidades possíveis e depois, uma vez feito isto, complementar com outras determinações, até achar qual é a personalidade verdadeira. O horóscopo não determina a personalidade, mas ele limita o grupo possível. Por outro lado, sabemos que qualquer que seja a personalidade efetiva que o indivíduo vai ter nunca é compatível com aquele quadro. Por exemplo, se o sujeito tem Saturno na casa I, eu já sei que problema que vai necessariamente ocupar sua atenção, quer dizer, a área que vai ser problematizada, que vai ser a sua primeira especulação racional, será função de sua própria imagem. Isto não determina sua personalidade. Não posso dizer que vai ser tímido ou que vai ser cara de pau. Isto vem depois e essas duas coisas são ambas compatíveis com esse

traço astrológico e o traço de personalidade - os astrólogos ignoram. Eles pensam que uma coisa é a outra, procuram deduzir uma da outra e às vezes acertam. Por quê? Porque o traço de personalidade será sempre compatível com aquela posição. Mais ainda, se chegamos ao indivíduo com Saturno na Casa I e dizemos prá ele que é tímido ou que ele é cara de pau, ele vai aceitar porque uma das duas coisas, qualquer uma das duas coisas, é compatível com tal posição planetária. Com tal posição, em certos momentos ele se sentirá de um jeito e em outros de outro jeito. Mas o fato é que no comportamento constante externo ele será com mais freqüência um e com muito menor freqüência outro. Ele não pode ser tímido e cara de pau ao mesmo tempo, sob o mesmo aspecto e em todo lugar. É por isto que a interpretação falsa, porém análoga, é aceita pelo cliente, porque se ela não expressa o que o indivíduo está sendo, expressa o que ele sabe que poderia ser. Se o indivíduo se torna mentiroso dentro do seu meio social, não por ter um impulso de mentir, mas porque ele não confia neste meio social, então ele mente e sabe que está mentindo, mas ele não se sente um mentiroso no sentido de desonesto. Se eu disser prá ele que ele é mentiroso, ele vai ter concordar, porque ele sabe que ele mente. E se eu disser que ele é um sujeito veraz, ele sabe que por dentro ele é veraz. Só estou expondo como traços de comportamento coisas que são traços de comportamento. No comportamento dele estará presente uma coisa ou outra, porque você não pode fazer e deixar de fazer algo ao mesmo tempo. Por dentro você pode ter tendências contraditórias e você pode exteriormente comportamentos alternantes, mas não comportamentos contraditórios no mesmo instante. Eu não posso, por ex., bater numa pessoa e deixar de bater nela ao mesmo tempo. Posso bater numa pessoa e sentir que na verdade eu é que estou sendo agredido por ela. Se uma pessoa é cínica, é fria, é indiferente com você, você desce-lhe a mão, você é que está se sentindo agredido. Se o astrólogo disser: "você é um cara agressivo", isto é verdade; se disser: "você está sendo muito agredido pelas pessoas", também é verdade. Porque psicologicamente as duas coisas coexistem, dentro de seu esquema de motivações internas. Mas no mundo dos atos, do comportamento, é uma coisa ou outra. A sua ação pode, no mesmo instante, ser contraditória com seu estado interno. Mas de qual planos você está falando? Você bater na pessoa ao mesmo tempo em que se sinta agredido por ela ou ao contrário, ela bateu no mesmo instante em que você a agredia psicologicamente? Você não pode estar nestes dois papéis ao mesmo tempo. Esta distinção, que é a distinção entre Astrologia e a Psicologia, é necessário estar clara. Para saber o que é esta distinção, é preciso saber o que é Psicologia e o que é Astrologia. Se você não sabe nem o que é uma coisa nem o que é outra, o resultado é uma psicoastrologia da pior espécie. Por grande que seja o interesse por uma coisa e por outra, não se pode misturar uma coisa com outra. A astrologia não lida com os traços de personalidade reais. A astrologia não lida com os traços de personalidade reais desenvolvidos pelo indivíduo ao longo da vida, mas lida apenas com essa esquemática possível. Uma coisa é estudar o código penal, outra é estudar criminologia ou sociologia do crime.

APÊNDICE: CONSCIÊNCIA E INCONSCIÊNCIA .

Resumo de Maurice Pradines, Tratado de Psicología General, t.I. El Psiquismo Elemental, trad. Nelly A. Furtunyy y Elba B. Roggeri, Buenos Aires, Kapelusz, 1962 (trad. De Traité de Psychologie Générale, 3e. Éd., Paris, P.U.F., 1948).

Introdução:

OS ASPECTOS GERAIS DA VIDA MENTAL

Capítulo 1:

Consciência e Inconsciência

I. A consciência como força de coesão

A consciência é uma atividade. Ali onde aparece a consciência, ela surge da bruma do automatismo ou do adormecimento, sempre com esta vista virtude de eficiência. Recolhe a um ser disperso: faz com que atue no presente com toda a sua experiência, em vista de um porvir que se entende na proporção da profundidade do olhar que é capaz de lançar sobre seu passado. A consciência é sobretudo, uma memória preparada para tarefas do porvir. Isto é que é ser consciente. É estar na tarefa presente, com toda a alma. Pelo contrário, ser inconsciente é esquecer, é esquecer uma parte de si, naquilo que se faz, que se diz, que se medita ou se projeta. Esquecer é chegar é chegar a ser incapaz de relacionar a atividade presente com a consideração dos efeitos que inevitavelmente deve produzir.

A consciência de um estado é uma só e mesma coisa que sua união com outros estados, e esta união não é mais que uma organização de forças, isto é, de meios com vistas a uma intenção. Numa palavra, a consciência é uma coordenação e a inconsciência uma incoordenação, ambas dinâmicas. Um estado é consciente quando pode ser sentido em união de intenção com outros estados (cum scire). Textualmente, não há estado consciente; só há grupos de estados conscientes, nos quais a luz se desprende da sua compressão, como o calor do feno empilhado. Um ser capaz de multiplicar-se sem dividir- se, de estender ao longe seu olhar no espaço sem perder a referência dos pontos percebidos no lugar onde se encontra, de recordar igualmente seu passado na perspectiva do presente e distingui-lo ao utilizá-la é, por isto mesmo con-sciente. Se suas percepções e suas recordações perdem esse centro de referência, se ele recebe uma percepção sem relacioná-la com outras, com as quais ela se amalgama sob o ponto de vista de seu interesse ou de sua situação, se suas recordações se isolam umas das outras, como satélites captados por atrações estranhas, é inconsciente, já que, por definição, não há coerência em suas impressões, já que não se conhecem umas às outras, já que não é con- sciente.

Pierre Janet (L'Automatisme Psychologique, 1899) descreveu estados de dissociação que tinham sua origem no debilitamento de um poder de síntese, cujo relaxamento tende a pulverizar essa consciência. A pulverização é só o último termo da desagregação: esta pode começar por uma simples dissociação da consciência em parcelas erráticas que, como ocorre no sonambulismo e na sugestão, manifestam um poder de síntese limitado num campo de consciência restrito, incapaz de abarcar o campo inteiro da percepção e da memória. / Esse estado / "impede que a pessoa apreenda qualquer sensação fora daquela que ocupa atualmente seu espírito" (Janet). Nesses processos de dissociação, a amnésia propaga-se com o mesmo movimento que a anestesia. Assim criam- se na atividade mental essas espécies de focos de consciência dispersos... Essas criações aparentes de consciências esporádicas, na realidade são somente os sintomas da dissolução da consciência; são manifestações de uma consciência menos geral. No limite, a consciência se desvanece ao mesmo tempo que alcança o termo final da incoordenação. Essa pluralidade de sintetizações, longe de ser uma riqueza, é sempre uma miséria mental, um fracasso, um aborto, um "erro" do esforço único e exaustivo de sintetização. Sob a aparência de multiplicar-se e estender-se, ele se perde e se dispersa. Uma parte de si mesma é estranha ao sujeito que é e permanece; aliena-se desse sujeito, isto é, de si mesma.

A consciência é a reunião da nossa ciência (cum scire), e não se pode conceber várias reuniões de nossa ciência. Isto não seria na verdade senão um desmembramento.

A consciência aparece-nos como uma faculdade de coordenação e de unificação das forças vitais, dotada de uma eficiência excepcional.

Entre o automatismo e a consciência, entre o ato reflexo e o ato reflexivo, a passagem situa-se no momento em que a ação, em vez de ser desencadeada por uma irritação, que a provoca automaticamente, se transforma no efeito da simples representação mental de uma irritação possível, cuja causa conhecemos à distância, isto é, antes do contato que lhe permitirá exercer sobre nós um estímulo automaticamente reflexógeno.

Essa representação é o que denominamos uma percepção, e inaugura o primeiro comportamento no qual a reação está determinada, não por uma excitação, mas pela idéia ou antecipação mental de uma excitação, não porque o ser vivo a experimente, mas porque a compreende.

/ Daí concluiu-se que / 1o A consciência nasce de uma automatismo que, sem ser consciente, possui alguns traços do mais autêntico psiquismo, por exemplo sob a forma de hábito e de instinto. Para que esta atividade se integre tão facilmente na vida consciente, é preciso que a preforme. 2o Por outro lado, a consciência se dissolve ou morre numa outra forma de inconsciência, que imita mais ainda a consciência, na qual, ao não integrar-se (já que é antes uma desintegração), permanece como um elemento refratário inalienável.

Existe na vida mental um inconsciente de constituição, que é seu germe e permanece sendo a condição e o elemento que consegue integrar-se. Existe também um inconsciente de dissolução, que é a decadência ou o resíduo, que é antes seu obstáculo do que a condição de seu funcionamento normal. Isto é, existe um inconsciente normal, necessário e são, e um inconsciente anormal, evitável e morboso, e é grave erro confundi- los deliberadamente ou por omissão. Encontramos aqui o primeiro tipo de um erro de método

que consiste em buscar nos estados patológicos, sem reserva e sem discriminação, uma simples exageração das atividades normais. As funções mentais nem sempre se afundam seguindo a ordem inversa de sua formação. A decomposição de um estado nem sempre libera os elementos que serviram para sua composição. A enfermidade, a lesão ou o desgastes podem criar desordens originais: não atuam necessariamente em prol de uma análise genética e explicativa; nem sempre são simples regressões que nos restituem as etapas. A enfermidade opõe-se à ontogênese como a morte ao nascimento. A destruição pode empregar procedimentos muito mais rápidos do que a construção e chega a destruir mesmo os elementos, ou lhes impõe condições segundo as quais não teriam podido organizar-se para uma colaboração funcional.

II. O inconsciente normal, ou de constituição

Exercemos nossa atividade de adaptação ao mundo exterior, sabendo-o ou ignorando-o. Mesmo quando a ignoramos, essa atividade não carece necessariamente de adaptação e discernimento, e mesmo quando dela tenhamos consciência tampouco carece necessariamente de automatismo e impulsividade. Nossos instintos e hábitos aparentemente cegos testemunham, amiúde, seletividade e intencionalidade, sem prejuízo de nossas atividades mais conscientes. Reciprocamente, nossa atividade mais consciente não iria tão longe se uma espontaneidade e impulsividade secretas, quase impossíveis de distinguir do automatismo, não a acompanhassem e auxiliassem.

/ Por exemplo, no funcionamento da memória, observa-se que / "os fatos e acontecimentos não nos chegam tal como foram vividos na ocasião porém incidindo agudamente sobre o porvir; giram em direção a nós a face por onde podem ser-nos úteis / no instante da recordação e no futuro / , e se agrupam de modo a poderem nos servir, ... como se ao compreenderem nosso chamado se lançassem espontaneamente em direção à solução / de que necessitamos no momento / " (Charles Blondel, em Dumas, Noveau Traité de Psychologie, t. IV, pp. 428-438 da trad. Argentina, Nuevo Tratado de Psicología, 8 tomos, Buenos Aires, Kapelusz, 1951).

Todas essas coisas que repousam comumente no fundo inconsciente de minha memória podem estar sempre ausentes e estranhas, enquanto que toda a minha atividade consciente concorda com elas com a mais perfeita exatidão, ao ponto que a ausência integral dos estímulos e inibições que emanam de cada uma delas bastaria para dar a essa atividade o caráter de demência.

/ Essa atividade / é um sonambulismo organizado, isto é, em certos aspectos, o contrário do sonambulismo propriamente dito. É um automatismo subordinado às intenções de uma atividade dominada inteiramente / pela consciência /. O inconsciente se reconhece normal se reconhece por seu caráter disciplinado e instrumental. Continua como servidor do pensamento e da consciência e nunca é um substituto, mas um companheiro, como faz precisamente um bom servidor.

Salvo quando se trata de um estado morboso, aquilo que se designa sempre como inconsciente em psicologia é o grau inferior de tensão das atividades que acompanham a consciência em seu rendimento. A atividade inconsciente normal imita sempre uma atividade consciente; como um decalque esteriotipado. A mecanização do pensamento e também uma função e o fracasso na função vem quando o pensamento decide empreender a tarefa que pertence normalmente a seus instrumentos mecânicos. O inconsciente é normal até o momento em que uma inversão dos papéis reveste um caráter patológico.

No entanto, esse abismo do inconsciente tem fundo. Uma atividade nunca se automatiza completamente com impunidade. O automatismo, com relação ao pensamento, é uma regressão, e esta regressão não pode ser impulsionada mais além de um certo grau sem chegar a ser irreparável. Chega um momento em que a recuperação da consciência sobre o automatismo e tão difícil, que chega a ser impossível. A raridade crescente destes casos indica-nos a aproximação de um limite, não matemático, mas absoluto, isto é a aproximação de uma forma de atividade mental que não pode nunca mais voltar a entrar no campo da consciência, quer por não ter sido instituída por ela, quer por ter sido liberada do seu controle durante tempo muito longo, e por completo.

/ Deste modo, consciência e inconsciência não devem ser oposta, tal como não se deve opor o pensamento ao cérebro, considerando-se estes apenas como coisas "material". É ilusório tentar ver cérebro e pensamento como "duas formas de uma mesma energia" após tê-los oposto tão radicalmente, pois, nesse

caso a passagem de um a outro / é inconcebível, na medida em que se limita a descrever o cérebro como um lugar de movimentos e de correntes, isto é, de fenômenos puramente físicos. Dentro desta forma, não somente a transformação do consciente em inconsciente - isto é, do espírito em matéria - escapa à intelecção, mas também a correlação de duas séries permanece dificilmente compreensível. O cérebro mesmo não pode colaborar inteligentemente com a vida psíquica se não é concebido como animado, como instrumento de uma atividade viva que o ultrapassa, da atividade de um ser vivo total; essa atividade não pode reduzir-se ao traçado dos deslocamentos celulares ou de decorrentes nervosas, porém tem sempre um fim e um sentido, uma alma. O funcionamento cerebral pertence à alma tal é o primeiro princípio de uma psicologia coerente, e só um coronário desta evidência: que o corpo vivo está animado: como estaria animado o corpo se suas partes não o estivessem? O cérebro é instrumento de atos que, ainda que na forma de reações reflexas ou habituais às excitações externas, expressam finalidades de adaptação e não podem ser inteiramente descritas em termos físicos-químicos. Ainda quando a alma pareça descer ao corpo, ela somente se prolonga nele. Isso faz com que ela possa recuperar às vezes as energias de consciência e de claridade que parece haver perdido. Como o automatismo tem sua inspiração, ela encontra ali a sua obra ou a sua preformação e, reciprocamente, à maneira do hipnotizador, pode despertá-la completamente. Entre este inconsciente e a consciência, não há mais que a diferença do implícito ao explícito.

III. O inconsciente anormal, ou de dissolução

Existe outro inconsciente cujo caráter constante é pelo contrário, estabelecer à margem da consciência e trabalhar, antes, em sentido inverso às suas intenções de síntese e de unificação. É o inconsciente cujo poder dissociativo na libido mina, com seu trabalho de sapa, o poder de síntese e de controle, o que destacaram muito bem Freud e sua escola. Consideramos alguns casos.

A) DISTRAÇÃO. - O caráter e o efeito da distração é provocar a inconsciência. / Por exemplo, na / dispersão anestésica dos histéricos. A distração, com efeito, "equivale nos histéricos a uma anestesia ao menos momentânea"(P. Janet. loc. Cit., p. 237). O sujeito chega à ser inconsciente dos movimentos que lhe sugerimos efetuar, por anormais que sejam: levanta os braços, se atira ao chão sem sabê-lo, e logo nega o que fez. Se lhe formulamos perguntas, responde outra. Esta anestesia ameaça / também / aos distraídos normais. / A distração do meditativo difere da do histérico. / Num caso, a distração é concentração; no outro, dispersão. O distraído normal se afasta de várias excitações porque se apresentam todas ao mesmo tempo. O histérico se concentra numa excitação porque não pode ordenar várias. A distração normal expressa a força da atividade sintética de adaptação, a capacidade de formar um plano oportuno e submeter a ele todas as potências do pensamento, do sentimento, do sentimento e da ação; a distração histérica expressa a miséria de um ser que chegou a ser incapaz de dominar as excitações recebidas e que sucumbe sob o número delas.

* Olavo refere-se a Mário Ferreira dos Santos, autor do texto no qual baseia seus comentários. (*) O texto completo constitui o apêndice da presente apostila.

Aulas de março de 1991.

AULA 44

Quando falamos de Casas, o procedimento é o mesmo que usamos quando falamos de planetas, ou seja, procedemos a uma redução fenomenológica de todo o material dado pela astrologia corrente, antiga e moderna. E fazer a pergunta “o que a Casa tal, Casa I, Casa II, Casa III significa?” para esses astrólogos não num ou noutro caso, mas necessariamente em todos os casos.

Se vocês abrirem os livros de astrologia, vocês verão que as significações atribuídas às casas são amplamente variáveis e que vários significados de cada casa são agrupados de maneira analógica. Por exemplo, diz-se que a primeira Casa corresponde anatomicamente à cabeça então, no plano social, representaria a projeção externa da individualidade. A segunda Casa representaria a boca e a garganta e, analogicamente, os bens e a grana que o sujeito tem; a terceira Casa, a respiração, os irmãos e os vizinhos, viagens curtas, etc.

São vários símbolos e cada grupo de símbolos está costurado por um intuito e este, permanecendo invisível, é o elo que os mantém juntos. Então você tem um monte de analogias, mas você não tem a razão das analogias, o logos analogandi, a razão de por que as analogias são análogas; ou seja, se existe uma analogia entre o pulmão, os irmãos e as viagens curtas, então no que reside esta analogia?

É preciso transformar essa linguagem simbólica e analógica num correspondente doutrinal. Afinal de contas, tudo que simboliza, simboliza alguma coisa. E mesmo que apelássemos para a idéia de que o símbolo é uma linguagem inesgotável, que não pode ser traduzido literalmente em afirmações explícitas, mesmo que admitíssimos isto (que é altamente duvidoso), nós teríamos também que admitir que a afimação explícita que nós encontrássemos, mesmo não esgotando o significado do símbolo, tem algo a ver com ele. Então se nós disséssemos, por exemplo, "interprete o que é cruz no cristianismo", o simbolista responderá: "o significado do símbolo da cruz, como todos os outros símbolos, é inesgotável, não pode ser reduzido a nenhuma afirmação explícita. "Porém, nós podemos dizer: "com essa cruz você pretende dizer que houve um fato histórico, que dia tal, a tantas horas, uma pessoa, Fulano de Tal, nascido em tal data, e efetivamente existente na história foi crucificado. "Mesmo que isto não esgote o sentido do símbolo, é um dos sentidos; ele não poderia ser excluído. Poderíamos dizer também: "com isso você quer dizer que os pecados que o sujeito faz vão se acumulando e acabam formando sobre ele um peso como o da cruz que Cristo carregou montanha acima? É isto o que você quer dizer?" Ele dirá: "não é somente isto". Não é somente isto, mas podemos excluir isto? De jeito nenhum. De maneira que podemos encontrar para cada símbolo pelo menos uma interpretação que é necessária, embora não esgote o assunto. Nenhuma interpretação de símbolo é suficiente, mas reconhecemos que tem que haver algumas que são necessárias e pode haver uma série de outras que são necessárias. Basta termos uma dessas interpretações necessárias e já podemos trabalhar com elas.

Então, as casas astrológicas, cada uma delas também não é nem um símbolo, mas um complexo simbólico; e desse complexo simbólico podemos encontrar pelo menos uma interpretação necessária, ou seja, ela não pode ser excluída de jeito nenhum porque ela está subentendida em todas as interpretações que você lê.

P.: Qual a necessidade técnica de ter as casas, já que elas são doze e estão relacionadas com os signos e não se trabalhar diretamente com os signos?

Nenhuma. Nós poderíamos também perguntar por que a necessidade dos signos. A idéia de que os signos precedem as casas é completamente errônea. As direções do espaço contadas a partir da Terra são obviamente anteriores a qualquer divisão que você faça do céu em faixas. Para você dividir o céu em doze faixas é preciso que você já tenha a noção das 12 direções a contar da Terra. Portanto, a noção de casas é logicamente e cronologicamente anterior à noção de signo. Ademais, os signos, ou seja, as figuras mitológicas com que você preenche esses 12 espaços variam de civilização para civilização, mas as direções do espaço não variam. Então é fácil perceber que a noção de casas é muito mais primitiva, muito mais fundamental que a noção dos signos.

A noção básica de astrologia é o Sol e a Terra. Segunda noção: as direções no espaço são para nós demarcadas ou tornadas visíveis pelas posições do Sol. Quer dizer que os movimentos respectivos entre o Sol e a Terra demarcam para nós as direções neste céu concreto. Claro que as noções de direção o homem tem antes até dele saber que existe céu, senão ele não conseguiria ficar em pé, nem ir para a frente, nem ir para o lado. Então, a noção de direção é co-extensiva à capacidade humana do movimento. Porém, a partir de que momento o homem aplica essa noção das direções ao céu e demarca as direções distintas? Ele só pode fazer isso graças ao movimento do Sol, porque este é o movimento mais óbvio. Se ele não percebeu que existe o dia e a noite ainda, então não pode perceber mais nada.

A primeira divisão é uma parte que está em cima e outra parte que está em baixo. Acompanhando este movimento entre o Sol e a Terra, parece que existe uma curva, e como toda curva ela chega a um ponto máximo. Esse ponto máximo é onde você diz que é o que está em cima, e você supõe que deve haver um ponto máximo para baixo e assim por diante.

Como essas estrelas não estão permanentemente aí, mas aparecem e desaparecem e existe um deslocamento, é preciso que a noção de direções permaneça intacta. Ou seja, longe das direções serem demarcadas pelas posições das estrelas, ao contrário, elas é que são o conceito primário pelo qual se demarca a posição de estrelas e depois se diferenciam essas estrelas em constelações e figuras, etc. Parece

bastante óbvio. Vocês devem entender portanto que a noção básica de astrologia é: 1) Terra e Sol; 2) as direções do espaço; 3) a Lua; 4) os outros planetas.

Nem mesmo poderíamos entender o que se passa com a Lua, se já não tivéssemos as direções do espaço. Por quê? Porque a Lua aparece com várias caras diferentes. Como você vai saber que é a mesma coisa? Só se você acompanhar seu curso, só se você fizer um cronograma do que está acontecendo com ela. Para você fazer esse cronograma, você já precisa ter as direções do espaço.

Os signos vão aparecer no fim da história. E é por isto mesmo que, por exemplo, os significados do Sol e Lua são universais, nunca mudaram, embora não só os significados, mas as próprias figuras dos signos mudam de civilização para civilização. Quer dizer, entra aí um fortíssimo elemento histórico e cultural. Quer dizer que se o sujeito viu lá um dragão, na cultura dele existe dragão. Na China tem dragão, mas aqui não tem, então não temos o significado do dragão. Então, o que pode significar o signo do elefante onde não existe elefante? Ou do tigre onde não existem tigres? Dá para você perceber que os signos, como complexos simbólicos, não são dados da natureza, como o Sol e a Lua, as direções do espaço, a Terra, etc., a luz e as trevas; tudo isso são dados da natureza, são dados primários que marcam desde o início o confronto do homem com a natureza e que impactam o homem, formando para ele a moldura do quadro das aparências vivas, que vai ficar para ele como um quadro de referências eternas.

Os signos são elementos mitológicos. Sendo mitológicos, são de invenção humana, são produtos diferentes de culturas diferentes, são elaborados ao longo do tempo e já não podem ser tão básicos assim. É por isso que podemos trabalhar levando em conta somente as casas. Depois colocamos os signos. Hoje em dia aprendemos a coisa assim: primeiro nós aprendemos o círculo dos signos e, dentro do círculo dos signos, colocamos o Sol, a Lua, etc. Este é o nosso hábito técnico.

A ordem de elaboração das coisas não é sempre a ordem do seu conhecimento. Do mesmo modo, quando a gente conhece as pessoas, a gente conhece os seus caracteres; bom, supomos que são caracteres de pessoas existentes, portanto, adultas. Tendo visto esta manifestação do caráter, estudamos as suas raízes na biografia do sujeito e vamos do presente para o passado, mas ele viveu justamente no sentido contrário, ele veio do passado para o presente. Então a ordem do ser e a ordem do conhecer são inversas.

Com as doze Casas, o nosso procedimento é o mesmíssimo que fizemos com relação aos planetas, ou seja, examinamos essa vasta coleção de significados que os antigos e os modernos astrólogos atribuem a essas casas e perguntamos se existe alguma interpretação que é necessária, ou seja, que está sempre presente e sempre subentendida em todos os significados que eles dão.

Tomando uma por uma dessas significações, quando se fala em auto-imagem em astrocaracterologia, estamos nos referindo à auto-imagem física, isto é, aquilo que o sujeito enxerga quando ele olha no espelho ou aquilo que você conhece da sua aparência por um exame direto. Quando falamos em auto-imagem física, não precisamos pensar em termos de auto-imagem psicológica. São coisas completamente diferentes. Uma coisa é o que eu conheço de mim pelas minhas vivências internas. Por exemplo, eu sei quando tenho medo e sei quando desejo alguma coisa e não preciso olhar no espelho para saber disso. Porém, tem uma outra parte de mim que eu não conheço se não olhar no espelho. Suponha que alguém tivesse crescido até os sete, oito, dez anos sem nunca olhar no espelho. Ele conheceria os seus sentimentos, seus pensamentos, etc., e não teria uma idéia clara da sua imagem física. A partir do momento onde tivesse, teria consciência de que o instrumento com que comunica as suas emoções e o pensamento, etc., tem sua própria forma e imprime a esta comunicação uma diferença. Ou seja, a sua aparência física é um traço importantíssimo da sua personalidade porque: 1) é através desse perfil físico que você se comunica: e os outros só ficam sabendo de você o que eles vêem através dessa imagem física; 2) a sua figura física limita, implanta uma forma sobre a sua comunicação; por exemplo, o indivíduo sabe qual é a potência relativa da sua voz ou sua capacidade muscular, os gestos que pode fazer e o que não pode. Tudo isto tem uma importância tipológica formidável; isto faz parte da sua personalidade. Por exemplo, a absorção da imagem física é um requisito sine qua non da elegância. Se o indivíduo não tem idéia da sua aparência, como ele vai poder modelar os seus gestos para obter um efeito estudado? Isto não seria possível. Por outro lado, existem coisas a nosso respeito que não podemos saber olhando para um espelho ou por um exame direto, mas que nós só podemos saber por um confronto com as outras pessoas, pela reação delas tomamos conhecimento disto ou daquilo a nosso respeito. Um exemplo típico é se você está com sua

aparência física alterada, se você está pálido — se ninguém o avisasse, não o saberia.

Quer dizer que mesmo no plano físico pode haver coisas cuja informação só nos chega através do outro. E através desse outro nos chegam informações não só diretas, isto é, relativas à comparação entre nós e o nosso interlocutor, porém que emanam da comparação que o nosso interlocutor estabelece entre nós e outras pessoas que talvez desconheçamos.

Se não tivéssemos essas informações, o circuito do que nós sabemos sobre nós mesmos seria muito estreito, de maneira que a informação que vem do outro é tão importante para a composição da nossa auto-imagem quanto o exame direto. E aí está a dialética da Casa I e Casa VII.

Existe o horóscopo de uma idéia que surgiu na cabeça de um sujeito num certo momento e lugar, existe o horóscopo de uma nação que foi fundada naquele momento e lugar, existe o horóscopo daquele indivíduo que nasceu naquele momento e lugar. Portanto, o ponto de articulação do acontecimento com o espaço-tempo leva em conta sempre este fato de ordem individual. O conceito básico do horóscopo é este, o indivíduo. É claro que sendo central neste indivíduo, o horóscopo só pode se referir ao ponto de vista dele, não ao ponto de vista dos demais. Ou seja, os demais sempre aparecerão aí encaixados dentro da tela, como o sujeito a vê. Quando se diz que a Casa VII é o parceiro, não é o parceiro considerado material e independentemente deste indivíduo, mas tão só em suas relações com este, as quais certamente não abarcam este parceiro na sua totalidade. Isto aqui também está subentendido, mas acontece que a astrologia surgiu e se desenvolveu ao longo do tempo sempre com uma linguagem simbólica aparentemente material. Esta linguagem simbólica leva a muitas confusões, mas por um lado ela facilita o trabalho do astrólogo, porque a linguagem simbólica, por sua própria natureza, é sintética. Ela junta um monte de significações numa única palavra e permite que um indivíduo flutue entre essas várias significações, sem necessidade de precisá-las. Se tivesse que precisar, daria muito mais trabalho. Por outro lado, sabemos que o pensamento analógico é mais ou menos automático. Ele se faz na memória e na imaginação, sem nenhuma interferência nossa. A analogia vem sozinha por uma semelhança externa das formas, não é conhecimento ainda. A astrologia pegou a linguagem simbólica analógica porque era o que ela podia fazer. Também porque todo e qualquer conhecimento começa no nóvel analógico puramente simbólico. E não é possível saltar direto das percepções neste sentido para o pensamento abstrato. Não existe consciência de coisas, apenas de imagens de coisas. A imaginação é sempre a mediadora. Aristóteles já o dizia e cada vez mais isso se confirma. Portanto, todo e qualquer conhecimento começa a se elaborar ao nível das meras analogias. As hipóteses se formam por meras analogias, depois entra um raciocínio crítico que vai cortar muito desse analogismo, mostrar que muitas delas são falsas, descabíveis e no fim ficará com uma só.

A astrologia, tendo permanecido num estado primitivo em todos esses séculos, continuou usando uma linguagem simbólica. Se vocês procurarem tratados de medicina escritos no tempo dos antigos gregos e egípcios, verão que eles usam uma linguagem simbólica porque não tinham outra. Uma linguagem conceptual desenvolvida não é feita do zero, ela não é inventada. A linguagem conceptual é depurada a partir da linguagem simbólica. Isto é sempre e uniformemente assim. Onde não temos um conhecimento simbólico fantástico, jamais teremos o conhecimento racional científico mais tarde. Isto é absolutamente impossível.

A imaginação, a arte, precedem às vezes de séculos ou milênios a elaboração racional. Por outro lado, é da própria natureza das coisas que o conhecimento simbólico, uma vez aparecido, tenda a se depurar ao longo do tempo, ou seja, ninguém faz um milhão de hipóteses sem o intuito de conferi-las.

O homem chega à verdade por meio do aparente e em parte por meio do falso mas é um falso onde transparece algo do verdadeiro; um fingimento, uma falsidade na qual vamos aos poucos discernindo as partes da verdade. Esse é o trabalho da imaginação, ela faz um fingimento através do qual transparece a verdade. A arte faz o mesmo, você vai ao teatro e vê no palco uma história inventada, fantástica, irreal, na qual transparece obscuramente algo do ser humano, algo do destino, do ser, de Deus, da eternidade, ou seja, de coisas que seriam difíceis de captar conceptualmente logo de cara.

O conceito se forma a partir da imagem. Sem imagem, só com experiência direta dos sentidos, não adianta. Isto quer dizer que o homem que se aventurou, que teve a ousadia de buscar a formação científica sem ter

estudado muita arte, muito simbolismo, nunca vai entender o que é ciência.

Entre a experiência vivida em toda sua plasticidade, sua variedade e o formalismo final do pensamento científico, existe um hiato que só pode ser preenchido pelo trabalho da imaginação e esse trabalho da imaginação se faz em grande parte com dados na língua. Se o sujeito não domina a língua, ele pode continuar certos raciocínios científicos em linhas já predeterminadas que recebeu do exterior, prontas, e continua pensando certinho por aquele canal, mas raciocinar a respeito da realidade, ou seja, fazer ciência, não conseguirá. Isto é o mesmo que querer que vaca dê leite condensado. Entre a vaca e o leite condensado existe um período intermediário que é o leite líquido.

A ordem é aquela do velho dito de Aristóteles: percepção sensível, imaginação, pensamento. Não se pode pular isto. Podemos ver que um artista talvez não necessite de grande formação lógica, científica, matemática, etc. Ele precisa perceber para onde está indo, mas dá para quebrar o galho sem isso durante algum tempo. Mas o homem de ciência, sobretudo o filósofo, não pode passar sem arte simbólica ou religiosa de jeito nenhum.

Isto quer dizer que todos os conhecimentos que o homem tem passaram por esse estágio simbólico imaginativo algum dia. Em algum ponto remoto da história todos foram mito, lenda, símbolo, fantasia que expressa não o atraso da mente humana, mas o esforço para poder chegar a algum lugar. À medida que uma ciência progride, o resíduo de simbolismo está cada vez mais diminuído e se torna um conhecimento mais puramente conceptual, mas isto não brota em árvores e sobretudo o conhecimento do homem conceptual não pode ser tirado do nada. Tem que ser tirado do mundo das imagens mesmo. A idéia de contrapor pensamento simbólico e pensamento racional como se fossem dois tipos e não duas etapas é o mesmo que comparar o que é superior: a infância ou a adolescência?

A astrologia permaneceu nesse estado simbólico até agora, mas ela tem que sair disto algum dia, não completamente. A astrocaracterologia procura alterar essa transição de um pensamento simbólico para um pensamento conceptual, mas é evidente que não consegue realizar isso completamente. Em grande parte continuamos nos apoiando em símbolos, analogias, etc., das quais não podemos nos livrar pelo momento. Isso também quer dizer que as caracterologias, em grande parte, terão que se apoiar em elementos que só têm fundamento analógico.

Em outros casos entendemos que a analogia vinculada pelo astrólogo transmite mais do que uma analogia. Por exemplo, a analogia do Sol com a inteligência intuitiva eu pretendo já ter demonstrado que isto não é uma analogia, mas um vínculo frontal: demonstrado não que o Sol seja a causa eficiente da inteligência, mas uma causa instrumental da intuição sensível do mundo exterior. Suprima-se o Sol e o homem, com toda sua capacidade intuitiva, não terá intuição sensível do mundo exterior. Portanto, não se trata de vínculo analógico. Assim como dizer: a arma do crime não tem um vínculo analógico com o crime, apenas é um instrumento realmente usado; a arma não é análoga ao crime, faz parte do crime, está dentro da cadeia de causas. Então não basta o homem ser dotado de capacidade da visão para ele poder ter a intuição sensível do mundo exterior, é necessário que haja luz e luz natural. Naquele tempo não existia Eletropaulo e a única fonte de luz natural que temos é o Sol. Isto quer dizer que a intuição sensível do mundo exterior seria inconcebível sem o Sol. Basta isto para você entender que não é uma coincidência que está aí o Sol, não é por uma coincidência que o olhar humano tem esta forma de atuação do Sol e a forma do nosso olhar tem um vínculo que é algo mais que analógico, não é só uma curiosa coincidência. Ou seja, este olho é particularmente apto a enxergar sob a luz deste Sol, assim como este sol é particularmente apto a iluminar esta Terra numa certa proporção, com uma certa intensidade compatível com o nosso olhar. É absolutamente impossível que estas coisas aconteçam sem nenhum vínculo causal, ou seja, que a forma do olho humano tenha se desenvolvido ao longo da evolução animal sem levar em consideração o Sol.

A ligação que nós fazemos do Sol com a inteligência intuitiva não é analógica. Neste ponto, quando chegamos aí, abolimos a analogia e a trocamos por algo mais simples e melhor. Aí passamos da linguagem analógica à linguagem conceptual. Melhorou. Porém, não é em tudo ainda é possível fazer isso. Apenas concebemos a possibilidade de que outras analogias astrológicas possam ocultar dentro delas relações causais deste tipo, ainda não elucidadas porque essa é particularmente evidente; mas outras vezes não são tão evidentes assim.

Se exigirmos uma transição total da linguagem conceptual/racional, isto não vai andar nunca. É o mesmo

que dizer “vamos operar uma passagem que vai da física dos estóicos para Newton sem torre intermediária.” Toda essa passagem é feita através de luzes e sombras, quer dizer, de um jogo onde se misturam um pouco do raciocínio simbólico analógico com o raciocínio conceptual, onde logicamente temos que ir forçando para o lado conceptual. Porém, quando as pessoas de mentalidade dita científica querem estudar astrologia, elas querem operar essa passagem de maneira mágica. Isto é simplesmente impossível. Nós deixamos escapar a astrologia mesma quando tentamos fazer uma coisa destas.

O primeiro trabalho não é verificar estatisticamente se alguma coisa é verdade, mas justamente o contrário, antes de partir para a verificação estatística, explicitar o corpo de hipóteses, ou seja, por baixo de todas essas afirmações fantásticas qual é a afirmação explícita que estão fazendo? Esse é o primeiro trabalho e isso nunca foi feito. Como nós estamos tentando fazer, é lógico que não podemos fazê-lo todo de uma vez e tem pontos onde simplesmente não conseguimos interpretar redutivamente esta linguagem analógica, ou seja, não conseguimos reduzir um conjunto de analogias a um conceito, a um juízo explícito. Então, conservamos a analogia até segunda ordem. No caso, por exemplo, desse sistema das casas, eu não acredito que tenha chegado aqui a uma explicitação tão firme como no caso dos planetas, mas já dá para caminhar um pouco.

Tentaremos compreender o quê antes do por quê. Eu não estou seguro de ter compreendido este o quê. Eu acho que é isto: tendo verificado (em diversos livros — centenas) as significações do que são as várias casas, me parece que essas significações que eu dei as resumem perfeitamente ou, pelo menos, não podem ser negadas. Nenhum astrólogo pode dizer que a Casa II não é o que dissemos. Pode, sim, dizer que “não é só isto.” Concordo que não é só isto, mas é também isto. Ou seja, estas significações têm de estar presentes de qualquer maneira, mas que têm outras que podem ser suprimidas sem grave prejuízo. E o que importa não são as palavras pelas quais as designo, mas os conceitos que delas dou.

A Casa II é o conhecimento que o indivíduo tem do real no sentido material, o mundo das coisas, o mundo acessível aos nossos cinco sentidos. Ou seja, o mundo das formas, cores, pesos, tamanhos, etc. Aquilo tudo que a intuição do homem pode captar por uma mera repetição dos dados.

A Casa VIII ainda é o conhecimento do mundo das coisas do mundo físico que nos rodeia, porém implicando algo mais que o mundo dos cinco sentidos. Em tudo que captamos no mundo físico, por um lado a nossa intuição se limita a colher os dados dos sentidos e dar-nos imediatamente uma forma, porém, se só soubéssemos isto do mundo físico, saberíamos quase nada, ou seja, só teríamos conhecimento no presente daquilo que só pode ser captado intuitivamente agora. Toda e qualquer captação do mundo físico implica um certo conhecimento ou uma retenção do passado e de uma espécie de projeção do futuro, ou seja, se eu, caminhando, vejo um cachorro deitado, posso captar pelos cinco sentidos a forma, o tamanho, a cor do cachorro e perceber que está deitado, porém isto não me dá nenhum elemento para saber se devo ter medo dele ou não.

...

No entanto, por uma rapidíssima interpretação de pequenos sinais dados pelo cachorro (interpretação esta que pode ser certa ou errada), ou eu fico com medo do cachorro ou não. Ou seja, a tudo aquilo que captamos do mundo exterior acrescentamos algo que pode ser verdadeiro ou falso. Isso que acrescentamos é o conjunto das expectativas que somamos aos objetos que percebemos pelos cinco sentidos. Nunca percebemos nada pelos cinco sentidos sem expectativa alguma, e nunca temos expectativa nenhuma com relação a coisas sem ser com base no que percebemos com os cinco sentidos. Uma coisa é você perceber os entes físicos que o rodeiam como meros dados e outra coisa é percebê-los como ocasiões de suas ações. O fato de eu perceber um cavalo é diferente de eu perceber que posso montá-lo. Olhar o cavalo apenas como uma forma física que está dentro de mim é uma coisa; percebê-lo como utensílio eventual ou como um ser que pode reagir positiva ou negativamente às minhas ações é outra coisa completamente diferente. Os cinco sentidos, no ato da percepção, não esgotam isso. É preciso uma retenção de um passado, toda uma comparação imediata com uma experiência anterior e uma projeção de possibilidades futuras. Isto é o que eu chamo de percepção do potencial. De certa forma, tem uma semelhança com a expressão de conjectura que vimos anteriormente.

Isto existe porque o homem não é um mero conhecedor passivo das coisas. Se ele fosse somente um par de olhos e um par de ouvidos abertos para o mundo, então ele teria só a Casa II, mas acontece que ele também

age continuamente. Os seres que o rodeiam não são só objetos de conhecimento, mas são objetos de ação e, portanto, de reação também. Por exemplo, uma das primeiras coisas que o bebê discerne pelos cinco sentidos é a figura da sua mãe, e ele não a percebe como mero objeto de conhecimento, mas como alguém que age sobre ele e sobre o qual ele também age. Desde o início, este conhecimento perceptivo e a ação já estão muito interligados, embora eles sejam distintos.

O pensamento e a linguagem sempre surgem a partir de uma ação e não só de uma contemplação. Não basta existirem um sujeito e um objeto, é preciso existir um intuito de ação e é este intuito que estabelece o vínculo de signo ao seu significado. Ou seja, todo signo tem seu significado em determinada situação por causa de um intuito que o indivíduo humano tem com relação a este objeto. Portanto, esta idéia de eu e de outro, de real e de potencial, tudo isto é uma condição lógica preliminar ao surgimento da linguagem, do pensamento.

É claro que não podemos fixar uma data ou um momento preciso onde o indivíduo passa de uma atividade puramente de intuição sensível para o pensamento; o limite é muito fluido no caso. Porém, uma vez estabelecido o pensamento, ele caminha para proceder através de um encadeamento que não é infinito, ou seja, o pensamento visa formar um juízo. Juízo é uma sentença na qual você acredita. Para chegar a um juízo, você pode fazer muitos encadeamentos nos quais você não acredita, e que são apenas um trajeto que você usa como quem usa uma escada para chegar a um ponto, mas depois que subiu a escada, passa a andar no plano. Então, o pensamento se encaminha, tende para o juízo, que é a finalidade e é o fim do pensamento. O juízo, uma vez atingido, só pode reafirmar a si mesmo. Por exemplo, se fazemos uma série enorme de cálculos para saber quanto é 2+2=4, só podemos reafirmar isso.

Claro que podemos conferir, ou seja, colocamos o juízo em dúvida, mas na hora em que fazemos isso, já não é mais juízo, ele voltou a ser pensamento, voltou a ser raciocínio. O juízo é um fundamento da ação. O juízo, para o pensamento, por sua vez, pode servir de fundamento a outros pensamentos, ou seja, a partir das coisas em que você acredita, sabe ou julga saber, você raciocina sobre outras. Sem voltar a questionar aquele juízo a todo momento, estamos pensando uma série de coisas, porém, tudo em que pensamos atualmente, nesse momento, se baseia numa série de juízos que já estão prontos. Por exemplo, agora vocês estão tentando acompanhar minha aula, naturalmente estão pensando, porém estão baseados no juízo de que vou dar aula ou de que isto é uma aula. E se eu dissesse que não é uma aula e, sim, um baile carnavalesco? Todos ficariam espantados. Ou seja, só existe um pensamento à custa de um juízo anterior, o juízo pára uma determinada linha de pensamento, e permite que se inaugure outra.

Se o juízo for submetido à contestação e voltar a ser objeto de raciocínio, então, por sua vez, tem que se basear em outro juízo e assim por diante. Então, a cada momento podemos discernir no indivíduo o que ele está pensando, quais são os seus juízos, ou seja, aquilo que ele não está pensando, aquilo que ele não pensa mais: aquilo em que ele acredita, sabe ou pensa saber são os pressupostos apenas quando são juízos que o sujeito não sabe que tem; são juízos muito remotos, feitos muito antigamente e como ele nunca mais questionou, ele nem se lembra mais daquilo. Essa é a diferença entre premissa e pressuposto. Todo juízo é uma premissa de outro pensamento. Porém, há premissas que, além de serem premissas, são pressupostos, isto é, são premissas que você já esqueceu, mas continua utilizando; são premissas implícitas, não explícitas ou às vezes nem mesmo explicitáveis. Por exemplo, cada um aqui está seguro de que é filho de seus pais. Isso é um pressuposto. Vocês nunca se lembram dessa premissa e, no entanto, sempre que vocês pensam e agem é com base nisso, não precisa explicitá-la.

A Casa IV é novamente uma auto-imagem, porém não externa, não é uma auto- imagem obtida pelos sentidos externos e sim pelos internos; não é propriamente imagem, pois imagem nós temos de uma coisa estática, ao passo que esta auto-imagem a que se refere a Casa IV é um autoconhecimento de tipo dinâmico, feito de tensões, repuxos, tendências que eu sinto em mim num momento determinado, ou seja, a cada momento eu sei que desejo alguma coisa que temo, alguma coisa que tenho tal ou qual esperança, ou temor voltado para o futuro e tenho também uma espécie de medida da minha felicidade ou infelicidade; sei se estou triste ou alegre. Seria o conhecimento que o indivíduo tem do seu estado momentâneo, do seu estado interno momentâneo composto fundamentalmente de desejos e temores e em termos lógicos, valores.

O indivíduo pode estar perfeitamente consciente do seu estado interno, sem ter a menor idéia de se isto se

traduz ou não na sua expressão. Assim, num momento você pode estar com medo e não perceber se este temor está perceptível na sua face ou não. A auto-imagem da Casa IV é diferente da Casa I. A Casa oposta é a Casa X, que é o conjunto dos papéis sociais efetivamente ocupado pelo indivíduo em um determinado instante da sua vida.

A idéia de que existe, de um lado, o indivíduo interno inefável, impuro e, do outro lado, papéis sociais que ele veste e desveste como roupa é um enfoque mecânico que não tem nada a ver com a realidade. Entre a nossa intimidade e nossos papéis sociais existe uma relação como se fossem as duas faces de uma mesma moeda, absolutamente inseparáveis. Podem ser distintos, mas não separados, ou seja, uma distinção real-mental. São coisas que de fato são distintas, mas nunca se dão separadamente. Podem ser concebidas separadas, mas não podem ser separadas de fato. Agora, se concebemos separadamente e esquecemos a união real, caímos num abstratismo e acreditamos nesta pureza interior totalmente desvinculada dos papéis sociais. Esta imagem romântica de que o eu do indivíduo é uma coisa pura, separada da sociedade, é que leva a situações grotescas, a ponto de o sujeito dançar rock e pensar que o que faz é a expressão mais pura do seu íntimo, nada tem a ver com as pressões sociais, com a mecanicidade da sociedade que o cerca. Por outro lado, ele trabalhar, procurar uma escola é uma imposição da mecânica social que contraria o seu eu. Mas, este sujeito toma conhecimento do rock através da sociedade, por promoções, outdoors, bailes.

Através do rock é a sociedade mesma que está comunicando com você tanto quanto através do seu emprego. Na hora em que você dança, está agindo socialmente, tanto quanto quando trabalha. A intimidade e a socialidade do ser humano não são separadas de jeito nenhum.

A idéia de que nós temos um eu perfeitamente separado dos papéis sociais leva àquela pergunta de quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha. Existe um eu puro e soberano, transcendente ou nós somos apenas uma coleção de discursos que provêm de nossos papéis sociais?

Essa é uma das discussões centrais na psicologia e antropologia do século XX. E, no entanto, esta discussão toda é bobagem. O homem tem o eu livre e soberano porque ele tem papéis sociais. Uma pedra, por exemplo, não tem papel social. Ter um eu significa ser capaz de ter papéis sociais e vice-versa. Se o sujeito ficar completamente esquizofrênico, quer dizer, o eu dele se fragmentou em mil pedaços, não se consegue mais acertar o eu dele. Que papel social tem esse indivíduo? Ele só tem papel social passivo, ele tem meio papel social. Ele é socialmente deficiente. A noção do eu e a noção do papel social são co-extensivas à liberdade interna dos nossos pensamentos, à consciência. Nós temos essa liberdade porque a consciência é dotada de papéis sociais. Essa discussão é descabível.

A grande maioria das discussões filosóficas são equívocos de palavras. Essa dificuldade de se raciocinar quando existe uma mutualidade entre dois fenômenos e a necessidade de se estabelecer uma hierarquia de causa e efeito onde você tem uma identidade, uma distinção de modos, é uma confusão lógica que uma verdadeira formação filosófica jamais fará. Dentro da psicanálise, por exemplo, depois que se verifica que os traumas de infância assumem um papel tão importante na formação da consciência individual adulta, então surgiu até mesmo o problema de se o eu consciente é autônomo em relação a esse famoso inconsciente. Quer dizer, quem pode mais é quem manda mais. O homem é consciente ou inconsciente, mas Freud não disse que essas coisas vão se formando juntas. Forma-se uma porque forma-se outra. Se o sujeito não tiver consciente nenhum, como formará o inconsciente? (Sic Jung) Há quem diga: o primado do consciente, o primado do inconsciente. Tudo isso são nomes e não coisas, distinções conceptuais, distinções de ponto-de-vista.

O conhecimento que o indivíduo tem do eu dele não o inclina a ocupar determinados papéis sociais, pois o eu já está determinado por esses papéis sociais. Por exemplo, o sujeito está triste porque lhe falta algo. Conceba este algo independentemente de qualquer papel social. Estou triste porque minha namorada me deixou, mas se ela não fosse minha namorada, como é que eu poderia ficar triste por isso? Ou se eu não a conhecesse, como é que qualquer coisa que ela fizesse poderia me entristecer? Cada sentimento, por íntimo que seja, já é definido por um papel social de imediato.

Mesmo a pessoa que se isola da sociedade, isola-se somente fisicamente. Psicologicamente, está vinculada até a medula, mais que os outros até, porque o filósofo solitário, o ermitão, pode justamente, em sua solidão, rememorar tudo o que sabe e chegar a uma visão quase completa daquele mundo que está vendo de mais longe. Aliás, ele jamais se afastaria, se não tivesse chegado a uma visão mais ou menos global da

sociedade onde está. Ele se afasta da sociedade em nome de valores que aprendeu com ela mesma. Como no caso daquele que se afasta de determinada sociedade por ver que nela não existe mais mora. O ermitão é a consciência da imperfeição da sociedade. Tanto que até hoje vejo a influência social imensa das falas de tantos ascetas. Essas pessoas mudam a história à custa de dela sair. Quer dizer, o homem nunca sai, é absolutamente impossível — ele pode se afastar fisicamente de uma determinada comunidade, mas nem mesmo desta comunidade em particular se afasta psicologicamente.

A idéia de se contrapor consciência individual, liberdade de consciência individual à opressão dos papéis sociais, é uma idéia inadequada, um erro lógico. Você tem essa liberdade porque tem papéis sociais e também porque concebe papéis sociais que podem ter tido ocasião de terem existido em outra sociedade, reais ou imaginárias, embora nesta não sejam possíveis.

A liberdade de consciência existe exatamente no instante em que pode existir o papel social. O papel social não limita a liberdade de consciência — ele a define. Por outro lado, não teria sentido existir papel social se a consciência não tivesse liberdade alguma porque o papel social é algo que se impões ao indivíduo, mas não fisicamente. Ela se põe em contato com a liberdade daquele indivíduo. Quando arrumo um emprego, passo a ter um novo papel social, cujos deveres e rotina próprias me impregnarão automaticamente, mas não fisicamente. É necessário que a ele me habitue e tanto posso não conseguir fazê-lo quanto não querer fazê-lo, do que se conclui que se trata de algo que não é traço físico. Não existe nenhum papel social que não conte com a liberdade do indivíduo e que não se defina precisamente por essa liberdade. Um mesmo papel social pode atrair a identificação de um determinado indivíduo e de outro, não, pode moldar a personalidade de um e de outro não. Se não houvesse liberdade de consciência, qualquer indivíduo colocado num determinado papel social se comportaria de determinado jeito. E nisto o Brasil é pródigo: teve uma infinidade de presidentes da república que não conseguiram introjetar tal papel. E enquanto o sujeito não está habituado a determinado papel social, não pode encarar com objetividade as questões de tal papel. Como seria o caso de eu estar dando aula e estar em dúvida se estou ou não convencido de minha posição. Se estou inseguro no meu papel, não posso pensar na matéria que estou lecionando. Por outro lado, sem esse papel social, como é que eu poderia lecionar? Não poderia fazê-lo antes que estivessem definidas as funções de professor e aluno.

O papel social é a ocasião para o exercício da minha liberdade. No mesmo sentido, ele limita essa liberdade, na medida em que ele é um papel e não outro. Na minha posição de professor, por exemplo, tendo uma tarefa determinada e recebendo remuneração para desempenhá-la, não posso esperar que, ficando calado e esperando que vocês falem, esteja tudo resolvido. O que significa que não estou plenamente livre e também que não é esta liberdade que quero. Se quero ser professor, quero a liberdade de ensinar, não a liberdade de que me ensinem. Claro que existem papéis sociais inadequados, papéis sociais que são estreitos, em função das possibilidades do indivíduo; existe tudo isto, porém também existe a consciência que é estreita em relação ao papel social que ela desempenha. A consciência do sujeito não é suficiente para abarcar e transcender o papel social, ele está sempre buscando a sua auto confirmação. Como no caso do sujeito que, após 20 anos de casado, ainda não se crê casado.

Quanto mais torpes e indiferenciados são os papéis sociais, menos o sujeito sabe o que se espera dele, o que se pode fazer, não sabe qual é o repertório de ações que são cabíveis no caso, mais conturbado é o seu mundo interno — o que descreve um dos principais problemas dos brasileiros. Ninguém sabe precisamente onde está na sociedade, as pessoas não têm consciência de classe social. O fato de você não ser capaz de introjetar que você pertence a uma determinada classe social é algo gravíssimo.

Somando tudo isto, tais coisas conferem ao indivíduo, a cada instante, a cada momento de sua vida, um campo de ações que ele considera possíveis para ele, ou seja, um conjunto de forças e capacidades que ele tem ou supõe ter em um determinado momento e que exclui outras tantas forças e capacidades.

Mesmo isto seria indefinível sem o papel social. Cada um de vocês está neste momento mais ou menos seguro de que pode entender esta aula. Não está seguro do que entendeu necessariamente, mas está seguro de que tem capacidade para tal. Mas e se eu mudasse de assunto, passasse a lecionar outra matéria completamente diferente, você poderia entender imediatamente que não teria recursos para entender aquilo? A avaliação que o sujeito faz do seu domínio é mutável de instante a instante. Ela só se aplica a uma circunstância dada, a uma cena já montada, a uma batalha que já está sendo travada naquele

momento. Ela poderá mudar, o homem que se sente capaz de fazer isto ou aquilo hoje, amanhã poderá se sentir incapaz de fazer exatamente a mesma coisa, porque ficou doente, porque está deprimido ou por qualquer outra coisa, porque esqueceu.

Casa (XI) Por outro lado, a avaliação de seu plano depende de um plano de vida, do que você quer ser quando crescer. Não apenas no sentido social externo, o que é evidente, porém no sentido da personalidade total que você pretende ter daqui a algum tempo. Isto não se aplica somente às crianças e aos adolescentes. Evidentemente, nós sempre temos um plano de vida a mais longo prazo, a mais curto prazo e cada ato nosso sempre se encaixa de maneira mais ou menos explícita num ponto aonde você pretende chegar e que implica, portanto, capacidade que você sabe que ainda não tem ou pelo menos não tem plenamente desenvolvidas; implica uma perspectiva de desenvolvimento de certas capacidades e eventualmente o desenvolvimento de outras que não interessa para aquele fim.

De outro lado, é claro que o plano de vida é a projeção daquilo que no momento você acha que é capaz, de maneira que um se define pelo outro e o outro pelo um. Como tenho alguma capacidade para desenho, suponho que amanhã ou depois poderei ser Pablo Picasso. É por comparação com os desenhos de Picasso que percebo que ainda não o sou e quanto me falta eventualmente para chegar lá. Avaliação essa que pode ser certa ou errada, não importando qual das alternativas se verifique. Desde que o horóscopo seja referido ao indivíduo, não interessa se essas coisas são reais ou não — interessa se é real para ele.

Finalmente, todos esses dados tomados produzem num indivíduo, a cada momento, um sentimento, uma avaliação de se sua vida funciona ou não funciona, de se está tendo lucro ou perda, como num balanço. Esse balanço leva em conta todas as possibilidades, todas as necessidades, todos os meios e conseqüências e no fim pronuncia uma sentença. É a isto que chamamos sistema. (casa VI) O que é o mesmo que o indivíduo considerar-se a si mesmo como sendo um microcosmo, um todo fechado, como se olhasse a planta de si mesmo, o diagrama de si mesmo.

(Casa XII) Por outro lado, por mais que ele possa se enxergar a si mesmo como o todo ou como o conjunto, ele sabe ao mesmo tempo que ele, sendo um todo, não é o todo, ou, sendo o todo, não é tudo. Existe alguma coisa que vai além dele, existem outros sistemas dentro dos quais ele está e cujo perfil, desenho, podem não ser visíveis desde o ponto de vista onde ele está. Por exemplo, cada um de nós sabe que é um membro da sociedade brasileira e que está de certo modo sujeito a sofrer os efeitos, as consequências das forças que estão em movimento na sociedade brasileira, cujo perfil, no entanto, freqüentemente nos escapa. Não sabemos delinear precisamente e no conjunto o que acontece nesta sociedade, mas sabemos que estamos dentro dela. Sabemos que uma decisão tomada por um banqueiro em Nova Iorque pode mudar nossa vida, mas não temos a menor idéia do que está se passando na cabeça dele nesse momento. Sabemos que estamos sujeitos a essas forças que desconhecemos, o que não quer dizer que sejam incognoscíveis e, sim, apenas que são desconhecidas no momento. Tão logo elas se tornem conhecidas, passam a fazer parte do meu universo, dados que existem dentro de mim.

Por assim dizer, passou-se da Casa XII para a Casa VI. Um exemplo mais banal que pode se dar é o seguinte: um garoto entra numa escola primária. Desde o primeiro dia que entra na escola, ele, como aluno e na posição de aluno, está sujeito ao regulamento, aos horários, às disciplinas, aos hábitos, aos costumes, aos valores de toda escola. Ele está sujeito a tudo isto, tanto quanto qualquer outro aluno e está sujeito a partir do momento em que lá entra. Porém, tendo acabado de entrar, ele ainda desconhece que valores são esses, que valores, que normas, disciplinas, são essas. Ele apenas sabe que está dentro de um mar que se agita para lá e para cá e pode conduzí-lo de um para outro lugar. Ele está consciente de que este algo que vem de fora e cujo limite ele desconhece, cujo perfil não enxerga, age sobre ele. Porém, à medida em que ele for conhecendo, por exemplo, os horários da escola, ele começa a se organizar em função desses horários e esses horários tornam-se seus hábitos. Esta passagem é do tipo Casa XII - Casa VI: ele foi engolido. Um outro exemplo: temos um barco com dois marinheiros, um deles está no leme. Estando ao leme, ele vê as ondas que se aproximam e trata de se desviar ou se aproveitar delas de alguma maneira. Porém, de onde vêm essa ondas? Vêm de correntes marítimas que começaram léguas adiante e que aquele marinheiro não enxerga de maneira alguma. Porém, no porão do barco está o outro marinheiro com um monte de mapas, bússola, etc., fazendo as contas para saber quais são as correntes marítimas que estão se formando não se sabe onde e que poderão amanhã estar chegando a seu barco, afetando-lhe o curso. E, na mesma medida em que ele está fazendo isto, ele está ocupado demais para estar ao leme. Quer dizer, um

está ocupado com o que diz a Casa VI e quer dizer o que ele pode enxergar, aquilo sobre o que ele tem o controle e onde ele pode delinear o limite da situação completa. O outro, não, está levando em conta fatores que vêm de fora, desde um âmbito ilimitado e que poderão amanhã ou depois estar afetando seu barco.

Resumindo:

1) Da mesma maneira como pegamos os planetas e deduzimos funções a partir de analogias, com as casas também consideramos certas estruturas. Da mesma forma como os planetas estão estruturados no universo, as funções cognitivas também estão dentro do homem. Imaginei que também teríamos uma correspondência assim: as horas que determinam as Casas têm uma semelhança.

2) Podemos entrar no estudo dessas analogias, dessas correspondências. Apenas, no caso dos planetas, como nós achamos um ponto de amarramento entre os dois sistemas colocados na analogia, a coisa foi muito mais fácil, mas aqui não existe este ponto de amarramento — não ainda, mas deve existir.

A teoria da tripla intuição é o elo entre o mundo do pensamento, da psique humana e o sistema planetário. Ou seja, enquanto fazemos analogia, estamos vendo apenas que dois sistemas, duas estruturas são parecidas, somente isto. Porém, com a teoria da tripla intuição, vimos que não se trata só de uma semelhança e sim que há um encaixe entre as duas. A analogia sempre tem um elemento de gratuidade, a analogia pode ser ou não ser. A analogia é uma síntese das semelhanças e das diferenças, a mistura das semelhanças com as diferenças. Porém, em geral, quando estamos raciocinando com uso da analogia, não dá para saber, para dizer precisamente onde termina a diferença, onde começa a semelhança, ficando sempre algo vago. Quando estabelecemos um elo causal, um elo de identidade, real, aí a coisa melhorou muito. Se acharmos esses elos todos com relação a todos os elementos da astrologia, então quer dizer que convertemos o simbolismo astrológico numa teoria explícita sobre a natureza do homem, o lugar do homem no Cosmos, o funcionamento da psique humana.

Eu acho que esta transformação é preliminar às investigações de se a astrologia funciona ou não. Para você saber se uma coisa funciona ou não, é preciso primeiro saber o que esta coisa é. O fato é que a astrologia ainda é mistério. O problema não é saber a respeito de sua funcionalidade ou não — o problema mesmo, "o que é a astrologia?" é que não entendemos. Por exemplo, nem sempre sabemos se quando um astrólogo diz que tal planeta influencia tal coisa, ele está querendo falar de uma relação causal efetiva, de uma mera coincidência de eventos no tempo, de uma analogia, de uma metáfora, de uma imagem poética.

Não se pode fazer síntese qualquer coletando curiosas coincidências e verificando se são verdadeiras ou não. Uma ciência tem que ter uma hipótese estruturada, uma hipótese que seja em si mesma compreensível e seja racional, independentemente de ser verdadeira ou falsa. Estamos construindo o corpo da hipótese astrológica, que é uma hipótese monstro. É um conjunto imenso de hipóteses para saber se a astrologia é verdadeira ou não: é preciso explicitar esse conjunto de hipóteses depois investigar para saber se é verdadeiro ou não, porque cada uma das hipóteses parciais só adquire sentido dentro dessa hipótese global.

A pergunta é a seguinte: "existem símbolos naturais?" Essa é a pergunta decisiva da astrologia. Porém, qual é a ciência que estuda símbolos naturais? A antropologia, simbologia, simbólica, estudo das religiões, estudam símbolos históricos, culturais. E a física e a biologia estudam os seres naturais, não simbólicos: os fatos naturais não do ponto de vista simbólico. Digo então que a única pergunta que interessa para a astrologia é se existem símbolos naturais e afirmo que não há quem responda a essa pergunta. Existe as ciências naturais e as ciências culturais, mas isto foi inventado por Dilthey no século passado e tal coisa continuou como um dogma. Do que derivou a distinção entre ciências exatas e ciências humanas. Porém, pergunto: há alguma ciência humana exata? Alguma ciência exata humana? Se não existir, não tem como a astrologia existir, porque ela lida justamente com esse ponto de encaixe. Nenhuma ciência atualmente existente pode dar conta do problema astrológico. Portanto, antes de qualquer ciência se meter no ramo, é preciso um exame preliminar de ordem filosófica e metodológica para tornar esse assunto passível de estudo científico. Ele não é ainda. É como querer digerir antes de comer. Depois de tudo isso dito, a coisa fica óbvia. No entanto, os astrólogos não percebem que não existe ainda esta ciência humana exata...

AULA 45

Não esperem que todos esses elementos da astrologia possam ser explicados e fundamentados como nós fizemos com os planetas. Isto não vai ser possível ainda, vai requerer muito tempo. Uma parte nós vamos ter que engolir do jeito que a astrologia desenvolveu isto ao longo dos séculos. Isto quer dizer que estas partes, que são recebidas tais e quais da tradição astrológica, não são endossadas. Nós não estamos apenas dizendo que é isso que a astrologia quis dizer. Na medida em que vamos montando esta tradução da astrologia em termos conceptuais (ora com mais, ora com menos sucesso) nós estamos montando o corpo de uma hipótese, mas não ainda o corpo de um saber científico final. Mas para saber se tudo isto tem fundamento ou não, primeiro é preciso explicitar o quê está sendo dito, ou seja, nós não podemos aceitar a linguagem simbólica, temos que traduzir numa linguagem de conceitos e dizer, por exemplo: tal casa corresponde, no intuito dos astrólogos, a tal coisa.

Para conseguir isto é necessário que, primeiro, fixemos o plano do qual estamos falando. É evidente que, cada Casa, sendo um complexo de símbolos que pode se aplicar a muitos planos, nos impele a cair nas significações indistintas, impossíveis de fixar. Então, nós estamos fixando um nível, um plano — e este plano, para nós, chama-se caráter.

Com relação ao caráter, a Casa I, o que quer dizer? Ela quer dizer precisamente isto aqui: a auto-imagem. Então, não nos interessa o que a Casa I quer dizer em outros planos, por exemplo: se você aplicar o zodíaco à sociedade humana, o que ela representaria na dita astrologia mundial? ou em termos de trânsitos planetários, o que ela quer dizer? Tudo isso não interessa para nós. Cortamos tudo isso e determinamos, delimitamos artificialmente (deliberadamente) um certo plano, que é o do caráter humano. Definimos este caráter e estamos vendo quais os conceitos astrológicos que poderiam corresponder a conceitos caracterológicos sem prejulgar se no fim tudo isso se revelará verdadeiro ou falso.

Uma vez delineada esta hipótese, que é bastante comprida, que é um sistema, é toda uma teoria, em seguida surgirá o problema dos métodos de verificação e depois, mais tarde, a verificação. O que não tem sentido é proceder à verificação sem ter ainda o "de quê", a verificação de fatos isolados, ou seja: a ciência não se destina a verificar fatos, mas teorias.

O que nós estamos fazendo é compor a teoria. Dessa teoria que nós estamos compondo, algumas partes se revelam para nós filosoficamente verdadeiras, ou seja, são dotadas de uma exigência lógica e isto se torna evidente para vocês no curso das aulas. Agora, esta validade filosófica não tem nada a ver com a validade científica. A validade filosófica se esgota num nível puramente conceitual. Quer dizer que, dados tais ou quais conceitos, então tais ou quais decorrências são necessárias, ainda que isto não corresponda a nenhum fato na ordem física. Toda veracidade que nós pudemos constatar até agora é de ordem puramente filosófica; se tudo isso depois será validade no nível do fato, isto é, poderá se encontrar uma correspondência estatisticamente significativa no nível dos fatos, isto é coisa que veremos depois.

A dificuldade para fixar a significação das casas vem de duas coisas: primeiro, a variedade de planos que se aplica a este esquema das casas e, em segundo lugar, de uma espécie de concretismo, quero dizer, os astrólogos ficam presos a significações mais materiais, mais individuais, concretas e não alcançam o nível da abstração suficiente para delimitar tudo aquilo com um conceito único que abarque tudo.

Bem, faltou dizer o que são as casas. O que elas representam? Qual o conceito psicológico que corresponde às casas? O que corresponde aos planetas seria as faculdades; mas o que corresponde às casas?

— Seria o campo de ação do indivíduo? Motivação?

Se nós temos de um lado seis faculdades, o conceito correspondente poderia ser motivos de ações? Nós não estamos falando de ação e sim de cognição. Se mais tarde vamos falar em motivações, ações e etc., tudo isto tem de ser indireto, não é daí que nós podemos partir. Se temos seis faculdades e queremos mostrar como é que elas funcionam nós não temos que falar em termos de motivações; porque motivações não motivam faculdades, motivam ações. O que age não é uma faculdade; o que age é o sujeito inteiro. Para poder chegar a falar de uma motivação você já precisaria ter a síntese de tudo isto, a operação de todas as faculdades para, daí, você falar em termos de valores, de motivações. Daí você já sai deste plano que nós estamos falando (que é o plano da estrutura interna cognitiva do sujeito) e entra num outro plano

mais sociológico.

Uma caracterologia que descrevesse o indivíduo em termos das motivações dos seus atos já não estaria falando mais desta estrutura cognitiva interna, mas estaria partindo dela. Motivações nada tem a ver com estrutura cognitiva. Estrutura cognitiva é uma e uma só em todos os seres humanos. Se houver diferenças cognitivas não podem ser diferenças de motivações, porque as motivações não existem para esta ou aquela faculdade, mas existem para o indivíduo. Se, por exemplo, eu tenho raiva de uma pessoa e decido empreender uma ação qualquer contra ela, eu não posso fazer isso com uma faculdade cognitiva só, é preciso todas. Quem tem raiva não é o sentimento, não é a vontade, não é a inteligência: é eu. Portanto, uma psicologia da motivação tem de partir de uma estrutura cognitiva completa. Mais tarde nós vamos falar disso.

Por ora, vamos dizer que estas casas são as direções da atenção. É evidente que a atenção não tem nenhum correspondente planetário, não existe o planeta da atenção. A atenção é um fator que está subentendido em todas as funções. A vontade não pode funcionar sem a atenção, inteligência também não; nada pode funcionar se o sujeito não presta atenção. A atenção não é uma faculdade cognitiva em particular. Por que não? Lembre-se do grupo de aulas passadas. Existe um planeta da consciência? A atenção é um ato de consciência e a desatenção é uma privação de consciência. Então, isto é uma síntese, é um ato de síntese. A atenção não é nem um estado e muito menos é uma faculdade, mas ela é uma síntese de várias faculdades, de vários estados numa certa direção. Portanto, isto aí não pode ter nenhum correspondente astrológico concreto e não pode corresponder a um planeta, se bem que alguns astrólogos digam isto: o Sol é a consciência, a Lua é a inconsciência, e a Lua Nova seria a inconsciência da inconsciência. Isto aí é uma materialização, uma hipostatização, e se transforma numa pessoa, num personagem algo que na realidade é um conceito abstrato que expressa uma ação de todo um indivíduo.

Como nós podemos definir a atenção? Nós vimos que a consciência é uma compreensão de vários estados num instante só. Estes estados aparecem articulados uns aos outros: os estados passados aparecem articulados aos estados presentes com vista no futuro, podendo ser mais próximo ou mais remoto. Isto, em geral, é a consciência. A atenção é um conceito muito mais particularizado. Mas qual é a diferença entre esse conceito de consciência e de atenção? Claro que sem consciência você não tem atenção.

— A atenção não seria um conceito mais particular da consciência?

Particular — esta é a chave do negócio. Toda atenção é particular. A consciência é a articulação de vários estados e a atenção é assim: em torno de quê, a propósito de quê. A atenção seria o motivo da consciência; quer dizer que nós temos a consciência de alguma coisa em função da atenção que prestamos a algo. A noção de atenção está intimamente vinculada à noção de direção. A atenção a uma coisa sempre exclui a atenção a outras. Toda atenção implica uma hierarquização da consciência em função de um foco e de uma periferia. Por isso mesmo é que este conceito das casas, o qual não passa em última análise das direções do espaço, me parece a única analogia perfeita. Direções do espaço são também direções da luz, direções do olhar, portanto deve ser isso o que a astrologia ao longo dos milênios estava querendo dizer com casas. Então, nós vamos trocar o conceito das casas pelo conceito das direções da atenção.

O horóscopo é feito em função do indivíduo. O horóscopo não é o mapa do cosmos tal como ele apareceria a um astronauta, tal como é visto desde a Terra em geral e sim como é visto desde um ponto particular da Terra num determinado momento onde está nascendo um determinado indivíduo. Portanto, tudo aquilo que se espalha em torno do indivíduo, o espaço em torno dele, o que é senão as direções para onde ele pode olhar? O que é Meio-do-Céu, Fundo-do-Céu, Ascendente, Descendente? São as direções: direita, esquerda, em cima, embaixo, supondo que o indivíduo possa conceber todas essas direções ao mesmo tempo, mas não pode olhar para todas elas ao mesmo tempo. Quando eu olho para a direita, eu sei que existe embaixo. Aliás, se eu não pressupusesse isto, eu não poderia olhar para direção nenhuma, mas ao mesmo tempo eu não posso olhar para as duas.

Então, a atenção tem esta mesma peculiaridade: ela tem uma direção determinada a qual exclui a direção contrária, sem negá-la. Na hora onde eu presto atenção em alguma coisa que me parece importante eu continuo de certo modo consciente das coisas desimportantes, apenas eu as coloquei no fundo do palco, eu tornei um determinado ponto atual e outro potencial. Aquilo em que eu não presto atenção agora posso prestar atenção daqui a pouco; eu não o aboli, não esqueci completamente que ele existe. Por exemplo: se

estou lendo um livro, eu estou preocupado com o conteúdo do livro, eu não estou preocupado com a disposição da sala onde estou, com a arrumação dos móveis. Mas eu não estou inconsciente disto, eu não esqueci que existe a sala; ao contrário, eu estou pressupondo que aquilo tudo existe, aquilo não foi abolido: foi virtualizado. Do mesmo modo, quando eu vou para o norte eu não aboli o sul, aliás eu o tomo como ponto de referência do qual me afasto. Do mesmo modo, a atenção se dirige para um lado sem abolir o outro, ou seja, tomando-o como pano-de-fundo.

O percurso aparente feito pelo Sol em torno da Terra não é nada mais do que isso; é a circulação da luz em torno de um determinado ponto, que é a Terra. Na medida em que a luz se desloca de um ponto para outro, os pontos abandonados por ela não foram suprimidos; ao contrário, continuam como ponto de referência. Quer dizer, quando faz noite num lugar, este lugar não foi suprimido; ele está lá esperando porque, no dia seguinte, volta a ser dia claro. Me parece então que desde o início, quando se vinculou esta idéia do horóscopo a esta hora e local e portanto ao surgimento de um indivíduo em particular (tomando este indivíduo como centro), o conceito que estava subentendido aí é o das direções da atenção.

Então, novamente eu repito: estes conceitos que dei das casas em particular, como auto-imagem, pensamento e etc., e também este conceito geral das casas como direções da atenção não são interpretações novas. Não estou inventando um novo sistema astrológico: eu estou procurando apenas ler o que os astrólogos estavam tentando dizer, e que disseram por baixo de uma variedade imensa de símbolos. Se eu fizer o horóscopo de uma banana ou de um país, aí naturalmente vai mudar tudo. Mas desde o início nós fixamos o âmbito de nossa investigação, que é o caráter. Nós temos de fazer isso porque a astrologia não tem nenhum objeto. O objeto dela é uma comparação, e comparação é você colocar junto um par. Então, ela tem dois objetos. Toda comparação é feita em algum nível do plano, não existe comparação total de qualquer coisa com qualquer coisa. É impossível a comparação do ser com o ser mesmo. Toda comparação pressupõe que você fixe o âmbito: você está comparando o quê com o quê, e sob que aspecto? A comparação não consiste apenas em colocar um par de coisas, por ex. duas canetas: quando à sua essência, quanto ao que elas são, elas são idênticas, as duas são canetas — ou seja, sob a categoria da essência são a mesma coisa. Elas diferem quanto à cor: então há uma diferença sob a categoria da qualidade. Se a comparação é feita ao nível da essência encontra-se um resultado; se feita ao nível da qualidade, encontramos outro. E sob o aspecto da causa? A causa é idêntica, novamente vieram da mesma fábrica. Toda comparação não implica só dois objetos, mas também a fixação de um plano, ou de um âmbito no qual vai ser feita esta comparação. Ou seja, implica a razão, o logos analogandi (a razão da analogia), a razão das diferenças e a razão das semelhanças. Porque sob certos aspectos os objetos comparados podem ser semelhantes, e sob outros podem ser diferentes.

Quando fazemos a comparação colocamos juntos não somente um par, mas no mínimo dois pares, por ex. um par de funções ou um par de causas. Quer dizer que toda comparação estabelece uma proporção. Toda comparação tem uma estrutura quaternária em torno de um centro. É como se fosse uma cruz: o que está no centro é a razão da comparação; ou seja, toda proporção é articulada em função de alguma razão. É exatamente como na matemática. Quer dizer que proporção e razão não são exatamente a mesma coisa. A razão é o fundamento das proporções. Em lógica, a mesma coisa.

Por isto mesmo, ao estudar o horóscopo temos que saber em que nível estamos falando. Todo horóscopo é o horóscopo de alguma coisa, e esse "de quê" ele é o horóscopo, esta é a razão das várias interpretações que nós vamos dar. Se esta comparação não fosse entre uma figura do céu e o indivíduo, mas entre a figura do céu e uma nação ou um acontecimento, então toda significação teria que ser alterada proporcionalmente à mudança do objeto. Como já fixamos a razão da nossa comparação desde o início, e dissemos que é o caráter, então isto já limita o campo da nossa comparação. É claro, então, que as casas podem ser outras coisas quando encaradas em outros planos. No plano do caráter individual só podem ser as direções da atenção. Se desenvolvermos uma caracterologia não baseada na cognição mas baseada na ação, então poderíamos encontrar outras correspondências análogas a esta, em parte semelhantes, em parte diferentes. É onde cairíamos nas motivações. A palavra motivações surgiu porque toda ação tem uma causa objetiva e um motivo subjetivo, os quais podem coincidir ou não. Somente coisas que nós conhecemos podem ser motivos; coisas desconhecidas podem ser causas das nossas ações, mas não motivos.

Portanto, onde existe a atenção, é daí mesmo que se vão gerar as motivações. As motivações também poderão ser classificadas segundo as causas, e o sujeito encontra as motivações aonde ele prestar atenção.

Aquilo no qual ele não presta atenção, jamais é motivo de seus atos, embora possa ser causa. O motivo é a causa somente naquilo que nós chamamos a ação racional segundo fins, que é a ação perfeitamente transparente, onde eu sei o que estou fazendo, o porquê, o como e o para quê estou fazendo, e tenho o domínio total do processo de todos os meios desencadeados — aí sim motivos e causas são idênticos. As motivações sempre têm de ser conhecidas pelo indivíduo embora possam se tornar inconscientes depois, ou embora possa haver todo um sistema de falsas motivações, quando o indivíduo está agindo com um intuito, e diz para ele mesmo que o intuito é outro. É evidente que estes dois intuitos são conhecidos de alguma maneira, não são alheios à consciência dele; apenas ele centrou a atenção numa direção enquanto centrava o ato noutra direção, age para a direita mas olhando para a esquerda; é a ação vesga.

Quer dizer que toda falsa motivação implica isso aí, a direção do ato não é a mesma direção da atenção. Se você quer saber se o indivíduo está mentindo ou sendo sincero é só olhar isso aí, se ele presta atenção no que ele faz ou em outra coisa. Por ex., os políticos alegam tais ou quais motivos patrióticos para suas ações; mas no que ele presta efetivamente atenção, qual o ponto em que ele age? É muito fácil aprender a desmascarar falsas motivações em você mesmo e nos outros; no começo parece muito difícil mas o critério é somente este; quer dizer que se a atenção e a ação vão na mesma direção, então a motivação é aquela mesma alegada; mas se o indivíduo está prestando atenção em alguma coisa e fazendo outra, então o motivo alegado é falso. Também não podemos falsificar uma motivação se não a conhecemos de algum modo; quer dizer que motivações inconscientes não são tão inconscientes assim, elas são por assim dizer inconscientizadas, são jogadas para dentro do inconsciente mas um dia foram conscientes, depois foram rapidamente escondidas porque não convinham..

Então como a idéia mesma de motivação pressupõe consciência, e portanto a atenção, então podemos mais tarde classificar os motivos dos atos segundo as direções da atenção.

Isto quer dizer que o indivíduo pode não só prestar atenção na sua auto-imagem como agir por causa dela; uma determinada ação pode ter por finalidade expressar, alterar, ou esconder uma auto-imagem, assim como uma ação pode visar uma coisa do mundo externo. Por ex., se o sujeito decide pintar as paredes da casa — que estão no mundo exterior evidentemente — porém a sua casa, de certo modo, faz parte da sua auto- imagem, então ele pode ou pintar as paredes da casa para melhorar a casa, ou para melhorar sua auto-imagem, ou para melhorar as duas coisas, cada caso é um caso. Nós podemos agir em função do desejo de saber alguma coisa, de adquirir uma informação a qual acreditamos necessitar — então esta motivação estaria ligada à Casa III. Também podemos agir em função de afirmar ou negar uma determinada crença — Casa IX.

As motivações que as pessoas alegam verdadeira ou falsamente terão que ser classificadas rigorosamente segundo as direções da atenção. Porém uma coisa é a direção da atenção em si mesma, enquanto componente do processo cognitivo do indivíduo. Outra coisa é esses mesmos conteúdos das direções da atenção considerados como motivos de ações — neste último caso estão por assim dizer dotados de uma força, de uma dinâmica e de um valor.

Aqui entra a consideração dos valores, ou seja, as coisas, os fatos, os acontecimentos, os seres que encontramos nas doze direções são para nós dotados de certos valores, e somente por isto é que podem ser motivações. As doze direções da atenção correspondem evidentemente a doze categorias de entes. Poderíamos dizer o seguinte: do ponto de vista da psicologia da cognição são as doze direções da atenção; do ponto de vista lógico são as doze categorias; do ponto de vista da psicologia da ação são as doze motivações. Porém entre as coisas significadas pelas casas consideradas todas como categorias e estas mesmas coisas consideradas como motivações tem que haver a interferência de um valor. E nós não tiramos os valores do horóscopo certamente, valores nós os aprendemos. Isto quer dizer que uma psicologia da motivação não pode ser tirada diretamente do horóscopo. Por ex., para que minha auto-imagem além de ser algo que eu conheço também seja motivo de ação, é necessário ver quais são os valores que eu associo a ela; por ex., para o indivíduo desejar mudar a sua auto-imagem é necessário por exemplo que ele a considere feia. Mas isto depende das suas experiências reais, depende dos valores do seu meio ambiente, etc. Então aí existe uma interferência de um fator que é completamente extra-astrológico. O que nós podemos obter do horóscopo sem mais nada é apenas esta estrutura das direções da atenção e das faculdades de cognição, e somente isto. Para nós pularmos desta psicologia da cognição para uma psicologia da ação é preciso a interferência de algo mais. Por ex., a Casa VII é tudo aquilo que eu fico

sabendo a meu respeito através da convivência, da comparação com outros seres humanos. Ora, esta comparação é entremeada de valores sociais, valores que não vêm da minha cabeça mas que eu recebo prontos da sociedade; é lógico que os transformo a meu próprio modo, mas não faço isto diretamente. Isto quer dizer que onde entramos na ação, na conduta, então precisamos, além do horóscopo, de um algo mais. Nós temos com o horóscopo a estrutura "atencional" daquele indivíduo, ou seja, como e em quê ele presta atenção por sua própria natureza, por seu próprio caráter e independentemente das influências externas. Porém prestar atenção em algo não é causa suficiente da conduta, é preciso ter uma causa eficiente, algo que desencadeie. Este algo serão as causas externas e motivações, e as motivações se delineiam em função de valores — e cadê os valores? Então nós podemos fazer o horóscopo de uma pessoa que nasceu na China no séc. II a.C. e o horóscopo terá os mesmos elementos que tem o nosso, os mesmos planetas, nas mesmas casas, porém os valores serão diferentes. Portanto, uma mesma estrutura atencional, um mesmo caráter resultará em condutas completamente diversas.***** Este bloco só foi revisado por mim após a redigitação até aqui.

O grande erro dos astrólogos consiste em achar que é possível deduzir a conduta do horóscopo. Isto é absolutamente impossível, porque quem age não é o caráter, quem age é o indivíduo é justamente aquela que pode mudar — então tudo age, menos o caráter. Isto quer dizer que a interpretação do horóscopo é absolutamente impossível no caso de se desconhecerem os valores que chegaram ao conhecimento deste indivíduo, ou seja, os valores vigentes no meio onde ele foi colocado, onde ele existe, onde ele vive. Sem este dado externo a interpretação do horóscopo é absolutamente impossível, a não ser em termos de puro caráter, o que não é uma interpretação plena. Nós teremos ali uma estrutura caracterológica, e não o indivíduo real.

Nós dissemos que o caráter se identifica com a estrutura atencional do indivíduo. Que quer dizer esta estrutura? A primeira tendência de resposta seria dizer que o indivíduo presta mais atenção numas coisas que nas outras, mas esta resposta serve? Por ex.: ele presta mais atenção nas direções em que tem planetas e menos nas outras. Então o indivíduo que não tem nenhum planeta na Casa III nunca pensa, nunca presta atenção no seu pensamento? Não é possível esta resposta, mesmo porque você tem mais casas do que planetas, fica sempre faltando. É fácil você entender que as doze direções são doze categorias ou doze dimensões da vida que existem absolutamente em todo ser humano, não pode faltar nenhuma, todo mundo tem estas doze dimensões, nós não podemos conceber por ex. o indivíduo que não tenha auto-imagem, ou o indivíduo que só tenha auto-imagem mas que não enxergue o mundo real em volta dele, ou o indivíduo que sempre pensa e nunca chega a uma conclusão; tudo isto não é possível, o indivíduo que nada sonha e nem deseja, o indivíduo que não está em parte alguma na sociedade, vive no vácuo, isto não existe.

Também no em que nós vamos prestar atenção não depende só de nós porque os acontecimentos vêm de toda parte. Por ex., o indivíduo que não tem planeta na Casa X presta um bocado de atenção no assunto da Casa X quando ele perde o emprego, sobretudo se ele necessitar do emprego, e isto pode se transformar no acontecimento central da vida dele embora ele não tenha nenhum planeta ali. Portanto a presença ou ausência de planetas nas casas não pode fazer diferença do ponto de vista quantitativo, do ponto de vista de prestar mais atenção nisto ou naquilo; não é possível que seja assim, todos nós somos forçados pelas circunstâncias a prestar atenção nestas doze direções; ou seja, se existe a diferença de indivíduo para indivíduo conforme as posições planetárias, não é uma diferença quantitativa.

P. - Já ouvi dizer que as casas são campos de experiências.

É uma outra maneira de você dizer as doze direções da atenção. Experiência é tudo o que acontece, então tem campos de experiência, mas não quer dizer que os campos fundamentais são aqueles nos quais você tem planetas, porque o que é fundamental e o que não é fundamental varia conforme a situação. Por ex.: você pode não ter nada na Casa XII, porém você é um iraquiano que está vendendo os seus legumes e cai uma bomba na sua casa — de onde veio a bomba? Você não tem a menor idéia; então naquele instante você vai ter de prestar atenção na Casa XII, você vai ter de prestar atenção numa coisa que você não sabe de onde veio. Aqueles camaradas de Israel que estavam lá esperando a todo momento uma bomba que podia vir de qualquer lugar e cair em qualquer outro ... não estava um país inteirinho prestando atenção na Casa XII, isto é, prestando atenção justamente naquilo que não se enxerga? Isto quer dizer que todos eles estavam cheinhos de planetas na Casa XII? Claro que não. Basta este exemplo para você ver que esta idéia infantil, idéia de quem nunca pensou no assunto. E no entanto 80% dos astrólogos falam isto, e o público

aceita. Quer dizer que se de fato a astrologia tem de ter uma consistência, então nós temos de abandonar estas coisas que vão contra o próprio senso comum. Série de perguntas.

Vamos supor que está em Israel Sr. Shimon Perez, andando pela rua, e ele sabe que pode vir um scud de qualquer lado e cair em qualquer lugar. Então ele está prestando atenção na Casa XII; mas ele está prestando atenção enquanto Shimon Perez ou enquanto cidadão israelense? Enquanto israelense, porque todos estão no mesmo barco. Isto quer dizer que aquilo que o indivíduo presta atenção e aquilo que ele valoriza nem sempre é do ponto de vista dele, nem sempre enquanto indivíduo que ele faz isso. Por ex., o homem que ao ficar doente presta atenção no estado do seu corpo ele está fazendo isto enquanto indivíduo humano? Ou qualquer indivíduo que fique doente vai fazer a mesma coisa? Qualquer um vai fazer a mesma coisa. Então isto seria um aspecto do horóscopo da humanidade como um todo, isto aí escapa do aspecto caracterológico. Nós temos de entender que existe uma atenção caracterológica e uma atenção não- caracterológica, que existe uma distinção da atenção que depende do caráter do indivíduo e outra que depende de outras causas que puxam a atenção dele pra lá ou pra cá, independentemente do seu caráter. E a atenção caracterológica é aquela que dirige o foco da atenção deste indivíduo pra lá ou pra cá única e exclusivamente em função do caráter. Quando você presta atenção nisto ou naquilo nós precisamos perguntar se você presta atenção nisto ou naquilo enquanto você mesmo, enquanto ser biológico, enquanto ser humano, enquanto brasileiro, enquanto membro da sua sociedade ... Existem milhões de motivos para prestar atenção, e se alguns deles estão vinculados ao seu caráter, outros não estão. Ou seja, nós só podemos dizer que existe uma atenção caracterologicamente determinada nos casos onde a direção da atenção não é determinada por causas externas ao indivíduo. A idéia de que caráter é destino é a idéia mais estúpida que pode haver, o caráter é a minha forma individual. Eu dizer que tudo que acontece a mim está vinculado ao meu caráter é a mesma coisa que eu dizer que o acontece a mim não acontece a mais ninguém. Se explode um scud e nós vamos todos pelos ares este é o nosso destino, mas o que isto tem de ver com nosso caráter? foi em função do nosso caráter que fomos desfeitos em pedaços? quer dizer que o indivíduo com outro caráter que estivesse aqui continuaria inteiro? Muito do que nós fazemos e muito do que nos acontece não tem nada a ver com nosso caráter. Então só podemos dizer que têm a ver com nosso caráter as ações, paixões, etc., que não são diretamente determinadas por causas externas ao indivíduo. Portanto o mapa é o mapa de seu caráter, e não o mapa de tudo o que lhe acontece. A idéia dos astrólogos de que absolutamente tudo que lhe acontece tem algo a ver com o seu horóscopo é uma idéia impossível de sustentar. Existem acontecimentos que não são assinalados por nenhum trânsito formidável no mapa, e por outro lado têm trânsitos que não correspondem a nenhum acontecimento notável. Porém isto se dará sobretudo nos casos de eventos de ordem externo ou coletiva: por ex., o dinheiro de todos os brasileiros desvaloriza dia a dia — onde está isso em nossos horóscopos? Se amanhã tiver uma invasão de marcianos na Terra isto afetará todos os seres humanos — onde isto estará assinalado no horóscopo de cada um deles?

Esta confusão entre a existência individual do ser humano autoconsciente que quer, pensa, executa, e a existência deste mesmo indivíduo como membro de uma espécie, habitante de um país, de uma sociedade, a confusão destes dois planos é o sinal da burrice dos astrólogos. Se você tem a analogia mas não tem as distinções, acaba fazendo este negócio.

Podemos dizer que existem acontecimentos que têm relação com a nossa ordem individual e outros que não têm, que são de ordem geral. A distinção quantitativa dos focos de atenção podem vigorar até certo ponto; porém dizemos que o indivíduo prestará mais ou menos atenção nisto ou naquilo conforme a distribuição dos planetas naquilo que for da ordem do seu livre arbítrio, naquilo onde os fatos externos não o obriguem a prestar atenção. Disto de outro modo, aquelas são as áreas onde ele quer prestar atenção, não aquelas onde ele presta atenção efetivamente.

Temos de estabelecer uma distinção radical entre caráter e destino. O destino pode ser alheio ao caráter, completamente oposto ao caráter, o destino pode negar o caráter, suprimir o caráter, pode deixar o caráter sem efeito. O caráter é a sua marca singular, porém a marca dos acontecimentos externos pode ser muito mais forte que a marca do seu caráter, por que nós dizemos que um indivíduo tem um caráter forte, por ex., Napoleão? Porque é um indivíduo que imprime a marca do seu caráter aos acontecimentos. Napoleão colocou marcas muito mais fortes sobre muita gente do que os próprios caracteres dessa gente. Dirigiu a vida de muita gente no sentido que eles não queriam — por ex., a vida do alemãozinho? Tem a ver com o

caráter de Napoleão Bonaparte, certamente, mas não com o seu. Eis como caráter não pode ser destino, a não ser em casos muitíssimos privilegiados. Na medida em que o caráter se torna destino, o indivíduo se torna responsável pelo seu destino. É lógico, porque na medida em que eu moldo o meu destino segundo o meu caráter, eu dou à minha vida a forma do meu caráter, eu formo a minha vida, então sou o autor dos acontecimentos, e então passo a ser cada vez mais responsável, não só pelo que faço, como também pelo que me acontece. Porém quando o destino arrasta o caráter, vindo desde fora, que responsabilidade pode ter o indivíduo sobre o que lhe acontece? A idéia de que caráter é destino leva ao absurdo de você dizer que, se está andando pela rua e lhe cai um tijolo na cabeça largado por um pedreiro do 12o. andar. Isto é o sujeito achar que quem move o mundo é ele. Às vezes nós temos uma certa impressão de sincronicidade de nossos pensamentos e os eventos exteriores, e a sincronicidade pode ser erroneamente interpretada como causa: por ex., na hora em que pensei tal coisa, tal coisa me aconteceu. Então o sujeito pode ficar tão aterrorizado por esta coincidência absurda que, para se consolar, ele diz que ele mesmo que causou tudo, como se ele fosse um demiurgo cujos pensamentos movem o cosmos. Supondo que exista, esta ação física do pensamento é uma ação mínima.

O indivíduo que acha que o pensamento dele gerou tudo o que lhe acontece virou um Uri Geller, que move garfos, automóvel, submarino, nuvens, planetas. O que lhe acontece desde fora tem causas que vieram desde fora. O horror que o homem experimenta ao perceber que ele está num mundo físico imenso e que o corpo dele é muito frágil o leva a buscar refúgio numa concepção errônea do poder de sua psique, ele procura se imaginar psiquicamente poderoso para contrastar com o efeito da sua fragilidade física. De fato o homem é psiquicamente poderoso, mas não o indivíduo, sim a espécie humana, que pela sua colaboração, pela sua organização racional da sociedade, se torna um poder terrível sobre a própria natureza; mas o indivíduo continua tão impotente quanto antes.

P. - De certa forma a tensão não vai traçar um destino?

Sim, daquilo que depende de você, aonde você prestar atenção é ali que você vai agir, mas você não determina nem mesmo o que lhe acontece. Por ex., se eu penso insistentemente mal de uma pessoa provavelmente mais dia menos dia eu vou ter um conflito com esta pessoa, mas como ela vai reagir? Eu tenho o poder de determinar a reação dela? Ora, se eu tivesse o poder de prever e controlar a reação dela eu poderia mudar o comportamento dela, portanto eu a faria ficar boazinha e não teria mais motivo de ter raiva dela. Se eu chego a ter raiva de uma pessoa é justamente porque eu não posso controlar as reações dela. A idéia de que o indivíduo seja culpado pelos acontecimentos adversos que vêm de fora para ele é autocontraditória, eu não posso ser sujeito criador da minha paixão do mesmo jeito que o sujeito criador da minha ação.

P. - Mas você pode mudar os atos de uma pessoa com uma variação dos seus atos.

Claro, mas nosso poder sobre isso é quase nulo, se refere a meia dúzia de pessoas, dá um trabalho monstro para você mudar as opiniões de qualquer pessoa e para você mudar as ações dela. Por ex., um adolescente. Dificilmente você muda quem quer que seja. A possibilidade de um ser humano ter uma influência real sobre um outro depende da organização da sociedade, dos indivíduos estarem organizados num Estado, com leis, etc. Isto forneceria certos meios que permitiriam às vezes levar os indivíduos a uma conduta racional segundo fins, mas não é garantido. Agora, o indivíduo sem ajuda do Estado não faz nada. O indivíduo pode tanto quanto o outro, a não ser que seja mais forte fisicamente. A força psíquica sua domina o outro enquanto ele acredita nela, porém o mundo está cheio de histórias de castas sacerdotais, gurus, magos, que tiveram suas cabeças cortadas. Porque o sujeito obedecia, até que chegava o dia que perguntava — mas o que é isto? por que estou obedecendo? Daí acabou o poder. Quer dizer que a ação de um ser humano sobre outro, ou ela é intermediada e ajudada pela sociedade toda ou então é impotente.

O ser humano depende totalmente da sociedade, depende de seus semelhantes, e essa idéia de poderes mágicos do indivíduo humano é deprimente, pois é o máximo da impotência misturado ao máximo de sonhos de grandeza.

A ação de um indivíduo sobre o outro é intermediada pela sociedade e somente em uma sociedade racionalmente organizada temos algum poder, o resto é uma ilusão terrível. Não deixa de ser curioso que essas ilusões são mais cultivadas precisamente nas sociedades mais fracas; as sociedades dominadoras nunca têm estas idéias circulando, mas nas dominadas tem. O Brasil também não vai pra frente porque

todo mundo acredita nestas coisas. Quem vai pra frente é a sociedade que acredita na ação racionalmente planejada sobre o mundo físico.

Os elementos simbólico-religiosos podem ajudar, eles podem dar uma grande força na hora onde eles afirmam valores e colocam a razão a serviço desses valores para fazê-los vigorar na realidade. A razão é patrimônio social da espécie humana, ninguém é racional sozinho. Essa dependência que o indivíduo tem em relação à sociedade é às vezes muito humilhante para o indivíduo, cada sujeito acredita que o seu gurú é o eixo do mundo. No mundo islâmico tem um ditado que diz "confia em Deus e amarra a pata do camelo". A corda que se amarra à pata de camelo em árabe se diz _____, que quer dizer também razão. Este ditado tem sentido mais profundo, que é: confie em Deus e use a razão. Se não usá-la então você negou sua própria condição. Então Deus não tem a menor obrigação de te ajudar.

A razão, na medida onde ela é um sistema de coerência entre várias proporções, pode até certo ponto captar uma parte da estrutura do mundo, e você então pode agir conforme a estrutura do mundo. Aí você está a favor do real e tem um pouco mais de chance.

Tudo isto foi para mostrar que destino não é caráter de jeito nenhum. O caráter é a nossa forma individual, e se ele determina as direções da atenção, ele determina apenas aquelas direções nas quais eu, como indivíduo e no comando do meu destino, gostaria de prestar atenção se pudesse, ou seja, aquelas são as direções nas quais eu, como indivíduo e no comando do meu destino, gostaria de prestar atenção se pudesse, ou seja, aquelas são as direções preferenciais da atenção do indivíduo, e que, deixado a si mesmo, ele estará prestando atenção naquelas direções, porém raramente ele é deixado a si mesmo. Neste sentido é que o horóscopo pode ter algo a ver com as motivações do indivíduo, mas não com as causas do seu comportamento. As motivações vêm dele mesmo, de maneira mais próxima ou mais remota, porém as causas podem vir de fora. Uma grande parte dos nossos comportamentos é ditada inteiramente por causas externas sem passar pela intermediação do seu julgamento pessoal, só uma parte passa. Nós não somos seres perfeitamente individualizados, e na verdade nós só nos individualizamos e só nos realizamos como indivíduos por intermédio da grade de relações estabelecidas pela sociedade. Eu me tornar um indivíduo autoconsciente não quer dizer que eu tenha de abandonar todos os meus papéis sociais, justamente o contrário, eu tenho que entrar numa espécie de relação com os papéis sociais, de maneira que a parte que cabe à minha individualidade seja satisfeita. O indivíduo se realiza através da sociedade, ou também se desgraça, mas nunca sozinho. O indivíduo perante a natureza não existe, está totalmente impotente. Se jogarem você na selva sua única chance como bebê seria você encontrar um lobo, porque é o único bicho capaz de "criar" um ser humano.

P. - O indivíduo gosta de prestar mais atenção onde estão os planetas?

Não é que ele gosta, nós podemos dizer que é ali que ele prestará atenção sempre que é deixado à mercê do seu movimento próprio; nos instantes, nos intervalos onde ele de fato é um sujeito, ele prestará atenção ali.

P. - Quando ele é requisitado por uma situação que não tem nada a ver com o seu tipo caracterológico?

Ele tentará articular os dados provenientes de fora na ordem e no esquema do seu caráter, mas isto nem sempre será possível. O filósofo Ortega y Gasset tinha a famosa frase "eu sou eu e minhas circunstâncias"; quer dizer que eu não existo sozinho, as circunstâncias, aquilo que está em torno, também fazem parte de mim como minha dimensão extrapessoal ou impessoal... Ao mesmo tempo onde eu sou eu, eu sou o Olavo, tenho este caráter, sou membro da minha família, membro da sociedade, etc., e isto não externamente, mas como parte da minha própria estrutura existencial. Isto também é eu, só que outro pedaço meu. Então não é "eu mais minha circunstância", é "eu sou esta fusão inextricável de uma individualidade e de uma circunstância". Ele tinha também uma outra frase, e esta é para pensar seriamente: "A reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem." Isto é uma verdadeira fórmula mágica. Mais tarde Jean Piaget chamaria esta mesma coisa de assimilação e acomodação, porque os dados que vêm do mundo exterior entram em mim, passam a ser componentes meus, o coelho comeu alface, o alface virou coelho, mas o alface também alterou o coelho; se o coelho comesse uma pedra ele não poderia assimilar, tornar a pedra semelhante ao seu organismo com a mesma facilidade com que comesse um alface. Se você recebe uma informação do mundo exterior, nem todas as informações são igualmente assimiláveis, a informação de uma grande desgraça que acaba de acontecer você não a recebe com a mesma naturalidade que uma informação agradável. Uma informação difícil, complexa, obscura não

é assimilada com a mesma facilidade, quer dizer, não passa a fazer parte de você. Algumas vezes a informação que vem de fora, antes de ela ser assimilada, é você que tem que mudar para poder engoli-la. Para o coelho tornar-se capaz de digerir pedras seria preciso que alterasse o seu sistema digestivo. Para o homem assimilar determinadas informações do mundo exterior é preciso que ele mude. Então existe sempre esta dialética entre o caráter e o destino, o indivíduo tenta de certo modo perseverar no seu caráter, mas o destino lhe impõe acontecimentos e informações que nem sempre concorrem na direção desse caráter, mas ao contrário podem "forçar" a sua mudança de certo modo. Esta mudança na realidade é impossível, você não pode mudar de caráter, você vai ter que desenvolver outros aspectos da personalidade que não são caracterológicos. Por ex.: o indivíduo que, por seu caráter, tende a prestar atenção no seu interior, no seu mundo de desejos, mas que por força das circunstâncias seja obrigado a trabalhar numa coisa que o force a prestar atenção justamente no contrário, isto é, no que se passa em volta, então há uma exigência do mundo externo que contraria a estrutura caracterológica do indivíduo; mudar o caráter não pode, mudar a situação ele também não pode, então ele vai ter de desenvolver uma dimensão extracaracterológica da personalidade, a qual por sua vez ficará como um corpo estranho que será mais assimilado ou menos assimilado ao longo do tempo. Quando submetemos uma criança a um treinamento que é contrário à sua natureza, ela acaba se adaptando de um jeito ou de outro, não por assimilação, mas por acomodação, quer dizer, ela muda a sua conduta mas não pode mudar o caráter; então vai ter de desenvolver um outro pedaço, um apêndice. Tem pessoas cujas personalidades são como que feitas somente de apêndices, o caráter ficando escondido no meio. Outros têm um pouco mais de sorte, conseguem fazer com que predomine na sua vida as informações e os dados que concorrem no sentido do caráter, de maneira que cada fato parece reafirmar seu caráter, e isto é uma vida feliz, uma vida realizada, e onde a vida do sujeito faz um sentido individual para ele. Mas que sentido faz a vida de uma pessoa que foi jogada num campo de concentração? Que isto tem de ver com o caráter? Tem alguém que tivesse um caráter adequado a este destino? Tem algum sujeito que tem isso como aspiração pessoal? Este é um exemplo de um destino hostil. Todo destino hostil é hostil a que? Ao seu caráter.

P. - Tem indivíduos que superam isto.

É claro que tem. Teve até sujeito que superou o campo de concentração, fugiu dele. Viktor Frankl fugiu de quatro campos de concentração, ele superou não só as circunstâncias, mas também as marcas deixadas na sua personalidade, ele reabsorveu as circunstâncias de modo que o caráter as abarcasse, predominasse, de maneira que aquilo que lhe aconteceu contra ele se tornasse um elemento de realização do seu caráter, da sua vida.

P. - Pode ser que ele tinha um caráter de desafio?

Isto aí é você dizer que o cara tem uma vocação terrível para ir para o campo de concentração. Isto aí não existe. Você pode ter um caráter que seja de certo modo opositivo, isto acontece por ex. com pessoas que tenham concentração de planetas na Casa VII, as pessoas que tem um caráter francamente opositivo, de oposição a algo, então podemos dizer que este indivíduo busca um desafio, porém é certo que ele busca um desafio que segundo o entender dele já esteja à altura de ser vencido por ele. Geralmente nós projetamos os desafios conforme a capacidade que julgamos ter. E neste cálculo dos desafios mediante os quais eu vou realizar minha vida eu posso acertar ou posso errar. Um caráter marcadamente opositivo, por ex., é Adolf Hitler. Ele tem uma conjunção de Sol, Marte, Mercúrio, Vênus, tudo na Casa VII, então o que ele fez foi sair buscando o inimigo; quer dizer que de fato ele fez a vida dele ao sentido que desejava, ele criou uma oposição que lhe pareceu proporcional ao seu desejo. Duvido muito que fosse esse o caso de um sujeito como o Viktor Frankl. Porque Adolf Hitler houve um, e judeu que foi parar no campo de concentração houve milhões. Foi um destino coletivo, não individual.

P. - Viktor Frankl poderia ter um caráter que facilitasse essa "reabsorção da circunstância"?

Não, facilitar ou dificultar não depende do caráter, depende dos acontecimentos reais. Um caráter opositivo, combativo, isto é o máximo que a gente poderia dizer. O sujeito mais apto a viver por conta de um inimigo, de um adversário, seria o indivíduo que tivesse um bolo de planetas na Casa VII, quer dizer, que faz a vida dele enquanto tem um inimigo, se não tiver o inimigo ele desliga. Mas isso é o máximo que o caráter pode facilitar. Pode ser que o indivíduo que vê tudo que lhe aconteça como oportunidade de aprendizado — Casa III —, mas isto às vezes facilita, às vezes dificulta. Se a coisa é difícil ou fácil não

depende do indivíduo, depende do que lhe acontece de fato. O caráter nunca determina isto, o caráter é um dado apenas, e é fácil você ver que na dos indivíduos o destino deles não tem nada que ver com o caráter, eles até ignoram que é o caráter, ignora o que é e para onde quer ir. Por exemplo, um sujeito com o mesmo mapa de Hitler, planetas na Casa VII quadrada com Saturno na X, poderia casar com uma mulher muito mais rica que ele e que quisesse mandar nele; isto combina com o horóscopo dele, e poderia fazer da vida dele um confronto eterno com a mulher dele, seria perfeitamente coerente com este caráter. Diz-se que o sujeito que tem _____ na VII quadrado Saturno na X precisa levantar o mundo inteiro. Isto depende de valores, da cultura do sujeito, da época. Na época havia um destino coletivo; Hitler foi um soldado na I Guerra, ele viu a humilhação do país dele, viu o país ser retalhado pelos vencedores, submetido a uma exploração, sugado, e foi criando aquela revolta, coincidiu que ele morava vizinho do bairro judeu, e o judeu como não é propriamente alemão e tinha parente em toda parte, eles estavam um pouquinho melhor que os alemães; então ele criou aquela inveja; talvez se tivesse sido criado em outro bairro ele não iria criar essa birra contra o judeu, mas contra alguma outra coisa, isto não depende do caráter dele. Certamente nasceram outras pessoas com o mapa muito semelhante ao de Hitler no mesmo lugar.

O mapa dará a parte relativa ao caráter; o destino vem das circunstâncias.

P. - O caráter acaba sendo uma pequena influência?

Uma pequeniníssima influência, mas às vezes se torna grande quando o caráter é ajudado pelas circunstâncias e pelo gênio; por isto é que existem homens cuja marca, cujo caráter se expande até influenciar uma sociedade inteira, uma época inteira. Júlio César, Napoleão Bonaparte, estes sujeitos são moldes.

P. - Nem sempre um caráter se expande ao ponto de influenciar uma sociedade inteira, mas somente ao indivíduo mesmo?

Claro, o indivíduo pode moldar a sua vida sem exercer uma influência social considerável. O indivíduo pode ter uma vitória subjetiva, pessoal, no caso de ter nascido em condições muito adversas e simplesmente não se deixar dobrar: “não consigo mudar o mundo, mas o mundo também não me muda”.

P. - Isto não tem nada a ver com o caráter?

Não, porque se a disputa é entre o caráter e o destino, esses são os dois fatores que estão sempre em jogo, nenhum deles por si determina. O que determina é o imponderável: você pode chamar de gênio, espírito santo, alguma coisa que não é o caráter nem o destino certamente. É interessante você comparar mapas parecidos. Se você pegasse o mapa de Hitler, por exemplo. Tee um astrólogo que achou que aquele cara ia ser um grande governante alemão, mas o astrólogo já sabia que ele era uma cara metido na política; o indivíduo, com o mesmo mapa, poderia ter realizado todo aquele antagonismo no nível doméstico.

P. - É engraçado como os astrólogos interpretam os mapas com se aquele mapa só pudesse dar aquele destino!

Um astrólogo pode fazer isto por antecipação também, se tiver, por ex., um pouco de telepatia e captar na cabeça do sujeito que veio lhe trazer o mapa alguns dados extra- astrológicos sobre aquele indivíduo. O médium espírita pega alguma coisa do seu subconsciente, por isso ele vai falar de seu problema tal como você o entende. A visão que ele te dá não é objetiva. E isso pode ser pior ainda, você vai lá pensando que sua mulher te trai, e o médium espírita, sem você nada falar, confirma sua suspeita, e vai ver, não é nada disso. O astrólogo pode até dizer alguma coisa sensata usando a mediunidade para coletar informações sobre o sujeito. E se você não tem mediunidade, então pergunte os dados externos — profissão, família, etc. — aí você terá um conjunto de probabilidades externas que delineiam mais ou menos as circunstâncias. Este indivíduo, com este caráter, neste momento histórico, dentro destas circunstâncias, só pode dar isto assim, assim. Mas não só pelo mapa. O astrólogo que diz interpretar o mapa só usando a astrologia está ignorando o que fez, ele pensa que pegou do mapa porque ele está habituado a moldar toda sua imaginação astrologicamente, seja do mapa ou de fora dele. É um vício profissional.

P. - Por que há necessidade das pessoas de explicarem tudo? As coincidências não existem mais, tudo tem motivo?

A necessidade de se ter uma explicação para tudo é o impulso mesmo da razão. O homem te este impulso

de não deixar nada sem explicação porque ele é racional. Isto não quer dizer que na realidade ele tenha condições para obter esta explicação a qualquer momento. Não tendo explicação, ele inventa. Por que Saturno, na mitologia, é representado como o ser que gerava e comia os próprios filhos? Porque os quadros explicativos que nós concebemos incessantemente falham, e têm de ser recompostos centenas de vezes. Esta é a cruz que o homem carrega.

Quando o indivíduo se fecha numa visão fantasista, mitológica, e a defende contra os fatos, a partir deste momento o sujeito passa a fazer vista grossa aos acontecimentos, ele não quer corrigir sua visão, ter o trabalho constante de readapta o seu esquema racional diante do que está acontecendo. Ele prefere ficar com o mesmo esquema racional e ser arrastado.

P. - Na medida que o caráter do indivíduo for incorporando todos estes acidentes, circunstâncias, ele vai conseguindo responder cada vez mais a estas questões?

Se ele se esforçar para isto. E se tiver sorte. O homem é racional em potência, não quer dizer que ele disponha em ato de uma explicação racional. Estas mitologias no fundo são uma tentativa de explicação, mas muito toscas ainda, assim como as tentativas infantis, cheias de causas e efeitos que a criança reconhece, e mesmo sendo fantásticas ela acredita nelas porque lhe dão uma explicação, satisfazem sua razão naquele momento; então a razão se acalma, amansa, até segunda ordem.

Na hora em que a razão se fecha num esquema explicativo que é prévio e despreza os fatos, aí a inteligência morreu. Não se está mais buscando uma explicação e sim uma justificação prévia. Se você não gosta de uma pessoa e você atribui aos atos dela uma explicação bem pejorativa, por ex., fulano é invejoso, então tudo que ele faz é por inveja. Pronto, você não tem mais que explicar caso por caso, pois já está explicado de antemão. As explicações ideológicas pejorativas entre países, que as nações dão umas para as outras, tal país fez isto porque é imperialista, etc. Quando você arruma justificações deste tipo você não precisa mais examinar os fatos, você está liberado; quer dizer que a razão se fechou em si mesma, ela agora opera em circuito fechado. Na medida mesmo em que você faz isto você perde a capacidade de agir realmente, por isso toda sociedade quando se fecha num sistema deste tipo está destinada a perecer. As sociedades que têm uma visão mais aberta, mais adaptável. O segredo do Império Romano foi que, a cada novo território, novo povo que ele dominava, ele se adaptava aos costumes e valores deste povo, ele revia seus próprios valores. Tinha a capacidade de se renovar incessantemente, ou seja, o trabalho da razão não parava. O segredo do dinamismo dos Estados Unidos é que eles pensam mais que os outros, as novas experiências, inclusive aquelas que contrariam a ideologia deles, eles acabam assimilando de alguma maneira.

O domínio pela força é só o começo, precisa ver se você consegue manter, e para manter é necessário ter um esquema racional plástico, capaz de se adaptar a todas essas variedades de circunstâncias, para se poder acompanhar a história.

Nas sociedades dominadoras a história do pensamento é mais veloz que nas sociedades dominadas. Neste sentido, o esquema racional é um poder. Se você fechou num esquema justificativo, onde todas as suas derrotas já estão justificadas de antemão, você não tem mais poder, você desistiu de viver. Estas são as sociedades retrógradas, incapazes de arcar com a responsabilidade histórica, ou seres humanos incapazes de arcar com a responsabilidade da vida. Porque na vida real nosso sistema racional nunca é suficientemente racional, só o de Deus é que é. Toda hora você erra, e toda hora tem que consertar e tem de mudar. Enquanto a razão conserva este movimento, esta plasticidade, ou seja, enquanto ela presta satisfações à intuição, está tudo bem, porque a entrada de elementos novos é pela intuição, pela experiência real. Mas pode ingressar um elemento novo que desminta todo esquema racional. Sem esquema racional nenhum ninguém pode ficar; então você tem que fazer outro rapidamente, e isto é o próprio movimento da história, tanto a dos indivíduos quanto a das nações. Então, quem tiver a capacidade de produzir mais rapidamente e mais eficientemente um esquema racional abrangente, então este irá bem.

É fundamental que entrem informações novas. Nunca houve uma sociedade dominante na qual não houvesse liberdade de pensamento para seus cidadãos. Só as sociedades onde existe liberdade e discussão interna são capazes de dominar os outros, porque se a classe dominante se fecha, deixa de receber informação e logo afunda.

P. - A adaptação do caráter ao destino é uma coisa de sorte?

Não cabe à astrologia responder isto. Isto é problema da filosofia, da metafísica.

P. - O que importa então na realidade é que meios este indivíduo tem para assimilar o destino?

Existem vários meios que nada têm a ver com o horóscopo. Por ex., a hereditariedade: o sujeito pode ter uma hereditariedade boa ou ruim, se você já nasce doente já nasceu perdendo; se nasce com uma hereditariedade boa mas não te deram leite quando era pequeno, suas chances vão diminuindo; se deram leite mas não deram meios de informação, tua chance continua pequena. E aos poucos você vai levando um destino que é menos o seu e mais o da sua comunidade.

O homem tem a capacidade de ser livre, mas não quer dizer que ele de fato o seja. Para o indivíduo poder chegar a desfrutar de uma liberdade moral nesse sentido efetivo é preciso um monte de condições que não dependem dele, e isto é omitido; quer dizer, como eu posso considerar como igualmente responsáveis por seus atos um indivíduo que desde o início teve todas as chances, recebeu comida, aprendizado, e outro que não recebeu comida nem ficou sabendo de nada ... Não é possível colocar no mesmo plano essas duas coisas. Na prática liberdade moral inexiste na quase totalidade dos casos.

As virtudes impessoais (humildade, resignação, etc.) todas as pessoas devem possuir. Então, em princípio, elas nem favorecem nem desfavorecem o caráter do indivíduo. Por exemplo, o que é a humildade num indivíduo que por disposição caracterológica é um dominador? O que é a humildade do outro que por sua natureza mesma é submisso? São completamente diferentes; no entanto a fórmula moral da humildade é a mesma nos dois casos. As virtudes pregadas na Igreja católica fazem parte dos valores, e os valores são uma intermediação entre o caráter e o destino, os fatos. Os valores podem evidentemente ajudar o caráter ou podem acabar de sufocá-lo. É através dos valores que o indivíduo interpreta os fatos e tenta adaptá-los do modo mais conveniente à realização do seu caráter, mas estes valores também podem confundi-lo. Por exemplo: sua casa é assaltada, entra um sujeito lá e mata seus filhos, estupra a mulher, e na hora que você vai dar a queixa na polícia seus parentes dizem que você deve perdoar, não deve ter espírito de vingança ... Isto é um valor, só que interpretando os fatos à luz deste valor, desta maneira você acabou de esmagar o sujeito que já foi esmagado pelos fatos.

Agora, nós podemos interpretar os fatos de outra maneira também: que só tem a possibilidade de perdoar quem tem a possibilidade de castigar para ver depois se o castigo é justo e se eu pretendo perdoar ou não. Outra coisa, existe perdão obrigatório? O perdão que não é um exercício da liberdade nada significa. Jamais posso perdoar o mais forte do que eu porque não tendo poder sobre ele não posso castigá-lo. O perdão é para o mais fraco. Posso perdoar um filho — poderia castigá-lo mas não o faço —; mas não posso perdoar aquele sobre o qual não tenho o poder de castigar. Interpretado assim, o valor cristão adquiriu um sentido favorável ao indivíduo, à vítima, não mais ao criminoso.

P. - Qual a relação entre a atenção e o desejo?

É muito simples: você só tem o desejo aonde você presta atenção. Onde você não presta atenção simplesmente você não deseja nada. A atenção é prévia ao desejo, o desejo é uma das formas do sentimento, o contrário do temor. E essa dupla só pode surgir onde houve atenção.

P. - No fascículo 3 deste curso você diz que em nosso esquema das camadas da personalidade a homologia de horóscopo, caráter e destino só começa a parecer com suficiente claridade da camada 9 para cima.

Isto mesmo. A partir de uma certa camada o caráter começa a moldar o destino, podendo até sobrepor-se ao destino. Então isto quer dizer que no horóscopo de um homem muitíssimo poderoso, gênio, que tem o poder intelectual e também o poder sobre a sociedade é possível prever os acontecimentos pelo horóscopo, porque começa a haver uma certa coerência entre o caráter e o destino. A partir de um certo ponto é possível saber, no mapa de Napoleão, quando é que ia se ferrar. As camadas da personalidade são algo externo ao horóscopo nada têm a ver com as casas. As camadas se referem ao destino, elas são um meio de você saber mais ou menos em que escala aquele destino está sendo vivido. Existe uma analogia entre os sistemas, porém as camadas nada têm a ver com a interpretação do horóscopo; ao contrário, tem de haver a interpretação do horóscopo e depois cruzar com uma das camadas. No horóscopo de Hitler vemos que a partir de um certo nível a coisa começa a embolar, justamente quando seu destino externo na história

começa a ir um pouco além da sua personalidade.

Nota da Revisora: Esta última frase estava incompleta na transcrição; portanto não estou segura de seu conteúdo.

Hitler era um político alemão, o universo militar dele era a Alemanha; ele só entendia o que era alemão. Na hora em que ele invadiu a França ele não sabia direito o que estava fazendo lá. Aquilo tinha ultrapassado o campo de visão dele. O destino acompanhou a capacidade, a visão intelectual dele até o ponto onde ele invadiu a Tchecoslováquia; a partir daí ele não estava entendendo mais nada. Diz uma frase: "Júpiter enlouquece aqueles a quem ele deseja perder". Se Hitler tivesse morrido em 1940 teria sido talvez o maior político alemão de todos os tempos. De fato, ele juntou toda a população alemã que almejava a união, não havendo praticamente ninguém objetando. Em contrapartida, Hitler não entendia as outras culturas, os outros países. Então, sendo um sujeito tão tipicamente local, ao conseguir o poder sobre o continente inteiro tem que acabar se dando mal. Até a invasão da Polônia ele tinha certeza absoluta do que estava fazendo; ele se sentia conduzido como que por um espírito, agia com decisão firme. Nós podemos dizer que este indivíduo não tinha alcançado, no seu desenvolvimento, a camada da personalidade suficiente para ele desempenhar o papel histórico no qual o destino o colocou. O destino o colocou acima do que ele podia. Igualmente, Saddam Hussein tinha capacidade para ser um grande governante do Iraque, e de fato tinha um poder incontestável lá dentro. Só que se anda mais três metros já não enxerga mais nada.

Nestes casos é onde o destino derrota o indivíduo não por privação, mas por excesso. Também passou em cima do caráter este não estava desenvolvido além de uma certa camada. O destino pode te esmagar ou porque te nega o recurso, ou porque te conduz, na ordem dos fatos, muito além do que você está colocado na ordem do conhecimento, da consciência. Pode também acontecer o contrário, o sujeito tem consciência de tudo, está enxergando tudo, tem conhecimento de tudo, e na hora dos fatos é colocado à margem, não consegue agir de jeito nenhum. Um exemplo é Charles De Gaulle: depois da I Guerra ele era um grande estrategista militar, um professor do Colégio Militar, e tinha chegado à conclusão de que pelo tamanho do território, pelo tipo de economia, pela distribuição das populações, etc., a guerra tendia daí para diante a ser uma guerra mecanizada, ou seja, a chamada cavalaria mecanizada adquiriria um papel predominante. Escreveu um livro que era a nova teoria da guerra. Na França ninguém leu o livro, mas na Alemanha leram. Tem casos em que a visão do sujeito antecipa de décadas ou de séculos os acontecimentos.

É o problema do equilíbrio entre o poder e o saber. Este tipo de problema só acontece a partir de uma certa camada, a partir de um certo ponto de desenvolvimento da personalidade, do processo de personalização do indivíduo. Então ele começa a ter o saber ou o poder, e começa a ter um conflito entre ambos. Mas em geral isto não se coloca aos indivíduos. Agora, isso não tem nada a ver com indivíduos com Sol na X ou coisa parecida. Se ele tiver todos os planetas na X vai prestar uma enorme atenção na sociedade onde está; mas não quer dizer que ele a entenda, nem que a personalidade dele vai se desenvolver ao ponto de ele poder desempenhar um papel nela.

Uma coisa é a vontade como capacidade de decisão; agora, se essa decisão poderá passar à ação ou não, isto depende de uma integração de todas as faculdades, servindo à vontade. Este grau de integração não aparece no mapa, assim como a consciência não aparece no mapa. Uma maior consciência depende justamente de ele conseguir articular num único centro todas as informações que ele recebe de todas as faculdades cognitivas, e isto não dá para saber pelo mapa.

Como definiu _____, a consciência é a junção dos estados, é a síntese dos estados, e esses estados são vivenciados através das várias faculdades. Onde a vontade e a razão acabam predominando quer dizer que as outras faculdades estão integradas, mas isto não dá para saber pelo mapa. Aliás, é justamente isto aí que vai dar o padrão de unidade com o qual você vai interpretar o mapa. Desde a incapacidade total, a esquizofrenia, até o gênio perfeitamente integrado, César, Napoleão, você tem toda uma escala de graduações. Esta escala de graduações mostra a você que tipo de interpretação você tem que dar em cada caso, e este é justamente o problema das camadas. E mesmo por isso aí você não pode avaliar o destino, porque o homem pode ser um gênio assombroso, ter um poder e uma força de vontade extraordinária, e simplesmente o meio não oferecer as ocasiões para ele. A "História Aberta" de Manuel Bandeira, a vida que poderia ter sido e não foi, a vida é cheia dessas coisas melancólicas, chances

perdidas. Weber dizia que "a história é o conjunto do resultado indesejado das nossas ações", e milhares de pessoas agindo em sentidos que podem ser adversos, contrários, encavalados, combinados e no fim vai dar uma resultante que nenhuma deles desejou particularmente. O homem que acha que sabe o que fazer tem que se superpor a toda essa confusão.

Nós podemos tentar pensar o que teria sido a União Soviética se ao invés de Stálin tivesse governado Trotski. Seria bem diferente, porque Stálin era sobretudo um homem nacionalista, um russo, cujas perspectivas eram fechadas dentro da Rússia, e Trotski tinha perspectivas de revolução mundial. Então, se um tivesse dado mais certo que o outro, é óbvio que a história teria sido diferente. Para entendermos porque foi assim que aconteceu somente estudando toda a sucessão de episódios para ver qual foi o momento em que Trotski bobeou e o outro puxou-lhe o tapete. Ou se Lênin tivesse governado — ele fez a revolução e morreu dois anos depois. Para saber que tipo de governo ele teria e para onde ele conduziria a coisa é só você ver o que ele dizia, o que pretendia fazer. São objetivos declarados.

Muitas vezes a história pode ser decidida por um lapso, um erro que uma pessoa fez. Neste caso, a vida desse sujeito tem muito que ver com toda a história. Qual é o poder do indivíduo sobre a história e a sociedade? Isto é uma luta, uma dialética; dependendo do momento predomina a sociedade ou o indivíduo. Em geral a sociedade arrasta os indivíduos, mas tem momentos em que ela condensa na mão de um indivíduo um poder incrível, que pode determinar toda a existência dela depois.

P. - A astrologia relaciona Saturno na X com o "cair em desgraça", ou o poder que sobe à cabeça — por ex., Napoleão e Hitler.

Tem casos de indivíduos com Saturno na X terem caído em desgraça justamente pelo motivo contrário. _____ é um exemplo, o mapa dele é muito parecido com o de Hitler — é um mapa de Casa VII e X. _____ fracassa justamente por não querer impor a sua vontade. E isso não tem nada a ver com Saturno na X. Ele acreditava no diálogo, na democracia; ao final da guerra ele poderia impor uma série de coisas aos europeus, estava em condições de dar as cartas, mas não deu. Se o fizesse, a história certamente seria muito diferente. Outro exemplo é João Goulart. Por ter Saturno na X um pode ter desejo de poder e outro, o contrário, porque os valores são diferentes. Hitler era um alemão rancoroso, cheio de ódio contra os vencedores da I Guerra, e esses valores moldaram o caráter dele. Wilson era um pastor protestante que acreditava na paz universal e queria que todos fossem bons. Isto são valores diferentes, e nada têm a ver com o horóscopo.

P. - E no que eles eram iguais?

Caracterologicamente eles eram duas personalidades flagrantemente opositivas, com uma consciência muito grande da história (Sat. na X); há certas semelhanças de caráter mas não dos conteúdos morais, de valores. Os valores funcionam como o intermediário entre o caráter e o destino, e os valores são aprendidos. Ninguém pode descobrir a ideologia ou a religião do sujeito pelo mapa.

AULA 46

A significação que estamos atribuindo às casas não são novas, mas são uma reinterpretação das antigas interpretações. As casas são vistas como direções da atenção, ou direções da consciência.

Mais tarde poderemos encarar estas casas como o sistema das motivações humanas. Mas não será diretamente, porque entre o sujeito cognoscente e as suas motivações, ou seja, entre o homem como sujeito de conhecimento e o homem como sujeito de ações motivadas, existe a intermediação dos valores. Estes valores não vêm dos planetas; vêm da educação, da sociedade, etc.

Para cada direção da atenção temos uma fileira de objetos, e entre o sujeito da atenção e o objeto existe a intermediação do valor. O objeto não é visto diretamente, ele é interpretado de acordo com os padrões sociais admitidos — contra ou a favor desses padrões, mas sempre com referência a eles. O indivíduo poderia, no máximo, escolher dentre os valores socialmente ativos aqueles que fossem da sua preferência, mas não os poderia inventá-los sozinho. Porém ele só poderá fazer essas escolhas na vida adulta, e não na infância nem na adolescência.

Vimos também que os pontos ocupados por planetas no horóscopo representam focos de atenção, mas não

permanentemente. Seria absolutamente impossível que os focos da atenção do indivíduo fossem determinados apenas pelo seu caráter, o tempo todo. Uma das maneiras mais eficientes de você determinar uma conduta é justamente determinar uma direção da atenção. Se o foco da atenção no indivíduo coincidisse sempre com sua disposição caracterológica seria o mesmo que dizer que é o caráter que determina o seu destino, que o caráter determina os fatos que estão ocorrendo; o indivíduo só prestaria atenção naqueles pontos que carcacterologicamente apresentam interesse para ele. Evidentemente não é assim. Por ex.: um indivíduo que está na guerra é obrigado a prestar atenção no tiroteio, embora isso não tenha nada a ver com seu caráter. Se ocorre uma epidemia e ele fica doente, ele terá que prestar atenção numa porção de coisas que não têm nada a ver com seu caráter, porque ele vai parecer desta epidemia tanto quanto os demais indivíduos da mesma sociedade.

Em suma, podemos dizer que existe um conflito na disputa de atenção. Existe o foco caracterológico da atenção, e existem outros focos da atenção que nos são impostos pelas circunstâncias.

A primeira disputa do indivíduo com o meio é o direito de prestar atenção no que ele quer, naquilo que é de sua inclinação natural prestar atenção; ao passo que o meio lhe impõe que preste atenção em outras coisas. Este é um dos episódios mais terríveis da formação dos homens. É fácil você perceber que não somos donos da nossa atenção. A partir do momento que, na escola, você é obrigado a prestar atenção naquilo que você não sabe o que é, não sabe de onde veio, não sabe pra que serve, e no entanto aquilo é colocado diante de cinqüenta alunos de sete anos de idade — eis o drama instaurado.

A exigência da atenção que vem de fora é mais ou menos uniforme para todos os seres humanos daquele meio social. Cada um tentará responder de acordo com suas disposições caracterológicas, com maior ou menor sucesso. À medida que esta disputa prossegue o caráter pode levar a melhor, ou ao contrário, o externo pode levar a melhor.

Os papéis sociais que o indivíduo desempenha, se por um lado são um meio de a sociedade lhe impor uma roupa que não lhe serve, por outro lado podem ser um meio de defesa do caráter, na medida em que o papel social proporcione uma seleção mais conveniente ao indivíduo. De modo que, no exercício de um papel, eu me defendo da sociedade, preservo meu caráter, se for um papel social sempre se opõe à liberdade do eu.

A psicologia de Szondi ilustra parcialmente o que estou dizendo, quando afirma que a profissão é um instrumento de socialização e humanização dos instintos.

O papel social não é uma coisa totalmente externa. Assim como, se você pensar um pouco, verá que roupa também não é uma coisa totalmente externa, afinal a maior parte das pessoas veste o que quer. A roupa não serve só para esconder — quantos traços de caráter você não pode tirar da simples vestimenta do indivíduo! O mesmo vale para os papéis sociais. Eu não acredito que existe o ser autêntico por dentro, e um monte de seres falsos por fora, definidos por papéis sociais. Creio que existe uma dialética nas duas coisas. O indivíduo pode, inclusive, ser mais falso para si mesmo do que para os outros: o papel social que ele exerce estar mais próximo de seu caráter do que sua própria vida na intimidade.

Diremos então que os pontos ocupados pelos planetas são focos de atenção caracterológica, quer dizer, pontos onde ele presta atenção quando não existe interferência de outros elementos que o forcem a prestar atenção em outras coisas. Ora, esta interferência externa existe quase que permanentemente. Porém, poderia haver momentos onde esta mesma influência do meio o convidasse a prestar atenção naqueles mesmos pontos onde ele se inclina a prestar atenção. Em suma, pode haver coincidência da exigência externa e a exigência caracterológica; pode haver uma coincidência, uma luta, uma combinação; podem acontecer todas as possibilidades. O desenlace disto irá no sentido da frase de Ortega, “a reabsorção da circunstância é o destino concreto do homem”. Ele tentará reabsorver os dados circunstanciais, moldando-os de um jeito ou de outro, de acordo com o caráter dele, tal como ele mesmo o conhece.

Se de um lado nós temos as direções da atenção, e de outro seis faculdades cognitivas, agora só nos resta combinar uma coisa com a outra. Então teremos, em linhas gerais, a técnica da astrocaracterologia. Mas o problema não é aprender esta técnica, o problema é compreender esses conceitos. E saber, portanto, quais os limites desta técnica, e onde ela exigirá a intervenção de outros conhecimentos. Porque quando uma ciência, com o seu método determinado, começa a invadir outros campos, se pronunciar sobre coisas que

não são do seu domínio, isto significa que ela não se compreende a si mesma, não se basta a si mesma. A astrocaracterologia trata exclusivamente do caráter humano; e o caráter não é a personalidade inteira. A personalidade inteira implicaria um monte de outras faixas, de outras camadas, que não aparecem absolutamente no mapa.

Não se pode confundir as casas com as camadas. Elas estão numa relação, como de horizontal para vertical. As camadas da personalidade são instrumento extra- astrológico, embora moldado num modelo astrológico. Mas não são conceitos astrológicos; são conceitos psicológicos. Podemos dizer pedagógicos. Porque, desde este esquema, podemos verificar o nível de integração da personalidade, e mais ou menos, a amplitude de consciência do indivíduo. Quanto mais capaz o indivíduo for de relacionar os seus vários estados entre si, mais consciente ele estará. Ao passo que o indivíduo menos consciente vive por sessões, por episódios mais ou menos atomísticos, separados uns dos outros, incapazes de se relacionar, podendo chegar à personalidade múltipla, à esquizofrenia.

O nível de consciência não é um conceito tão metafísico, abstrato, quanto pode parecer. É só ver se o indivíduo consegue relacionar os vários aspectos e episódios da sua vida. Se ele tem consciência de si como sujeito de uma biografia, se ele consegue articular os dados anteriores com o presente e com o futuro que ele pretende, então ele está mais consciente. Não é uma coisa muito difícil de você perceber.

As casas astrológicas mostram apenas o caráter. O caráter é fixo, e não é, em si mesmo, mais evoluído ou menos evoluído, mais consciente ou menos consciente. A consciência não faz parte do caráter; inclusive, é preciso ter consciência do caráter. Não existe o planeta da consciência; não existe a casa da consciência. Consciência e inconsciência são estados que vão abranger a totalidade da personalidade — e o caráter, que está dentro dela.

Se dispormos as casas em círculos, poderíamos dispor as camadas como se formassem um cilindro, onde você tem doze círculos superpostos. Esses doze círculos são estruturalmente iguais, apenas colocados em níveis diferentes, e como que o caráter, tal como é, por eles subisse ou descesse.

Se as casas são as direções da atenção, é evidente que as chamadas faculdades cognitivas não são nada mais do que uma diversificação desta atenção. Existem modos de prestar atenção. Atenção é um nome genérico, que designa uma espécie de esforço, na direção de algum objeto.

Consciência e atenção não são faculdades cognitivas. As faculdades cognitivas estão para a atenção assim como as espécies estão para os gêneros. As faculdades, não sendo nada mais do que uma diversificação em modos da atenção, então fica fácil entender que o horóscopo do sujeito não é nada mais que seu padrão de atenção diversificado, primeiro, quanto às direções, segundo quanto aos modos de atenção — as faculdades. Este padrão de atenção difere de indivíduo para indivíduo, de duas maneiras: 1) Quantitativamente, mostrando que o indivíduo, deixado livre da influência de fatores externos que puxem sua atenção em determinadas direções, prestará mais atenção em algumas coisas e menos em outras; 2) o padrão de atenção diferirá quanto ao que vemos chamar circuito de atenção, que tem a ver com a hierarquia lógica das faculdades, e que explicaremos em seguida.

As faculdades cognitivas não entram em operação ao mesmo tempo. Existe uma seqüência imutável. Por ex., a memória não entra em funcionamento antes da intuição. Se eu não tiver intuição de uma coisa, esta coisa não entrará em minha memória.

A ordem tradicional dos planetas expressa as etapas cronológicas da atenção. Estas etapas podem, aparentemente, ser saltadas, no sentido de que a memória pode entrar em ação sem que haja uma intuição atual de alguma coisa — mas certamente já houve.

Existe uma espécie de hierarquia lógica entre as faculdades cognitivas, no sentido de que a razão não pode tentar coerir um conjunto de dados se ela não tem esses dados, isto é, se esses dados já não foram valorizados no seu devido tempo, isto é, se o sentimento não se pronunciou, e finalmente, se a vontade não operar uma determinada seleção. Quer dizer, a razão entra em funcionamento sempre por último — nem sempre no sentido cronológico, mas sim no sentido puramente lógico ou hierárquico.

A hierarquia entre as faculdades revela que umas necessitam das outras: a intuição não necessita de mais nada, ela necessita apenas que as outras faculdades existem; para entrar em ação ela necessita apenas que

aquele indivíduo possua potencialmente as outras funções, mas não que elas entrem em funcionamento atual. Porém a imaginação não entra em funcionamento se não for puxada pelo sentimento. Existem vários intersistemas de hierarquia entre as funções.

Ficou claro que uma função pode ter uma precedência causal em relação a outra. Uma pode depender da outra para funcionar. Isto não quer dizer que no momento "x" qualquer uma delas não possa entrar em funcionamento, independentemente das outras, e até mesmo retroagir sobre elas. Porém ela não poderia ter se formado sem que as outras a precedessem. Eu posso fazer um raciocínio agora sem que tenha a ajuda da intuição. Porém o conteúdo deste raciocínio entrou evidentemente, ao longo do tempo, pela intuição.

Portanto, o quadro astral do indivíduo mostrará: (1) os pontos fortes da atenção; (2) a hierarquia entre os modos da atenção, ou seja, para cada dado que seja absolutamente novo (que não esteja na memória), o mecanismo da atenção entrará em funcionamento pela ordem dos planetas (no sistema solar). Este é o ponto decisivo. O seu mecanismo cognitivo tocará como um piano. Se você tem Sol-II, Lua -VII, Mercúrio-III etc., o circuito de atenção "tocará" nesta ordem. O indivíduo tentará dar à sua experiência do mundo a forma do seu horóscopo, com maior ou menor sucesso. Por exemplo, se o indivíduo tem Sol-X, ele sempre que possível tentará olhar a coisa pela Casa X. E se as circunstâncias chamarem sua atenção para outras casas, ele tentará em seguida reverter tudo, e contar a história como se o dado tivesse entrado pela Casa X. Para que isso fique totalmente claro temos que descrever casa por casa. É aí que entra justamente a interpretação dos planetas nas casas.

A intuição é a primeira função que surge, porque ela é condição de todas as outras. Se não existe intuição, não existe memória, raciocínio, nada. Existe apenas a potência para o exercício destas funções, porém elas não podem ser exercidas na ausência de dados, e esses dados vêm da intuição. A intuição povoa de seres reais o mundo interno do indivíduo. A função da intuição é agrupar, juntar os dados sensíveis de modo a formar seres. A intuição constitui perante nós um mundo objetivo, povoado de seres, e não apenas de estados internos nossos.

E por ser a primeira função que entra em operação, é aquela com a qual estamos mais acostumados. Isto tem duas decorrências: (1) que nós nos apoiamos continuamente na intuição; (2) que nós acreditamos nelas, ou seja, aquilo que alcançamos numa intuição, acreditamos saber perfeitamente.

Nunca pedimos para ir além da intuição; só se estudarmos filosofia, e desenvolvermos uma consciência crítica, e entendermos que a intuição não basta. Mas o homem, na sua posição natural, pré-filosófica, confia na intuição com se o que ela oferece fosse a realidade mesma. Podemos pela intuição receber dados contraditórios: eu vejo acontecer uma coisa, e depois acontecer outra que parece desmentir a primeira. Aí a intuição encontra um limite, porque para ela resolver o problema precisaria captar a relação entre os dois eventos, relação esta que, sendo um dado puramente lógico, não pode ser intuído. Então, preciso conceber mentalmente uma relação entre os dois eventos, e isto é pensamento.

A intuição tem credibilidade para o indivíduo, ao passo que o pensamento nem sempre. Aquilo que o sujeito vê na sua frente é crível, porém o que ele mesmo pensa nem sempre é crível. O pensamento estabelece entre as coisas vistas uma relação que não é vista, que não é visível. Porém o pensamento é incumbido de dar a explicação causal das coisas vistas. Isto quer dizer que, para pensar, é preciso de um pouco de coragem, o indivíduo precisa consentir em sair um pouco do que vê, e tentar estabelecer um elo entre as coisas vistas.

Para muitas pessoas a constituição do pensamento permanece incipiente, subdesenvolvida, de maneira que o indivíduo não consegue desenvolver uma crença no pensamento do mesmo modo que ele crê na intuição. Portanto ele se tornará uma pessoa para a qual a demonstração lógica não terá tanta credibilidade quanto à intuição. São pessoas a quem você demonstra o raciocínio, ela acompanha, mas não introjeta nada, continua presa à intuição primária. Para o homem mentalmente atrofiado a demonstração lógica não tem credibilidade, só tem credibilidade o que ele intui ou o que ele sente, que são coisas primárias. O que ele intui é o que aparece diante dele; o que ele sente é o valor interior que ele dá para aquilo. Se você colocar a coisa diante dele e provocar nele reações afetivas, aí ele crerá, porque mexerá com ele. Porém quando chega na terceira etapa, a do pensar, daí ele não passa mais. Não que ele não saiba pensar, pensar é natural do homem. Porém a partir do momento em que esta função entra em operação ela não alcançará sobre o indivíduo a autoridade, o poder e a credibilidade que têm a intuição e o sentimento. Daí a extrema

dificuldade de aprender com a experiência. Porque à medida que prossegue a experiência, o indivíduo vai fazendo induções, vai tirando conclusões para ele não têm credibilidade, ele precisará repetir a experiência várias vezes, até saturar a memória. Isto também quer dizer que a memória auxilia o pensamento, porque a experiência repetida se grava na memória, e o pensamento tira mais facilmente conclusões, e dá a essas conclusões mais credibilidade do que ao evento que aconteceu uma única vez. A diferença entre um sujeito burro e um inteligente é esta: o sujeito burro apela mais para a memória, e se for mais burro, apela novamente para a intuição; não lhe basta recordar, é preciso que a coisa aconteça de novo.

A diferença entre os homens e os animais é que o homem precisa de muito menos experiência vivida do que os animais. Nós somos capazes de compreender coisas das quais não tivemos experiência e que jamais poderíamos ter. Podemos compreender raciocínios de ordem metafísica, filosófica, que escapam da experiência. A capacidade de aprender com pouca experiência marca o sujeito inteligente.

Em qualquer aprendizado a primeira coisa a vencer é esta incredulidade do indivíduo em relação ao seu pensamento, e a credulidade excessiva em relação à sua experiência. O indivíduo não percebe que a experiência dele é limitada, que não é com a experiência pessoal que ele tem que aprender, é com a experiência dos outros.

A origem desse problema é justamente a seqüência das faculdades e a dependência de umas com relação a outras no funcionamento. Elas se tornam independentes somente aos poucos. Por exemplo, o sentimento entre em funcionamento depois de a intuição estar funcionando há um longo tempo. O sentimento pressupõe um certo objeto, pressupõe que o indivíduo goste ou não goste, por ex., de certa pessoa. Esta pessoa, para o indivíduo gostar ou não, tem de estar constituída aos olhos dela, e isto foi um trabalho da intuição. Aos poucos, o sentimento passa a se apoiar na memória, e isto significa que ele aprendeu alguma coisa, que ficou mais independente da intuição.

Do mesmo modo, o pensamento também vai se tornando independente da intuição, do sentimento, e até da memória. As funções vão adquirindo independência, o que marca a evolução do ser humano.

A independência do pensamento em relação à memória se dá quanto aos conteúdos; passa a me reportar apenas ao seu conceito.

A entrada em cena das faculdades é realmente a seqüência dos planetas. Bastaria que a psicologia genética e o estudo da evolução da cognição demonstrassem que a seqüência é exatamente essa para que já ficasse óbvia para nós que, quando os astrólogos de antigamente estabelecerem esta ligação com os planetas, tinham captado já alguma verdade. Mesmo que a astrologia, em termos de interpretação de mapas individuais não funcionasse, em termos de captação dessas estruturas gerais da psique funcionam muito bem.

Como já foi dito, a intuição por ser a função primeira é aquela que adquire maior credibilidade a nossos olhos. Em termos de interpretação do mapa do indivíduo, isso se refletirá no fato de que os dados que o sujeito colhe na casa onde está o Sol serão, do ponto de vista dele, imediatos e inquestionáveis. Os dados colhidos naquela direção onde está o Sol são para o indivíduo os mais firmes, embora para nós que vemos de fora, eles sejam tão questionáveis quanto quaisquer outros. Muito bem, se estes são os dados firmes e imediatos, naturalmente a conquista do conhecimento mediato se apoiará neles. É na casa onde está o Sol que ele pegará as premissas, e por essas premissas que ele tentará conferir a veracidade ou falsidade dos demais conhecimentos captados por outras direções. Supondo que o indivíduo tenha o Sol definidamente numa determinada casa, esta casa será para ele o começo da conversa, o porto seguro de onde ele sempre enxergará claro.

Para o indivíduo com Sol na I, o primeiro dado seguro que ele tem é sobre ele mesmo. Esse indivíduo tem a impressão de se conhecer a longo tempo. Sua imagem não lhe é estranha, e tudo aquilo que puder ser referido à sua auto-imagem adquire instantaneamente, de seu ponto de vista, uma clareza muito grande. Esse indivíduo, sendo transparente aos seus próprios olhos, naturalmente parecerá transparente aos demais. Ora, se o indivíduo tem esta impressão de familiaridade com ele mesmo, como se ele se conhecesse a si mesmo desde o começo do mundo, isto significa que para ele é muito fácil, muito crível, alguém ser como ele é. Isto não é problema, o que pode ser incrível é alguém ser diferente. Esse indivíduo está sempre colocado numa posição onde ele sabe quem ele é, sabe o que quer, sabe o que vai fazer no instante

seguinte. Para ele isso é o óbvio; entre ele e ele mesmo não existe hiato, não existe intervalo, não existe distância crítica, não existe intervenção da dúvida. O único problema que ele não tem é o de identidade; poderá ter todos os outros, mas procurará resolvê-los puxando-os de volta à sua identidade. Uma criança com Sol na I você a verá desde o início mostrando uma desenvoltura, uma naturalidade incrível. Ela exerce o seu próprio papel sem perguntar qual é, porque ela já sabe. Ela tem autonomia, não é preciso dizer-lhe o que fazer, porque ela já o sabe e já o pretende fazer. Em relação às outras crianças você verá uma iniciativa maior, ela não espera ninguém fazer nada para começar a fazer. É mais fácil ela caminhar por si mesma do que por outro.

Neste indivíduo a intuição funciona a pleno vapor em se tratando da intuição de seu próprio estado momentâneo, e da sua própria ação. Quanto a isso nunca há dúvida; enquanto este indivíduo estiver colocado na posição de ser o centro dos acontecimentos ele estará entendendo tudo, mas se o colocarem numa posição para observar algo, ele já não entenderá mais.

Qualquer dado, qualquer conhecimento que chegue a este indivíduo, ele só terá segurança, firmeza, no momento em que aquilo estiver inserido dentro da ação que ele está exercendo naquele momento. Tudo que lhe acontece só se torna um dado familiar, seguro, inquestionável, na hora em que aquilo passa a ser um subsídio da ação que ele está desempenhando neste momento, ou seja, na hora que aquilo é referido à pessoa dele, ao ato dele naquele instante.

É difícil para um indivíduo com Sol na I se conceber como objeto do pensamento alheio; ele é sempre sujeito. Isto não quer dizer que ele não conseguirá, mas não é a posição natural dele; para conseguir se ver como objeto terá que colocar um outro no palco, o que necessitará de um esforço de imaginação e raciocínio.

Esta análise é muito sutil, pois não estamos lidando com traços de comportamento, e sim retirando do comportamento todas as causas que interfiram sobre ele, até chegar à causa caracterológica pura. E isto às vezes fica difícil de se enxergar porque nem todo o nosso comportamento é caracterológico. Existem comportamentos ditados imediatamente pelo meio, sem passar pelo filtro do caráter do indivíduo. É preciso que haja momentos de libre expressão, onde você capte o sujeito agindo a seu próprio modo, aí veremos que modo é esse.

Já entendemos que o comportamento não poderá ser explicado inteiramente pelo caráter, pois isso é o mesmo que dizer que cada indivíduo é o sujeito criador, único responsável pelos seus atos realizados, o que é absurdo. Existem ações que são determinadas pelo caráter, ações que são determinadas por causas exteriores, e ações onde está tudo misturado, que são a maior parte delas. Você precisa ver o sujeito agindo em diversas ocasiões para perceber qual a constante caracterológica, fazendo exclusão do circunstancial.

Um indivíduo com Sol na VII tem intuição clara do que os outros estão fazendo. Para o Sol na I a pergunta "o que vou fazer?" teria uma resposta imediata; porém com o Sol na VII essa resposta implica que haja uma proposta de ação externa à qual ele possa dizer sim ou não. O indivíduo com Sol-I se conhece diretamente por intuição, conhece sua expressão, sua exteriorização, de maneira imediata; ele se expressa como ação demanda a interferência de um elemento que torna a ação indireta, não intuitiva, que exige uma escolha, porque a única coisa que é intuitiva é o que os outros estão fazendo. E para eu fazer alguma coisa preciso pensar, preciso preferir, e para isso preciso de alternativas. Portanto o resultado será um tipo de intuição que é positiva e opositiva. Ou seja, depende de outro para poder ficar numa posição propícia à sua intuição. Ele intui de preferência o que os outros estão fazendo; se ninguém estiver fazendo nada, a intuição desliga. Este indivíduo, deixado a sim mesmo, portanto não tendo partido nenhum a tomar, se nada está acontecendo, ele não pode ser contra nem a favor. Ele necessita do outro para que lhe dê o dado, mas não que o outro faça a escolha por ele.

A diferença dos indivíduos com Sol-I e com Sol-VII é de ordem cognitiva. O dado, para um, é primário e portanto seguro para outro é secundário, e portanto duvidoso — mas ele terá um outro dado que para ele é primário, que é a proposta que lhe vem de fora, é a ação alheia, na qual presta atenção. Mas isso não quer dizer que ele se identifique com ela. Ele está assistindo, e pode responder positiva ou negativamente ao comportamento alheio. Para o sujeito com Sol-I não houve esta alternativa. Para ele sua ação é prévia a qualquer escolha; não há outra alternativa senão fazer o que ele já está fazendo, senão ser quem ele já é.

A inteligência do sujeito com Sol na I é regra de si mesma, é lei de si mesma, o que não quer dizer que mais tarde o indivíduo não possa perceber o outro perfeitamente bem, pela experiência acumulada, pela intervenção do pensamento, etc.

É errado dizer que a Casa I é o eu e a VII o outro. A Casa I é eu comigo mesmo; a Casa VII é eu em face de alguém.

Com o Sol na Casa II saímos do eixo eu sozinho x eu em face do outro. Na Casa II o dado seguro é o mundo que nos rodeia, o mundo de seres, entes, formas, coisas, pesos, cores, etc., ou seja, as coisas como estão. Veja, o Sol na I cria um tipo de inteligência intuitiva autônoma porque é regra de si mesmo; na VII é o que chamamos de inteligência intuitiva eletiva, porque ela elege, escolhe. Com o Sol na II temos o que chamamos de inteligência intuitiva realista, porque é marcada pelo real, pelo tamanho e forma das coisas que o rodeiam. Este já não é um mundo feito sobretudo de ações humanas, mas é um mundo de coisas; já não é um mundo humano, é um mundo da natureza, por assim dizer. E isto é que é o real para este indivíduo; as coisas têm a forma que têm, e não a que você imagina ou desejaria, têm o peso que têm, etc.

Este é um tipo de inteligência intuitiva que, podemos dizer, busca a conformidade entre a visão subjetiva e o que se passa em torno. Seria o "regrar o dentro pelo fora", de Comte. Por exemplo: as coisas pesam o que pesam; portanto, se pretende carregá-las terei de fazer uma força X para carregar isto e uma força Y para carregar aquilo. Não é a toa que pessoas com Sol na II desenvolvem uma capacidade de distinguir gostos que os outros não tem. O que pra gente é tudo a mesma coisa, pra eles é tudo diferente.

Trata-se de uma inteligência que capta mais facilmente o fato consumado, aquilo que já está manifestado, materializado sob a forma de coisa; não os processos sutis que estejam ainda em andamento. Seria uma inteligência intuitiva que tende a uma visão estética, a um estado de coisas.

Em termos de comportamento é muito característico destas pessoas agirem sempre pela última alternativa que resta. Vejam a diferença entre o sujeito com Sol na I e o com Sol na II. Para o primeiro pouco importa o estado das coisas, importa o que ele quer fazer agora. Para o segundo talvez ele não saiba o que quer fazer, mas ele olha o quadro que está instalado na frente dele, e vê que só resta fazer isto ou aquilo. Portanto será característica fixa deste indivíduo esperar o fato consumado para depois agir. E agirá assim porque lhe é mais confortável, mais seguro, porque baseado na intuição. Porém nem sempre poderá agir assim. O indivíduo poderá ser forçado a imaginar as alternativas e antecipar o fato consumado, porém ele não o fará com plena confiança como agiria numa situação de fato consumado.

Isto se torna mais claro quando você contrasta com o indivíduo com Sol na Casa VIII, que longe de perceber o quadro como está, percebe mais facilmente as tensões latentes. Ele olha este mesmo quadro, mas o olha pelo avesso. Ele tem um jeito de ver as coisas em torno não tanto como elas estão, mas como poderão estar daqui a pouco. O mundo que esse sujeito vê já não é um mundo de coisas como um museu, com um monte de quadros expostos. Ao contrário, é um sistema de molas que estão prontas a saltar a qualquer momento; um sistema de botões, onde cada um destes botões pode mudar totalmente o quadro.

É natural que o indivíduo com Sol na II se sinta mais confortável perante um quadro perfeitamente definido, e o indivíduo com Sol na VIII se sinta mais confortável podendo apertar o botão para ver se aquilo que ele tinha suspeitado era verdade mesmo.

Portanto o indivíduo com Sol na II assume de preferência uma posição de contemplador do quadro, que não pretende alterá-lo exceto no mínimo indispensável, enquanto que com Sol na VIII ao contrário procura interferir constantemente, porque é aí que ele enxerga.

Esses traços de comportamento que a gente ilustra não são para ser tomados muito a sério. O indivíduo se comporta assim porque ele busca se colocar numa posição que favoreça a inteligência intuitiva. Portanto é mais fácil de entender que a pessoa com Sol na II entende mais facilmente o fato consumado, aceita e sabe agir em função do fato consumado, e que ao contrário, o sujeito com Sol na VIII nunca espera consumar o fato, mas procura ele mesmo criar um fato.

Não se trata de traços de comportamento, mas de traços da inteligência, isto é, posições nas quais o indivíduo procura se colocar para enxergar melhor, e não porque goste, não sendo impossível que, do ponto de vista afetivo, ele tenha o traço contrário, ou seja, mesmo enxergando melhor da posição tal, no

entanto goste mais da posição inversa. Por exemplo, tendo o Sol na VIII e a Lua na II, evidentemente seria uma posição afetiva extremamente desconfortável para a inteligência. Então, nada de atribuir a esses traços que estou falando um valor dinâmico motivacional — não são motivações. O indivíduo não vai buscar isso porque quer, porque gosta, e sim porque ele precisa para poder enxergar.

O indivíduo sempre só enxerga por onde está o Sol, e mesmo que a situação seja completamente outra, ele tentará se colocar naquela posição. O sujeito com Sol na VIII, mesmo que não se trate absolutamente de ele agir, mesmo que a ação seja absurda, ele tentará agir e mexer um pouco para ver se ele entende. Já o indivíduo com o Sol na II esperará até o fim para ver com é que fica. Ele poderá antecipar imaginativamente o fato consumado. Mas de qualquer modo, o indivíduo com Sol na II, para agir com perfeição, precisa de certo modo se sentir pressionado; ele precisa poder se dizer "não fui eu que escolhi, foram os fatos que me impuseram esta decisão". Aí ele sente que está enxergando o real mesmo, não havia outra alternativa, tinha que fazê-lo. Ao passo que o indivíduo com Sol na VIII, se chegar na última alternativa, ficará desesperado e nada enxergará.

O indivíduo com Sol na VII que fica sem ninguém ou nada para comparar fica como o jogador que joga sozinho com as pedras brancas, e não é que não tem ninguém jogando com as pretas; simplesmente não tem pedras pretas. A situação de estar totalmente sozinho e ter de decidir criativamente e que fazer da vida, para um indivíduo com Sol na VII é muito difícil. Se ele fica sozinho não tem mais motivos para fazer qualquer coisa que seja. Então sua inteligência intuitiva pára; fora da situação que lhe é favorável ela pára, e entra em funcionamento alguma outra função: imaginação, vontade, etc.

Se o indivíduo tiver Sol na Casa III ele vê enquanto pode pensar (e pensar significa representar uma coisa por outra). Noutros termos, enquanto ele pode conceber que as coisas poderiam ser de outro modo e não daquele que ele está vendo. Pensar é comparar; para comparar é preciso ter alternativas. Quanto mais alternativas, quanto mais movimento pode ter o pensamento, melhor para esse indivíduo.

O indivíduo com Sol na III não aceita o dado, porque este se fechou; ele não pode mais pensar, e portanto não tem mais interesse. Ao chegar a uma conclusão ele passa a pensar em outra, porque aquela já não interessa mais. É um indivíduo que intui enquanto pode se colocar na situação de aprendizado, ou seja, onde há possibilidade de acerto e de erro; quando tirar a possibilidade de erro, não pensa mais. Ele concebe a possibilidade do erro até quando uma determinada verdade não se impôs a ele, enquanto ele pode conceber uma outra alternativa. Mas, não tendo escapatória, não tem mais interesse.

Suponha a posição contrária: o indivíduo busca situações onde aquilo que ele intui coincida com aquilo que ele crê como verdadeiro. Enquanto o primeiro, com Sol na III, busca uma situação onde haja alternativa, onde haja uma possibilidade de erro e onde haja, portanto, a possibilidade de aprendizagem, este último, com o Sol na IX, procurará situações onde as verdades intuídas e admitidas vão sendo empilhadas e se confirmam umas às outras, formando uma espécie de sistema de crenças. Portanto podemos dizer que a certeza tem uma função diferente para essas duas pessoas. Para um, sempre que chega à certeza isto marca uma mudança na direção da atenção — se ele tem certeza sobre uma coisa, já vai prestar atenção em outra, completamente diferente, e de preferência oposta. E o indivíduo com o Sol na IX, ao contrário, se chegou a uma certeza, vai buscar prolongar e confirmar esta certeza cada vez mais positivamente.

Nessa dupla de casas a intuição do sujeito funcionará melhor, no primeiro caso, na medida onde ele possa ter uma atitude dialética e oscilar entre negação e afirmação, e no segundo caso, Sol na IX, onde possa ter uma atitude lógica-dedutiva, tirando conclusão após conclusão.

O indivíduo com Sol na III estará intuindo o real na medida em que o pensamento dele possa ter esta atividade dialética; se parou, ele sente que apagou a luz. O mundo de certezas favorece a um desses indivíduos, e desfavorece o outro. O sujeito com Sol na III necessita de mudança contínua do pensamento, do contrário seria cansativo e ele teria a impressão de não enxergar nada. Não que ele não consiga fazer dedução, ele o faz como qualquer outro, mas a intuição apaga. E para o indivíduo com Sol na IX, a contínua mudança de direção de perspectiva criará uma situação de desconforto e de incerteza, na qual sua intuição apaga.

Não se pode confundir a postura da inteligência com as crenças do indivíduo. Um sujeito com Sol na III

pode ter crenças muito mais fortes do que alguém com Sol na IX, e vice-versa. Mas, mesmo tendo essas crenças, ele terá que fazer de conta que não tem para poder continuar vendo as coisas claras. Ou seja, a postura da inteligência não está vinculada ao conteúdo real de suas crenças, mas apenas ao seu processo de intuição — onde ele se coloca para poder intuir.

A polêmica tem uma função diferente para indivíduos com Sol na III e na IX. Um indivíduo com Sol na IX, se fizer polêmica, é para impôr a posição que já tem; se conseguir, ele tem aquela impressão de certeza, e aí ele está bastante inteligente. Já para o indivíduo com Sol na III é o contrário, a polêmica talvez tenha a função de mudar a opinião dele: "se existe a possibilidade de eu mudar de opinião, se eu posso experimentar pensar de um jeito e de outro", assim o sujeito sente que está vivo, sente que a inteligência está funcionando.

Para o indivíduo com Sol na III a dúvida é vitamínica; para quem tem Sol na IX a certeza é vitamínica. Mesmo que tenha dúvida, o indivíduo com Sol na IX tentará afirmar para si como se fosse uma certeza. E se não tem nenhuma certeza forjará uma para poder ter um sentido de firmeza e continuidade do pensamento. Uma coisa é discutir as idéias que estão em circulação, sem você colocar a sua inicialmente; outra coisa é você ter uma idéia pronta e argumentar em função dela. O indivíduo com Sol na III se sentirá mais firme sempre que puder tomar a primeira atitude; com Sol na IX sempre que puder tomar a segunda. Mas ambas as atitudes são experimentais, o indivíduo as adota porque favorecem à sua inteligência, e não porque ele acredita mesmo nelas.

O indivíduo com Sol na IX passa aos outros uma impressão de certeza, mas é uma certeza da qual ele precisa para poder intuir, e não que ele a tenha efetivamente. Será fácil de perceber quando um sujeito com Sol-IX está na incerteza a respeito de tudo, porque ele fala com certeza mas age de maneira incerta. As posições contrárias a ele serão enfrentadas diretamente como erros a derrubar, não como hipótese, a não ser que ele decida fazer isso por reflexão, mas não é a tendência espontânea dele.

Para alguém com Sol-IX as situações de incerteza são extremamente desconfortáveis, ele fica com a sensação de que lhe apagaram a luz. A intuição é a função na qual confiamos; o sujeito não intuindo já se sente na incerteza. Aí tem que se apoiar no pensamento, mas o pensamento é sempre dúbio, como a imaginação, então tem que se apoiar na vontade, mas a vontade é arbitrária. Então não dá pra confiar em nada. Porém este indivíduo (Sol-IX) se apoiará numa tese que é ditada pelo sentimento, pela vontade, e tentará perseverar nela, até poder enxergar as coisas. Ele pode até mudar de opinião, mas se mudar, será tudo ao contrário. Ele não relativiza, o relativizar para ele é um acidente, do qual ele tem que tentar sair o mais rápido possível. Para ele a parte fundamental do pensamento é a parte afirmativa. Já para o indivíduo com Sol na VIII a parte fundamental é a crítica.

Onde quer que você tenha o Sol é ali que você procura se colocar, porque é dali que você enxerga. O símbolo é literal, o Sol ilumina aquela casa e não ilumina as outras: e a casa contrária é a que está mais obscura.

Quando vemos o indivíduo agindo numa situação que é perfeitamente livre, quando não existe a coação de outros fatores, mas ao contrário, existe uma expressão livre do caráter, então esses traços se tornam mais nítidos. Por exemplo, na criação artística, que é livre, é onde o indivíduo estará puxando o máximo de sua intuição. Na criação artística existe uma tensão de todo o ser psíquico na direção do objeto a ser criado. Neste caso o caráter vai aparecer de maneira mais nítida, ao passo que em outras ações esse indivíduo poderá agir impessoalmente. Balzac quando escrevia era Balzac, mas quando ia votar, comprar algo para casa, etc., certamente não havia uma expressão pessoal tão nítida. Isto quer dizer que em muitos casos o caráter do sujeito quase não aparece, você vai ter que escavar muito, por baixo de camadas e camadas de ações impessoais, para você achar onde é que ele está fazendo o que quer.

Para o indivíduo que tem Sol na IV o mundo que ele intui de maneira mais rápida, mais imediata, e que para ele é a verdade mesma é o próprio mundo dos seus sentimentos, desejos, temores, etc. O indivíduo possui uma espécie de termômetro da felicidade, ele sempre sabe se está feliz, infeliz, e o por que, e o que o deixaria assim. Tenderá a agir de maneira que diretamente atenda a esses anseios. Ele encara cada uma das outras pessoas como se fosse um depósito de desejos, anseios, temores, etc. Acontece que o outro pode não se encarar a si mesmo assim; num determinado momento posso estar pouco ligando para minha felicidade ou infelicidade, posso estar pensando em outra coisa completamente diferente. O indivíduo com

Sol-IV nos olha como se fosse esse o nosso foco. E tão logo agimos segundo outros focos ele deixa de entender.

O indivíduo com Sol na X, ao invés de focar sua atenção no íntimo de cada indivíduo procura olhar o sistema de articulações que preside o relacionamento entre todos, que encara as pessoas não pelo seu próprio conteúdo afetivo, mas pelo sistema das posições em relação aos outros.

O indivíduo que tem o Sol na casa X, enxerga mais facilmente o sistema das relações entre as pessoas. Dado um grupo de pessoas, ele sabe quem está em qual posição. Não só hierarquicamente, porque hierarquia é só na vertical, mas faz um mapeamento, uma topografia inteira. Cada pessoa para ele, é um sistema de relações com outras pessoas, ou seja, quem gosta de quem, quem manda em quem, quem influencia quem. Ele sabe exatamente onde está, sabe qual é sua posição: gosto de fulano, sou influenciado por beltrano, influencio sicrano.

O indivíduo com o Sol na casa IV intui mais facilmente a situação do indivíduo isolado, e o com o Sol na X enxerga mais facilmente a posição do indivíduo no grupo.

Na ausência de dados sobre a posição do indivíduo em relação aos outros o camarada com o Sol X enxerga todo um panorama, uma topografia, e cada um dentro daquilo. Um fenômeno curioso, em termos de comportamento, são as crianças com o Sol X, a facilidade que elas possuem de serem aceitas por adultos. Ela compreende facilmente as regras de convivência, o que é conveniente naquele meio. E imita aquilo perfeitamente bem, ainda que não entendendo intelectualmente. Isto quer dizer, que o indivíduo com o Sol na IV, sempre procurará se colocar, do pondo de vista das fontes interiores do comportamento. Ele olhará o mundo em volta, como um campo onde se realizará sua felicidade ou seu infortúnio. O mundo para ele é apenas um cenário passivo, onde se desenrola a história de sua alma. E as coisas adquirem importância ou desimportância conforme a tornem feliz ou infeliz. E olhará os indivíduos do ponto de vista dessas fontes internas do comportamento. O indivíduo com o Sol-IV, procurará o que a deixa feliz, percebe o que lhe dá prazer e acha que as outras pessoas estão preocupadas exatamente com isso. O Dr. Albert Einstein, que tem o Sol na IX e alguns planetas na X, dizia: “Felicidade é um ideal digno dos porcos”. Para ele era. Veja, o fato do sujeito ter o Sol numa casa ___ com que ele encare as coisas, de maneira tão exclusivamente ligada aquele ponto de vista, que chega a formular em palavras. O sujeito que tem o Sol na I, acha que todo mundo que ser ele mesmo, e tem pessoas que estão pouco ligando para serem elas mesmas. O sujeito que tem o Sol na III, acha que está todo mundo louco para aprender, que topa até sofrer, contanto que aprenda alguma coisa. Já o cara que tem o Sol IV, prefere não aprender, a ter que sofrer.

É uma ingenuidade natural do homem achar que todo mundo é igual a ele. Por exemplo por eu ter o Sol na III, a idéia de que amanhã estarei exatamente como estou hoje me é insuportável. Este impulso de aprender, embora eu imaginasse ser natural nas pessoas — e não é — pode no entanto, ser adquirido acidentalmente, ou pode ter sido por um outro motivo, ou ainda porque a razão lhe mostrou que deve ser assim. Mas não é natural no indivíduo. Eu nunca liguei muito para a felicidade, entre uma notícia ruim e verdadeira e uma boa e falsa, prefiro a primeira. Eu até tendo a desconfiar um pouco da felicidade. Do mesmo modo, o indivíduo que tem o Sol na I, essa originalidade, ou essa originariedade dele *_____ muito importante, o que importa o resto do mundo? Eu sou eu.

Este estudo, de cara, serve para mostrar que as pessoas não são como você, não podem ser, e é evidente que cada casa implica certos valores, que valem para todas as pessoas. Por exemplo: esse valor da individualidade, cada um é cada um, não pode ser traçado por outro. Este é um valor de casa I, e ele existe para todas as pessoas. Só que não é realmente central para todas as pessoas, todas tem este valor e acreditam nele de alguma forma, mas, não como coisa central.

Se você tem o Sol na VII, a coisa mais importante é você acertar de que lado você está. Agora, outro indivíduo vai dizer: mas por que você precisa decidir isso? Por que você não pode ficar indeciso a vida inteira? Por que você precisa ser contra ou a favor? Este precisa! Ele precisa se definir, ele tem a necessidade de se definir em face do outro. Ao passo que um cara com o Sol na I, a idéia mesmo dele se definir em função do outro, pode lhe parecer bastante esquisita, ele já está definido de antemão, o outro que se defina!

O sujeito com o Sol na VII, terá que tomar um partido, num conflito entre duas pessoas, ele tomará uma

das quatro decisões possíveis: a favor de uma pessoa, a favor da outra pessoa, a favor da conciliação ou a favor do conflito, ou seja, sempre toma partido, mesmo que seja contra ou a favor da briga. Já para outros indivíduos, essas coisas não são tão importantes.

O indivíduo com o Sol na IV só entende as coisas pelo ponto de vista da felicidade. Esse termômetro da felicidade, enquanto funciona, ele enxerga o mundo, e procurará sempre enxergar deste ponto de vista, pelo menos nos instantes em que ele possa ser como ele mesmo. E é evidente que se arrumar emprego no qual ele tenha que ficar 8 horas por dia, pensando em outra coisa, pensará em outra coisa, porém não é porque você seja você, e sim porque você ocupa aquele emprego. Se fosse depender de você, você iria voltar à sua posição normal de encarar tudo pela casa IV.

Na casa X, a mesma coisa, o indivíduo que fique isolado do meio social não entende mais a vida, ele se torna burro. Ele precisa ter toda uma sociedade em movimento para ele poder encará-la, de maneira que as ações de cada indivíduo sejam reportadas à sua posição em face dos outros e assim por diante. Se ele se tranca em casa, e não tiver sociedade humana, emburreceu. Já o indivíduo com o Sol na IV, pode ficar fechado em casa o tempo todo, sem emburrecer, pode ficar infeliz, mas a intuição não apaga, pelo fato de perceber que está infeliz. Não é que ele precisa ser feliz, ele precisa encarar as coisas do ponto de vista da felicidade ou infelicidade. E do ponto de vista do que que o indivíduo quer? O que o indivíduo está buscando? O que que ele como unidade singular, está buscando?

O sujeito com o Sol na V, o que ele encara, enxerga de modo patente, é o que ele tem capacidade para fazer naquele momento. Para ele, o mundo é uma espécie de campo de batalha, onde a cada momento a sua capacidade é solicitada a se mostrar. Isto quer dizer que, se não houver nenhuma solicitação de capacidade, nenhum desafio, ele apaga. Numa situação, onde a sua participação seja perfeitamente indiferente, você não tem nada a fazer lá, nenhuma das suas capacidades sirvam para alterar no mais mínimo que seja o estado das coisas, nessa situação, eu acho que o indivíduo não enxerga. Ou seja, o indivíduo com o Sol na V, a intuição dele liga, funciona nos momentos e situações, onde ele encontra um desafio para mostrar a sua capacidade. Ele sempre tem consciência de si, nos seguintes termos: isto eu posso; isto eu sei; aquilo eu não posso aquilo eu não sei. Ele é tão autocêntrico quanto o indivíduo com o Sol na I, só que a ênfase agora não cai somente na ação imediata que eu quero fazer, que sai porém de mim como ação espontânea do meu eu, mas é uma ação mais mediada pela consciência da capacidade, ou seja, vou fazer não porque quero, mas porque posso, porque sou capaz, mesmo que não queira. Agora, as situações que não solicite de modo algum este tipo de intervenção, escapam da área de visão do sujeito. Por isso ele se interessa por elas. Quer dizer, situações que sejam alheias às capacidades dele ele não enxerga. É como se você dissesse: Tudo que não for campo de batalha, estado de jogo, não existe. Por exemplo, uma situação que seja só para ficar assistindo: o cara que tem o Sol na V não sabe assistir, tanto quanto o que tem o Sol na I. Este tem que ser o centro agente, como atividade espontânea e que brota dele pelo simples desejo de ser, desejo de existir. Ao passo que com o Sol na V não se trata disso, não é uma expressão tão direta e tão primária do EU, mas expressão de uma capacidade autoconsciente. É como se você dissesse que o indivíduo com o Sol na I é: “fi-lo porque qui-lo”, e o Sol na V: “fiz porque posso”. Seria uma inteligência tática, se refere à batalha que está em jogo neste momento. A inteligência estratégica é a da casa XI. Nela o indivíduo enxerga a sua vida inteira como um trajeto que se destina a chegar a uma apoteose, quando ele for aquilo que ele quer ser. Quer dizer que cada ato, cada coisa que se passa, é um episódio na formação deste personagem. Isto quer dizer, que a mera demonstração de capacidade não ajuda em nada, ao passo que para o Sol na V ajuda. Um cara com o Sol na V é capaz de se envolver em muitas situações, que de fato lhe interessam, situações e conflitos que não interessam, mas aquilo é uma chance dele treinar. Ou de ele, reafirmando a sua capacidade, poder enxergar as coisas claramente.

Uma pessoa com Sol na XI pode perder todas as batalhas contanto que ganhe a guerra. Os eventos têm que se mostrar importantes, em função do grande objetivo final. Tudo é visto dentro de um plano muito grande, e voltado para a consecução tempo-futuro. E se perder esta perspectiva temporal o sujeito não enxerga mais nada. O conteúdo do plano depende dos valores dele.

O sujeito com Sol na XI, com três anos, parece que já sabe o que vai ser. Isto é por intuição, ele olha ele mesmo como se já fosse um sujeito famoso. O sujeito, a cada momento, tem o potencial que tem, é real, está nele, então pode ser conhecido intuitivamente. Ele apenas não é real no exterior, mas para ele já é. Sua

consciência de vocação é extremamente aguda, e aparece muito mais prematuramente do que em qualquer outro indivíduo.

Para o indivíduo com Sol na V as situações que ele vive podem ser importantes em si mesmas porque, ele participando daquilo, tendo ocasião de demonstrar suas capacidades, está com sua inteligência ligada, está entendendo tudo; ele não precisa conectar aquilo tudo com outras coisas, o que importa é a situação imediata.

Um indivíduo com Sol na XI só parte para a ação depois de examinar a importância dela dentro do plano a longo prazo. Ele procura se colocar dentro deste ponto de vista para poder continuar confiando na sua inteligência. Ou seja, se você colocá-lo numa situação que está desconectada do plano dele, ele não enxerga mais, ainda que ele goste, porque o indivíduo pode ter, por ex., a Lua na V, e por um motivo sentimental ele vai se colocar numa posição na qual não enxerga nada.

A posição onde está o Sol é simplesmente a posição preferencial para você enxergar. Pode haver casos onde exista destruição deliberada da inteligência intuitiva: o indivíduo nunca se coloca nesta posição porque não quer enxergar nada. Um sujeito com Sol na X que foge ao convívio social está ruim; está emburrecendo dia a dia. Já com Sol na IV, se não tiver convivência íntima com ninguém com quem ele possa falar dele mesmo, vai ficar ruim. Com o Sol na III, que você já obrigue a subscrever uma crença, uma religião, desde o primeiro dia sem questionar nada, vai emburrecer. Agora, pode ser que este emburrecimento seja vantajoso para ele, sobre outros aspectos como o sentimento, o desejo, etc., que podem levá-lo a buscar algo que, do ponto de vista da sua inteligência intuitiva, é extremamente inconveniente.

O sujeito com Sol na VI enxerga claramente o seu próprio microcosmo, o conjunto do que ele é, faz, deseja, age, padece, etc., e se está funcionando ou não, e o que tem de fazer para consertar o prejuízo. Este indivíduo está numa posição boa quando ele enxerga tudo e sabe tudo. É quando ele tem o domínio completo da sua vida. A vida para ele é como se fosse uma firma, na qual ele tem conhecimento total das finalidades da empresa, da organização, da estrutura, dos funcionários, etc., e tudo está sob seu controle; aí ele enxerga tudo, ou seja, quando ele tem o poder total sobre sua vida.

E inversamente, o sujeito com Sol a XII, sua inteligência funciona justamente quando ele não tem controle algum, quando ele está à mercê de correntes causais que o ultrapassam infinitamente, porque essas ele enxerga. O que não está à sua mercê é aquilo que você não controla absolutamente, mas você pode conhecer e enxergar, você pode pressentir. Quanto menos controle tiver, mais seguro ele se sente.

Para o Sol na VI o saber é um poder, enquanto que para Sol na XII o contrário, o saber é o não poder; o saber é a simples conformidade da inteligência com um universo de forças históricas, cósmicas, sociais, sobre as quais não temos a menor ilusão de termos controle. É um indivíduo de inteligência intuitiva dispersa.

Para o indivíduo com Sol na VI os dados que vêm de fora, imprevisíveis, fora de seu controle, são justamente os que têm a capacidade de desligar sua inteligência. Já para o indivíduo com Sol na XII tudo aquilo que está dentro do controle dele parece-lhe sempre demasiado pequeno e insignificante no conjunto, nunca é o decisivo.

Um enxerga aquilo que já está sob controle, e o outro enxerga o que vem vindo por aí. O indivíduo com Sol na XII de fato não enxerga, porque o que ele "vê" não está aí. É como se fosse um pressentimento, é como se ele tivesse uma visão tão grande que qualquer detalhe não significa nada. O indivíduo com Sol na VI tem controle de tudo, quanto mais os fatores em jogo puderem estar sob a mira dele, melhor para ele. Ele tentará isoladamente cortar os vínculos com as forças externas, evitar que o imprevisto penetre naquele microcosmo. Ao passo que o outro tenta se abrir para perceber todas as forças que estão atuando naquele lugar.

Estas mesmas posições, para um dos sujeitos, será intelectualmente confortável, para o outro desconfortável. Porque o indivíduo pode ter Sol na VI mas Lua na XII; ele enxerga quando está tudo sob controle, mas acontece que ele adora ficar doido. Ou seja, isto o favorece intelectualmente, do ponto de vista de ajudá-lo a compreender, não necessariamente a ajudá-lo a viver.

Se você pegar um sujeito com o Sol na VI e for um sujeito que não tem emprego, não tem horário para fazer nada, não sabe quanto tem no banco, você pode ter certeza de que ele está muito mal. O grande escritor francês _____ tem o Sol na XII; ele, para escrever um romance, sentava na mesa de um bar, com dezenas de pessoas conversando em volta, aquela baita confusão — e ali que saíam as idéias. E todos os romances dele foram feitos assim. Da imensa confusão surge a clareza. É como você estar num barquinho, perdido no mar, e estar se sentindo seguro porque ali você "está nas mãos de Deus".

O sujeito com Sol na XII está numa confusão aparente, mas é ali mesmo que ele está entendendo tudo. A casa XII dá uma sensação de liberdade, do ilimitado; se o sujeito tiver Lua ou Vênus pode ser que se aproxime dessa coisa por gosto, mas não que lhe seja favorável para entender.

A inteligência intuitiva é uma só, nós estamos apenas distinguindo modos e direções de operações. Toda distinção de modos é real-mental, porque não são coisas diferentes, não são duas inteligências.

Tendo 12 tipos de inteligência intuitiva e 12 tipos de inteligência racional, temos então 144 tipos de inteligência. Esses 144 tipos terão que ser descritos com todo o cuidado. Isto não é para ser aplicado à realidade empírica ainda, porque é muito parcial. São tipos que estamos inventando, como se existissem. Porém um conjunto de tipos começa a ficar parecido com a realidade. Olhando o indivíduo sob vários aspectos, tomando diversas medições e articulando essas medições, começa a aparecer uma pessoa real. Porque para o tipo de inteligência intuitiva poder se traduzir em atos reais, concretos, precisa das seguintes mediações:

1. Precisa da mediação das outras faculdades cognitivas, cada uma das quais já interfere e modula o comportamento; quer dizer, não é a inteligência intuitiva que age sozinha, quem age é o indivíduo.

2. Precisa de intermediação dos valores, o que também não basta, o sujeito precisa da intermediação dos objetos. E os objetos sobre os quais o indivíduo age não são os mesmos, ou seja, nem todos os objetos existem em toda parte.

É fácil você compreender o problema: que tipo de emprego o sujeito busca? Começou a ser um problema de dois séculos pra cá; ou seja, o problema de arrumar emprego é um problema que a humanidade nunca teve, porque você nascia numa determinada posição social e lá ficava — portanto se seu pai era sapateiro, já estava resolvido o problema. Este objeto que se chama emprego, em face do qual nós podemos reagir de várias maneiras, só existiu para uma parte da humanidade. Mas, cuidado, este objeto pode, por sua vez, ser objeto de valores distintos. O emprego é um meio de assegurar a sobrevivência na luta contra a miséria imediata, para uns; para outros pode ser um meio de ascensão social, ou ainda uma busca de auto-realização.

Precisam ser vistos os objetos e também os valores associados a esses objetos, aí sim, somando tudo isso às outras funções, temos um comportamento concreto, real. E depois de termos feito isso, daí nós poderemos dizer se tudo isso é verdadeiro ou falso. Saberemos se é verdadeiro se delineando esses tipos ideais, compondo o caráter, somando os objetos, os valores, etc., supomos que tal indivíduo, com tal caráter, em tais circunstâncias, teve tal comportamento, e que isto aconteceu com uma freqüência significativa, então podemos dizer que estamos no caminho de alguma descoberta importante. E isto é o máximo. Portanto a amostragem pela biografia é extremamente importante. E essas biografias foram escolhidas porque são pessoas bastante realizadas, são pessoas cujo caráter se externalizou a ponto de elas serem percebidas como diferentes das outras. Nem sempre os seres humanos que nos rodeiam são tão evidentes assim. Por isso temos que começar treinando com vidas evidentes, vidas onde o caráter transpareça, onde a marca pessoal esteja sublinhada. Ao passo que na vida dos seres anônimos que nos rodeiam muitas vezes a expressão do caráter é simplesmente potencial, está escondida; pelo comportamento não dá para saber o seu caráter, apenas pelo mapa. O caráter vai se manifestar de maneiras disfarçadas, misteriosas, obscuras. E isto se aplica a nós mesmos. Para muitos de vocês o caráter pode ser algo desconhecido, que ainda está para se realizar e que ainda não encontrou os canais. O modelo ideal seria você traçar o caráter pelo horóscopo, conhecer os objetos e valores do meio onde o sujeito nasceu, e por outro lado conhecer efetivamente a vida dele. Aí sim podemos chegar a alguma coisa.

No caso do escritor de ficção o material é uma verdadeira maravilha, se todo o mundo escrevesse romance seria ótimo para nosso estudo. Porque numa obra de ficção o sujeito está bastante livre, e é de supor que

ele vá exteriorizar coisas que ele intuiu ou imaginou. Ele intui externamente e internamente, então temos o mundo intuído por ele, uma coleção de objetos que ele intuiu. Então podemos saber se ele olhou naquela direção. Por exemplo, um romancista com Sol na XII você vai ver que não há uma exceção onde o personagem não viva a situação de estar à mercê de forças imensas e incontroláveis. À mercê da natureza, como em Moby Dick, de Melville, um sujeito que caça a maior baleia que existe, um ser imprevisível, que não se sabe se age premeditadamente ou não, se ela tem um intuito malévolo contra o indivíduo ou não. Ou o próprio _____, o indivíduo perante o diabo, rodeado por mil seres, você nunca sabe por onde ele vai pegar. Estas são imagens características de Sol na XII. O conteúdo do mundo imaginário, a coleção de objetos é certamente dado pela posição do Sol. O processo da elaboração disto, que cria o tema propriamente dito, a forma que o indivíduo vai dar, isto tem relação com a inteligência racional.

P. - Balzac escreveu a Comédia Humana porque tinha Sol na X?

Evidente. O que o homem com Sol na X enxerga? A sociedade como um todo. Thomas Mann a mesma coisa. Agora, quantos escritores você precisaria estudar para afirmar isto? Eu acho que cem é um número razoável.

P. - E se o autor tem Sol na I?

Haverá o herói sozinho, tudo é com ele, não existe mundo. Quanto a Dostoievski, acho que tinha Sol na X, o mundo dele não é psicológico, é histórico. Sartre é Sol na VIII, e qual o tema? A cena característica de Sartre é o sujeito diante de um espelho com uma navalha, vendo se ele se castra ou não — é o momento decisivo, a situação extrema. André Gide tem Sol na III, Stendhal é o próprio Sol na III; o tem é viajar, aprender, transformar-se no curso do aprendizado, começar num lugar e ir parar no outro; vinha por um caminho, aí aconteceu tal coisa ...

Agora uma coisa interessante se vê em Henry Miller (Sol-IX), não existe problema, não existe incerteza; existe um monte de acontecimentos, mas o homem está firme em seu lugar. São histórias incríveis, mas se vocês perguntarem “onde está o problema?” Não há problema.

Goethe tinha Sol na X; qual era o tema? Toda a história humana. Fausto é a epopéia da humanidade, onde tudo aparece, todas as épocas, todos os seres, fez um panorama.

Temas sobre futuros dá para entender que se trata de Sol na XI. Não conheço o horóscopo, mas pode ser o caso de Júlio Verne.

Os grandes cineastas — Chaplin, Welles (Sol-XII), etc. — também servem para nosso estudo desde que sejam suficientemente personalizados; os grandes dramaturgos, romancistas, todo mundo que inventa uma história, não importa o meio pelo qual a história se transmite. Isto é melhor porque já aparece direto o mundo imaginário.

Não podemos confundir o gênero com o assunto; a posição do Sol vai dar o tema, os objetos; agora se isso vai ser cômico ou outra coisa, isso não é assunto, é gênero. E o gênero é um problema intelectual, não pode ser resolvido sem a influência da razão. Não que a razão dê o gênero, nada disso é automático; o que é seguro é que o Sol dará os objetos do mundo que o sujeito enxerga.

O fato é que a experiência, o conhecimento literário dos alunos é muito pequeno, isto não posso suprir, você vai ter que ler. Antigamente o pessoal lia romance por divertimento, hoje em dia se considera trabalho. Quando a gente fala de Balzac, Stendhal, se vocês leram vocês reconhecem, se não, não. E também não basta ler, principalmente no caso do autor que você está estudando é preciso fazer um repertório de quantas vezes surge, ou com que intensidade surge um determinado tema, um determinado objeto. Se você pegar o mapa de Flaubert, que tinha Sol na II, e portanto possuía uma enorme aptidão plástica, verá que ele mostra a forma das coisas, ele faz ver fisicamente o que está acontecendo. Em Salambô, por ex., tem uma seqüência de batalha que faz você vomitar, porque você praticamente sente o cheiro do sangue escorrendo. Você pode fazer um recenseamento: quantas impressões plásticas este sujeito dá?

Mozart tinha Sol na V — se bem que com música o caso complica. Porque o músico pode fazer óperas, mas geralmente trabalhará com histórias inventadas por outros; portanto você não tem uma expressão literária própria. Wagner era seu próprio poeta, e tinha Sol na I.

É possível analisar as obras de pintores, mas eu precisaria conhecer melhor a estética da pintura, porque entre o assunto e a obra tem um monte de mediações, dentre as quais as convenções dos gêneros; muitas vezes o sujeito montou o tema assim ou assado não porque ele queria, mas porque era convenção admitida, e se ele não fizesse assim as pessoas não iriam entender.

Por que Dickens escreve as coisas em episódios? Porque eram publicados em folhetins, e toda semana tinha que ter um episódio novo. Então isso não é expressão do caráter dele. É preciso também conhecer as convenções que têm prestígio em uma certa época. Na pintura precisaria estudar com mais cuidado os princípios estéticos de cada época, de cada escola, para você poder não atribuir ao indivíduo coisas que pertenciam a princípios comuns. Eu já vi uma interpretação de Cézanne, que diz que ele fazia tudo em forma geométrica porque ele era capricorniano. Pode até ser, mas eu acho que para geometrizar tudo seria preciso não ser um capricorniano, mas ter Saturno na II. Porque ele está geometrizando o mundo sensível. É o mundo sensível, coisas, formas, sons, coisas vivas que adquirem para ele a forma de estrutura geométrica. Me pareceria mais uma coisa de Saturno na II do que de um capricorniano propriamente dito. Um outro exemplo disto: S. Tomás de Aquino estrutura todo o livro por perguntas e respostas, refutação das objeções, etc. Seria então uma mente capricorniana, aquariana? Nada disso, era uma convenção da época. Mesma coisa que você pegar um trabalho publicado no séc. XX e dizer que o indivíduo organiza tudo assim: ele coloca uma hipótese, material e métodos, argumentação, conclusão e bibliografia — então deve ser um sujeito muito organizado. Não, isso é uma convenção que deve ser seguida para o trabalho ser aceito. Tudo isso precisa ser descascado cuidadosamente. Mas é assim que se fará deste assunto uma ciência; ou assim ou de jeito nenhum. Eu não tenho a menor pretensão de que isto aqui seja um serviço terminado, isto é só o começo e não o fim. Mas é o único começo possível, ou então tem que abandonar o assunto, dizer que tudo isso é bobagem e desistir do assunto.

AULA 47

Os tipos ideais não se destinam a uma correspondência com a realidade — são um padrão de comparação. Pode ser que em determinados casos eles tenham uma correspondência com a realidade, o que não tem importância quando os estamos construindo. Tendo empreendido vários tipos, depois nós vamos individualizá-los. Quer dizer, a ênfase no caso, é nada mais que a construção de um tipo ideal feito da composição de vários traços.

Na construção do tipo de inteligência intuitiva, supomos que as outras funções estão colocadas de lado e que, ou colaboram com ela no mesmo sentido em que ela deseja, ou pelo menos não atrapalham interferindo negativamente. Também supomos a suspensão de qualquer interferência externa das áreas não-pessoais no indivíduo.

Estamos tão acostumados a sermos nós mesmos que achamos que cada um de nós é um indivíduo perfeitamente individualizado e distinto, o que é um mito, pois no momento em que podemos refletir, conscientes de nossas motivações, aprovando perfeitamente os nossos atos, decidindo com liberdade de acordo com critérios próprios, são muito poucos. Ora, noventa por cento de nossas ações não passam pelo crivo deste julgamento pessoal. Agimos na maior parte das vezes impessoalmente, como membros da família, ou como cidadãos do país. Isto é mais que suficiente para que estas ações transcorram perfeitamente bem. A própria consciência moral do indivíduo pode ser suspensa durante anos, sem que isto faça a mais mínima diferença na maior parte da sua conduta. Para que a sociedade ande regularmente bem ela não precisa de indivíduos autoconscientes. Ao contrário, a autoconsciência do indivíduo pode ser um problema para a sociedade. Nós vemos que quando uma sociedade inteira percorre uma rampa, ou abismo, aqueles que percebem o que está acontecendo são muito poucos. Isto prova que a autoconsciência tem muito pouco peso. Na Alemanha de 1938, por exemplo, só havia nazistas, o que era perfeitamente normal. Hoje em dia há certos acontecimentos que não podem de maneira nenhuma ser endossados por um indivíduo autoconsciente, mas a grande maioria não percebe isto, pois a autoconsciência tem muito pouca função a cumprir na conduta do indivíduo. O que a autoconsciência diz a respeito do carnaval, por exemplo? Ela nem é consultada. Ela só funciona duas vezes por ano quando o sujeito entende que dois mais dois é igual a quatro.

A consciência individual não é suprimida, mas ela pode ficar inoperante e assim ser confundida com uma

espécie de consciência grupal. Quando mais nós cultivamos os limites da nossa individualidade, menos individuais nós somos. O processo de individualização na maior parte das pessoas pára no meio, é frustrado, ou por culpa delas mesmas, ou por falta de ocasião. A autoconsciência individual não é algo necessário para a sobrevivência do indivíduo, mas é necessário que alguns a tenham. Na faixa dos governantes, por exemplo, se eles não forem autoconscientes, o país não irá pra frente. Mas o povo, aqueles que obedecem, é difícil que sejam autoconscientes, e de fato a maior parte não é.

A facilidade com que as exigências mais legítimas da autoconsciência são apagadas para fazer com que o indivíduo se adapte facilmente ao comportamento global, mesmo absurdo, é aterrador. Um indivíduo firmemente disposto a influenciar um outro querendo levá-lo à estupidez, consegue-o facilmente, como o demonstra a programação neurolinguística.

O homem tem o dom da razão e da autoconsciência, o que não quer dizer que ele a use. A maior parte da nossa conduta é padronizada, através de reflexo condicionado.

Para construirmos um tipo ideal supomos a inteligência intuitiva agindo sozinha, sem obstáculos. Porém, antes de iniciar a construção dos tipos, eu queria alertar que os planetas não são as faculdades cognitivas. Existe uma relação que nós vamos estudar mais tarde. Quando dizemos que a Lua é o sentimento, Saturno é a razão, etc., estamos cometendo um gravíssimo abuso. A relação entre planetas e faculdades não vai nos ocupar no momento, mas pelo menos vocês devem estar conscientes do seguinte: longe de estes planetas se identificarem com estas faculdades, mais tarde nós veremos que a verdadeira função deles consiste em atrapalhar a operação destas faculdades. Atrapalhar e limitar. Por exemplo, se dizemos que um indivíduo tem o Sol na casa três, tem maior facilidade de intuir certas coisas, seria mais certo que ele dificulta a intuição de outras. Por quê? Porque a inteligência intuitiva não teria por si mesma que estar limitada a uma determinada classe de objetos. O homem, em princípio, tem inteligência intuitiva universalmente em todas as direções. A presença do Sol aqui ou ali não poderia por si mesmo determinar um tipo intuitivo, a não ser que esta presença representasse uma limitação da atenção, como se fosse algo que chamando a atenção para certos objetos faça com que o indivíduo esqueça tudo o mais. Com isto nós evitaremos uma postura de identificação dos planetas com as funções, a qual nos levaria, primeiro, a acreditar que o horizonte cognitivo se limita ao campo assinalado por este planeta e, segundo, cairemos numa astrolatria.

Se você acredita num certo poder, de certo modo você estabelece um culto deste poder. Se você acredita nele, você o teme. Porém, de todo o esquema astrológico que estamos descrevendo, a idéia da consciência está excluída. Esta abarca o homem por inteiro e não é uma faculdade; então nós entendemos que o que existe de decisivo do ponto de vista cognitivo humano, não tem nada a ver com os planetas. O homem pode operar a passagem de uma simples psique arraigada, biológica — e por isto forçosamente subjetiva — para uma consciência objetiva, e neste sentido não-biológica, e isto não tem uma correspondência com o horóscopo.

P. - Quer dizer que o ser humano tem a capacidade de ultrapassar as limitações que os planetas colocam?

Sim. Por definição ele tem que ter esta capacidade. Por quê? Porque se dissemos que a consciência e a inconsciência não estão refletidas em parte alguma do horóscopo, se dissemos que o nível de integração do sujeito (isto é, se ele é mais consciente ou menos consciente) não é determinado pelo horóscopo, significa que o decisivo não está no mapa. O horóscopo determina o tipo e não a qualidade. Ele apenas classifica se é tomate ou abacaxi. O Sol não é a inteligência intuitiva, ele é um fator que, misteriosamente, fixa a atenção do indivíduo num certo tipo de objeto, de maneira que ele se acostuma a operar intuitivamente numa só direção — o que é uma limitação. Isto pode evidentemente ser transcendido, porém só na idade madura, e somente por uma espécie de auto-superação, na qual a autoconsciência do indivíduo é superior às faculdades das quais ela se utiliza.

Não acredito que exista uma faculdade determinada que possamos chamar de intuição intelectual, mas existe um ato que se chama intuição intelectual. Se dissemos que a intuição só capta seres singulares, e que a razão só capta generalidades, então não posso ter intuição de generalidades, e no entanto tenho. Mas isto não é uma faculdade, mas uma potência da própria consciência. Não é uma faculdade no sentido de que seja um modo de operação que se distinga dos outros no mesmo plano, ao contrário, ela é um modo de utilização com um rendimento muito maior. Estas faculdades têm que estar presentes em todos os seres humanos, e o que tem se chamado de intuição intelectual nem sempre está presente. O que estou dizendo é

mais ou menos o seguinte: se vocês estudarem a anatomia de um indivíduo, vocês verão vários órgãos, o pulmão que é o órgão da respiração, o estômago que é onde se precessa a digestão, etc.; a diferença deste indivíduo para outro não é que ele tenha um órgão que o outro não tenha. A diferença de um cavalo de corrida para um puro-sangue não é uma diferença de órgão. Do mesmo modo, a diferença de um homem maximamente consciente, capaz de operar síntese intuitivas ao nível da racionalidade, até o homem que opera apenas ligado ao seu processo fisiológico subjetivo, sem conseguir sair deste círculo, não é uma diferença de órgão que um tenha e o outro não, a não ser que usemos a palavra órgão metaforicamente. A turminha do Gurdjieff dizia que esta consciência é um órgão que criamos em você. Basta encarar a coisa assim, que você não será capaz de desenvolvê- la, pois estará materializando algo que não é material. Está dando nome, localizando no espaço algo que não está no espaço. É como um ator que tivesse que desempenhar um papel ou vários papéis, mas ele não tem um órgão para desempenhar cada papel. A diferença está ao nível do comportamento total, e não se trata de um órgão que está ligado num momento e desligado em outro. Esta psicologia das funções só pode ser compreendida corretamente se for de fato relacionada à psicologia das camadas, e a diferença de uma camada para a outra não é a diferença de um órgão para outro, e também não é a diferença da presença de um órgão aqui e outro lá. É a presença ou ausência de uma ação. Um homem intelige certas coisas e o outro não, o mais burro tem inteligência intuitiva e inteligência racional, e o mais inteligente as tem igualmente. As faculdades cuja existência nós assinalamos aqui são relativamente distintas entre si, embora estejam juntas no indivíduo. É uma distinção real-mental. Não há a menor possibilidade de confusão entre ter um sentimento e raciocinar, pois são distintos. Porém a distinção entre a intuição sensível e a intuição intelectual não está ao nível do modo de operação, mas é uma diferença de objeto. A diferença não está no homem, mas no objeto que ele intelige: por exemplo, posso com uma espingarda praticar tiro-ao-alvo no clube, ou ir para a Ilha de Marajó caçar búfalos. A diferença não está na espingarda. Uma espingarda de calibre mais grosso pode ser usada para o sujeito ficar atirando só no alvo do clube de tiros, e outra de menor calibre pode ser usada para caçar búfalos. A diferença não está no sujeito, mas no objeto. A diferença entre as funções é a diferença entre um tiro ou uma flechada, etc.; e a diferença entre o clube e o búfalo. Esta diferença está colocada ao nível da utilização, que não transcende a estrutura dos indivíduos. É uma diferença de qualidade, que existe ao nível do hábito. Além das faculdades nós temos hábitos, que nós adquirimos, mas não temos um hábito como se fosse um órgão. As faculdades não são hábitos, porque elas não existem somente quando praticadas. Não há um único ser humano que não tenha estas faculdades. Mas e a intuição de ordem racional? Sua prática, no começo, é estranha. É algo difícil de adquirir e uns a adquirem e outros não. Se você estudar, por exemplo, a Suma Teológica de São Tomás de Aquino, após tê-la lido, de repente você vê a estrutura de todo aquele pensamento projetado de modo simultâneo no espaço. Qualquer pessoa que tenha familiaridade com a obra filosófica terminará por vê-la assim. Isto é uma intuição racional. Quais as faculdades que entraram aí? As mesmas. Desta maneira, sou contra a coisificação da intuição racional como fazia Guénon e coisificação muitíssimo pior que fazia Gurdjieff, que a tornava um órgão.

É tão inútil se esforçar por desenvolver um órgão chamado intuição superior quanto se esforçar para que a espingarda desenvolva um búfalo, ou que pedalando mais rápido uma bicicleta surja dela o caminho. Esta maneira de colocar as coisas põe o indivíduo numa impossibilidade. Não se trata de desenvolver nada mas de aplicar a um outro objeto. A parte que podemos descrever pela astrocaracterologia é uma parte inferior, como se fosse uma psicologia fisiológica.

Podemos investigar mais tarde qual é a relação entre planetas e faculdades. Vou adiantar uma hipótese que tenho a este respeito: não existe nenhuma faculdade cognitiva no homem, ou conhecimento, que seja puramente espiritual. Todos os conhecimentos se apoiam no corpo humano. Não pensamos absolutamente nada sem que tenhamos algum tipo de representação sensível feita pelo corpo, ou porque ele recebe algo e reage, ou porque ele mesmo produz esta representação dentro dele. Por exemplo, se você tenta falar “A” mas pensa no som de “U”. Façam esta experiência. Vêem até que ponto a nossa imaginação depende do nosso corpo? Se você tenta formular um conceito que não tenha nenhuma correspondência no mundo sensível, é uma dificuldade extrema. Geralmente quando concebemos um conceito, concebemos um monte de imagens.

A velha teoria de São Tomás de Aquino diz que os planetas influenciam corpos, de alguma maneira que ainda é desconhecida. O planeta é um corpo, não é uma entidade espiritual, ou um deus. Não posso acreditar que em Júpiter tem um sujeito barbudo que manda raios. O planeta é uma bola de minérios que

está rolando numa velocidade "x". Que tipo de influência ele poderia exercer sobre nós? A hipótese mais óbvia é que existe uma relação conosco enquanto corpos. Que tipo de influência é? Como se dá? Ainda não sabemos. Apenas sabemos algumas correspondências temporais assustadoras. Por exemplo, se fizermos uma proporção entre a órbita de Mercúrio e Marte, encontramos a mesma proporção entre a respiração e a circulação do sangue. Existe um monte de correspondências deste tipo que são assombrosas e que ainda não foram explicadas. Só quando tudo isto for elucidado nós poderemos saber que tipo de ação os planetas exercem, e por que meios. Isto ainda é uma incógnita.

A diferença de potencial elétrico entre a testa e o peito de um esquizofrênico é muito maior na lua cheia. A lua cheia provoca uma alteração elétrica e as pessoas propensas a isto ficam mais nervosas. Não é à toa que na lua cheia há muito mais internações em hospitais psiquiátricos do que em outros dias. Esta linha de investigação será decisiva para explicarmos mais tarde o que os planetas têm a ver conosco. Desta maneira, a ligação dos planetas com o caráter não é direta, mas indireta. Ela passa pelo corpo humano, e é justamente isto que permite que uma astrologia médica tenha algum fundamento. Se os planetas não tivessem nenhuma ligação com o corpo, se eles determinassem magicamente o caráter, sem passar pela intermediação do corpo, então não haveria motivo para dizer que Saturno em tal casa causa tal doença. Devemos encarar estas diferenciações como limitações que os planetas introduzem indiretamente no caráter, por uma ação exercida por meios desconhecidos. Investigar que atuação é esta e por quais meios ela procede, faz parte da Astrologia Pura, ou de uma Astrologia Natural, o que escapa do âmbito da astrocaracterologia, que não pretende ser uma ciência completa, mas só uma parte. Por isto mesmo, quero alertar que ela não é tudo, que está faltando um capítulo no meio. A Astrocaracterologia não vai completar o que deve ser estudado por outros meios. Estes meios certamente não seriam os que estamos usando agora. Quer dizer, o meio de elucidar que influência é esta, se é uma influência e como se dá, não seria através do método que estamos usando para construir os tipos ideais através da explicação de motivações, etc., mas teria que ser um método que se aproximasse mais das ciências naturais, e isto escapa do âmbito do nosso curso.

O hábito de ver correspondências entre o caráter dos indivíduos e os respectivos horóscopos pode nos fazer esquecer que a psique humana pode ir além do que é dado pelo horóscopo; mais ainda, deve ser entendido como uma marca que no fundo é limitante. É uma limitação indispensável, pois sem ela o indivíduo não poderia evoluir, desenvolvendo estes traços característicos, para mais tarde superar as suas próprias limitações. Do mesmo modo que nós procuraríamos fazer com que um indivíduo que nascesse com uma deficiência física superasse esta deficiência, dentro daquilo que fosse possível para ele.

Cuidado com a identificação de que o Sol é a intuição, Saturno é a razão, etc. Não. Estes planetas exercem uma ação que faz com que estas funções se liguem preferencialmente a certos objetos e não a outros. Quer dizer que de fato os planetas não são as funções, mas eles fazem com que determinados modos de atenção se liguem a certos objetos. Isto precisará ser elucidado mais tarde. É lógico que se não existissem essas limitações, se as faculdades ficassem dançando, ou não se dirigissem para algo, não seria possível ao indivíduo se desenvolver. Esta limitação é a condição do destino humano, condição destinada a ser superada uma vez que cumpra a sua função. Porém, no estado em que as coisas estão, mesmo as possibilidades que o sujeito tem, o seu tipo astrológico não é realizado. Vamos tratar disto primeiro, ou seja, que o caráter tal como é colocado pelo horóscopo possa se desenvolver até o ponto onde ele se torna desnecessário.

Os doze tipos intuitivos só adquirirão clareza maior quando nós os contrastarmos com os doze tipos racionais, sendo que estamos tropeçando numa terminologia capenga, porque nós dizemos doze tipos de inteligência, só que não existem tipos de inteligência, mas tipos de objetos para a inteligência. A inteligência de um sujeito que tenha o Sol na casa quatro é a mesmíssima de um que tenha o Sol na casa cinco, por exemplo, é a mesma função, só que ela presta atenção com mais constância, ou até com atenção exclusiva, em determinado objeto.

P. - Poderia definir melhor o que está sendo chamado de inteligência? Você está falando de uma intuição ou de uma composição de faculdades?

Boa pergunta. Eu estou usando a mesma definição dos escolásticos. Assim como a função do pulmão é respirar, a função da inteligência é entender o que é captar a verdade. O que é a verdade? Existem três

sentidos em que algo pode ser dito verdadeiro. O verdadeiro se opõe ao falso. Se dito que dois mais dois é igual a cinco é falso. O verdadeiro se opõe também à mentira. A mentira pressupõe uma intenção humana. Dois mais dois é falso independentemente de qualquer intenção humana. Se digo que você quer me fazer crer que dois mais dois é igual a cinco, então não tenho apenas o falso, mas tenho algo mais. Tenho o objeto falso e uma intenção falsa. Finalmente o que é verdade se opõe ao que é ilusão. Por exemplo, duas crianças que brincam de Batman e Robin é de "mentirinha", ou seja, é uma ficção. A ilusão se põe à verdade no sentido em que não é hostil. Ao contrário, a ficção é uma espécie de espelhismo, isto é, olhando o que está de um lado, percebe-se o que está no outro.

Toda a arte é ficção ou fingimento, até que se descubram alguma coisa que seja verdade. A atenção do homem, do espectador, não vai para a verdade, mas para a ficção. Não é assim? Como no teatro, onde você presta atenção numa história, sabendo que é ilusão. Se nós tomássemos como verdadeira a peça, nós simplesmente não a entenderíamos. Tem sempre o tipo que manda cheques para a heroína da novela que está com dificuldade financeira. Um tipo assim simplesmente não entende a novela, quando a toma como verdade quando na verdade trata-se de ficção. Você pode tomar a ficção como totalmente ilusória porque você recusa a credibilidade. Você concede credibilidade emotiva, participando e sofrendo, o que prova que não é uma mentira integral, mas recusa a credibilidade intelectual. Na mentira você cai inteiramente.

O que é verdadeiro? É o que não é nem ilusão, nem mentira e nem falsidade. Às vezes é difícil definir o que é verdade, mas por esta distinção fica mais falsa. Existe evidentemente a verdade do ser e a verdade do conhecer. Posso dizer que existe uma verdade desconhecida para mim. Por exemplo, não sei o que vocês fizeram o dia inteiro antes de virem para cá, mas certamente vocês fizeram alguma coisa, que é verdadeira embora eu não a conheça. No que consiste a verdade do meu conhecer a respeito disto? No máximo no reconhecimento da minha ignorância. Se digo que ignoro o que vocês fizeram antes de vir para cá, é verdade, embora o meu conhecer seja avesso à verdade do ser. Existe um ser verdadeiro e eu sei que não o conheço. Na hora em que digo isto, estou dizendo a verdade, embora seja de maneira negativa. O sujeito não pode saber uma verdade se ele não sabe que ela é verdade. Se eu sei, eu sei que sei. E se eu não sei que sei, então não sei. Por exemplo, se eu penso que todos estão na minha frente e se não estou consciente disto, se não sei que sei, então isto quer dizer que vocês estarem aqui é o mesmo que não estarem. Se não sei a respeito de uma informação, dou tanto valor a ela quanto ao seu contrário. Se o homem sabe, então ele sabe que sabe. Esta condição nem sempre é cumprida, e por isto nem sempre o homem está na verdade. Um conhecimento que você tenha mas que você não leve em conta, não pode ser dito nem verdadeiro nem falso. Ficou inoperante. Por um lado existe a verdade do ser e do conhecer, e por outro a verdade do objeto. Eu sei que dois mais dois é igual a quatro, mas não sei que sei, assim poderia proceder como se dois mais dois fosse igual a cinco. Nesse caso, eu menti a respeito do objeto e a respeito de mim mesmo, e agi como se não soubesse o que sei. Assim, cometi um erro por um lado e uma ilusão por outro. Só existe verdade quando ela está no ser, no saber e no objeto. Ela cumpre esta tríplice condição. Não é falsidade, nem mentira e nem ilusão. Isto quer dizer que não existe nenhuma verdade objetiva que independa do postulado ético. Toda verdade tem fundo ético, ou seja, o conhecimento científico independente do postulado ético é uma mentira. O postulado ético de toda a ciência diz que o conhecimento tem que ser verdadeiro. Por que ele não pode ser falso? Por que não posso fazer uma ciência falsa? Isto não é uma afirmação ética? Por que o verdadeiro é melhor que o falso? É melhor que o falso se eu quiser. Existe um fundo ético em todas as ciências até nas mais objetivas, até na matemática. Se eu quiser que dois mais dois seja igual a três posso continuar a raciocinar corretamente. Por que não faço isso? Porque não quero. Porque não desejo a coerência parcial, mas total. Por que o conhecimento tem que ser coerente? Ele não precisa ser coerente, podendo ser totalmente incoerente, mas eu tenho um compromisso com a verdade. Isto está no fundo de qualquer ciência. Esta idéia de que a ética e a ciência estão separadas é absolutamente impossível. Uma vez delimitado o objeto e o método, pode-se fazer com que os postulados éticos não interfiram, porém os postulados de base já estão lá. Isto quer dizer que o indivíduo falso não pode conhecer nenhuma verdade. Se ele é eticamente falso, seu raciocínio também é falso. Existe um elemento moral que foi este que eu dei. Sei que sei. Isto chama-se o quê? Sinceridade. Reconhecer que sei aquilo que sei chama-se humildade. Aceitar o fato consumado é a primeira virtude da ciência. A segunda virtude é o reconhecimento que sei o que sei e não proceder como se não soubesse, e isto chama-se sinceridade. Isto é a base de todo o método científico e ético também. A humildade é você reconhecer o objeto, e sinceridade é reconhecer o estado do sujeito. Reconheço que dois mais dois é igual a quatro e

reconheço que sei isto.

P. - Posso reconhecer também que não sei?

Claro. Se ignoro a verdade do objeto, não ignoro no entanto a verdade do sujeito, que é a minha ignorância a respeito. Isto é um saber incompleto que obedece às condições da ciência. O homem não conhece a verdade fatalmente, mas porque ele quer. Ninguém pode ser a causa de que ninguém conheça, nem mesmo Deus pode te fazer ver algo se você não quiser. Sou contra qualquer formulário de regras morais, o que não quer dizer que seja adepto da imoralidade. Qualquer padrão moral que não seja descoberto por sua sinceridade não vale nada. O homem tem a capacidade, por sua sinceridade, de descobrir que está errado, porém se ele aceitar esta primeira regra moral que é a humildade e depois a sinceridade. Você sabe e sabe que sabe. Basta isto e tudo o mais é excessivo. Compreender é extremamente difícil porque às vezes a gente sabe mas esquece que sabe. Sabe, mas não sabe que sabe. A exigência da coerência entre tudo o que você sabe e entre os seus atos é o fundamento moral e é um fundamento para a prática científica também. Esta história de que a ética e a moral dependem de uma escolha subjetiva é mentira. Quando eles falam isto, eles se dão ares de que são detentores de um conhecimento objetivo, e que o pessoal da ética e da moral são subjetivos. Esta idéia também de que seja necessário um corpo moral para o indivíduo está errada, pois ele é necessário para a sociedade, para administrar um grupo de pessoas porque não dá tempo que cada um descubra o seu erro, o que está certo e errado. Os códigos morais dependem de uma exigência prática.

P. - A inteligência é o exercício coordenado de todas as faculdades para se chegar à verdade?

Sim. O exercício coordenado de todas as faculdades para se chegar à verdade é a inteireza do ser humano. Se o sujeito não está inteiro, ele não capta a verdade, que deve ser o objetivo máximo. Não consigo entender outra coisa. Ele poderá captar uma verdade, mas a seguinte não. Ele pode esquecer que sabe, então está na mentira.

P. - A consciência seria a manutenção desta verdade?

Precisamente. Você não optar pela mentira, pela desrazão, porque lhe convém naquele momento. Mas daí você se torna incoerente com a humanidade. Por que podemos condenar o sujeito que rouba? Por que ele vai contra a verdade ou contra o bem? É fácil perceber que o ato do roubo afirma e ao mesmo tempo nega o direito da propriedade. Assim, é um ato ilógico e não precisamos recorrer à idéia do bem. Se eu fosse escrever um livro de ética, a palavra bem não entraria, mas sim as palavras certo e errado. O bem seria uma das qualidades do verdadeiro. Estamos distantes de Platão, pois para ele o fundamento da ética era o Sumo Bem. Mas não precisa disto. Precisa? O fundamento da ética é o verdadeiro.

...

Os tipos que vamos descrever não são tipos de “inteligência racional”, mas tipos de assuntos, de temas, de perguntas.

A razão procede construtivamente, buscando entre os vários elementos que foram intuídos um senso de totalidade e de proporcionalidade mútua. Ela só faz isso, o que implica dizer que a razão tem de entrar em funcionamento depois da intuição. Depois de os vários objetos terem sido intuídos, retidos na memória, etc., a razão vai tentar dar a essa coleção um sentido de inteireza, de proporcionalidade, de harmonia e de equilíbrio. Em algum lugar ela tem que começar esta operação — ela tem que ter um fato, um motivo inicial que tome como base para poder referir a ele os demais dados. Há sempre um dado que para a razão é básico e este dado básico é por assim dizer o pilar da construção.

Suponhamos que pudéssemos articular o mundo todo um sistema racional tal como fez São Tomás de Aquino (que partiu de princípios universais e dedutivamente chegou aos particulares). Seria tudo fácil, tanto que se você pegar a Suma Teológica e pô-la num computador, este a prossegue, não precisando mais de São Tomás de Aquino. Por que isto é fácil? Porque ele partiu de princípios universais.

Partindo dos princípios da lógica (identidade, não-contradição, terceiro excluso), é possível desenvolver todo um sistema de metafísica. Aliás, até um computador faria isso com regular eficiência. Mas o fato é que na vida do indivíduo, em seu processo biográfico, ele não parte de princípios universais. Sua construção racional parte do que lhe aconteceu, das evidências que se lhe impuseram intuitivamente.

Imagine-se Sherlock Holmes investigando um crime. Você tem de um lado toda a linha cronológica dos eventos que se deram desde o planejamento do crime até a sua consecução. Para que haja um crime, é necessário alguém que o planeje, que tenha a idéia de fazê-lo; daí os meios, os instrumentos, a ocasião, etc., são concebidos; a seguir, o desencadeamento dos meios para a consecução do crime. Esta é a ordem dos eventos.

Se Sherlock Holmes conhecesse os eventos nesta ordem, ele seria infalível. Mas o fato é que quando se investiga um crime, não é por aí que se começa e, sim, pelo fato consumado. Ao chegar lá, você vê o cadáver estendido — às vezes, nem o cadáver vê, tendo sobrado apenas o charuto que a vítima fumava. Vai ter de fazer toda uma cadeia dedutiva às avessas, procedendo indutivamente, às vezes dialeticamente (dialética: cadeia dedutiva ao contrário). Este é exatamente o problema: as pistas das quais Sherlock Holmes parte nem sempre são as melhores, pois são aquelas que o assassino deixou por engano ou mesmo com o propósito de confundi-lo. Na vida, estamos na posição não do computador que parte de princípios e vai tirando as conseqüências por ordem, mas na posição acidental, lateral, marginal, ou propositadamente falsa, tenta remontar a cadeia. Por isso mesmo, procedemos por indução, por dialética e também por isto mesmo montamos o esquema racional de maneira falsa e temos que derrubá-lo e começar tudo de novo.

Este ponto de partida, esta pista inicial que a vida colocou para você, é isto que é determinado pela casa onde está Saturno. E a pista pode ser falsa.

Houve um detalhe qualquer, um evento qualquer que chamou a sua atenção e você começa a raciocinar e tentar coerir os dados tomando aquele dado como central e como inicial. Isto quer dizer que a posição de Saturno nesta ou naquela casa não ajuda em nada o processo racional; ao contrário, atrapalha-o.

São Boaventura dizia que a noção de Deus ou do Absoluto é um dado inicial; que é a primeira coisa que conhecemos. Os escolásticos negavam isso (São Tomás o negava, dizia que Deus não é um dado inicial, mas o que se conclui no fim). Parece que a razão está do lado de São Tomás de Aquino, pois se o Absoluto fosse um dado inicial, todo mundo começaria raciocinando das causas, indo para os efeitos e seria uma racionalidade maravilhosa. Porém, é possível que São Boaventura tenha razão no sentido de que quando você aos quarenta ou cinqüenta anos completa a dedução, vê que algo desses primeiros princípios já eram conhecidos lá atrás. Diríamos, então, que o Absoluto é primário não na ordem cronológica mas na ordem lógica. Cronologicamente não começamos a história dos princípios primeiros, mas de algum acidente.

O homem é racional por natureza: tem o dom ou necessidade de coerir tudo que ele sabe; ele não quer que nada escape, não tolera o puramente acidental; não o tolera porque deseja ter poder sobre o que acontece, porque não deseja ficar no escuro, porque deseja governar o fluxo dos acontecimentos, deseja agir e agir é proceder racionalmente utilizando os meios necessários à consecução de um fim. Não adianta desencadear os meios necessários a um fim se existe ao mesmo tempo outras linhas de causas desencadeando a operação de outros meios que anulam a ação daqueles que eu desencadeei. Portanto, toda ação pressupõe uma visão coerente do todo no qual essa ação se encaixa. Aluno: A percepção do acidente não afirmaria a posição de São Boaventura? Não seria isto uma quebra do que já estava articulado para o sujeito? A percepção de que algo falha em relação ao esquema que ele já possuía? Olavo: É algo pior do que isto. O esquema que ele começa a montar já parte de um acidente. Por exemplo, para investigar o crime — sou detetive — chego no local do crime e vejo que tem vários objetos fora do lugar: um vaso que quebrou, uma cadeira virada, etc. Parto do princípio de que houve uma briga, alguém derrubou o vaso e este quebrou. Mas o vaso pode ter quebrado na véspera e não ter nada que ver com o assunto. Comecei a raciocinar a partir de um acidente. Se vocês lerem Sherlock Holmes, verão que sistematicamente o inspetor da Scotland Yard, o Inspetor Lestrade, vai pelo dado acidental e Sherlock Holmes, por uma intuição maravilhosa, vai pelo dado importante. Mas às vezes Sherlock Holmes também erra, só que Lestrade persevera no erro e Sherlock Holmes volta atrás. É o que os diferencia.

Na vida sempre partimos de detalhes acidentais, porque foram eles que nos chamaram a atenção; nos chamam a atenção porque contrariam o nosso instinto de coerência; eles mostram que aconteceu algo que não poderia acontecer, ou algo que fere o meu senso de integridade do real ou o senso da minha própria integridade.

Suponhamos que na investigação do crime você chega lá, encontra o cadáver, a arma do crime cheia de impressões digitais, o cartão de visita do assassino ... tudo isso é muito esquisito, fere o nosso senso de

integridade: o sujeito sabe que vai ser punido, então seu interesse é se esconder. Esta incoerência nos chama a atenção.

Num romance policial de Durrenmatt há um sujeito famoso, um senador que entra no restaurante e na frente de todos que lá comem, dá dois tiros na vítima. O senador evidentemente é preso. Contrata então um advogado, a quem propõe pagar o que este quisesse para proceder a uma investigação baseada na hipótese de que ele não cometeu tal assassinato. O advogado, junto com um detetive particular, partem para investigar a hipótese que todo mundo sabe ser falsa. E com isso arma uma tamanha confusão que no fim acabam por soltá-lo.

Por que ele fez isso? Porque havia uma estranheza: um sujeito famoso, bem de vida, mata outro sujeito, confessa o crime e depois pede que seja investigada a hipótese de não ter sido ele o autor. Algo esquisito, que começa a ser ponto de partida de um outro raciocínio. No fim, com isso se arma uma confusão em que todo mundo passe a suspeitar que de fato não foi ele o criminoso, até as testemunhas acabam confundidas, duvidando se viram realmente o que viram.

O ponto do qual começamos a raciocinar é aquele no qual temos motivo para raciocinar. E esse motivo é uma incoerência aparente que nos chama a atenção. Por isso mesmo, por ela ser o motivo a respeito do qual nós pensamos, é ela também o ponto de partida do raciocínio. A razão sempre funciona assim, a não ser que seja uma razão treinada para vencer seus próprios enganos. Sherlock Holmes, por exemplo, nem sempre prestava atenção na coisa mais estranha. Às vezes uma coisa perfeitamente óbvia que não chamaria a atenção de ninguém pode ser a pista para alguém que tenha longos anos de prática. Não se vai querer que uma criança de três ou quatro anos, quando começa a raciocinar, já tenha toda esta prática. Ela vai raciocinar desde aquilo que lhe chamou a atenção, desde aquilo que lhe pareceu absurdo, coisa essa que é justamente onde falha a intuição, onde se intui como verdadeiro o que não pode ser verdadeiro: constata que aconteceu o que não pode acontecer, o não-ser passou a ser. Até esse momento a sua intuição resolvia todos os problemas: o que você enxergava, era e você tem aquela certeza de que era; de repente, você enxerga mas não é ou não enxerga mas é. Ocorreu o bloqueio da intuição, deu-se a humilhação da inteligência, portanto, o medo, o estranhamento. "O conhecimento começa com um espanto", dizia Aristóteles. Naturalmente ele se referia ao conhecimento racional e não ao conhecimento intuitivo. O intuito existe, com ou sem espanto, mas o racional, não. O que provoca o espanto é a questão inicial, que por sua vez é a pista inicial. E esta pista pode ser falsa.

Todos nós somos racionais. Somos racionais porque somos homens. Colocamos esta potência racional em ação a partir do momento em que sentimos que dela precisamos, que precisamos completar o dado, quando julgamos que algo está faltando no real, algo foi sonegado. Já que não podemos perceber, temos que conceber. É um pedaço da história que se furta à intuição, um pedaço do qual não há intuição. Concebo esta parte para completar, para criar o elo entre as partes intuídas e é isto mesmo que a razão faz. Aluno: Não estou conseguindo fazer distinção entre intuição e atenção. Olavo: Você tem que ter atenção tanto para intuir quanto para raciocinar. Aluno: Quando raciocino também não tenho que ter intuição para raciocinar? Olavo: Claro que tem. Se você raciocina e não percebe que está raciocinando, este raciocínio de nada lhe serve. Por exemplo, durante o sono a gente raciocina. Mas só que não percebemos, não temos a intuição de que estamos raciocinando; não temos também, no sono, a atenção. A atenção é um esforço em direção a algo. Nem sempre esse esforço provoca a intuição. Você pode prestar muita atenção e não intuir nada.

A intuição é a primeira faculdade. Sem a atenção, porém, nenhuma faculdade funciona. É evidente, portanto, que a primeira coisa que a atenção mobiliza é a intuição. Também é claro que quando você recorda, tem de ter a intuição de que está funcionando e você não tem todo o tempo a intuição dela. Você recorda mas não sabe que recordou, o que é o mesmo que nada recordar.

A atenção é uma seleção, uma exclusão, uma capacidade que temos de fixar-nos em alguma coisa e apagar o resto. É uma capacidade abstrativa, que funciona tanto na intuição quanto na razão. É bobagem dizer que a intuição capta as coisas concretamente e a razão abstratamente. O conteúdo de uma é concreto e o da outra é abstrato. O modo de operação é abstrato nos dois casos. Atenção e abstração, no fundo, é a mesma coisa. Abstração é o reverso da atenção.

Quando o olhar se dirige para determinada direção, as outras coisas ficam como pano de fundo. Não são

abolidas, estão lá.

Quando prestamos atenção em algo, estabelecemos uma hierarquia de importância. Tem um foco que é importante e o resto fica virtualizado, fica pra depois, mas sabemos que está ali. O sujeito hipnotizado presta atenção só naquele ponto e o resto não existe, ele não recebe nenhuma informação deste fundo. A atenção é um processo abstrativo e seletivo. No sujeito hipnotizado, esta abstração é forte demais: abstrai tanto que tudo o mais cessa de existir — apaga. É como se você fosse ao cinema e ficasse tão envolvido com o filme que esquecesse que está num cinema, a ponto de, ao sair do cinema, de um filme que envolvesse chuva, você corresse à marquise mais próxima com medo de molhar-se, num dia de sol, sem chuva.

A atenção é prévia a qualquer faculdade: ela é a capacidade abstrativa. Como a primeira faculdade cognitiva é a intuição, a maneira primeira através da qual a atenção entra em funcionamento é através da intuição. Mas não se confundem.

A memória também é seletiva: quando se recorda, não se recorda tudo e, sim, o que interessa. Caso você recorde tudo indistintamente, você não capta nada. A recordação é sempre seletiva. O sentimento também é seletivo, dado que se você tiver todos os sentimentos ao mesmo tempo, você não saberá de sentimento algum. Ela, a atenção, está presente em todas as faculdades. Ela não é uma faculdade, é a capacidade de recortar o real. Quem presta atenção é eu, sou eu. E no horóscopo não tem eu algum. Aluno: As faculdades são modos de atenção? Olavo: Sim, são modos de atenção. A atenção se diferencia em direções, que são as casas e modos, que são as faculdades.

O processo da razão começa a partir de um evento ou de um ser ou de alguma coisa no que prestei atenção e que fere e bloqueia a minha capacidade intuitiva. Ou seja, olho mas não vejo. Suponho que está faltando algo no mudo intuitivo e começo a conceber esse algo. Começo, na minha cabeça, a montar esquemas, que conectem e hierarquizem os dados intuídos de maneira que eles não se desmintam mais, que eles não se neguem mais uns aos outros. O fato que me chamou a atenção a partir do qual raciocino, é acidental, é um fato qualquer, que pode estar muito longe das suas causas, que pode não ter importância nenhuma na ordem das coisas, mas que para mim foi o dado fundamental. Aluno: Seria preciso um volume grande de informações para que a atenção pudesse ser chamada no sentido de que algo está faltando ... Olavo: Claro. Por isso a razão só entra em funcionamento um pouco tardiamente, quando o indivíduo já tem uma constelação de objetos na memória, um certo esquema, já tem uma esquematização primitiva a qual se faz na memória mesma. Quando estudarmos a memória, veremos que ela já realiza uma parte do trabalho da razão. A memória coere também um pouco as coisas, porém só um pouquinho. Mas chega um momento onde essa coerência intuitiva da memória não basta mais.

O princípio de seleção da memória é como se fosse um reflexo condicionado: a coisa que é repetida grava facilmente. Se houver repetição um número excessivo de vezes, o dado apaga. Por exemplo, se sua mãe lhe dá uma bronca porque sujou a camisa uma vez, não adianta; duas vezes, três vezes, começa a adiantar porque você começa a prestar atenção. Porém, se ela fala isso milhares de vezes, o estímulo já ficou enfraquecido e então não grava mais. Este é o princípio de seleção da memória, que não deixa de ser um princípio racional, de certo modo. Mas é uma razão primitiva. Até um certo ponto de vida, isto basta para o indivíduo se governar. Chega um ponto, porém, onde isto não basta mais, onde a memória não lhe dá mais as respostas automáticas: a memória e a intuição começam a falhar. Daí ele quer algo mais, quer conceber um esquema. A memória tem esquemas mas são esquemas puramente aprendidos, nos quais o homem insere os novos dados. Porém, uma hora eles não bastam mais. O homem, a partir daí, tem que inventar um outro esquema. E este novo esquema não está na memória. O homem o cria. A isto se chama razão, a capacidade de criar esquemas que relacionem os dados para além dos esquemas naturais da memória. Porém, o que nos interessa é que o ponto de partida, o que desencadeia esse processo no indivíduo, é um acidente. Assim Sherlock Holmes saiu para investigar um crime. Acontece que no meio do caminho ele foi assaltado e o ladrão que o assaltou bateu em sua cabeça fazendo-o desmaiar. Ele pode começar a pensar que quem bateu na sua cabeça foi o assassino, que assim o fez para tirá-lo da investigação. Mas e se foi um outro ladrão que não tem nada a ver com a história e que coincidiu de assaltá-lo? Ei-lo na pista falsa.

Coincidência e casualidade: é fato que determinadas linhas causais sem ligação entre si se cruzam no espaço e no tempo; ligações que são cronológicas, porém não lógicas; coisas que acontecem ao mesmo

tempo e no mesmo lugar e que não têm nada que ver uma coisa com a outra. isto pode colocar o sujeito numa pista falsa, embora nem sempre porém a pista seja falsa. O que interessa é que o que nos chamou a atenção foi um determinado evento que os esquemas automáticos da memória não bastavam para articular ou, ao contrário, até contrariavam esses esquemas da memória. Como ocorre ao haver a introdução de um estímulo que contrarie todas as cadeias de estímulo-respostas já montadas. Se você faz isso com um cachorro, ele enlouquece. Se você treina o bicho anos a fio para responder de determinada maneira a determinados estímulos, e depois você começa a lhe dar estímulos que não têm nada a ver com os estímulos que ele já conhecia, ele enlouquece. A capacidade de coerir que ele tem está vinculada à memória, não passando dela e funcionando na base de estímulo-resposta. Pavlov fez esta experiência. Como resultado, os cachorros ficavam tão malucos que começavam a atacar o dono e lamber a mão dos estranhos, porque não entendiam mais nada. Isto porque depende, o cão, de que os eventos do presente sejam sempre coerentes com os do passado, que as linhas de estímulo-respostas continuem, sejam sempre iguais. Da mesma forma que a criança até chegar à idade da razão. Porém, o homem chega a um ponto onde, se vem um estímulo adverso, ele não enlouquece imediatamente: ele recua para conceber uma resposta nova. Por isso que o homem é racional: ele responde para além da cadeia de estímulo-resposta já formada. Ele pode conceber a possibilidade de outros estímulos; ele pode graduar essas possibilidades; pode fazer a possibilidade de possibilidades e armar esquemas de possibilidades tão complexas que fica longe de tudo que o animal possa, de longe, suspeitar que exista. Porém, o fato é que este processo nele se desencadeia a partir de um acidente qualquer que quebre as linhas de estímulo- respostas já assentadas.

O animal, se se colocar para ele desafios que só podem ser respondidos pela razão, simplesmente enlouquece e o homem na mesma situação começa a pensar, a conceber outros esquemas de outras possibilidades que vão infinitamente além do fato consumado. É uma verdadeira maravilha que o homem possa fazer isso. O problema é que a causa eficiente que desencadeia isso é acidental. A causa formal é: o homem raciocina porque é racional. Porém, o que faz o homem começar a raciocinar é um acidente qualquer. E esse acidente é não somente a causa que o faz começar a raciocinar mas é o assunto mesmo a respeito do qual começa a raciocinar. É o ponto de partida da sua cadeia lógica. É causa eficiente, causa instrumental e causa material do raciocínio. E este é o grande problema, que afirma um indeterminismo: qualquer coisa pode ser pretexto para o começo do raciocínio. Aluno: Você disse que esse momento de início, que é uma coisa acidental, é muito importante para o desenvolvimento cognitivo no sentido de que seria importante para a criança até uma certa idade ter muita intuição e pouco desenvolvimento da razão. Olavo: De fato, a criança tem pouco desenvolvimento da razão, pois não está habituada a fazer esquemas. Um dia ela vai começar a fazê-los. Os primeiros esquemas que faz, porém, não são propriamente esquemas racionais, mas esquemas da memória, esquemas puramente associativos. O acidente pode adiantar esse processo.

Não é possível preservar a criança disso. O problema está em que o evento que desencadeia o princípio do processo racional é ele também o assunto a respeito do qual o indivíduo começa a raciocinar. Se não fosse isso estaria tudo bem. E o que a presença de Saturno nas casas nos indica é justamente isto: o assunto! Ou seja, indica o primeiro evento que lhe chamou a atenção como absurdo. Não qualquer um, que pode até não ser exatamente o primeiro. Mas é aquele primeiro que você não conseguiu resolver, aquele primeiro evento que transcendia a sua capacidade de esquematização, o evento que colocava uma pergunta que transcendia infinitamente a sua capacidade de resposta no momento. Resultado: este primeiro problema com o qual a sua razão se defronta e que a derrota, evidentemente gera medo. Porque isto marca o limite da sua inteligência, o limite do seu poder. Mas ao mesmo tempo, todo este medo é um assunto que lhe chama muito a atenção. Porque você não se conforma com o limite do seu poder, não se conforma com a humilhação da sua inteligência.

O assunto, o tema assinalado pela casa onde está o planeta Saturno, é o princípio do espanto. E fica sendo para você, pelos anos seguintes, o tema que mais lhe espanta, o que mais você necessita saber e aquele que você mais teme. O que demonstra que seria absurdo dizer que Saturno é a razão. Ao contrário, Saturno é o planeta cuja posição em determinado lugar, assinala um certo tipo de evento que desencadeia o processo racional, o que não quer dizer que ele o ajude. Aluno: E quanto à identificação que os astrólogos fazem entre Saturno e tempo? Olavo: Essa identificação vem de uma etimologia errada. Saturno não tem que ver com khronos, tempo, mas com cronos, que quer dizer coroa, reino, poder. De cronos saiu a palavra coroa,

crânio. Tal identificação é um mero trocadilho.

Que Saturno tem a ver com o poder é evidente que tem.

Podemos dizer que esta primeira experiência coloca você em face de um poder que o transcende, transcende sua inteligência. Pelo menos naquele momento: você percebeu que existe o mundo da acidentalidade, o mundo do absurdo, o mundo inexplicável. Então você vai colocar a máxima potência da sua razão a serviço do intuito de resolver aquele problema. Mas acontece que, ao mesmo tempo, este problema atemoriza.

Temos doze temas iniciais que são assinalados pelas doze posições do planeta Saturno. Como se fossem doze perguntas ou doze objetos estranhos. Se têm alguma relação com o tempo, é apenas no sentido da inexistência de um vínculo entre a ordem lógica e a ordem cronológica. O que acontece num determinado momento e lugar não obedece à ordem lógica que eu tenho na cabeça, mas obedece a uma outra ordem que me é externa e estranha. O meu esforço será o de estabelecer os vínculos entre ordem lógica e ordem cronológica, em recolocar os eventos cronológicos dentro de uma seqüência lógica causal. Não é isto que faz o detetive? Buscar saber o que aconteceu antes e o que aconteceu depois e qual é o vínculo lógico, não apenas cronológico? Transforma o cronológico em lógico. Esta seria a única relação que poderíamos admitir entre Saturno e o Tempo. Ele assinala, Saturno, que aconteceu alguma coisa. Se aconteceu, aconteceu cronologicamente e, mais ainda, cronotopicamente, ou seja, num tempo e num lugar. E esta ordem do cronotópico nem sempre corresponde à ordem lógica, ou seja, com a ordem de hierarquia das causas.

Fundados nisto começamos a rescrever a nossa biografia, a nossa história, de maneira que faça sentido, de maneira que a ordem cronológica faça sentido, reflita uma hierarquia lógica.

A relação entre ordem cronológica e lógica são extremamente confusas. O exemplo do qual nós primeiro tomamos conhecimento nem sempre é o primeiro na ordem cronológica dos eventos. Tenho, por um lado, a ordem cronológica do que aconteceu; segundo, a ordem cronológica do meu conhecimento — vou conhecendo numa certa ordem. Porque o meu conhecer também é um acontecimento, ele também tem uma história. Aí há duas histórias: uma que começou antes e outra que começou depois.

O meu conhecimento também tem a sua ordem lógica, a qual não coincide com a ordem lógica dos eventos que procuro conhecer. Só na hora que consigo encaixar essas diversas linhas de sucessão é que sinto que descobri a verdade. E isto é difícil e requer tempo.

A associação de Saturno com o tempo não tem sentido. Nada na mitologia faz essa associação. O tempo é regido pelas Parcas, que vão tecendo o fio do tempo. É outro e completamente diferente mito. É lógico que tudo que acontece tem relação com o tempo. Mas associar Saturno a isso seria a mesma coisa que dizer que Marte tem relação com o tempo, porque ele faz alguma coisa e se o faz, o faz também no tempo.

Toda mitologia é “história da carochinha”. Toda história da carochinha pode ter sentido profundo se o leitor for profundo. O que não quer dizer que quem inventou os mitos fosse muito profundo. Acho que as tentativas de interpretar as mitologias no sentido de Paul Diel, de Schelling, são idealizações da sabedoria inerente à mitologia. Pois, existe sabedoria inerente a tudo, a uma pedra, inclusive, o que não quer dizer que seja uma sabedoria voluntária, autoconsciente. Posso ler uma peça de Nelson Rodrigues e achar nela profundidades inauditas, que não estavam na cabeça dele.

Há um verso de Antônio Machado: “He visto en mí soledad cosas mui claras que no son verdad”. Pense sempre nisto: raciocinando lá no seu profundo você tem intuições incríveis mas que não são verdade. Aluno: Às vezes o crítico é melhor que o artista. Olavo: Acontece. E é possível ao sujeito ver profundidades onde não há nenhuma.

O mito pode ter todos esses sentidos que lhe são atribuídos a posteriori. E que de certa maneira estão lá mas nem sempre lá estão de maneira certa. Se estivessem lá de maneira certa, teriam sido explicitados desde o primeiro momento. Como também com a filosofia de Heiddeger: se de fato queria dizer isso, por que não o disse? De fato, o que via de um jeito confuso, obscuro e do jeito que viu falou. Se o sujeito é enigmático é porque ele viu um enigma: um sujeito que conta um mito, uma revelação, uma inspiração, também não entendeu nada, apenas vende o peixe pelo preço que comprou. Dizer que Deus sabe o que ele

quis dizer com o mito é o mesmo que dizer que Deus também sabe o que ele quis dizer com os rios, as montanhas, as árvores, o céu ... para ele é evidente e para nós é obscuro.

Sou contrário à atribuição de sentidos demasiado profundos a mitos do passado. Isso é legítimo quando se entende que é você que está vendo isso e não atribuindo ao mito mesmo aquela intenção.

Feita esta ressalva, poderíamos dizer que de fato Saturno representa uma etapa da criação do mundo. E esta etapa teria ligação com a criação do triplo tempo: primeiro havia uma eternidade, limitada em todas as direções, o que era representado por Urano, que é infinitamente criativo. Abaixo deste se cria um tempo cíclico, um tempo que se repete: o que acontece agora desacontece depois — Saturno gera os filhos mas os come logo a seguir ... acontece mas não acontece nada. Finalmente existe o tempo cronológico tal qual nós o entendemos, que é um tempo linear, que abre a possibilidade do encerramento definitivo de certos acontecimentos — somente as coisas morrendo definitivamente é que pode existir algo novo. Por isso se diz que Júpiter inventou o calendário: o calendário é cumulativo, ele absorve as partes cíclicas nos meses do ano, que se repetem. Mas tem um aspecto linear na soma dos anos que nunca se repete, nunca volta. Na hora que Júpiter cria essa dimensão linear, possibilitou a vida humana: o homem não pode viver no eterno retorno, no cíclico. Porém, se os mitólogos sabiam de tudo isso, eu não sei, apenas sei que nós o sabemos. Se sabiam de tudo isso, por que não disseram exatamente isto? Como as histórias que minha avó contava e que eu não entendia: hoje vejo nela profundidades inauditas, assim como Freud analisando "Chapeuzinho Vermelho" vê também coisas fantásticas.

A interpretação dos mitos, é bom saber, varia conforme o tempo e também conforme os interesses do sujeito que os interpreta. Goebels distribuiu cópia de "Nostradamus" que dizia que em 1940 Londres seria destruída. Atualmente, distribuem o mesmo "Nostradamus" para justificar a guerra contra Saddam Hussein, o qual por sua vez deve interpretar "Nostradamus" de maneira diferente. Os mitos, no fim das contas, são convenientes às sociedades secretas, aos grupos que querem manipular a opinião pública, etc. Têm de fato uma parte de sabedoria, porém menos do que a que existe na cabeça de qualquer ser humano autoconsciente e pensante. Não acredito de maneira alguma na autoridade de uma tradição imemorial que se sobreponha à consciência individual.

Saturno poderia ser interpretado cosmogonicamente neste sentido mas não estou muito seguro de que os gregos entendiam isso. Na verdade, eles viam essas coisas de maneira realmente mitológica, temiam esses deuses mesmos. Eles achavam que Saturno ou Júpiter faziam isso ou aquilo. Basta saber que achavam isso para entender-se que era uns idiotas perfeitos, que estavam redondamente enganados. Achavam realmente que com tais ou quais ritos se podia aplacar tais ou quais forças cósmicas. Mas é você que está servindo a elas e não elas a você. Não podemos esquecer que no mundo greco- romano esses mitos tinham sentido religioso, era religião oficial. E basta saber isto para entender que não havia tanta sabedoria assim, mas que havia um negror de ignorância, estupidez, maciças. Não conseguiam de maneira alguma conceber a idéia de uma divindade transcendente à natureza. Isso não lhes entrava na cabeça. Platão conseguia conceber a idéia do bem supremo. Logo, era muito mais inteligente que os gregos. Mas os mitólogos, sacerdotes, todos eles eram barbaramente sensorialistas. Por serem sensorialistas, precisavam de historinhas da carochinha para transmitir algo, um conhecimento do qual se diz: é mito — um conhecimento mudo. Se é um conhecimento mudo, inexpressável de mim pra fora, não consigo dizê-lo para um outro. Mas se não consigo expressá-lo nem para mim, quer dizer que não conheço nada: é uma potência de conhecimento e não conhecimento mesmo.

O homem é o animal que fala. E só sabe o que fala. Às vezes fala pra si, às vezes é muito difícil expressar para fora. E se é difícil você expressar pra si, então seu conhecimento é obscuro.

A apologia do incomunicável, do silêncio também é a apologia da ignorância. E acho que isso tudo tem um lado profundamente anti-humano e contrário a Deus também. Do ponto de vista da criação, Jesus Cristo é o Verbo de Deus, é a fala de Deus. Se se diz que há o deus mudo, pode-se dizer que este deus mudo mandou avisar, através do Cristo, que é o Verbo e o caminho. Se se quer o caminho mudo, tal caminho não existe, pois é aquele no qual não se entende nada e através do qual nada dá certo. Não interessa um deus que não fala. Se não fala, não é preciso ouvi-lo.

Há quem considere que as verdades profundas são incomunicáveis. Se são incomunicáveis, como saber se

são profundas?

A palavra é coisa divina, é o que se fala, o que expressa e comunica o que deve se tornar claro para todos. O mito é mudo. O grande salto da humanidade foi quando o homem passou do mito para o logos: passou da potência de conhecimento para o conhecimento efetivo.

Saturno nada tem a ver com o tempo e, sim, com o poder. Esse poder que se afirma maciçamente ante a inteligência humana como de fato um muro opaco ao qual a inteligência não atravessa, como a placa de chumbo para o Super-homem (aliás, motivo tirado da mitologia: o Super-homem tem visão de raios-x que penetra tudo, menos a placa de chumbo).

...

A razão é feita para o homem compreender precisamente o que ele não enxerga. A intuição funciona no claro e a razão constrói uma ponte através do escuro. Quando você não enxerga, ou contorna ou fura o obstáculo. O que constrói a ponte que sobrepassa ou a broca que fura o obstáculo é a razão.

O homem tem que ter a razão porque ele não tem intuição universal. Se tivesse intuição o tempo todo e em todas as direções, ele seria Deus, para quem tudo é imediatamente evidente. Ao contrário de Deus, que já sabe tudo e por isso não precisa pensar, o homem tem que pensar, porque sua intuição é limitada. Caso alguém "resolva" não querer mais a razão e só ter a intuição, ficará limitado apenas ao dado imediato.

A Casa onde está colocado o planeta Saturno assinala exclusivamente um ponto de partida: um evento que adquire aos olhos do indivíduo uma importância desmesurada, às vezes incompatível com a importância real que o evento tem na seqüência verdadeira das causas. Mas que para aquele indivíduo, naquele momento, foi o grande problema, o que se traduzirá numa pergunta que funcionará para o indivíduo como o centro de gravidade da sua inteligência, no ponto para a onde a sua inteligência convergirá automaticamente.

A pergunta que não foi respondida, aquilo que surgiu para o indivíduo como um grande enigma, atrairá sua atenção, quer ele queira ou não pensar nela; tornar-se-á um foco de atenção involuntária, ao ponto de consumir uns oitenta por cento da sua inteligência.

Quando estamos gravemente ocupado com um problema, é normal que não tenhamos inteligência suficiente para lidar com outro problema. Por exemplo, se Saturno ocupa a Casa I, o ponto que chama a atenção do indivíduo é a sua própria aparência. Que ele tenha essa aparência, essa cara e não outra, lhe parece como um fato gratuito. No espelho ele se acha mortalmente feio, podendo, do nosso ponto de vista, ter ou não razão quanto a isso. Mas, se ele é tão feio assim, por que sua mãe o trata por "gracinha", "benzinho"?...parece-lhe que estão querendo enganá-lo. O que ele vê é diferente do que lhe dizem. Surge-lhe a dúvida de qual é a sua verdadeira cara, o que é um problema gravíssimo para quem tem Saturno na I. É algo que afeta sua própria identidade, um problema que se traduzirá na pergunta: "quem sou eu, afinal de contas?"

Isto é uma questão que surge desde cedo na vida de quem tem Saturno na Casa I, para quem o foco da feiúra, do absurdo, é ela mesma, tenha ou não razão quanto a isso. Outras crianças (que não têm Saturno na I) há que nunca tiveram um hiato de separação entre elas mesmo e sua aparência, sendo este um dos dados inabaláveis que possuem. Para quem tem Saturno na I, parecerá uma falsidade lhe dizerem que a acham uma gracinha.

O que nós achamos de nossa aparência física é um dos fatores determinantes da nossa conduta. Podem reparar que há certas pessoas que não têm idéia da sua aparência física, ignoram-na e isto lhes dá uma desenvoltura maior. Confiam em si mesmas, na própria aparência — naquilo que você confia, raramente questiona. Outras pessoas, ao contrário, têm consciência da própria aparência física e sabem usá-la, sabem que são bonitas e usam esse dado como um instrumento.

Com Saturno na I, há a estranheza da própria aparência, há o questionamento da própria aparência, o que poderá ser traduzido pelo sujeito como feiúra, como algo estranho ... Não importando como o sujeito traduzirá esse sentimento de estranheza, o fato é que não se conformará com a aparência que tem. Um dia o ponto de interrogação surgiu e problematizou este item. Se este ponto de interrogação não aparecesse no tempo devido, depois não adiantaria mais; não adiantaria o sujeito depois de 20 anos de idade começar a

estranhar a sua própria cara. Pois nesta idade isto não teria para ele quando criança. Será apenas um raciocínio a mais que estará, aos vinte anos, fazendo, não se transformando em algo capaz de ocupar o centro de suas atenções, de suas preocupações constantes. Ao contrário, diríamos estar louco um sujeito que aos vinte ou trinta anos começasse repentinamente a ter gravíssimos quanto a sua aparência.

Inversamente, para o sujeito que tem Saturno na VII, o estranhamento surge em relação ao que os outros esperam dele. Por que lhe dizem coisas contraditórias, por que papai manda fazer uma coisa e mamãe outra? Isto é algo que acontece com todas as crianças, mas nem todas estão ou terão a atenção voltada para este ponto, para o fato de as pessoas as tratarem diferentemente ou mesmo para o fato de a mesma pessoa as tratarem diferentes em momentos diferentes. Certamente, quem tem Saturno na VII vai reparar nisto.

Nenhuma destas questões (Saturno na I, na II, na III...) pode ser respondida por uma criança.

A atenção que o sujeito dá a este problema — à contradição que busca entender —, sendo ele ainda incapaz de resolvê-lo, se torna um foco de atenção, algo como uma obsessão. Mesmo que o sujeito não queira pensar nisso, seu cérebro instintivamente cai nesta pergunta, a qual fica martelando em sua cabeça como uma espécie de automatismo indesejável.

Uma parte da inteligência começa a operar, por assim dizer, no vazio, dando voltas em torno de uma questão sem poder respondê-la. Por um lado é uma hiperatividade da inteligência; por outro, é uma passividade, pois é uma atividade da qual nada resulta.

As resultantes, em termos de comportamento, a partir da posição de Saturno na I, podem ser: o sujeito, estando inseguro quanto à sua aparência ou tratará de escondê-la (o que não é possível) ou tratará de manobrá-la de algum jeito de maneira a ter uma aparência estudada. Tendo uma aparência estudada, ele naturalmente terá consciência de se funcionou ou não tal alternativa, o que vai criar um problema extra: que cara fazer diante do quê? Na medida em que o sujeito tenta resolver o problema assim, tem consciência de ser um farsante, assim como também tem consciência de que os outros podem descobrir que ele está sendo farsante, o que o obrigará a disfarçar um pouco mais. Pode então adotar um personagem fixo para não ter que responder à angustiante pergunta de quem é ele, para não ter mais a sensação de estar fingindo a todo momento. Nos momentos em que isso falhar, ele se sentirá inseguro.

A resolução mais simples é a da fixação da conduta, de forma que o esforço racional se torna um esforço repetitivo. É uma forma de não se pensar mais no assunto. O sujeito passa a repetir as mesmas frases, as mesmas invocações, os mesmos cacoetes.

A posição de Saturno nas casas coloca um problema. As sucessivas resoluções que o sujeito vai tentando dar a esse problema variam enormemente. Por isso não podemos estabelecer um elo direto entre esse traço e a conduta. A conduta é uma tentativa de resolução do problema e essa tentativa varia conforme a inteligência do sujeito, conforme sejam seus recursos, etc. A única coisa que podemos dizer é que todas essas condutas, enormemente variadas, no fundo estão tentando resolver um único problema. É como sabermos que o problema é este? Porque somente esta hipótese explica a conduta.

Com Saturno na VII, uma das maneiras de o sujeito resolver o problema seria ele adotar um tipo de conduta-padrão. Pega uma pessoa que se comporta com ele de determinada maneira e faz de tal comportamento o padrão do que espera de todo mundo, para não ter que pensar, resolver os problemas um por um.

Outra maneira seria não esperar nada das pessoas, aceitar o que vier, virando um “maria-vai-com-as-outras”. É muito comum ver pessoas com Saturno na VII andando acompanhadas de pessoas cuja presença é intolerável, acompanhadas de uma plêiade de chatos apenas porque não quer pensar no problema, porque não sabe julgar as pessoas.

Uma terceira alternativa seria conceber um padrão abstrato de conduta e aplicá-lo às pessoas, exigindo que elas se comportem daquele jeito, ficando irritado quando as pessoas se recusam a isso.

Tudo isso são soluções que o sujeito vai tentando arrumar para resolver um problema que no fundo é apenas seu. Se quem tem Saturno na VII espera de você uma conduta “x”, certamente, você não tem nada a ver com isso — é ele que está tentando se ajeitar consigo mesmo. Do mesmo modo, se aceita tudo que você faz para ele, nunca reclama, não quer dizer que você está agradando. Trata-se de problemas do

indivíduo, que ele resolve dele para com ele mesmo, arrumando uma forma de conduta que temporariamente pelo menos o equilibra com suas próprias exigências. Os outros não têm nada a ver com isso, na medida em que também têm os seus próprios problemas.

Para que o sujeito se torne consciente do problema que tem é necessário que perceba que as outras pessoas têm outros problemas, o que, empiricamente se vê, acontece muito pouco.

Essas áreas de exigências onde um indivíduo — que para manter a sua própria coerência interna precisa se comportar desta ou daquela maneira, precisa que os outros se comportem assim ou assado — é justamente o que torna a convivência humana tão precária. Porque trata-se de uma exigência gratuita, arbitrária.

Se o indivíduo tem Saturno na I, uma das saídas ou uma das condutas resolutivas que ele pode adotar seria adotar uma máscara fixa, ficando sempre com a mesma cara. Se arruma um emprego, veste a camisa daquele emprego, identifica-se com aquilo e tenta proceder daquele jeito vinte e quatro horas por dia. Evidentemente ele se torna incômodo para as pessoas. As pessoas poderão reclamar dele, considerando-o falso, frio, fingido e ele nem vai entender do que estão falando. Porque ele não pode abdicar daquela conduta enquanto não arrumar uma solução melhor. Impõe então aquela conduta aos outros, impondo-lhes com isto um peso, do mesmo modo que o que tem Saturno na VII quer que as pessoas ajam assim, assado, de acordo com uma regra já existente ou que ele mesmo inventou. Essa é a maneira que ele tem de se equilibrar consigo mesmo. Necessidade esta que nada tem a ver com o outro, embora quem terá que arcar com isso será o outro, o que é uma coisa perfeitamente irracional e quando isto é questionado, surge a insegurança no sujeito. São tais coisas assim como fetiches, totens, que cada um precisa para a sua segurança interna. Leva muito tempo para você perceber que se trata de um fetiche e que se você precisa disso o outro também precisa de um outro e se o outro lhe agüenta é porque gosta de você e perdoa que você seja um chato — afinal de contas, todo mundo neste ponto é chato.

Estas áreas da personalidade são áreas que se tornam cristalizadas, imutáveis, onde não se consegue influenciar ninguém. E é ao que o sujeito se apega como se tratasse de sua exclusiva tábua de salvação. Porque, não sabendo resolver a questão, impôs para si mesmo uma determinada resposta da qual não tem certeza, restando-lhe apenas reafirmá-la. Como uma crença que, quanto mais dela se duvida, mais é reafirmada.

São estas as partes mais feias da personalidade humana, podendo chegar ao ponto da monstruosidade. Para retirar essa rigidez, você tem que ir aos poucos, tanto no que se refere à própria rigidez quanto à do outro; você tem que reconhecer a sua impotência naquele ponto. É como se fosse uma crença gratuita sobre a qual se sustenta todo o edifício da sua racionalidade. A crença, em si mesma, é falsa. Porém, você a usou para passar adiante e descobrir um monte de verdades. Se essa falsidade é retirada, o resto cai, como se se tratasse do pecado original da inteligência, a mentira originária.

Esta mentira originária compromete apenas parcialmente a construção racional que sobre ela se edificou. Pode-se dizer que aquele assunto — a mentira originária — pode não ser importante em si, sendo importante apenas para você. É mentira que não prejudica todo o restante.

Há, no processo adaptativo, crises crônicas: o sujeito está sempre inseguro naquele ponto. Com Saturno na I, o sujeito pode tornar-se morbidamente tímido, porque para cada pessoa que encontre, acha que precisa de antemão a cara que nunca fica pronta. Com Saturno na VII, pode haver a resposta contrária: ao invés de se tornar o tipo regulamento implacável, pode tornar-se o tipo “maria-vai-com-as-outras”, porque, não sabendo se as pessoas estão agindo certo ou errado com ele, aceita todo mundo.

O comportamento resultante pode ser muito variável. Apresentei alguns, mas existem inúmeros outros para cada caso. O que importa é que toda a variedade de comportamentos do indivíduo naquele setor visa a aplacar uma pergunta que não conseguiu responder. Claro que na idade adulta conseguirá responder. Porém, neste momento, na idade adulta, terá todo um repertório de condutas aprendidas; ao mesmo tempo, já conviveu com outras pessoas que estão acostumadas com ele assim ou assado, o que o prende numa prisão que ele mesmo construiu.

Para o sujeito mudar, ele tem que mudar todo o circuito de relações com todo mundo, o que dá um imenso trabalho. É o que em geral não se faz. Os preconceitos infantis, as crenças infantis sedimentadas...em geral,

prefere-se jogar a própria vida pela janela do que tais crenças.

Com Saturno na VII, o sujeito se pergunta: por que me tratam desta maneira? Se alguém é bom com ele, ele não entende; se é mau, também não. Às vezes radicaliza: proclama todos bons ou todos bandidos, infiéis.

É possível, por outro lado, partir de outra base e reconstruir tudo de novo. Isto é possível, contanto que se desista da pergunta por compreender que ela remete a uma pista falsa. Para largá-la, é necessário ter-se a ela dedicado um certo tempo, tempo suficiente para entender que se trata de uma bobagem. O sujeito precisa desenvolver aquele tipo específico de inteligência, para depois poder entender que aquela questão não é a única importante.

A questão dos papéis sociais é importante para quem tem Saturno na I; a dos direitos e deveres recíprocos para quem tem Saturno na VII. Existem outras questões muito mais importantes ou, pelo menos, outras onze questões igualmente importantes. Se estou interessado numa certa coisa, não tenho o direito de transformar tal coisa num critério universal para julgar todas as pessoas. Vou ter que conceder à questão a importância que ela tem, coisa essa que também está na mitologia: Saturno, no fim da vida, é destronado e preso numa ilha e nesta ilha ele se torna um rei bondoso. Se aquela questão, própria da posição de Saturno, for limitada, dentro de seus limites ela tem os seus direitos.

Quem tem Saturno na I tem dificuldade para entender que é necessário ele prestar atenção nas coisas que está fazendo e esquecer qual é o papel que está desempenhando. É como o caso do deputado que não consegue convencer-se de que é deputado depois de trinta anos de mandato. Isto seria uma síndrome de Casa I, caso não se tratasse de um fato social no nosso meio, se fosse um comportamento individual.

Falta, ao sujeito com Saturno na I, objetividade; há dificuldade em que sua atenção vá para além de si mesmo. Não é que goste de pensar em si mesmo (talvez até deteste fazê-lo), mas não consegue fazer com que sua atenção vá além do papel que está desempenhando. Ter consciência disto pode amenizar o problema, na medida em que isso é apenas um dos dados da sua vida, que não tem mais do que um doze avos de importância. No fundo, mesmo, não tem realmente importância alguma.

Do mesmo modo, quem tem Saturno na Casa II, a questão que surge para ele são as seguintes:

- olho uma maçã, pego-a, como-a. Tão logo tornei minha a maçã, ela não existe mais, o que significa dizer que a propriedade é a propriedade do nada.

- meu pai me dá uma bicicleta e diz que a bicicleta é minha. Se ela é minha, significa que tenho poder sobre ela. Porém, chega um moleque mais forte, monta-a e sai andando nela. Em que sentido ela é minha?

- pego um fio de cabelo meu, ponho-o no fogo e ele se queima. Em que sentido, então, meu corpo é meu, se ele pode sumir de repente, se não tenho poder sobre ele, a ponto de impedir que isto ocorra?

Conclusão: toda relação do homem com o mundo material circundante está sujeita à dúvida. O mundo parece evanescente; a realidade das coisas físicas é falsa, portanto a minha posse delas também é falsa.

Por exemplo, um homem ganha ou compra um terreno. Em que sentido ele é dono deste terreno? O terreno passa a fazer parte dele? Ele o leva — ao terreno — aonde quer? Ao contrário, o sujeito é quem está preso ao terreno. Além do que, o domínio que ele tem sobre o terreno vai até quantos metros de altitude? Na hora que compro o terreno também sou dono do espaço aéreo? Não, pois este é do governo, assim como também é dono do subsolo. O que significa que sou dono de uma faixa de tantos centímetros de espessura e ainda tenho que pagar imposto. Tenho, pois, a propriedade do terreno apenas num sentido negativo, no sentido de que posso impedir outras pessoas de nele entrarem. Porém, posso realmente? Não posso, pois há quem nele entre à minha revelia. Mesmo que eu possa (após eles terem entrado) mover um processo contra eles, talvez depois de uns três ou quatro anos eventualmente sejam punidos. Se é assim, é um direito muito tênue que eu tenho; toda propriedade é tênue, porque a relação do homem com o mundo material é tênue. O mundo material é evanescente, conclui, ele não é real, ele não existe. Portanto o mundo das sensações também é irreal. Justamente na hora que acabei de comer a maçã, que a introjetei completamente, que ela é completamente minha, não sinto mais seu gosto.

Se o sujeito que tem Saturno na I tem dúvida sobre sua própria identidade, este aqui, com Saturno na II, tem dúvida sobre a sua propriedade. Propriedade é uma coisa que é nossa, sem porém fazer parte da nossa

essência. Do mesmo modo que o sujeito com Saturno na I não conseguia ter certeza da sua identidade, este não consegue ter certeza da sua propriedade.

As reações que o sujeito que o sujeito com Saturno na II pode desenvolver para responder a esta inquietação são: ficar avarento, tornando-se alguém que sempre quer mais e mais. Acontece que quanto mais tem, menos sente que tem. Seria como o sujeito que perdeu o paladar: não adianta comer um montão de coisas — isto não o fará sentir nada. Não se convence de que o que tem é seu. Com relação às pessoas, é a mesma coisa: se alguém lhe faz um carinho no rosto, isto provoca-lhe uma sensação que, mal começou, já acaba, por todas as sensações serem evanescentes devido à crítica racional a que são submetidas. O que é gostoso fica ruim.

Pode o sujeito tornar-se um "budista", proclamando a irrealidade do mundo — a não necessidade de dinheiro, comida... Mas acontece que esta "renúncia" é uma renúncia que é demasiado sublinhada, não sendo uma renúncia e, sim, uma espécie de repulsa.

Pode desenvolver uma incapacidade de receber. Ao receber um presente, emaranha-se em dúvidas que derivam da idéia de que quem deu o presente é que tem o poder sobre o presente. Na hora que você o presenteia, no mesmo ato conclui que ele não tem poder sobre o que recebeu.

Esta posição de Saturno — na Casa II — coloca o homem contra o mundo material que o rodeia, a ponto de o sujeito que a tem sentir-se humilhado ao receber um presente qualquer.

Um exemplo desta posição é Nietszche. O impulso nietszcheano de destruir tudo é um jeito de negar que o mundo exista, afirmando a existência apenas de si mesmo: a vontade do Super-homem é soberana e o mundo não existe, não existe realidade objetiva. Conclusão esta que decorre do fato de o sujeito, sem paladar, comer algo e, não sentindo o gosto, declara que aquilo era ruim e procura então anulá-la.

Há, na vida de Nietszche, alguns detalhes biográficos interessantes: morreu de sífilis, que é uma doença que vem do prazer, do prazer que mata. Também ele dizia: "quando você for falar com as mulheres, leve seu chicote." Na verdade, ele saiu com uma dona e quem levou a chicotada foi ele, tanto que tal chicotada o matou.

O impulso destrutivo pode ser muito grande em pessoas com Saturno na II, ocorrendo um pouco como na fábula da raposa e as uvas: se não dá para ter, é melhor destruir.

Muitas pessoas com Saturno na II são dilapidadores de patrimônio. Tudo que têm, liquidam rapidamente. É uma conduta adaptativa, que também não satisfaz ao sujeito, assim como a do avarento.

Não se deve esquecer que nenhum desses comportamentos que aponto é necessário, sendo todos contingentes. Todos podem ser, podem não ser, podem vir juntos ou separados, pode não se dar nenhum deles e surgir um outro, mais inventivo.

Onde quer que o sujeito tenha Saturno é onde ele não tem nenhuma naturalidade, nenhuma espontaneidade, a não ser que aprenda; a não ser que leve até o fim a crítica racional começada e a supere. Mas como levá-la até o fim se ele detesta pensar em tal assunto?

Se o indivíduo tem Saturno na Casa VIII, o que é colocado em dúvida racional é a sua própria possibilidade de interferir no curso das coisas. Se com Saturno na II as coisas é que são evanescentes, na VIII, a sua ação é que não muda nada na ordem das coisas. O sujeito se vê na posição de alguém que escreve numa lousa que continuamente apaga o que foi escrito; acha que nada do que faz tem a mais mínima conseqüência — como escrever na areia: vem o mar e apaga.

Se na Casa II é a impossibilidade de ter, de assimilar algo a mim, na Casa III é a impossibilidade de desencadear efeitos, pelo menos efeitos significativos, ou de reconhecer os efeitos como sendo aqueles que eu desejei.

Toda ação humana entra dentro de uma rede de causas e efeitos já pronta. O efeito que você obtém nunca é exatamente o que você desejava, mas algo um pouco diferente. A questão é: onde termina a minha ação e começa a ação alheia? Fui eu que fiz ou foi coincidência? Mais tarde, na vida adulta, examinando caso por caso, dá para entender quais são os limites da ação causal e onde entra outras linhas de causas. Porém, para tanto é preciso pensar muito tempo a respeito, coisa que criança não pode fazer. Disto pode decorrer um

sentimento de impotência quase total, o sujeito concluir que não dá para fazer nada, que nunca dá para fazer nada.

Como a Casa VIII tem a ver com o potencial de ação que se esconde atrás de cada objeto, e como Saturno sempre tem a ver com o processo da generalização, o problema é que o indivíduo sempre procura obter não uma resposta à questão que o momento lhe coloca, mas uma resposta genética que sirva para todos os casos. Isso não quer dizer que quem tenha Saturno na II, na hora que come uma maçã, não sinta nada, mas, sim, que ele se pergunta qual é o fundamento permanente de tal experiência — experiência esta que não tem fundamento permanente.

A razão sempre recusa a contingência. Ela quer sempre a regra geral e a regra geral leva muito tempo para ser descoberta. Enquanto você não tem a regra geral você não tem segurança. E nada garante que se o presente recebido foi bom, o próximo também o será.

Cada experiência que é vivida é vivida sob o pano de fundo de todas as experiências do mesmo gênero e julgada assim e por isso mesmo ela é anulada.

Com Saturno na VIII esta impossibilidade de agir — o que às vezes acontece com as pessoas, por exemplo, submetidas a um perigo e nada podem fazer naquele momento — é generalizada. Nada nos garante que em outros momentos vamos conseguir agir numa situação de perigo. Como posso ter uma garantia de que em todas as situações conseguirei agir, interferir e levar a termo o que eu desejo? Nada me garante isso. E é isto o que o sujeito de Saturno na VIII busca: achar uma garantia permanente contra todas as situações de emergência, para todas as situações onde precise agir. Porém, ter isso — algo assim como um manual de emergência — leva uma vida inteira.

Suponhamos que este intento fosse dirigido para um só setor da vida, não para a vida em geral (coisa essa que seria impossível); vamos supor que o indivíduo fosse um cirurgião que trabalhasse na emergência de um hospital. Ele sabe o que fazer em todas as eventualidades, em todas as emergências que surgirem? Mesmo que seja um cirurgião super-especializado, um cirurgião gástrico, por exemplo. Nem neste caso ele está garantido de saber o que fazer na hora "h". O que quer dizer que a regra que lhe dê a segurança total para todas as situações de emergência não existe e nunca vai existir.

Algo típico desta posição de Saturno — VIII — é a inércia na hora da ação. Por outro lado, se for uma ação que o sujeito possa controlar racionalmente, então dará tudo de si. Pode-se dizer que este sujeito é tudo, mas apenas em duas ou três circunstâncias. O pânico também é uma experiência muito comum para tais pessoas.

O sujeito com Saturno na VIII deve compreender que a técnica da ação pode existir. Porém, esta técnica será sempre limitada: há alguns setores que ele pode dominar e, no resto, estará à mercê do acaso como todo mundo. Todos podem correr perigo e não há como evitar isso — apenas ele quer se prevenir justamente contra isso, contra os perigos inesperados. Todos estamos despreparados para isso.

O contrário se dá com quem tem o Sol na VIII, pois tem a intuição do que está acontecendo naquele momento, por isso consegue agir. O que tem Saturno na VIII, não; a situação que vive é apenas um exemplo de uma regra geral. Seu procedimento tende a ser portanto um procedimento racional, científico. Porém, para poder ter um procedimento racional, científico, é preciso conhecer uma infinidade de casos iguais e nada garante que o sujeito sobreviverá ao terceiro ou quatro desses casos.

Só se pode obter segurança para atuar num setor determinado onde a ação a ser empreendida seja muito importante. Você só pode ter estratégias, esquemas de antemão, apenas para uma área muito pequena da realidade, não para a vida inteira. Não é possível estar preparado para todas as emergências o tempo todo.

Se o sujeito tem Saturno na III, algum dia ele percebe a diferença entre o que ele pensa e os objetos sobre os quais pensa. A isso sua atenção se prende.

Por exemplo, um dia está comendo bananas e alguém lhe diz: "me dá uma banana!". Ele pensa: mas que relação tem o som "banana" com isto que como, que também é chamado de outra maneira quando quem fala é russo, malaio, grego?...Qual é, pois, a relação do som com o sentido?

A frase que pronunciamos também é um objeto, objeto sonoro, que existe fisicamente. De um lado, tem-se uma experiência auditiva que é o som de — "me dá uma..." — e de outro lado a experiência visual que é

aquele objeto. E o que conecta uma coisa (o som) com outra (o objeto)? Por acaso não posso dizer um monte de coisas que não têm nenhuma relação com realidade alguma? Se tenho capacidade de falar, posso inventar um monte de palavras que a nada equivalem. Se eu disser a verdade ou mentira, são frases do mesmo jeito. O que quer dizer que a linguagem, na maior parte dos casos, funciona por uma espécie de automatismo, cuja função é atribuir intenção ao que foi falado. A intenção deriva, pois, do hábito.

Quem tem tal posição de Saturno — na III — rompe com este hábito e começa a ter um sentido de linguagem como coisa; é um concretista nato.

As palavras, além de remeterem a um significado, também são alguma coisa; o raciocínio também é alguma coisa. O raciocínio que faço do tipo: "vou comer uma banana. Banana estragada dá dor-de-barriga. Essa banana aqui está estragada, logo eu vou ter dor-de-barriga." Isso expressa, de um lado, uma relação possível entre minha barriga, meu estômago e a banana e por outro lado, expressa um encadeamento de pensamentos. A facilidade que tem o sujeito com tal posição de Saturno para enxergar o seu próprio processo lógico faz com que ao mesmo tempo ele enxergue de maneira este outro processo lógico e as coisas. É como olhar através de uma lente. Porém, e se a lente ficar suja? Posso prestar atenção à própria lente e não nas coisas que vejo através dela. Ela, a lente, também é um objeto, também pode ser vista. A linguagem é a mesma coisa, ela é um vidro através do qual se enxerga a realidade. Mas vidro também é coisa.

Se alguém lhe diz: "vou bater-lhe na cara", o sujeito ouve o som do que foi dito mas não o conecta com o seu estado afetivo. Claro que depois ele pode desenvolver defensivamente uma espécie de confusão entre as coisas e as palavras. Porque na hora que o sujeito percebe que o pensamento é desvinculado das coisas, percebe que o mundo do pensamento é um abismo. Percebe que, apenas pensando, pode ir tão longe, afastar-se tanto da realidade que pode enlouquecer. Quando ele vê este abismo da dedução, pode recuar horrorizado e tentar se prender a uma infinidade de coisas.

A reação do sujeito — qualquer sujeito — ou, dito de outro modo, sua conduta adaptativa, não o caracteriza mas, sim, a pergunta ou problema que a motivou. O sujeito não é sua reação. Ao contrário, a reação deriva de um problema que ele procura resolver. É este problema que caracteriza o sujeito, problema que é real. A conduta, reação, é coisa meramente adaptativa. Muitas vezes ela se torna em si mesma caricatural, mas mesmo assim ela só pode ser compreendida em relação a um pano de fundo. Deve-se sempre ter em vista que, para cada conduta possível, que lhes apresento, apresento uma outra conduta, possível e contrária. Sempre que o sujeito adotar uma conduta qualquer, ele guarda a outra, contrária, como uma espécie de reserva, de contrapeso. As condutas contrárias não são coisas excludentes, a ponto de o sujeito ater-se a ela definitiva e coerentemente. Sempre haverá uma tensão. Nenhuma conduta adaptativa que o sujeito assuma pode sossegá-lo completamente.

O sujeito com Saturno na III, a partir do momento que vê esta distinção entre o som e a coisa designada por este som, pode entender que está livre para mentir. Percebeu, neste momento, que tem a capacidade de mentir e que isto é uma força. Mas ao mesmo tempo sabe que está mentindo. Pode, a partir de um certo ponto, decidir controlar sua mentira, não falando mais nada, assim como pode exigir sempre a verdade entendida num sentido literal, de fato. É essa tensão entre as várias condutas opostas que caracteriza o indivíduo e não a conduta rigidamente estratificada como uma caricatura.

A diferença entre uma conduta e a sua contrária decorre de o sujeito agir de um jeito para fora e de outro para dentro, como o sujeito que mente ao mesmo tempo que confessa a si mesmo a verdade, ou fala a verdade insistentemente percebendo que o outro vai entender outra coisa e que portanto o resultado da sua verdade é uma mentira.

O que caracteriza a posição de Saturno nas várias casas é uma pergunta inicial irrespondível, que gera uma tensão. As várias condutas que o sujeito experimenta são soluções precárias dessa tensão. Ele só vai resolvê-la no dia que tiver uma compreensão racional daquele setor e que aquela pergunta perder para ele aquela importância central, quando ela for colocada no seu devido lugar. Isso demora muito tempo e dá um trabalho imenso.

Uma outra alternativa para o sujeito com Saturno na III seria ele decidir dominar totalmente a sua linguagem para dar a aparência de verdade ao que quer que ele fale. A outra, para escapar da angústia de

sentir-se mentiroso, seria se ater sempre à verdade, esta entendida apenas no seu sentido factual imediato, sem dar relevo maior à possibilidade de que podemos dizer a verdade dos fatos com o intuito de levar a uma conclusão falsa.

Com Saturno na IX, o problema é exatamente o oposto: o sujeito pode pensar mas não pode concluir. A falsidade não está no pensamento. Não é o pensar que se afasta da verdade, é que toda conclusão, uma vez dita, já não é mais verdadeira. Toda generalização é falsa.

As nossas crenças são sempre limitadas em relação ao real. Portanto, na hora que chego a uma conclusão, esta conclusão, para ela ser verdadeira, precisaria ser contrabalançada por um milhão de outras conclusões a que não cheguei ainda.

A posição de Saturno na IX, em suma, consiste da relatividade de nossa crenças, num ceticismo universal: tudo está colocado em dúvida.

Para o sujeito escapar deste relativismo total, que não lhe dá nenhuma base para uma conduta acertada, uma das soluções alternativas seria afirmar peremptoriamente um certo corpo de crenças que no íntimo ele sabe que está tão errado quanto qualquer outro, mas do qual precisa para ter uma certa segurança. Torna-se um Aiatolá Khomeini que, porém, por dentro duvida de tudo que fala; quanto mais alto fala, mais duvida.

Outra alternativa seria concordar em permanecer inconclusivo, como quem adotasse o dístico "não julgueis para não serdes julgados", interpretado num sentido de que não dá nem para saber se matar a mãe é feio ou não.

Essas duas condutas adaptativas são ou coexistentes (uma para fora e outra para dentro). O indivíduo não consegue se acomodar tanto numa com noutra, com de resto não conseguirá acomodar-se em nenhuma outra, inclusive a que o inclinasse a não pensar mais no assunto. Porque mesmo que não pense nisso voluntariamente, inconscientemente continuaria grudado no mesmo assunto. E quando o sujeito decide não pensar mais no assunto que o atormenta, geralmente fica burro. Porque o fato é que a atenção dele, oitenta por cento da sua inteligência já está grudado naquele assunto. Não pensar mais em tal assunto é desligar a maior parte da sua inteligência. É algo do que não há escapatória; é jaula da qual só se escapa engolindo-a, ficando maior que ela, o que significa que o esquema racional tem que crescer muito a ponto de dele poder abarcar aquela questão entre inumeráveis outras.

Com Saturno na IX, o problema não está no pensar ou no falar, mas no crer. Todas as conclusões, todos os juízos que você formula são sempre incertos. E de fato, na prática, nossos juízos são sempre incertos, o juízo de todo mundo, independentemente de onde se tenha Saturno. Porém, as outras pessoas, na hora que formulam um juízo, já deixam subentendido qual é o território de sua validade e entendem que aquela conclusão vale dentro de um certo âmbito. Relativizam. O que tem Saturno na IX, porém, quer a conclusão final, quer o valor absoluto ou a ausência absoluta de valor daquela conclusão. Como isso nem sempre é possível no momento, o indivíduo fica inseguro. É como se o sujeito quisesse ter um sistema filosófico já pronto.

Com Saturno na IV o problema é o da defasagem entre as aspirações e os desejos do indivíduo e a obtenção dos respectivos objetos que nunca vêm na hora. Aquilo que deixaria o sujeito feliz, ele só pode obter daqui a pouco, quando o que estiver querendo já vai ser outra coisa. Como a Mafalda: "de que adianta eu ser grande quando crescer? Eu quero ser grande agora!", ou mesmo como se lê no verso: "A árvore dos dourados pomos: sempre está onde nós a pomos e nunca a pomos onde nós estamos."

A crítica racional da felicidade demonstra, por "a+b", que a felicidade não existe, porque vivemos no tempo e o tempo ou consome os motivos de felicidade ou antecipa o desejo de felicidade que só será atendido quando não interessar mais.

Este problema de fato existe e todos os seres humanos o têm, porém transigem quanto a ele e o sujeito que tem Saturno na Casa IV, não, porque faz parte da razão esse impulso de obter explicação geral e absoluta.

O que ele indaga é: quais sãs os fundamentos e as causas permanentes e imutáveis da felicidade humana? Como obter uma felicidade que seja permanente e inabalável? Já que não a tenho, todas as outras são formas da infelicidade. Como o sonho do paraíso perdido.

A razão de porque nenhuma conduta resolve o problema é porque ela está, a razão, buscando a verdade e

só a verdade pode sossegar o sujeito.

O raciocínio vedantino é assim: a avareza é o contrário da prodigalidade. Portanto, ela só pode destruir a prodigalidade, não pode destruir a falsidade. No fundo, o que o sujeito está procurando é uma verdade universal, um sistema coerente. E isto é a única coisa que pode sossegá-lo. Só que o sujeito tem que ser advertido que ele está procurando isto desde uma pista acidental que pode não ser tão importante quanto ele pensa. Em suma, é preciso que ele desvincule a razão do seu interesse puramente psicológico, fisiológico, porque ascender à razão é subir de nível.

Do mesmo modo, com Saturno na X, o sujeito quer justificar qual é a posição que ele ocupa diante da sociedade. Por que ele está no lugar em que está e não no outro? Questão que também não tem resposta, porque isso é mais ou menos "por sorteio". Uns são pobres, outros ricos; uns mandam e outros obedecem, apenas porque aconteceu e acontece de ser assim. Claro que existe alguma racionalidade nisto tudo, mas não uma racionalidade que possa dar plena justificativa ao fato.

Se o sujeito consegue justificar plenamente sua posição na sociedade, é porque obteve um domínio intelectual completo da sociedade; se obteve um domínio intelectual completo da sociedade, ele manda na sociedade.

A justificação, a explicação que o sujeito busca não virá tão cedo. Isso fará com que ele empreenda sucessivos ensaios para entender a sociedade, para testar o seu poder nela. Este ensaio, por sua vez, terá conseqüência sobre outras pessoas. Essas conseqüências irão complicar mais ainda a situação.

As condutas adaptativas que o sujeito tentará para escapar desta agonia, a primeira, será ficar fora da sociedade, não mandando nem obedecendo, não estando em parte alguma. A outra seria, ao contrário, tentar subir o mais possível para ver tudo de cima, pois só quem enxerga a sociedade inteira é que manda nela.

Evidentemente que nem descendo nem subindo o sujeito vai enxergar qualquer coisa, porque mandar é o contrário de obedecer e nenhum dos dois é o contrário da falsidade, da incoerência.

A grande desgraça é que os indivíduos tentam soluções existenciais a um problema que é, no fundo, puramente intelectual. E nada do que se faça ou deixe de fazer dará resposta ao problema.

Mudando de classe social, para cima ou para baixo, nem por isto o sujeito vai estar entendendo o que está se passando. Vamos supor que ele se torne o mais poderoso. O mais poderoso não tem visão da sociedade inteira, portanto não tem o poder inteiro, consequentemente algo fica faltando. De fato, somente o que o satisfaria seria a visão intelectual do mundo social e histórico, o que independe de onde ele está socialmente. É um problema teórico, intelectual, racional.

Em geral quase todo mundo tenta resolver o problema, que é intelectual, na prática. Por que ele se tornou conhecido pelo sujeito não como um problema intelectual, mas como um problema existencial. O sujeito tenta resolvê-lo ali onde o problema apareceu, existencialmente. Quanto mais tentar, mais falha.

Sendo um problema intelectual, o indivíduo conseguiria uma solução adequada quanto mais ele se inserisse dentro da cultura. Toda a cultura humana, se ela ajudar, pode permitir uma solução. Porém, o sujeito sozinho, tratando de sua vida individual, nunca o vai conseguir. Seria como tentar resolver uma equação fazendo força física ou esforço moral.

Tal ordem de problema prende o homem com uma força maior do que qualquer grade, do que qualquer corrente, dado que o prende numa impossibilidade. A grade não pode ser quebrada pela força porque ela existe sob a forma de uma impossibilidade, que não é nem material nem emocional.

Esta conformidade do homem com a razão é difícil de obter, porque o homem só acredita naquilo que sente e isso, do que estamos falando, não dá para sentir. Do mesmo modo que não dá para sentir que dois mais dois é quatro — é algo que só se concebe abstrativamente, e o que é abstrato é muito tênue, embora seja mais duro do que qualquer pedra. A verdade nunca se imporá a ninguém fisicamente mas, sim, pelas conseqüências.

Quando dizemos, que "o homem é um animal racional", queremos dizer que o homem é um animal que tem que ser racional, pois não tem outra saída. Não adianta tentar ser um animal sensitivo, emotivo, pois

animal sensitivo e emotivo todo bicho é. Ser feliz ou infeliz é algo que todo bicho é. O homem, porém, tem acesso à dimensão da verdade ou mentira, através do desenvolvimento da razão.

O problema também não é o sujeito achar a resposta, simplesmente e, sim, ele se colocar num nível de universalidade suficiente no qual a razão possa operar de maneira frutífera. Isto é o quanto basta, e é isto que sossega o homem. A partir do que não faz diferença se ele não achar a resposta, pois neste caso tratar-se-á apenas de mais um problema científico que ficou em aberto. Isto vale para todas as casas. O que o sujeito deve é desistir de achar resposta existencial, pois não existe resposta existencial para uma equação. E no caso que estamos tratando, a resposta possível é puramente intelectual; é um problema que é colocado para o homem de modo que ele é forçado pelas circunstâncias a reconhecer a sua racionalidade, a sua capacidade de conhecer a verdade.

A maior parte das pessoas vive num circuito que é puramente empírico: quer a sua felicidade, a sua alimentação... Vivem como um bicho e, ademais, os objetivos vitais da quase totalidade da humanidade são objetivos de bichos. Não que também não tenhamos que resolver estes problemas. Mas isto só não basta. No fundo, o homem peca por modéstia excessiva: além de ter sua comida, de ter sua felicidade, também tem o direito à verdade. Porém, como o que em geral se quer é a felicidade primeiro, a comida primeiro, então não se obtém nada.

Estes problemas só encontram solução quando o sujeito escapa do mundo das necessidades fisiológicas — o desejo de felicidade é tão fisiológico quanto qualquer outro. O homem passa a querer algo mais que não está em nenhuma das doze casas. Em geral, os indivíduos buscam atender às necessidades dessas doze casas e esquecem que existe algo que é principal com relação a tudo isso.

O desejo de felicidade é da Casa IV: ele é tão justo quanto qualquer outro desejo. Só que todos esses desejos são desejos animais, desejos fisiológicos, por assim dizer.

Se o sujeito quer primeiro ter a felicidade para depois ter a verdade, já propôs-se realizar uma equação impossível. A verdade é necessária em primeiro lugar. Se estou com fome, preciso de comida: preciso saber onde tem comida de verdade. A necessidade da verdade é a primeira e última necessidade do homem. Se o sujeito decide atender às necessidades secundárias em primeiro lugar, antes de ter a verdade, o que encontrará serão respostas falsas.

Na hora que o sujeito sossega o interesse fisiológico e decide pensar no que é o problema mesmo, então encontra a resposta e junto a esta resposta a resposta do seu caso. Se por outro lado quer uma solução só para o seu caso, isto é impossível de ser realizado. O sujeito está, neste caso, querendo a espécie sem o gênero, como seria querer um gato que não fosse animal, um quadrado que não seja figura geométrica. Este é o drama humano.

Todos esses problemas que são colocados por Saturno nas casas só são resolvidos pela plena aceitação da maturidade, da racionalidade e a morte de todo pensamento animista, mágico, etc. Pedir socorro às potências da natureza, fazer despacho para os exus...coitado deles, pois eles é que precisam do sujeito e não o contrário. Se o homem deixar o exu de lado, o exu morre.